INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Affeição da gallinha. . . . . Pag. 6
Agua de Botot para conservar os dentes. 175
Alexander (Herr) no palacio imperial de Petropolis 181
Amantes (tres) em raros apuros, ou historia da bella Arouya 65, 73, 81
Amor (um) contrariado, ou Joanna 137
Anecdotas.—Casa incendiada (uma) para acender um charuto. 54
Estratagema para conhecer os verdadeiros amigos 95
Juiz (o) imparcial 95
Morro queimado de Nova Friburgo 23
Pintura (a) e a medicina 54
Quando se deve casar 54
Resposta galante 95
Anjo (o) da morte e o anjo do somno. 165
Assembléa revolucionaria americana feminil. 13
Aventuras de um artista na California 49, 59
Belisario em um Castello da Thracia. 76
Breviario das Senhoras. 191
Caça dos elephantes. 158
Caça das serpentes 175
Caminhos de ferro 47
Cão (o) 7
Casinha (a) da rua da Victoria. 25
Castello (o) de Faria, por A. Herculano. 33
Catarata do Niagara. 206
Chale (o) 187
Chronica da quinzena 2, 23, 38, 54, 70, 87, 103, 119, 135, 150, 166, 183, 199
Collar (o) da Rainha Hortensia 201
Combate de touros 84
Composição de perfumes 159
Concerto (o) na Côrte 145, 153
Conselhos para a conservação da belleza 117

Conspiração de Pinto, em 1640 62
Coppelio, ou uma moça sem coração 121, 129, 140
Coral (o). 207
Coroação do Imperador do Haity 14
Curiosidades historicas e religiosas 189, 198
Deosas (as tres) 148
Dom Sebastião de Portugal. 17
Emancipação feminil (negocios de) 38
Elephante branco (o) 37
Episodio da insurreição de 1848, ou a torre de polvora de San Spirito em Veneza 89, 97, 105
Etiqueta ingleza no theatro 46
Extravagancias, habitos e gostos singulares de algumas personagens celebres 8, 46, 63
Ghiraldina, novelleta 57
Graça (a) por Voltaire 68
Herr Alexander no palacio imperial de Petropolis 181
Historia da bella Arouya, ou tres amantes em raros apuros 65, 73, 81
Homem (o primeiro) conta as suas primeiras sensações 51
Ilha deserta (a) apologo. 194
Joanna, ou um amor contrariado 137
Jogo (o) da banca, ou a tabolagem 161, 169, 177
Lablache e Tom Pouce. 70
Lavagem da roupa branca. 197
Leque (o) e a ventarola 43
Lição reciproca, ou os papeis trocados 86
Maneira de lavar rendas novas. 127
Maximas e pensamentos. 70, 87, 127, 135, 160
Moça (uma) sem coração, ou Coppelio 121, 129, 140
Modas (artigos de) 1, 16, 24, 32, 40, 48, 56. 64, 71, 80, 88, 95, 104, 112, 120, 128, 136, 144, 152, 160, 167, 176, 184, 191, 200, 208
Morte causada pelo chloroformio 94
Morte de Madama Cottin 183
Morte de Mathilde, esposa de Guilherme o Conquistador, variedade. 176
Morte (a) do pai de familia 9
Mortes singulares de algumas personagens celebres. 79
Motêjo (o) 198
Mytho dos negros 119
Negocios de emancipação feminil 37
Niagara (catarata do) 206
Ogro (um) nos mares da India 41
Pastilhas aromaticas 159
Patrimonio de nova especie 85
Pavilhão de crystal 79
Peregrino (o) 205
Perola (a) do regimento, ou a virtude em acção. 125
Perolas (as) e sua pesca. 156
Personagens celebres encerradas em gaiolas de ferro. 31

Personagens que mandárão fazer de antemão seus ataúdes. 37, 63
Personagens que se fizerão passar por mortas. 37. 63
Pinto (conspiração de) em 1640 62
Ponte (a) de Arcola. 113
Sapho, resumo burlesco da tragedia lyrica 174
Saquinhos aromaticos 159
Schottisch (a) 31
Sebastião (Dom) de Portugal 17
Sensibilidade (a) do leão 190
Serralheiro (o) de Philadelphia 3, 11, 18
Tabolagem (a) ou o jogo da banca 161, 169, 177
Telegrapho electrico entre a Europa e a America 180
Theoria do charlatanismo 86
Tomada de Jerusalem pelos cruzados. 127
Torre (a) de polvora de San Spirito em Veneza. 89, 97, 105
Touros (combate de) 84
Variedade.—O diabo e o vento 208
Viagem a Nova-York. 185, 193
Virtude (a) em acção, ou a perola do regimento 125
Virtudes das mulheres. 5

POESIAS.

Abd-el-Kader, o ultimo cavalleiro arabe por Mendes Leal, junior 164
Adivinhação 88
Ao Album da Ex.ma Sra. D. C. M. por A. E. Zaluar 36
Amor extincto, vertido do Allemão do Barão von Zedlitz por A. E. Zaluar 181
Annos (aos quinze) por A. M. do Couto Monteiro. 143
Arabe (o) por L. A. Palmeirim 14
Ave Maria, por A. de Serpa. 78
Beijo (o) por J. Ferreira Rangel. 150
Cego (o), por J. B. de Almeida Garrett. 69
Charadas, 8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64, 72, 80, 88, 104, 112, 120, 136
152, 160, 176, 184, 200
Cordão o (de) ouro, pelo Visconde de Almeida Garrett. 55
Cruz (a uma), por D. Antonio de Mello. 111
Echo (o), por J. Norberto de S. S. 173
Esquecer-te! por A. Lima. 30
Eu a vi! por A. E. Zaluar 4
Fim (o) do anno, por A. Lima 22
Hora (a duodecima) da noite de S. João, por A. J. Pereira da Silva. 196
Improviso, por A. E. Zaluar. 63
Junto de um cadaver, por J. M. Braz Martins 94

Lenda popular 173
Logogryphos 96, 128, 144, 167, 191
Marinheiro (o), por M. [illegible] Ferreira da Silva 36
Melancolia, por J. Norberto de S. S. 54
Modinhas romanticas, por J. Norberto de S. S. 102, 135, 173
Náo Catharineta (a), por Garrett 157
Naufragio (ao) do Vapor Porto, por Mendes Leal, junior. 200
N'um livro, por A. E. Zaluar 85
Passado (o) por G. J. Ramires. 126
Pescador (o), por J. Norberto de S. S. 102
Proscripto (o), por J. Norberto de S. S. 135
Saudosa (a), por J. Norberto de S. S. 135
Senhora (a uma), por A. E. Zaluar. 190
Serrana (a), por E. A. Colaço Mimoso. 85
Vida (a minha), por G. J. Ramires. 206
Violeta (a) da serra, por A. Braga. 45
Virgem (a), por Evaristo W. G. de Souza Reis 116
Virginia á sua mãi, por J. Norberto de S. S. 29

FIM.

NOVO

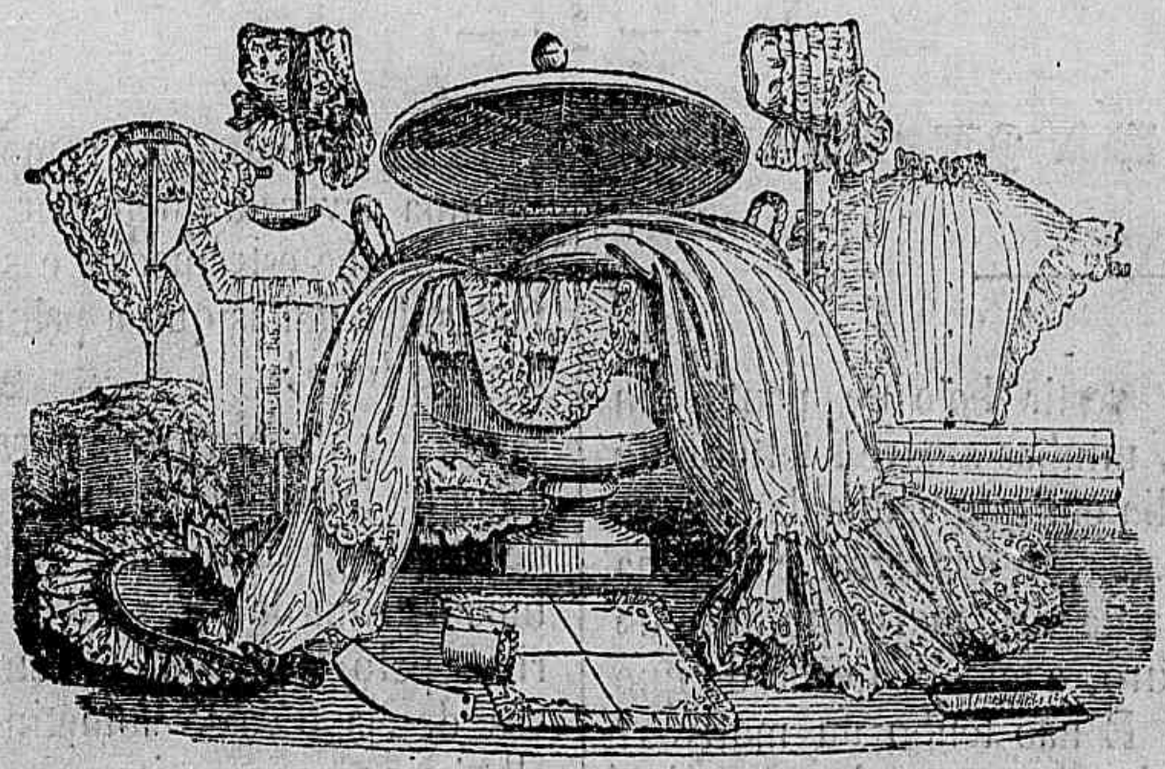
CORREIO DAS MODAS

I

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE



PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA

NOSSA primeira estampa representa dous figurinos de senhora, qual delles o mais bonito. De Paris os recebêmos, e aqui os entregamos ás nossas amaveis leitoras, para que aproveitem o que julgarem mais *distingué*, afim de formar o bello composto de seus elegantes *toilettes*. As modas são como a primavera; sempre que apparecem trazem uma flôr nova, que se ama colher, unir ao seio e aspirar com alegria; embora tenha de em curto tempo murchar e fenecer. Não importa, é o destino das mais bellas cousas deste mundo durar pouco. Comtudo nessa vida transitoria quantas formosuras tem alcançado triumphos que não igualarião as glorias de todos os conquistadores da terra! Quantas vezes a novidade de um toilette tem exercido uma soberania mais indisputavel (nos corações ao menos!) do que a purpura de um manto real, ainda que forrado de arminhos e recamado de pedrarias! Parece-nos que a unica soberania firmada pelo *direito divino* é sem duvida a da belleza! Nós somos sectarios aferrados desse culto. Não haja pois suspeita de que lhe não apresentemos sempre em nosso jornal os mais bellos *modelos* que do paiz das modas nos chegarem.

Os nossos *figurinos* representão dous *toilettes* de passeio.—O *primeiro* traz uma especie de capote de *taffetas*, que revela um pouco a fórma do cotovelo, sem comtudo ser demasiadamente pronunciada. Tem largas franjas tudo em roda, e é fechado na parte anterior do corpo, por meio de uns cordões com borlas e uma corrediça. O vestido é afogado, corpinho justo, e de *taffetas* tambem com padrão de ramagem em lista. O *segundo* tem um vestido de *taffetas glacé*, corpinho justo, e abrindo-se na parte anterior á portugueza. As mangas são largas e curtas. O vestido tem na saia cinco ordens de babados, e a côr verde vai perfeitamente com o chapéo côr de rosa. Eis as informações, amaveis leitoras, que a respeito destes figurinos vos podemos dar; emquanto ás outras mais minuciosas, as modistas afamadas desta côrte, que conheceis, sem duvida, melhor do que nós, vô-las poderão subministrar.

FOLHETIM DA QUINZENA.

VOU-ME vestir hoje de ponto em branco, minhas amaveis leitoras: é este o dia em que venho dar-vos as boas festas, e conversar com uma por uma de vós, mais orgulhoso do que um rei mouro, e mais dedicado do que um paladino. E não tenho eu motivos? Não é grande a honra que recebo, eu pobre e obscuro folhetinista, de poder acompanhar-vos, (até sem testemunhas!!)... á sombra dos arvoredos, nos passeios deleitosos, e quantas vezes tambem no silencio do vosso tocador, escrupulosamente *fermé* ao bafo profano da curiosidade teimosa, para vos narrar, contar, descrever com enthusiasmo agora, com paixão logo, os acontecimentos que durante o espaço de quinze dias tiverem occorrido, e que possão interessar-vos? Oh! eu seria uma alma de gelo se esta idéa não despertasse em mim profundas emoções! Não, o vosso campeão, deixai-me gloriar com este nome, conhece quanto é honrosa a sua missão, e promette respeitoso não vir comprimentar-vos senão em rigoroso *toilette*, e escrupulosamente *ganté*, conforme mandão os preceitos do **CORREIO DE MODAS**; do que é preciso não discrepar um ponto, para poder ser admittido no templo da variedade e do gosto, que é muitas vezes o das artes e não poucas o do genio.

Foi-se embora o anno de **1851**, e sinto-me desesperado por não poder fazer-lhe um epitaphio; mas não estou em veia! Pois é uma pena, que bem o merecia! Infelizmente, neste momento nem tenho á mão um desses *poetastros d'agua doce* que são mais bastos do que as areias, e mais inextinguiveis do que os mosquitos, que com facilidade me prestarião dous versos, que não só poderião servir de letreiro á lapida de um anno que expirou, como de punhal a quem tivesse concebido a horrivel idéa de vingar-se por este meio do genero humano, indefeso, contra semelhante arma!

Pois ficará o anno sem epithaphio; muitos que o merecião mais, o tem ficado tambem. É facil consolar-se no tumulo!

Mas o anno novo abrio já o primeiro panno aos umbraes do futuro—esse sim, esse é que vai merecer desde já todos os nossos cultos, a esse é que nós dizemos do fundo do coração o que M.lle La Couvreur exclamava moribunda olhando para o busto do Marechal de Saxe:

Voilà mon univers, mon espoir et mes dieux!

Esse sim. Traz-nos comsigo a esperança, e a esperança é a mais doce consolação da vida. Salve pois o anno novo, minhas estimaveis leitoras, e que todos os seus dias sejão para vós de flôres tão viçosas e abundantes, como as que se desprendem de uma arvore a quem por acaso nos encostamos, fazendo-lhe estremecer e sacudir os ramos adornados das gallas que a primavera ostenta nos seus dias de luxo!

Que o anno novo seja para vós todas—todas, um anno de felicidades e de venturas.—Que a sombra de um desgosto vos não obscureça o coração, que uma lagrima de pezar vos não desbote as faces coloridas pelo rubor da juventude, eis tudo quanto vos deseja o vosso folhetinista: acreditai-o, que elle é sincero, e muito.

Uma das novidades que tenho a dar-vos é que brevemente, talvez em poucos dias, serão publicadas as bellas composições musicaes do nosso amigo D. José Amat. Quem não conhece algumas dessas composições, tão mimosas, tão lindas, a que elle dá uma expressão de sentimento são intimo, quando ao som do piano as desprende, como inspirado, em notas palpitantes e convulsas? O *Album* do Sr. Amat, que assim intitula elle a collecção das suas composições, será um precioso thesouro para as nossas *dilletanti*. Sou capaz de apostar que é uma publicação que deve fazer *furor*, cousa rara, sobretudo entre nós!

O mais bello tributo que se offerta ao talento é sem duvida a admiração— e eu com antecedencia lh'a consagro, por que elle a merece.

As construcções dos novos theatros adiantão-se com uma rapidez incrivel—que perspectiva de divertimentos eu vejo desenhada no horizonte deste, que por ora é o anno novo! O baile de Beneficencia portuguez é, segundo me consta, o primeiro que deve abrir as suas portas ás brilhantes heroinas do nosso mundo elegante, e deve ter lugar este mez, segundo penso.

Brevemente teremos tambem uma nova corrida de cavallos no Prado Fluminense. É um divertimento curioso, e que nos deve paixão; mas quem poderá arrostar com a intensidade deste sol? Quaes serão as horas escolhidas para mover a sahir de casa as nossas amaveis Fluminenses, tão amigas do conchego domestico, e que tão difficilmente o abandonão, roubando-nos cruelmente não raras vezes o prazer de as contemplar? Agora porém tem razão. O calor, se continuar assim, não as animará de certo. A unica pessoa que lucra com elle é sem duvida o Franccioni, que, com a diminuição no preço dos seus sorvetes, tem visto crescer a freguezia, por um modo pasmoso, apezar de muitas vezes vender ao publico agua chilra, em lugar dos refrescos que pede a estação. Mas appliquemos-lhe este verso de Alfredo de Musset:

Que dis-je tel qu'il est, le monde l'aime encore?

E calemo-nos.

O SERRALHEIRO

DE PHILADELPHIA.

A cidade de Philadelphia vivia ha alguns annos um serralheiro de nome Amos Sparks, artifice honrado e diligente, dotado pela natureza de um raro talento para a arte que exercia. Não só era versado no fabrico e aperfeiçoamento de peças mecanicas de todo o genero, cuja execução na America é geralmente considerada como propria e da competencia dos serralheiros, como tambem a tinha distinguido e levado a tal ponto de perfeição pela actividade com que aprendêra e vencêra as difficuldades, que offerece este ramo de industria, que estava sempre provido de semelhantes trabalhos pelos seus concidadãos, e quasi sempre de encommendas, que lhe mandavão das cidades vizinhas. Na sua officina vião-se chaves artificiosas para portas, caixas e armarios, e a artista algum era possivel fazer uma fechadura, cujo segredo não percebessem os olhos perspicazes de Amos Sparks, e não fosse aberta pelas suas habeis mãos.

Semelhante á mór parte dos homens peritos e de talento, era Amos tão pobre, que apezar de sua parcimonia, actividade e de ser o chefe de uma familia pouco numerosa e creada na sobriedade, nunca pôde com o producto do trabalho tornar a sua habitação mais aprazivel; nem tão pouco encher a bolsa; o que acontecia, quer fosse pelo motivo de total ignorancia do segredo de ajuntar dinheiro moeda por moeda, quer pela applicação do tempo em pensamentos de novas invenções e de se entreter com as pessoas que o visitavão para verem os seus engenhosos trabalhos, o certo é que Amos não possuia muito dinheiro, o que era tão geralmente conhecido em Philadelphia como a sua fama, honradez e probidade a toda prova. Comtudo o producto de seu trabalho era assaz sufficiente para fazer face ás proprias e ás necessidades de sua familia; de modo que vivia contente e satisfeito no meio do seu lavor e penosas indagações.

Aconteceu que no decurso do outomno do anno de **1830**, um negociante da cidade, o qual continuamente tinha longinquas correspondencias, tendo gasto toda a manhãa em varias occupações, ora a bordo de diversos navios, ora no cáes, se retirava para seu escriptorio, com a lembrança de um grande pagamento, que devia fazer ao Banco de Philadelphia, quando, com grande espanto seu, achou-se sem a chave da caixa, que ou tinha perdido, ou esquecido em alguma parte.

Depois de muitas e inuteis pesquisas, lembrou-se finalmente que, ou teria perdido a chave na rua, provavelmente quando tirou o lenço da algibeira, ou ella lhe teria cahido quando esteve no cáes. Em todo o caso, tinha elle de tomar uma resolução; uma hora já era dada, e ás tres fechava-se o Banco; portanto não havia tempo a perder em novas indagações, nem para tomar de outros negociantes a quantia, que tinha que pagar. Nestas tristes circumstancias lembrou-se o negociante do pobre Amos, de quem tantas vezes ouvíra fallar, na persuação de que nada melhor podia fazer do que dirigir-se a um homem cuja dextreza era reconhecida por todo o mundo, entretanto que todo o seu credito e reputação mercantil estavão irrevogavelmente perdidos, se o serralheiro não désse com o fim desejado, isto é, com a abertura da burra. Assim foi mandado um caixeiro com toda a pressa á casa de Amos, que o seguio immediatamente, com sua caixa e instrumentos debaixo do braço.

Passados alguns minutos, estava a fechadura aberta, e os olhos do negociante podião novamente regozijar-se nos massos de notas e rolos de dollars que continha a burra; apenas acabava de dar tres quartos para as tres horas, e ainda lhe restavão poucos minutos para entregar-se ao sentimento satisfactorio que se apodera daquelle que como elle escapa felizmente de um acontecimento imprevisto, e que, entregue ao prazer, estava certo que sobre seu credito não passaria a menor sombra de suspeita.

Sobreveio-lhe um repentino assomo de generosidade, e determinou-se a pagar logo ao homem que lhe tinha prestado um serviço tão importante. « De quanto vos sou devedor, Amos? » perguntou, e metteu a mão na algibeira do collete.

« De cinco dollars, meu senhor, » respondeu Sparks. — Cinco dollars! Oh! estais louco, meu caro? Nem cinco minutos gastastes com o pequeno trabalho! tomai, aqui estão cinco shillings. »

O negociante estava em termos de zangar-se e o seu assomo de generosidade tinha de novo se desvanecido.

« De certo, » respondeu o artifice com todo o « socego, eu só gastei poucos minutos para abrir a burra, porém tende a bondade de pensar quantos annos não tenho gasto até que aprendesse a desempenhar semelhante trabalho em tão pouco tempo. A visita do medico dura ordinariamente muito menos tempo, e facilmente se podia contestar o beneficio do seu curativo quando não se precisa mais delle, e comtudo, mesmo neste caso, é o seu honorario maior que o meu, bem que tenha eu tido a honra de salvar a segunda saúde do negociante. Conforme vejo, apraz-vos negociar com o preço da minha habilidade, como fazeis com o valor que para vós teria o primeiro genero que alguem vos offerecesse. »

« Certamente, » respondeu o negociante rindo-se com desprezo, » eu havia de negociar conforme o preço que para mim tivesse, e no caso presente creio que com cinco shillings avalio demasiadamente este valor; com esta quantia facilmente teria eu obtido outra chave ou de novo achado a minha. »

« Certamente, » tornou o serralheiro ainda com todo o socego, » mas podeis mandar fazer outra chave ou achar de novo a vossa antes de fechar-se o Banco? E se eu quizesse enganar-vos, esforçando-me a tirar proveito do grande embaraço em que vos achaveis, e que as horas criticamente se apressavão, me teria sido mui facil exigir de vós uma quantia maior, e dar-vos-hieis por muito feliz, não havendo outro recurso para vos tirar daquelle embaraço, em me dar o dobro do que neste momento vos peço. »

« O dobro do que pedis? Ora com effeito o homem está doudo! Eis-aqui, tomai os cinco shillings » exclamou o negociante, e os apresentou na mão com toda a grosseiria do rico que impunemente póde humilhar o pobre; « e se não é do vosso gosto contentar-vos com isso, podeis me mandar citar judicialmente pelo pagamento, quando quizerdes: neste instante porém, o meu tempo me é mui precioso para esperdiça-lo em semelhantes disputas. »

« Eu nunca mandei citar a pessoa alguma por dinheiro, » respondeu Sparks, » e tenho perdido muito, porque muito tenho aprendido a supportar; porém vós, continuou elle tornando-se mais animado, pois a ordinaria lhaneza do seu caracter cedia á acrimonia dos arrogantes assomos do seu contrario, sois rico e mais em estado de pagar, mas como desconheceis o serviço que prestei, vou já chegar ao meu dinheiro sem ser preciso vos citar. »

Dizendo estas palavras, bateu com toda a celeridade na tampa da caixa, e novamente a fechou; ouvio-se o estrondo que os cadeados fizerão quando entrárão na fechadura, e as moedas e notas ainda uma vez tornárão-se invisiveis, como nos contos das fadas desapparecem thesouros maravilhosos pela força da varinha magica.

(Continúa.)



POESIA.

Eu a vi!

NO ALBUM DE M.me L. P.

Eu a vi!... Era n'um baile,
Transformada a noite em dia,
Como n'um Eden celeste
Voava o tempo, fugia.
Os risos — depois as fallas
Se cruzavão — e mil flôres
Brilhavão nas vastas salas
Aos lumes de mil fulgores!

E *Ella* só era mais bella
Do que todas! Oh! quem ha de
Desenhar-lhe o rosto meigo
Como o anjo da saudade,
Mas sorrindo de ventura,
Cheia de fulgor — divina,
Como um raio de ternura
D'uma estrella peregrina!

Reina a alegria, o delirio!
A vida é curta — gozemos;
Gyrem as dansas velozes,
Vibrem as lyras — cantemos!
Os sonoros instrumentos
No perfumado ambiente
Davão ao prazer, alentos,
Ás almas um fogo ardente!

E *Ella?* Se a turba alegre
Nos turbilhões a arrebata,
Como o sol que apaga os astros
Dos turbilhões se destaca!
Ella é só — só na belleza,
Nem póde ser competida,
Pois creou-a a natureza
Para o ideal da vida!

Que pisar! que ufano porte!
De jaspe o seio — e de rosas
A c'rôa se lhe entrançava
Entre as madeixas lustrosas!
Onde estavas Titiano?
Onde, ó Rubens, teu pincel?
Onde o genio soberano,
Que inspirava a Raphael?

Essas pallidas Madonas,
Que immortalisa o talento,
São bellas! — Mas onde a vida?
Onde está o sentimento,
Que prende as almas? A essencia
Da paixão que as encadêa,
N'uma frase d'innocencia,
Ou n'um suspiro que ancêa?

Vêde bem — que olhar celeste!
Que morbidez — que doçura!
No jaspe do collo, estatua!
No colorido, pintura!
Anjo dos Ceos exilado,
Mas com toda a magestade
D'um espirito creado
No seio da divindade!

. . . . . .
. . . . . .

Eu a vi... Era n'um baile,
Transformada a noite em dia,
Como n'um Eden celeste
Voava o tempo, fugia!
E fugio!... hoje inda afaga
Este peito a imagem sua,
Como na espuma da vaga
Argenteo raio da lua!

A. E. Zaluar.

VIRTUDES DAS MULHERES.

São tantos os males que nos circumdão neste mundo, que ninguem chegaria ao termo de sua carreira, se nos não fossem prodigalisadas continuas consolações. O homem gosta sobretudo de volver o seu poderio contra o homem, ataca-o em seus sentimentos, persegue-o em seus affectos e o ultraja em suas opiniões; emfim, martyrisa-o com prazer: é esta a sua victima de predilecção. Mas então intervem a mulher. Para sentir a dôr, a mulher não precisa de experimenta-la tardiamente; assim que depara com uma adversidade, abraça-a logo como sua. Os carinhos que allivião, as palavras que enternecem, os agrados que commovem, os segredos que consolão, tudo ella possue por instincto. Mister é que a dôr a que ella se chega ceda ou se mitigue; e quando não lhe póde offerecer o unico soccorro que ella invoca, abranda-a com a sua compaixão.

Todo aquelle que padece passa logo a occupar o primeiro lugar entre as mulheres, para cujo coração toda a dôr é nobre. As crianças abandonadas, os anciões sem recursos, as pobres mulheres desamparadas, formão em todos os paizes a familia da sua escolha: fica-lhes logo pertencendo quem dellas precisa. Tem-se-lhes porém tornado tão vulgar esta dedicação da caridade que passa confundida nos outros habitos da sua vida. Quanto a mim, confesso, as mulheres, a certos respeitos, me parecem dignas de uma admiração completa. Lançadas no meio dos nossos furores e das nossas paixões, ellas os captivão e os adormentão. Pelos desvelos que inventão, tornão-se amaveis e doces para todas as relações da vida. São as primeiras a alentar o genio, cobrem-o com a sua protecção, e, dando-lhe a mão, arredão os obstaculos que se lhe oppoem. Se partilhão a fortuna de uma ordem elevada, chamão as queixas e os suspiros, vão-lhes ao encontro, colhem-os, afim de lhes darem algum allivio no primeiro momento favoravel. Pela engenhosa ternura de suas palavras, attenuão-se os aggravos, perdôão-se as culpas e reconcilião-se os odios.

É pelas mulheres que em todas as classes da sociedade se aclimão os sentimentos nobres e gene-

rosos, e que os procedimentos delicados se naturalisão e se estendem. A ellas é que se deve a brandura, a bondade e tudo o que liga e prende na vida. Pergunto: que seria do mundo se durante vinte e quatro horas se retirassem delle as virtudes das mulheres?... Que de males sem piedade, que de angustias sem consolação! Então nenhum lenitivo livraria da desesperação; sós nós seriamos demasiado fracos. Para resistirmos mesmo ás adversidades de todos os dias, mister é que as mulheres nos sustentem e nos amparem.

Ainda mais. que seria a felicidade sem as mulheres? uma quietação sombria e insipida, uma alegria sem delicadeza: que seria a fortuna? ouro amontoado, mas que ninguem sentiria, pois que está ausente a mão que dá. Sem as mulheres, que verião a ser a sociedade e seus prazeres? Uma multidão que se aturde e que muda de idéas, sem conhecer o encanto das emoções.

Emfim as mulheres nos salvão de todos os perigos da infancia, dirigem nossas inclinações e nos dão essa educação do coração que mais tarde multiplica todas as affeições em torno de nós. E depois que, como filhas, mãis e esposas, tem desempenhado tantos deveres, nós tornamos a encontra-las no momento supremo para suavisarem males de que lhes não é dado triumphar desta vez. Mas, á vista de tantos laços que vão ser despedaçados, sua ternura e sua sensibilidade os estreitão como para torna-los indestructiveis. De dia, não se póde arranca-las da nossa cabeceira; e de noite, immoveis e respirando apenas, ellas velão sobre nós: curão sósinhas nossas feridas, e com seus desvelos allivião as nossas dôres. Suffocão-as as lagrimas; ellas as contém, e, para illudirem nossas inquietações, impoem a seus labios o dever de nos sorrirem. O homem vai enfraquecendo pouco a pouco, resvala para a morte e o sente; volve-se então para a sua companheira, busca-a, encontra-a e cahe reclinando-se em seu peito: até para morrer tem della precisão.

AFFEIÇÃO DA GALLINHA

POR SEUS PINTAINHOS.

Esta mãi que mostrou tanto ardor para chocar, que chocou com tanta assiduidade, que com tanto interesse cuidou de embryões que ainda não existião para ella, não esfria depois que os seus pintainhos sahirão da casa; sua affeição, fortificada pela vista destes pequenos entes que lhe devem o ser, vai todos os dias crescendo mais pelos novos cuidados que exige sua fraqueza: incessantemente occupada delles, só para elles é que ella procura o sustento; se o não acha, esgaravata a terra com suas unhas para lhe arrancar alimentos que ella encobre em seu seio, e delles se priva em beneficio de seus filhinhos; chama-os quando elles se extravião, abriga-os das intemperies debaixo de suas azas e os choca segunda vez, por assim dizer; entrega-se a estes ternos desvelos com tanto ardor e attenção, que sua constituição se altera sensivelmente, e que é facil distinguir de qualquer outra gallinha uma mãi que conduz os seus filhinhos, quer por suas pennas arripiadas e que arrastão, quer pelo som enrouquecido de sua voz e por suas differentes inflexões todas expressivas, e tendo todas um forte cunho de sollicitude e de affeição materna.

Mas se ella se descuida de si mesma para conservar seus filhinhos, tambem se expõe a tudo para os defender: se no ar apparece um gavião, esta mãi tão fraca, tão timida, e que em qualquer outra circumstancia buscaria na fuga a sua salvação, torna-se intrepida por ternura, arroja-se ao encontro da garra formidavel, e, por seus repetidos gritos, por seu bater de azas e por sua audacia, intimida muitas vezes a ave carnivora, que, desacoroçoada de uma resistencia imprevista, afasta-se e vai em busca de prêa mais facil. Ella parece ter todas as qualidades do bom coração; o que porém não faz tanta honra ao excesso do seu instincto é que, se por acaso lhe dão a chocar ovos de pata ou de qualquer outra ave de rio, sua affeição por estes estranhos não é menor do que o seria por seus proprios pintainhos. Ella não vê que é unicamente sua ama ou aia, e não sua mãi; e quando elles, guiados pela natureza, vão pousar ou mergulhar no rio vizinho, é um espectaculo singular ver a sorpresa, as inquietações, os transes desta pobre aia, que ainda se julga mãi, e que, atormentada do desejo de os seguir ao meio das aguas, porém retida por uma repugnancia invencivel por este elemento, se agita irresoluta na praia, treme e se afflige, ao ver toda a sua ninhada em um perigo evidente, sem ousar dar-lhe soccorro.

BUFFON.

O CÃO.

O CÃO é o modelo, o verdadeiro prototypo da amizade. Cada especie se distingue por um attributo particular, que é, por assim dizer, uma homenagem rendida a este nobre e generoso sentimento. Uma é especialmente dedicada á guarda dos rebanhos, e o pastor solitario lhe confia sem receio suas mais caras esperanças; outra vela em derredor da nossa morada e nos dá a segurança no meio das nossas immensas posses. Nós descansamos sobre a fé de seu instincto vigilante e protector. O cão faz todos os dias reverter em proveito do homem os mais raros dons de que o dotou a natureza; procura, interroga, segue prudentemente o rasto da prêa perseguida pelo avido caçador. Dir-se-hia que a affeição que elle tem a seu senhor afia de algum modo todas as finuras do seu olfacto; expõe-se por elle quando se trata de combater os mais terriveis habitantes das florestas, e lhe dedica a cada instante sua infatigavel intrepidez.

Consideremos porém antes estes esforçados animaes no meio dos gelos do monte S. Bernardo, soccorrendo os viajantes que se extravião, guiando-os no seio das trevas, creando-lhes caminhos no meio das torrentes, através de mil abysmos, e partilhando com os homens mais venerados os perigosos desvelos de uma beneficencia hospitaleira. Vêde os cães de Terra Nova arrojarem-se ás ondas, affrontarem a ira das vagas, arrostarem a furia dos ventos e das tempestades, reunirem-se para melhor resistirem á corrente dos rios e trazerem para a praia os desgraçados naufragos.

Quem não tem ouvido fallar dos cães da Siberia? Parece comtudo que se não tem celebrado sufficientemente sua intelligencia, sua dedicação, seus serviços, sua generosidade. Esses animaes servem ao mesmo tempo, para os Samoiedes, de bestas de carga e de bestas de tiro. Patentêão um vigor pasmoso e transportão fardos a distancias prodigiosas. São jungidos a treneis: mais velozes que os nossos corseis, sabem abrir caminho ao travéz dos passos mais escarpados; resvalão apenas sobre o solo e passão rapidamente por cima da neve sem nunca afundarem. Tão sobrios quanto laboriosos, bastão-lhes, para se alimentarem, alguns peixes feitos de escabeche e depois postos de reserva. Mas o que ha de maravilhoso nos habitos destes bons cães é que elles ficão livres e entregues a si mesmos durante toda a estação do verão. Emquanto se não necessita do seu adjutorio, vivem de sua unica industria. É sómente a um signal que se lhes dá, logo depois do apparecimento dos primeiros frios, que elles accorrem affectuosos para junto de seus senhores afim de lhes prestarem todos os serviços de que carecem. Dirigem-os durante as trevas da noite e no meio das mais terriveis tempestades. Quando os Samoiedes cahem entorpecidos sobre a terra coberta de geada, seus cães vem cobri-los com seus corpos e communicar-lhes seu calor natural. E que faz o homem, em toda a parte tão ingrato a tantos e tão bons officios? Espera que estes animaes se façáo velhos para exigirem sua pelle e della se revestirem.

Torne-se pois caro á humanidade este ente tão puro, tão amante que se transforma neste mundo em instrumento da Providencia! Designem-me uma qualidade do homem sensivel que não seja partilha delle. O cão experimenta todas as gradações desse sentimento delicado, que é uma das primeiras felicidades da vida. No seio de uma familia bem ordenada, vêm-o testemunhar attenções a todos os membros da familia, porém manifestar uma submissão mais completa áquello que é o chefe della. Nunca elle abandona o seu senhor, mesmo quando este é injusto e ingrato; e quando a desgraça tem afastado todo o mundo do domicilio do indigente; ainda ahi se encontra um cão que se põe de meias na sua miseria, que intercede a compaixão, que lhe guia os passos, se é cego, pelas ruas e pelos beccos de uma cidade vasta e populosa.

O cão tem sobretudo o privilegio de poder tributar saudades áquelle a quem affeiçôa: apega-se aos restos inanimados que descansão no esquife e vai com elles sepultar-se no mesmo tumulo. Emfim, tem estes animaes tal discernimento em amizade, que abração tanto as rixas como as affeições de seus senhores; e outr'ora, quando os brancos declaravão guerra aos negros, estes ultimos tinhão tambem cães que lutavão com insigne coragem contra os cães de seus inimigos todas as vezes que os encontravão. Ha realmente alguma cousa de sobre-natural no affecto animoso deste animal inestimavel.

O cão não conhece, em amizade, essas tibiezas que tão frequentemente se notão entre os homens; o calor da sua está sempre no mesmo gráo. As estações do anno não influem sobre o seu humor, que é constantemente igual; o tempo nada póde sobre suas predilecções e sobre suas preferencias: elle tem a memoria das affeições assim como a coragem da fidelidade. Foi debalde que, depois de tantos annos de calamidades e de soffrimentos, Minerva envelheceu as feições de Ulysses, para o tornar desconhecido aos olhos de seus implacaveis inimigos; o velho cão do seu palacio corre-lhe ao encontro e morre do excesso de alegria que lhe causa a chegada de um senhor querido.

O cão é de uma indole tão constante, que raras vezes ratifica o trafico que delle se quer fazer. Torna sempre para o homem indifferente que teve a crueldade de renunciar á sua companhia. Tem a religião da amizade; quer morrer junto daquelle que uma vez o adoptou. Se, urgido pela fome, vai algumas vezes fartar-se á mesa do rico, nem por isso deixa de ser pontual em voltar de noite á pousada onde descansa seu malfadado senhor. Até se nota que elle tem uma especie de attractivo pelo homem acurvado ao peso da desgraça. Muitas vezes hei visto cães caridosos lambendo as ulceras dos indigentes Não sei que genio guiava sua intelligencia benefica que nunca se cansava.

Conforme tudo o que acabo de dizer, não se julgaria que a Providencia previo que nós poderiamos ser abandonados pelos nossos semelhantes, e que quiz que o homem encontrasse um amigo a toda a prova entre os animaes que o cercão?...

ALIBERT.

EXTRAVAGANCIAS

HABITOS E GOSTOS SINGULARES

DE ALGUMAS PERSONAGENS CELEBRES.

Alguns homens illustres tem tido uma predilecção decidida por certo dia do anno; é conhecida a de Napoleão pelo 20 de Março.

O Imperador Augusto tinha um medo insensato do trovão e dos relampagos, e julgava preservar-se do perigo trazendo sempre comsigo uma pelle de phoca. Aos ameaços de uma trovoada, ia esconder-se em um lugar subterraneo e abobadado... Provinha-lhe este pavor de lhe ter outr'ora o raio, durante uma marcha nocturna, na sua expedição contra os Cantabrios sulcado a liteira e morto o escravo que o precedia com um archote na mão.

Lope de Vega não podia soffrer que tomassem rapé na sua presença. Tinha, além disso, a mania de se enfadar todas as vezes que ouvia perguntar a idade de uma pessoa, se essa pergunta não era feita com intenções de casamento.

Henrique III, que tinha uma predilecção tão manifesta pelos cãezinhos, não podia ficar só n'um quarto onde havia um gato. O duque d'Epernon desmaiava á vista de um lebracho.

O marechal d'Albert cahia em deliquio n'um banquete onde servião um porquinho montez ou um leitão. Vladislas, rei de Polonia, se atarantava e fugia quando via maçãas. Erasmo não podia cheirar peixe sem ter febre. Scaliger tinha estremecimentos em todo o corpo ao ver agriões. Tycho-Brahé sentia esmorecerem-lhe as pernas ao encontro de uma lebre ou de uma raposa. O chanceller Bacon desfallecia quando havia eclipse de lua. Bayle tinha convulsões quando ouvia o ruido que faz a agua ao sahir de uma torneira. Lamothe le Vayer não podia supportar o som de instrumento algum. Favoriti, poeta italiano, não podia tolerar o cheiro da rosa.

CHARADA.

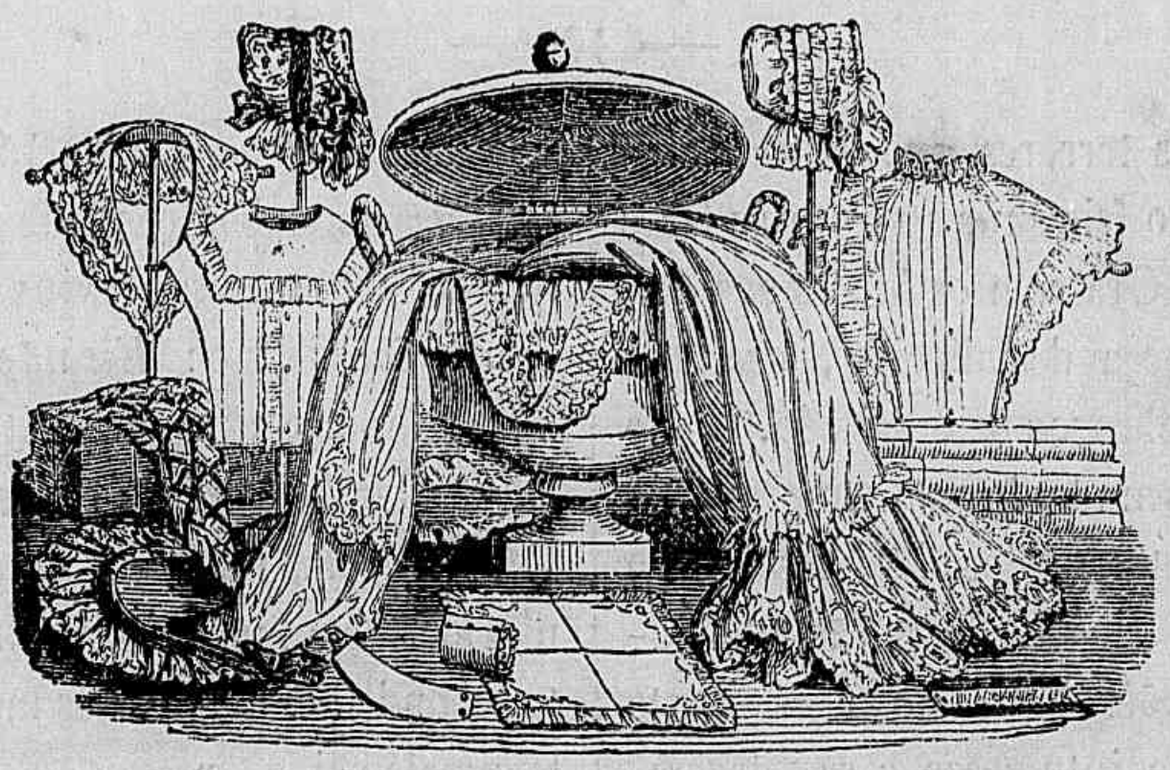
Na luz, no papel, no fato,
Nas portas, vidros, janellas,
Nos campos, casas, altares,
E nos rostos das donzellas: — 1.

Appareço com a sêcca,
Com a chuva não sou visto,
D'abrazados viajantes
De certo não sou bemquisto. — 1.

De grossura tem o nome,
É pessoa; á multidão
Não deixa de ser cadaver,
E é tambem colleção.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

A MORTE DO PAI DE FAMILIA.

QUARTO onde expira o pai de familia, apresenta o mais pungente e o mais triste espectaculo que imaginar se possa.... Estou vendo sobre seu funebre leito este terno pai, este esposo fiel, este amigo generoso, este bom amo, lutando com a morte e prestes a succumbir.

A arte está exhaurida, a molestia a venceu: furiosa, ella acaba de romper e despedaçar os ultimos fios de uma vida tão cara, e os laços ainda mais sensiveis que prendem seu coração a seus filhos, á sua esposa.

Conservando-se em distancia respeitosa, dous antigos criados lanção por intervallos sobre seu amo olhares em que se pinta sua alma e lhe exprimem em seus suspiros os votos de seu coração: elle os mandava com tanta brandura! obedecer-lhe era tão grande gosto para elles! Esta lembrança torna sua dôr mais amarga e lhes faz correr as lagrimas ao longo das faces.

Seus amigos, que tantas vezes partilhárão sua alegria, e que sabião diverti-lo com suas gratas conversações, não achão mais expressões para o consolarem: soffrer com elle, olha-lo com ar terno e compassivo, rogar ao céo em silencio, aventurar de quando em quando algumas palavras consoladoras da Escriptura, é tudo o que podem....

E seus filhos!... Estes entes innocentes cercão-lhe o leito. Banhados em suas lagrimas, e quasi delirantes de dôr, rompem em soluços e exclamão: « Irá elle abandonar-nos? irá deixar-nos? na nossa idade, sem amparo, sem recursos, á discrição de um mundo indifferente e insensivel?... »

Mas é no coração de sua desditosa esposa, é ahi que se vão reunir todas estas dôres compartilhadas; ella está oppressa. Nella padecem a amante, a esposa e a mãi. Tantos annos e tantos dias de uma união tão terna, de uma sociedade tão cheia de encantos, de uma amizade tornada necessaria: que perda immensa! Ai! coitada! onde encontrará aquella fidelidade rara, aquelle coração tão confiante e abandonado sem reserva ao seu? Onde achar um amigo tão seguro, um protector que vele com o mesmo interesse sobre ella e seus filhos?... Vêde-a inclinada sobre o leito onde se definha o seu esposo: que desvelos, que sollicitude para prolongar uma vida mais preciosa que a sua! Ou, se não ha mais esperança, que não faz ella afim de adoçar ao menos as ultimas agonias desta querida metade de si mesma? Com

uma mão tremula dos terrores que lhe atribulão o pensamento, limpa o frio suor que gela as faces lividas de seu esposo. Ora com os braços suspensos sustenta-lhe a cabeça desfallecida, ora descansa-a brandamente sobre seu peito agitado. Como o fita com seus olhares mudos! como em profundo silencio e com olhos enternecidos observa seu rosto empallidecente e suas feições que se vão desfigurando! Mil ternas paixões lhe anceião o palpitante peito; seu coração se intumesce e se dilacera.

Entretanto este bom pai, soffrendo em todo o seu ser, submette ao Ente Supremo sua alma e suas dôres, e sua resignação victoriosa o torna superior a seus padecimentos. Está profundamente pungido da afflicção de seus fieis criados; rasgão-se-lhe as entranhas á vista de sua esposa, que em breve será uma viuva inconsolavel e abandonada; de seus filhos, que vão em breve ser tristes orphãos sem amparo. Estas reflexões crueis o consternão e o esmagão; mas sua alma resiste á desesperação. A religião o exalta e o sustenta; a esperança de uma felicidade que se vai approximando o refrigera e o consola. Nos intervallos que lhe deixão suas dôres, é elle quem consola aquelles que tentão consola-lo; soffre com toda a dignidade que lhe é possivel conservar no excesso de seus males.

Sua alma, a ponto de abandonar sua argila que se alue, collige todas as suas forças e faz um derradeiro esforço. Elle se ergue, e, sentado sobre seu leito, estende aos seus servidores uma mão descarnada que elles regão de suas lagrimas, diz um terno adeos aos seus amigos, estreita em seus braços debilitados sua esposa banhada em pranto, abraça os caros penhores de seu mutuo amor, e, exhalando então nestas poucas palavras tudo o que lhe resta de força e de vida, diz-lhes: « Eu morro, meus queridos filhos; porém Deos, que não morre, Deos vos fica. Se perdeis sobre a terra um pai mortal, deixo-vos nos Céos um que é eterno. Só um coração incredulo ou uma vida criminosa vos póde roubar os desvelos da sua providencia e os olhares da sua ternura.... »

Não póde continuar; seu coração está cheio e faz esforços para fallar, mas sua linguagem se recusa.... Depois de uma pausa de alguns instantes, reanimado outra vez por um impulso de ternura, recobra com custo uma pouca de falla e prosegue com esforço: « Ó' vós, querida metade da minha alma, os nossos caros orphãos só vos tem agora para os amparardes!... Eu vos deixo oppressa de embaraços e de cuidados.... mas Deos que defende a causa da viuva, Deos cuja promessa é fiel, Deos disse: *Eu não te abandonarei.* É ésta esperança que me restitue o animo. Elle sustentará tambem o animo da minha amada esposa.... E tu, Pai das misericordias, agora entrego a minha alma em tuas mãos; cheio de confiança em tua bondade, deixo-te os meus filhos.... que não tem mais pai.... »

E desmaia a estas palavras, cahe para trás sobre seu leito, e por alguns instantes permanece immovel e privado de sentimento. Qual uma vela que se reaviva e lança um vivo clarão no momento em que se vai apagar, assim se reanima o moribundo; seus olhos correm longos e dolorosos olhares pelos objectos que o circumdão: elle quizera fallar e terminar esta sentença, procura fazê-lo, principia mais de uma vez as primeiras palavras; porém os orgãos da vida produzião sómente os sons surdos e inarticulados de um vaso rachado, e esses sons lhe expiravão na bocca. Na fallencia da voz, seus olhos, todas as suas feições, fallão uma linguagem das mais expressivas; nelles se patentêa todo inteiro o coração de um pai e de um esposo. Elle lança mais uma vez seus olhares sobre seus caros filhos, a quem nunca vio sem viva emoção de alegria; volve-os depois para a sua prezada esposa, a quem nunca contemplára sem sentir abrasar-se-lhe o coração. É nella que elle fita os moribundos olhos, os quaes se vio lançarem-lhe sua alma em uma derradeira centelha de amor, brilharem um momento de um raio celeste, e depois extinguirem-se e se fecharem.

Então prorompe em agudos gritos a dôr accumulada pelo silencio no fundo dos corações; todos se desfazem em pranto. Não lhes falleis de consolação; esperai que, á força de se extravasar, se esgote esta somma de tristeza, que tenha a religião derramado seu balsamo sobre sua chaga profunda....

É então que esta triste familia, n'um luto mais sereno, pega nos livros sagrados e procura essa sentença consoladora que não póde acabar de enunciar a bocca religiosa de seu respeitavel pai. Achão-a no propheta Jeremias, e lêm: « Deixa-me os teus filhos, que não tem mais pai, eu tomarei cuidado de seus dias; e tua viuva que ponha em mim a sua confiança. »

Esta promessa os tranquillisa e traz uma pouca de alegria ao seu coração. Os filhos e a mãi a acolhem como um thesouro e a gravão em sua memoria. Para elles é ella uma herança segura, um fundo inexhaurivel de bens. Achão-se ricos com este penhor, são felizes; já se não assustão mais do porvir, aguardão o cheios de esperança e descânsão em Deos.

HERVEY.

O SERRALHEIRO

DE PHILADELPHIA.

(Continuação)

O negociante ficou petrificado. Olhou para Amos, depois lançou os olhos ao relogio, o tempo pareceu-lhe fugir com mais rapida velocidade que d'antes; alguns minutos mais, e todos os sinos de Philadelphia soavão tres horas. O que devia fazer-se? O negociante vio-se tentado a cahir no mais violento furor; mas o que com isso ganharia? Amos disse-lhe com o mais inabalavel sangue frio:

« Se crêdes que fui injusto para comvosco, podeis mandar citar-me quando fôr de vosso agrado; neste instante o meu tempo me é mui precioso para esperdiçalo em semelhantes disputas. »

Ditas estas palavras, voltou-se para a porta do escriptorio.

O negociante chamou-o. Não havia tempo a perder em considerações. O tempo avançava, e poucos minutos mais o seu credito soffria uma terrivel quebra. Na cidade se havia de murmurar que a perda da chave era sómente um pretexto para ganhar tempo, porque a sua burra estava vasia. Portanto não lhe restava outro remedio senão sujeitar-se á humilhação da mais desagradavel precisão.

« Tomai, » disse elle a Sparks, e apresentou-lhe os cinco dollars; « tomai o vosso dinheiro, e Deos queira que entre nós não se troquem mais palavras acrimoniosas. »

« Agora, » tornou o serralheiro impassivel como d'antes, « exijo dez dollars, de outra fórma ficarieis com muita vantagem sobre um pobre; e se eu outra vez abrir a caixa, vos dou uma boa lição, que vale bem o diminuto honorario de cinco dollars; com effeito a vossa intenção era não só abater no que com toda a justiça me compete, como tambem envolver-me, segundo as apparencias, em um processo, que provavelmente se finalisaria com a minha desgraça e a de minha familia. De hoje em diante nas vossas relações com os pobres não haveis de servir-vos da riqueza como de uma arma injusta, sem vos lembrardes de Amos o serralheiro, e estes cinco dollars, que de mais vos faço pagar-me para subdividi-los entre os necessitados, hão d'ora avante, se tiverdes boa memoria, vos poupar mais um erro, e por conseguinte mais uma nodoa na consciencia. »

Esta especie de sermão, que, proferido em tom brando, não deixava ao negociante raio algum de esperança de poder tirar-se do negocio mais modicamente, tinha levado um ou dous minutos, que aliás lhe era tão precioso. Contou apressadamente dez dollars, os quaes Amos cuidadosamente mirou um por um como se lhe fossem suspeitos, e os metteu com muita affabilidade na algibeira.

« Depressa, depressa, » exclamou o negociante; « por amor de Deos apressai-vos; nem por cincoenta, nem por cem dollars desejava que o Banco se fechasse antes de fazer o meu pagamento. »

« Creio-vos, » foi a laconica e seria resposta do serrralheiro. Como porém não era elle máo homem, nem tambem vingativo, e tinha o castigo que impuzera ao negociante por assaz satisfactorio, não demorou-se um só minuto e abrio a burra, de sorte que ao proprietario apenas restou tempo para tirar a quantia, e correr ao Banco com toda a velocidade, onde chegou poucos momentos antes que elle se fechasse.

Um mez pouco mais ou menos depois deste acontecimento effectuou-se um roubo de cincoenta mil dollars no Banco de Philadelphia: as grades que fechavão uma das janellas estavão cortadas, notando-se uma passagem que fôra praticada de modo que não deixava a menor duvida ter o ladrão desenvolvido grande ousadia e incomparavel destreza; notou-se tambem, pelo modo por que se introduzio elle no edificio, signaes distinctos de ser mecanico de profissão e muito entendido na sua arte. Forão enviados espiões de policia para todos os lados da cidade e lugares circumvizinhos, porém esses não colhêrão indicio algum que os levasse á descoberta do habil ratoneiro. Os habitantes de Philadelphia, que tinhão que perder, vendo por taes signaes o perigo em que se achavão com a fatal vista do ousado e dextro ladrão, e talvez residente entre elles, se sentirão mui

inclinados a darem todos os soccorros que estavão ao seu alcance para o descobrimento do criminoso. Algumas suspeitas, é verdade, cahirão sobre o habil serralheiro e mecanico, porém a sua pobreza e sobriedade geralmente reconhecida bastárão para desvia-las. Publicou-se o negocio do serralheiro com o negociante, o qual até então, por amor de sua honra, conservára em segredo a historia da burra e sua abertura, de que Amos, facilmente esquecido da injustiça que lhe fôra feita, não deu publicidade e nem estava disposto a divertir a cidade á custa de quem com tanta arrogancia se tinha comportado; mas o negociante, excitado por tentações de vingança, soube tão habilmente inverter a cousa de tal maneira, que o boato da passada questão chegou ao conhecimento dos directores do Banco de Philadelphia com variedades de toda especie e despreziveis exagerações.

Amos julgava, desde algum tempo, notar que os seus vizinhos o miravão com olhos inconcebiveis, e que no trato de suas relações certamente havia-se passado alguma mudança inexplicavel e extraordinaria. Tambem não lhe escapou que os vizinhos que ordinariamente costumavão frequenta-lo e passar com elle as tardes em entretenimentos de amizade, desde alguns dias não se deixavão mais ver; porém como não podia suppôr razão alguma que désse motivos a um rompimento com elle tão ás caladas, não prestou mais attenção a estas observações.

Ordinariamente é sempre o mais compromettido quem em taes casos vem por ultimo a saber da novidade que lhe diz respeito. Assim aconteceu ao habil serralheiro, que só teve noticia das supposições e suspeitas que horrivelmente pesavão sobre sua casa, pela visita de um official de policia, acompanhado de um numeroso sequito de beleguins, afim de lhe darem busca. Sorpresa e mudos desgostos em alto gráo se apoderárão de Amos e dos seus naquelle dia. Que golpe veio ferir uma familia que, no meio de sua honesta pobreza, se julgava assaz venturosa com a posse de uma boa reputação, thesouro que punha ácima de todas as riquezas da terra! Só a lembrança de prejudicar um vizinho do valor de um sixpence era uma vileza, de que nenhum delles, por nada neste mundo, se faria culpado, e como roubar então cincoenta mil dollars ?!... quantia extremamente grande, a que se ajuntava, além das magoas que a pobre gente sentia pelas suspeitas que sobre ella havia, o peso do horror que a esmagava. Sómente depois de finalisada a busca, e que o official de policia declarou estar de todo satisfeito e nada achar que puzesse a Amos em suspeita, pudérão elles respirar livremente. Então reunirão-se os da familia, e meditárão com socego sobre a desgraça que lhes sobreveio, e que talvez lhes roubasse para sempre a paz e a aprazivel tranquillidade que tinhão gozado até o momento da fatal visita da policia e de seus agentes.

« Coragem! coragem! minha gente, » exclamou Sparks, o primeiro que tornou a achar o contentamento d'alma, traço principal que formava o o seu caracter; « coragem! e tudo irá ainda bem; é impossivel que tão vergonhosa suspeita continue a pesar sobre nós; a recompensa de uma familia laboriosa e honrada não se deixa esperar por muito tempo. Talvez a natureza do meu officio e a distincção a que cheguei graças aos meus esmeros e perseverança sejão motivos de se ter lançado a vista sobre nossa honesta habitação, ou que gente credula, irreflectida ou maliciosa tambem tenha entrado em jogo; porém os verdadeiros autores do roubo não podem ficar desconhecidos por muito tempo, pois tão detestavel crime ha de conservar os olhos das autoridades abertos, e se o roubo, apezar de todas as indagações, o que não é possivel, ficar encoberto ainda por algum tempo, verão os nossos vizinhos que continuamos no futuro como no passado a viver laboriosos e tranquillos, sem que no nosso modo de vida se perceba a menor differença que nos impute posse de riqueza; e notando-se juntamente que a despeza que fazemos não vai ácima da nossa condição, hão de elles se recordar do trabalho e parcimonia com que temos vivido ha tantos annos, sem que a menor sombra de prodigalidade ou improbidade tenha manchado o nosso credito, mesmo nas cousas as mais insignificantes; portanto em tal caso os nossos vizinhos voltarão a pensamentos mais justos a nosso respeito, e de novo havemos captar a benevolencia e estima de toda a cidade, de que nunca nos descuidámos de merecer. »

Este discurso do chefe da familia deitou balsamo nas dolorosas feridas dos seus, e com effeito os tranquillisou pelo bom senso e deducção das consequencias da pratica da vida. Comtudo para elle e sua familia ia começar uma

longa serie de experiencias fataes, de dissabores, enganosas esperanças e de morosos padecimentos, cuja latitude e continuação era difficil senão impossivel de prever-se.

Os directores do Banco um tanto desconcertados sobre o insignificante resultado da busca em casa de Amos Sparks, enviárão ao serralheiro um dos membros da sua corporação, justamente o negociante, afim de entrar com elle em ajustes. O mesmo foi encarregado de lhe offerecer uma quantia avultada, se elle quizesse restituir o dinheiro roubado e denunciasse os seus collegas, no caso de os ter; que então a justiça não procederia mais em sua acção contra elle.

Debalde protestou Amos ao negociante a sua innocencia, exprimio-lhe o horror que delle se apoderava com a idéa de semelhante delicto; o enviado, rindo-se com desprezo sobre seus protestos de innocencia, atemorisou-o com as consequencias necessarias que este facto traria comsigo contra elle. O serralheiro, pouco acostumado a ouvir tão insolitas arguições, baldas de todo fundamento e provas, e que só tinhão por fim injuria-lo, indicou ao seu inimigo que immediamente sahisse para fóra, e isso com expressões e movimentos de um homem que está disposto a se fazer respeitar e a guardar o sanctuario de sua casa ante a linguagem arrogante de um rico insolente.

O negociante sahio envergonhado e fóra de si; retirando-se ainda jurou a Amos a sua vingança. No Banco houve conselho e os directores decidirão que Amos fosse capturado e posto em prisão, pois esperavão que na prisão, seperado de sua familia e de seus collegas, menos facilidade teria para dissimular as provas do seu crime, e que pelo temor da acção criminal cedo ou tarde chegaria a uma confissão.

A captura de Sparks foi mais um golpe terrivel para a pobre familia! Juntos terião supportado tudo, e podido prestar soccorro e consolação uns aos outros, e assim mitigar as suas magoas e adoçar o peso do fado; mas separados do pai, daquelle á roda de quem costumavão reunir-se em seu desalento, sabedores que elle gemia debaixo de ferros por motivos de uma injusta accusação! ah! tanto não podião elles, isso passava além de suas forças, mórmente no ar empestado por odientas suspeitas, ar que desde então cercava a sua habitação, e que d'ora avante tinhão de respirar.

Entretanto soffrêrão com resignação, sem se queixarem, as privações que lhes impunha a ausencia paterna, e até achárão meio de pôrem de parte alguma cousa do pouco que ganhavão com grande sacrificio, afim de levarem algum allivio ao pobre infeliz em sua prisão.

(Continúa.)

ASSEMBLÉA REVOLUCIONARIA AMERICANA-FEMINIL.

Ha pouco tempo celebrou-se em Nova-York uma reunião singularissima composta exclusivamente de individuos do sexo feminino. A assembléa era presidida pela senhora Gove Nichols, servindo de secretaria Sara Townsend. Depois do discurso da presidente explicando o fim daquella reunião, lêrão-se e approvárão-se as seguintes resoluções:

Considerando que a maneira actual de vestir as mulheres é contraria ao que demanda a saude, a conveniencia, a commodidade, o asseio e a elegancia:

Considerando que a maneira actual de vestir é de origem estrangeira, e offerece graves inconvenientes a nossas compatriotas, com obrigações indignas de uma sociedade livre:

Esta assembléa resolve:

Que se recommende e adopte um traje que nos ponha a coberto do incommodo e oppressão do que actualmente vestimos; que não coarcte a nossa liberdade d'acção tão necessaria como util para nossa saude e commodidade, que nos emancipe de modas e caprichos estrangeiros, e que nos releve da obrigação que até agora nos tem imposto de varrer as ruas da cidade com as saias dos vestidos.

— Que a assembléa se declare com direito de escolher o traje que esteja mais em harmonia com a decencia e elegancia; sem desprezar a saude e a commodidade.

— Que se invoque em favor do novo traje, que reune a elegancia á conveniencia, o apoio da moda, desse idolo que até agora nos tem feito escravas das suas extravagancias.

— Que se exhortem as nossas irmãas a declarar de facto e pela palavra a sua emancipação da moda actual, odiosa e degradante, e a que adoptem o trajar que mais convenha á saude e á commodi-

dade, e que melhor faça realçar a verdadeira formosura.

— Que se declare que o trajar que recommendamos não é nem turco nem persa senão americano; resultado do nosso engenho, e uma prova da nossa soberana independencia!

Algumas das senhoras que fazião parte da assembléa trajavão já segundo os novos principios revolucionarios; isto é, calças largas, jaquetinhas e chapéos de abas grandes!...

Resta saber, se as nossas bellas Fluminenses estão dispostas a seguir o exemplo das suas irmãas da America do Norte!

COROAÇÃO DO IMPERADOR DO HAITY.

Dentro em poucos mezes se ha de celebrar a côroação e sagração do negro imperador Soulouque, com a maior pompa e solemnidade. Quando subio ao throno teve de pôr na cabeça uma corôa de cartão dourado, e por sceptro tinha um pedaço de páo tosco e grosseiro. Desta vez não acontecerá o mesmo. Faustino I, grande imperador e rei do Haity, se apresentará a seus subditos com um diadema de ouro verdadeiro, ornado de pedras preciosas, brinde que lhe offerecêrão os novos dignitarios do recente imperio. O antigo Soulouque, hoje o primeiro dos Faustinos, mandou fazer a Lyon os seus uniformes, para o que lá mandou o seu mordomo-mór, o principe (!) Debeae-Miriko.

Durão as festas oito dias, e já se publicou o programma dos bailes, espectaculos de toda a especie, revistas militares, fogos de artificio, banquetes, a que assistirão sómente os grandes dignitarios do imperio, e os chefes supremos dos seis regimentos da guarda imperial haityana.

Entre os titulos que serão conferidos por esta occasião, contão-se os de seis principes, seis duques, doze condes e doze barões. O imperador negro tem raiva de morte aos titulos de visconde.

Nomear-se-hão mais quatro marechaes do imperio, eleitos entre os 32 generaes do exercito: dous mulatos e dous negros, antigos escravos, que por seu valor e talento merecêrão taes postos.

A guarda imperial vestirá novos uniformes, que já forão expedidos de Londres, assim como o armamento.

Além dos seis regimentos da guarda imperial, se creará por decreto imperial um esquadrão de guias, destinado unicamente para guarda de honra do imperador. O uniforme é encarnado, agaloado pelas costuras. Em vez do gorro de pelle, usarão os *guias* de capacetes de metal amarello, guarnecidos de plumas. Para ter praça no esquadrão é preciso ter de altura, pelo menos, seis pés.

As damas da imperatriz são doze, todas negras como azeviche, e formosissimas, segundo dizem os amadores do negro.

Para que a solemnidade seja completa vai o imperador crear uma nova ordem, a *ordem da sagração*, que tem por insignias uma corôa de ouro, esmaltada, cercada de raios, com a seguinte divisa: — « *É minha de propriedade.* »



POESIA.

O ARABE.

(Traduzido do Hespanhol.)

Como é linda e formosa esta folhagem
Da palmeira deserta de El'-Keddi.
Quando o sol penetrando-lhe a ramagem,
Vem ardendo em calor bater aqui!

O firmamento em purpura se inflamma,
Com os raios que arrasta o furacão:
Os areiaes refervem, como a flamma,
Que vomita a cratéra de um volcão.

Nas azas do Simoun veloz se arroja
Remoinho de areia abrasador.
Das nuvens atravéz, nas praias roja,
O refulgente sol denso calor.

Nas areias que banhão resoando
De carcomida sphynge o pedestal;
Um arabe corcel vai galopando,
Que donoso não é! Como é leal!

Alça a fronte magestosa
Que de joias mil se arreia;
Deste deserto de areia
Olha bem a magestade!
Renova os brios perdidos
Acorda desse teu somno;
Respira como teu dono
No deserto a liberdade.

Um palacio, entre muralhas,
Não me off'rece independencia;
Eu prefiro á opulencia
Viver livre como aqui.
Era como quem trocasse
Pelo mar a fonte fria;
E os rosaes da Alexandria
Pelas palmas do Zeddi.

Não escuto aqui soprando
O manso correr da brisa:
Nem a fonte que deslisa
Por entre verdes ramaes.
Esbravejão, sós, os ventos
Por detrás daquelle monte,
Gozo aqui de um horizonte
De topasios e coraes.

Detem-se o sol na carreira,
Só por ver como navego,
Por este revôlto pego
No meu formoso alasão.
Correndo, nem mesmo apaga,
Vestigios de pé humano:
Eu, aqui, reino sob'rano,
Onde impéra o furacão!

Deos, aos filhos lá da Europa,
Deu jardins e deu cidades;
E com dansas e vaidades,
Escravisou-os ali.
Ao christão disse — trabalha;
Mas ao Arabe indolente,
Fê-lo Deos independente
Deu-me o deserto p'ra mi.

Quando a luz de nova aurora
O horizonte illumina,
Atravesso a carabina
Sobre o dorso do corcel:
E á sombra d'alguma sphynge
Dos tumulos d'antigos reis,
Vou sob'rano dictar leis
Aos adeptos de Ismael!

Espaço sem fim, immenso,
Oh! que belleza é a tua!
Se a triste, pallida lua,
Vem triste bater aqui!
Que me importa das cidades
Um sonho de vida, incerto?
Quero habitar no deserto;
Morrerei onde nasci.

Onde o peito de uma joven,
Ao nazareno arrancado,
Palpite terno ao meu lado
Sem terror e sem desdem.
Minhas formosas escravas,
Com afagos e caricias,
Lhe dirão quaes as delicias
Que se gozão n'um harem!

Sobre o camello indolente
Que vem ajoujado d'ouro,
Se approxima o voraz mouro
No auge do seu furor.
Sobre colxas de damasco,
Mollemente recostado
O nazareno espantado
Sente vir o seu senhor!

A christã dos olhos negros
É presa deliciosa.
Parece, qual é, formosa,
Do propheta bella Huri!
Pois todas me forão dadas!
Brocados, chailes e véos,
Allah! me grita nos céos
Tudo, tudo é para ti!

E n'um formoso céo, d'immenso brilho,
Afogueadas nuvens passão sós:
E correndo, e correndo o mesmo trilho,
Lá ao longe inda avulta um albornoz!

E correndo, e correndo á redea solta,
Lhe pende o curvo alfange do arção.
Já lá fica a seus pés, prostrada, rota,
A luzidia espada do christão!

De ambição e de amor a mente cheia
Pelas filhas só vive de Ismael;
E lá corre... encoberto pela areia
Que levanta o galope do corcel!

L. A. Palmeirim.

CHARADA.

Eu sou mimosa flôr,
Dos Francos mui estimada: } 1
Sendo um reptil medonho
Ser, mereço, assim chamada. } 1

« Aqui, disse Ulysses, nobres muros
« Levantarei como gloria, a que tremendo
« Todo o Oriente em seculos futuros
« Inclinará a cerviz obedecendo.
« Ficando o mundo todo campo estreito
« A um reino só de mil imperios feito. »

A significação da Charada do n.º 1 é: Corpo.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA

Embora todos os velhos e velhas caturras deste mundo acreditem que não ha cousa mais interessante do que as modas do seu tempo, e entendão que o gosto e a elegancia devem ficar estacionarios porque elles tambem o estão. Nada conseguem. As modas são como o Judeu Errante, caminhão, caminhão e ninguem sabe aonde irão parar.—Cada hora, cada instante se inventa um novo meio para deslocar com as mais recentes aquellas que estavão já enraizadas, e quantas vezes o toilette que hontem causou n'um baile um enthusiasmo levado ao ponto de *furor* seria hoje uma cousa sediça e rocócó se tornasse de novo a apparecer no centro do mesmo sallão, e em presença talvez das mesmas personagens! Assim são as cousas deste mundo! A novidade é a deosa do dia. Vamos nós variar tambem neste numero de figurinos, e em lugar de dous que vos démos a vez passada minhas amaveis leitoras, tereis neste quatro, e quatro lindas moças que ellas são na verdade, se me não enga[illegible] vós me consentis que o diga.

O *primeiro* representa um elegante vestido de seda guardelem, de corpo decotado e aberto na parte anterior, deixando ver por baixo uma fina camisinha primorosamente bordada, as mangas dos vestidos são largas e curtas, e nascem destas umas outras de finissimas rendas; o decote é circumdado de uma estreita ordem de fôfos em pregas que acompanhão em duas ordens a parte anterior do vestido até aos pés, assim como a circumferencia inferior das mangas; as luvas são da Suecia, e este toilette serve sobretudo para passeio de jardim.

O *segundo* é mais original, e mais bonito talvez. Compõe-se de uma touca de Bruxellas enfeitada com alamares de velludo; *caneson* de mangas de musselina das Indias; vestido de taffetas de raios diagonaes, e tres grandes babados, chamados volantes.

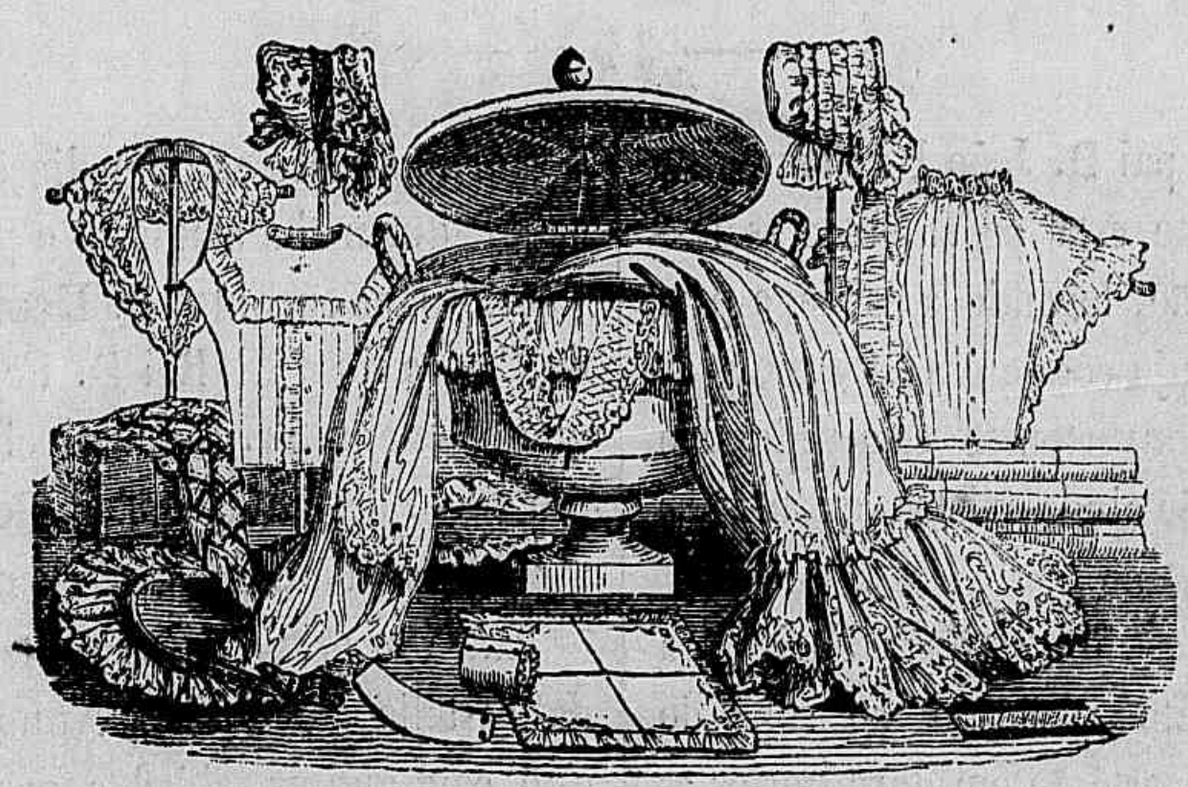
O *terceiro* serve para jantar. Touca de filó enfeitada de fitas em fôfos; vestido decotado de taffetas chinez á Pompadour, e mangas largas com fôfos á antiga.

O *quarto* é o mais singelo de todos e proprio para uma moça mui joven: cabello á Luiz XIII, *canezon* de musselina bordado e decotado, com berthe de largas e finas rendas, mangas demasiadamente curtas, sáia de taffetas escossez, com cinto de fita larga tambem, atado na frente com um laço, e desprendendo-se depois em pontas fluctuantes.

Eis a explicação da nossa gravura.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O CASTELLO DE FARIA.

(1373)

A BREVE distancia da villa de Barcellos, nas faldas do Franqueira, alveja ao longe um convento de Franciscanos. Aprazivel é o sitio, sombreado de velhas arvores. Sente-se ali o murmurar das aguas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silencio daquella solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horizontes parece encaminhar e chamar o espirito á contemplação das cousas celestes.

O monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso, mas aspero e severo como todos os montes do Minho. Da sua corôa se descobre ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador collocado no cimo daquella eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, e os prados e as fragas, e os soutos e os pinhaes lhe apresentão o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho.

Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se vio regado de sangue: já sobre elle se ouvirão gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas e estrondo de machinas de guerra. Claros signaes de que ahi vivêrão homens; porque é com estas balisas que elles costumão deixar assignalados os sitios que escolhêrão para habitar na terra.

O castello de Faria com suas torres e ameias, com sua barbacan e fosso, com seus postigos e alçapões ferrados, campeou ahi como dominador dos valles vizinhos. Castello real da meia idade, a sua origem se encerra nas trevas dos tempos que já lá vão ha muito; mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de marmore e de granito, o tempo, lhe coou pelos membros, e o antigo alcacer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e cahio. Ainda no seculo dezesete parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas: no seculo seguinte já nenhuns vestigios delle restavão, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremiterio fundado pelo celebro Egas Muniz era o unico echo do passado que ahi restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Bragança D. Affonso. Era esta lagea a mesa em que costumava comer Salat-ihn-Salat, ultimo senhor de Ceuta. D. Af-

fonso, que seguira seu pai D. João I na conquista daquella cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertencêrão, levando-a comsigo para a villa de Barcellos, cujo conde era. De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do christianismo. Se ainda existe, quem sabe qual será seu futuro destino?

Servirão os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte. Assim se convertêrão em dormitorios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os umbraes das balhesteiras e postigos em janellas claustraes. O ruido dos combates calou no alto do monte, e nas faldas delle se levantou a harmonia dos psalmos e o susurro das orações.

Este antigo castello tinha recordações de gloria. Os nossos maiores, porém, curavão mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos dellas. Deixárão por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que forão testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portuguezes.

Reinava entre nós D. Fernando. Este principe, que tanto degenerára de seus antepassados em valor e prudencia, fôra obrigado a fazer paz com os Castelhanos depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que esgotou inteiramente os thesouros do Estado. A condição principal com que se pôz termo a esta luta desastrosa foi que D. Fernando casasse com a filha d'El-Rei de Castella, mas brevemente a guerra se accendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher, com affronta da princeza castelhana. Resolveu-se o pai a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavão ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exercito, e recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso proposito narrar os successos deste sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adiantado de Galliza, Pedro Rodriguez Sarmento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo, emquanto a maior parte do exercito portuguez trabalhava ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até as immediações de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, lhe sahiu ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Cea, e tio d'El-Rei D. Fernando, com a gente que pôde ajuntar. Foi terrivel o conflicto; mas por fim forão desbaratados os Portuguezes, cahindo alguns nas mãos dos Castelhanos.

Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mór do castello de Faria, Nuno Gonçalves. Sahira este com alguns soldados para soccorrer o conde de Cea, vindo assim a ser companheiro na commum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'El-Rei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho; e era de crer que, vendo o pai em ferros, de bom grado désse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escasseavão. Estas considerações suggerirão um ardil a Nuno Gonçalves. Pedio ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello; porque elle com suas exhortações faria com que seu filho o entregasse sem derramamento de sangue.

Um troço de bésteiros e de homens d'armas subia a encosta do monte do Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adiantado de Galliza seguia atrás com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodriguez de Viedma, se estendia rodeando o castello pelo outro lado. O exercito victorioso ia tomar posse do Castello de Faria, que lhe promettêra dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacan alvejavão as casinhas da pequena povoação de Faria; mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas avistárão ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavão soltas ao vento, e virão o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, forão-se acolher no terreiro que se estendia entre os muros negros do castello e a cêrca exterior ou barbacan.

Nas torres os atalaias vigiavão attentamente a campanha, e os almocadens corrião com a rolda (*) pelas quadrellas do muro, e subião aos cubellos collocados nos angulos das muralhas.

O terreiro aonde se havião acolhido os habitantes da povoação estava coberto de choupanas colma-

(*) Roldas e sobreroldas erão os soldados e officiaes encarregados de rondarem os postos e atalaias.

das, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das crianças que ali se julgavão seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas que levavão preso Nuno Gonçalves vinhão já a pouca distancia da barbacan, os bésteiros que corôavão as ameias encurvárão as béstas, os homens dos engenhos prepararão-se para arrojar sobre os contrarios os seus quadrellos e virotões, emquanto o clamor e o chôro se alevantava no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um arauto sahio do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacan: todas as béstas se inclinárão para o chão, e o ranger das machinas converteu-se n'um silencio profundo.

« Moço alcaide, moço alcaide! » — bradou o arauto — « teu pai, captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmento, Adiantado de Gallíza pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja fallar comtigo, de fóra do teu castello. »

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro, e chegando á barbacan, disse ao arauto: — « A Virgem proteja meu pai: dizei-lhe que eu o espero. »

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavão Nuno Gonçalves, e depois de breve demora o tropel approximou-se da barbacan. Chegados ao pé della, o velho guerreiro sahio d'entre os seus guardadores e fallou com o filho.

« Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entreguei á tua guarda quando sahi em soccorro e ajuda do esforçado conde de Cea? »

« É — respondeu Gonçalo Nunes — de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem. »

« Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um leal alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas delle? »

« Sei, oh meu pai! » — proseguiu Gonçalo Nunes em voz mais baixa, para não ser ouvido dos Castelhanos, que começavão a murmurar. — « Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia? »

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então: — « Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldito por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercão entrarem nesse castello, sem tropeçarem no teu cadaver. »

« Morra! » — gritou o almocadem castelhano — « morra o que nos atraiçoou. » — E Nuno Gonçalves cahio no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

« Defende-te, alcaide! » — forão ás ultimas palavras que elle murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacan, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partio do alto dos muros: grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturárão o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os Castelhanos acommettêrão o castello: no primeiro dia de combate o terreiro da barbacan ficou alastrado de cadaveres tisnados, e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça um colmeiro incendiado para dentro da cerca: o vento suão soprava nesse dia com violencia; e dentro em pouco os habitantes da povoação que havião buscado o amparo do castello perecêrão juntamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pai: lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores; e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves: — « Defende-te, alcaide! »

O orgulhoso Sarmento vio a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão; e o exercito castelhano foi constrangido a levantar o cerco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento, e pelas façanhas que obrára na defensão da fortaleza, cuja guarda lhe fôra encommendada por seu pai no ultimo trance da vida. Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide; e pedindo a El-Rei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhára, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, para se cobrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrimas e preces que elle podia pagar a seu pai o ter coberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria não ha hoje ahi uma unica pedra que a atteste. As relações dos historiadores forão mais duradouras que o marmore.

A. Herculano.



POESIAS.

O MARINHEIRO.

Sólta as velas, marinheiro,
Sólta as velas; eia! ao mar!
Vamos cumprir o destino:
Nossa vida é navegar.

Bem poucos no mundo podem
Doce vida desfructar!

Do furor da tempestade,
Não se deve receiar:
Procellosa é a existencia,
Da terra em qualquer lugar.

O mortal vivendo, espera
Sua sorte melhorar!...

Frios gelos, que entorpecem,
Calor até de abrasar,
Soffre o triste navegante,
Que o seu fado é só gyrar!

Não encontra sobre a terra
Um tenue fixo lugar!!...

Percorrendo o vasto globo,
Vai mil terras devassar:
Em quantas dellas (oh sorte!)
Só acha allivio em chorar!!

Assim passa noite e dia,
Seus males a contemplar!

Quantos, no trabalho austero,
Suspirão dizendo: — *Amar!*...
Mas, quem quer do Nauta errante
Triste vida partilhar?!...

Vive sempre divagando,
Sem descanso nunca achar!

Sobre a terra, em pobre leito,
Quero os membros repousar:
Não almejo o fausto, a gloria,
Feias ondas a sulcar!

Prefiro, na terra amiga
Os meus dias ultimar!

M. A. Ferreira da Silva.

AO ALBUM DA EX.ma SRA.

D. C. M.

Se outr'ora minha musa, engrinaldada,
Travessa pelos campos se perdia,
Colhendo em cada flôr um grato aroma,
Em cada brisa um echo d'harmonia;

Hoje a pobre se acouta na tristeza
De recatada gruta—escuro abrigo,
Onde apenas desperta ao som queixoso
De voz idolatrada—ou peito amigo.

A minha pobre musa já não folga
Nos ditosos vergeis da Patria amada,
Mas abatida curva a fronte ao seio
Vagarosa e scismando—abandonada!

As negras tranças não desprende aos ares
Na carreira veloz.—Mas, debil, vaga
No silencio da noite e á luz dos astros
Na sombra ignota d'estrangeira plaga!

É rara a mão que busca o pranto amargo
Pressurosa enxugar! Bem sabe a triste
Que a dôr que sente o peito espedaçar-lhe
È a prova sómente de que existe!

Por isso, ó doce amiga, algumas flôres,
Que humildes vem nascer nesta espessura
Acolhe-as—inda em pranto rociadas,
Com teu meigo sorriso de ternura!

Guarda-as tu, sem valor, bem sei, coitadas!
Como o som derradeiro com que expira
Nas mãos do trovador—a corda extrema
Que um grito agudo lhe estalou na lyra!

Como a noite—no manto seu—recolhe
Os perfumes que exhala a natureza,
Recolhe—urna celeste—o raio extremo
Desta alma—já nas trevas da tristeza!

Se um dia, acaso, te lembrar meu nome,
Obscuro—entre tantos—elevados,
Não te esqueça que a relva das montanhas
Nasce no chão dos cedros elevados!

Rio, 1 de Junho de 1851.

A. E. Zaluar.

NEGOCIOS DE EMANCIPAÇÃO FEMINIL.

Ha dias teve lugarn o Royal-Soho-theatre um *meeting* numeroso para ouvir uma senhora americana, que veio expressamente de Nova-York com o fim de explicar o merecimento do fato á *Bloomer*, e de fazer adoptar alguma medida a respeito deste novo vestuario transatlantico.

Esta senhora trouxe mais sete companheiras, quatro das quaes são de sete a quatorze annos, uma de dezesete, e duas, de uma idade problematica, entre vinte e cinco e cincoenta. A que tomou a palavra terá apenas vinte e cinco annos, e é muito galante, parece menos timida e mais enthusiasta do que as suas companheiras. Acolhida favoravelmente pelo publico, fallou com uma certa presença de espirito.

« Ha muito que as senhoras inglezas e americanas, disse ella, reclamavão uma reforma util e necessaria no seu modo de vestir. Áquellas que tomárão a iniciativa, a este respeito, na America, cabe a honra de se haverem interessado vivamente em abolir a escravidão. »

Neste momento oito senhoras vestidas da maneira mais extravagante, entrão na sala e tomão lugar. Foi impossivel ao publico conter o riso por mais tempo; a hilaridado tornou-se geral.

Uma Ingleza vestida á semi-bloomerista dirige-se com dignidade ao publico, pedindo que ouça ainda a joven Americana, que está possuida dos sentimentos mais puros (*applausos*). A Americana continúa: « As senhoras americanas reflectirão que ha uma outra escravidão a abolir, escravidão contra a qual não tem poder a religião, a moral, nem a lei. É a moda (*risos*). Com effeito a moda é contra todas as leis da natureza, chegando mesmo a pôr em perigo a vida das mulheres. Por causa della gasta-se mais do que se deve gastar, e as barbas dos espartilhos com que se tortura a mulher impedem que esta preste á sociedade os serviços que devia prestar. A oradora entra em pormenores technicos a respeito dos colletes, e continúa depois nestes termos:

« Qualquer innovação provoca sempre murmurios. Quando as senhoras começárão a usar paletós, dizia-se que a moda não pegaria; parecia que andavão vestidas com os paletós de seus maridos (*riso*). Lembra-me agora que, no dia em que uma gravura de modas inglezas chegou á America, uma de minhas amigas exclamou vendo o paletó: « Oh! que deliciosa invenção! quando eu tiver pressa de sahir, vestirei o paletó de William! » (*Applausos e risos.*)

« Se S. M. a rainha Victoria comprehender a vantagem deste novo vestuario, estamos certas que o adoptará, senão para ella, ao menos para suas filhas: e teremos por nós a rainha.

« Acabarei fazendo-vos conhecer a autora desta innovação, M. Amelia Bloomer, esposa de um distincto advogado residente em Seneces-Falis, nos Estados-Unidos. »

PERSONAGENS QUE MANDARÃO FAZER DE ANTEMÃO SEUS ATAÚDES.
PERSONAGENS QUE SE FIZERÃO PASSAR POR MORTAS.

Conta Fugger que o imperador Maximiliano I, fazendo construir um palacio em Inspruck, manifestou seu descontentamento por uma falta que commettêra o architecto, e disse a um de seus officiaes: « Farei construir outra morada. » Em consequencia, mandou vir um carpinteiro e lhe encommendou um atúde de carvalho. Ajuntou-se-lhe uma manta e tudo o que é necessariò para exequias. O todo foi deposto em uma arca cuja chave o imperador guardou, e que elle fazia levar após si em todas as suas viagens. Até á sua morte, julgou-se que o seu thesouro estava encerrado nessa arca.

J. Paulo Gundling, estadista e historiador estimado, que durante parte de sua vida servio de caturra na côrte do rei da Prussia Frederico Guilherme I, estava quasi sempre em estado de embriaguez. Dez annos antes da sua morte, tinha-se fabricado para elle um ataúde em fórma de tonel do qual elle ia tirar vinho para beber, e cujo exterior era pintado de preto com inscripções grosseiras e bachicas. Quando elle morreu, numeroso sequito de officiaes e de cortezãos seguio o seu funeral; porém o clero protestante se recusou a assistir a elle. Os bobos da côrte de Saxonia tiverão ordem de apresentar-se com crepes de vinte varas de comprimento e mantos de luto com caudas mui compridas.

Citaremos mais Filippe II, que, no dizer de Brantôme, mandára preparar para si um ataúde de bronze; e um general irlandez, morto no serviço da Russia, Browne, cujo feretro fôra feito vinte annos antes da sua morte.

Laplace, escriptor picardo, empregou o mesmo artificio para attrahir sobre si a attenção publica, tendo o cuidado de fazer inserir nas folhas de Desfontaines longos lamentos sobre as esperanças que elle dava ao mundo. Este meio, de que se ha feito muito uso nestes ultimos tempos, está hoje um tanto sediço.

FOLHETIM DA QUINZENA.

DEPOIS da procellosa tempestade, vem a bonança. Depois dos dias ennevoados, chuvosos e tristes nascem outros serenos, limpidos, agradaveis, em que facilmente esquecemos aquellas horas monotonas que, por causa do máo tempo, passamos no santo ocio domestico jogando a bisca com a familia.

As almas impetuosas, aquecidas ao sol ardente da America, não poderão sujeitar-se nunca a esse *dolce fare niente* dos Italianos, e condemna-las á immobilidade seria condemna-las á mais insupportavel de todas as cousas, a semsaboria. Por isso, graças a esta necessidade de movimento, nem todos os rigores do tempo são capazes de fazer permanecer em casa certas creaturas que, como eu, forão dotadas pela natureza de uma insaciavel força de locomoção. Ando, gyro, cruzo em todos os sentidos as ruas da cidade, sejão quaes fôrem as intemperies da estação, sem que a chuva ou o sol prejudiquem a minha marcha ou me façáo arripiar carreira; mas ando, ando, e é uma grande cousa a gente andar sempre.

Firme neste principio, dir-vos-hei que tenho andado muito estes quinze dias; visto bastante, mas achado pouco que mereça a pena de ser narrado pelo vosso chronista ou folhetinista, como se diz á moderna.

Porém do que tenho ouvido e lido vos contarei alguma cousa. Pouco será, mas escrupulosamente selecto.

As minhas leitoras não podem deixar de sympathisar com os poetas. Elles são tão ternos! Tem tanta arte para encantar os corações! Oh! quem me déra ser poeta, que, apezar dos meus cabellos brancos, talvez cingisse a fronte de rosas, em vez de espinhos e cardos que trago agora! Mas.... Existe em Paris um poeta allemão, que ha quatro annos espera a todos os momentos no seu leito de dôr a hora fatal mas inevitavel da morte, victima de uma paralysia, que lhe não dá a mais pequena esperança de vida; Henrique Heine, se chama elle, falla de sua breve partida do mundo como da cousa mais natural, e graceja á custa da terrivel hospeda que aguarda e desafia com espirituosos epigrammas e *humanisticos* sarcasmos. Mas como pensais que elle aproveite os seus ultimos e solemnes momentos?... Escrevendo versos. É de uma das suas mais recentes poesias que vou darvos hoje uma traducção em prosa, tendo infelizmente que esperar pela sua morte para admirarmos todo o magnifico thesouro das suas obras poeticas que pretende sejão publicadas então com o nome de « ROMANCERO. »

Esta poesia tem por titulo:

O ELEPHANTE BRANCO.

O rei de Sião Mahavasant governa metade do paiz das Indias; doze reis e o proprio Grão-Mogol são tributarios do seu sceptro.

« Todos os annos, ao toque dos tambores e dos clarins, por entre as bandeiras, chegão-lhe a Sião as caravanas de tributarios; milhares de camellos transportão penosamente as mais preciosas riquezas do Imperio.

« A' vista dos camellos custosamente carregados, a alma do rei expande-se em secreta alegria, emquanto se queixa em voz alta do estreito espaço do seu cofre, que já não chega para guardar os seus thesouros.

« E comtudo é tão vasto o cofre, táo espaçoso, tão magnifico, que o esplendor da realidade eclipsa aqui todas as maravilhas dos contos das *Mil e uma Noites*.

« A cidade de Indra, tal é o nome do palacio onde todos os deoses habitão, representados por estatuas d'ouro cinzeladas e encrustadas em preciosissimas pedras.

« Tem boas trinta mil figuras, estranhamente horriveis, metade brutos, metade homens, cada uma com muitas mãos, e muitas cabeças tambem.

« Na sala de purpura observão-se com admiração trezentas arvores de coral, tão altas como palmeiras, immensa floresta vermelha de retorcidos galhos, e portentosamente entrelaçados.

« O assoalho, fabricado do mais puro crystal, reflecte todas estas arvores, e os pavões adornados de variegadas e brilhantes plumagens passeião soberanamente por sobre o seu diamantino espelho.

« O macaco favorito de Mahavasant traz ao pescoço uma fita de seda; prende-se a esta fita a chave que fecha a longa enfiada de salas a que se chamão salas do somno.

« Ali, as mais preciosas gemmas estão amontoadas pelo chão como ervilhas; e descobrem-se diamantes tamanhos como ovos de gallinha.

« É naquelle sitio, sobre enormes saccos cheios de finissimas perolas, que o rei gosta de reclinar-se. O macaco deita-se sobre o monarcha, e ambos dormem e resonão juntos.

« O mais precioso, porém, de todos os thesouros do rei, a sua felicidade, a delicia de sua alma, a alegria e o orgulho de Mahavasant, é o seu Elephante branco.

« Para servir de habitação a este hospede augusto, fez o rei construir o mais bello dos palacios. O tecto, coberto todo de chapas de ouro, é sustentado por columnas de capiteis de loctus.

« Tresentos *trabans* (*) estão de pé na porta, guarda de honra do Elephante; e, de joelhos, e curvados, cem eunucos o servem.

« Sobre um prato de ouro se collocão as mais delicadas iguarias para a sua tromba, e bebe em baldes de prata o vinho preparado com a mais doce ambrosia.

« Lavão-o com ambar e essencia de rosas, ornando-lhe a cabeça de corôas de flôres. Para tapete tem elle o mais precioso dos chales de cachemira.

« A mais regalada vida se lhe proporciona; mas ninguem está contente com a sua sorte: o nobre animal, sem saber-se porque, cahio n'uma melancolia profunda.

« Ei-lo triste no meio da abundancia, o branco melancolico: querem consola-lo, procurão distrahi-lo; mas são baldados os mais engenhosos esforços para conseguir tal fim.

« Embora as balhadeiras vem em sua presença cantar e dansar; em vão retinem os instrumentos e os timbaes dos musicos. Nada póde alegrar o Elephante.

« Como seu estado peiora dé dia em dia, o coração de Mahavasant torna-se mais sombrio. Manda chamar aos pés dos degráos do throno o mais sabio dos astrologos.

— « Compadre das estrellas, lhe brada com voz imperiosa, mando-te cortar a cabeça se me não pódes dizer o que falta ao meu Elephante, e porque sua alma se tem tornado tão triste. »

« Aquelle prostra-se tres vezes com a face contra a terra, e diz emfim com accento compungido: « O' rei! eu te revelarei a verdade. Tu farás depois o que mui bem te parecer.

« No norte existe uma mulher bella, alta de estatura e branca de corpo. Teu Elephante é soberbo, é incontestavel isto; mas não póde comparar-se com ella.

« Comparado a ella, parece apenas ser um morganho branco. A estatua desta mulher lembra Bimhe, a gigante de Ramayana e a grande Diana do Ephéso.

« Como seus membros se contornão em um edificio esplendido! O edificio é sustentado graciosamente por duas pilastras de alabastro de uma brancura deslumbrante.

« É a basilica colossal do Deos do Amor, a cathedral do filho de Venus. A lampada que arde alegre no tabernaculo, é seu coração leal e sem macula.

« Os poetas em vão andão á caça das metaphoras para lhe descrever a brancura da cutis. O proprio Gautier não atinaria a faze-lo. A sua brancura é implacavel. »

« A neve dos pincaros do Hymalaya pisada por seus pés núa pareceria uma cinza pardecenta, os lyrios colhidos por sua mão amarellecem de inveja ou por contraste.

« Esta nobre dama branca chama-se a condessa Bianca. Habita Paris, a terra dos Francos, e é por ella que o Elephante está doudo de amor.

« Por uma maravilhosa affinidade electiva, conheceu-a em sonhos; sim, foi a favor de um sonho que se embebeu em seu coração este grandioso ideal.

« Desde essa hora, o desejo o consome. Elle, n'outro tempo tão alegre e divertido, tornou-se agora um Werther quadrupede, e scisma com uma Carlota septentrional.

« Mysteriosa sympathia! Não a vio nunca e pensa nella. Muitas vezes divaga ao luar, e diz comsigo suspirando: « Ah! se eu fosse um passarinho! »

« Sião não possue mais do que o seu corpo: seu pensamento paira junto de Bianca, no paiz dos Francos. Ora, esta separação da alma e do corpo enfraquece muito o estomago e secca as guélas.

« Os assados mais appetitosos lhe repugnão; não gosta já senão de macarrão recheiado (*) e de Ossian. Tosse e emmagrece. O desejo cava-lhe a tumba na flôr da idade.

« Queres salva-lo, queres conservar a vida e restitui-lo ao mundo dos mammiferos, ó rei, envia o augusto enfermo directamente a Paris, á terra dos Francos.

Ali, se elle enxerga a realidade da mulher bella que forma o ideal de seus sonhos, ha de ficar curado de sua negra tristeza.

« Em face do brilho dos olhos de sua bella, desapparecerão os tormentos da sua alma. O sorriso de Bianca dissipará as ultimas sombras que entenebrecêrão seu coração magnanimo.

« E sua voz, como um phyltro, apagará a discordia intestina. Alegre então, levantará as largas orelhas, e sentir-se-ha como remoçado e vigoroso.

« A vida é tão amavel, tão doce é a vida nas margens do Sena, na vasta cidade de Paris! Como o teu Elephante nesse paiz vai divertir-se e civilisar-se!

« Mas, primeiro de tudo, ó rei, faze ricamente encher a sua mala de viagem, e dá-lhe uma lettra de cambio para os irmãos Rothschild, na rua Lafitte.

« Sim, uma lettra de cambio de perto de um milhão de ducados. Então o Sr. barão de Rothschild dirá delle: *C'est un brave homme d'éléphant!* »

(*) Especie de archeiro.

(*) Prato conhecido na Allemanha.

« Assim fallou o astrologo, e de novo tres vezes rojou pela terra a face. El-Rei presenteou-o com ricas dadivas, e afastou-se depois para pensar!

« Pensou isto — pensou aquell'outro. — Ah! quanto é pesado o pensamento dos reis! — O macaco repimpou-se sobre elle — e acabárão por adormecer ambos. »

O que resolveu o monarcha, só vo lo poderei dizer depois. A mala da India não chegou. Tinha seguido a ultima pelo caminho de Suez. »

Que vos parece a historia?

Quantos elephantes e quantos astrologos andão por este mundo! Eu por mim conheço alguns, elephantes não, astrologos.

Que mais vos direi por esta vez? Fallar em theatros, bailes, quem pensa agora nisso? — Apenas algumas reuniões particulares por ahi tem havido, e essas mesmas, quasi todas morrem antes de meia noite. Durão pouco, porque nascem fóra de tempo. Para o mez de Fevereiro prepara-se mais actividade no mundo elegante. Então esperemos até lá, não esquecendo aquelle dictado —que quem espera sempre alcança.

D. Sallustio.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

A NOSSA gravura representa dous costumes do mais apurado gosto, um para noiva, e outro para o baile das bódas. Qual será a moça que não sinta palpitar o coração de esperança ou desejo, vendo estes dous elegantes *toilettes*, tão cubiçosos, tão provocadores? Eu por mim, e mais sou homem, não os posso olhar com indifferença. Acho-lhes um chiste, um gostinho particular. Oh! como são deliciosos os momentos que precedem o instante da nossa ventura! Como é doce unir-se áquelle que se ama — com a alma cheia de ardor e o coração agitado de vagas e desconhecidas sensações! Como deve estremecer o peito que sentir-se comprimido n'um vestido de noiva, por mais ligeiro que seja o *gaze*, por mais ralo e transparente que seja o véo? Como deve abrasar a fronte, que, cingida de flôres, aguarda o instante de unir aos pés do altar a sua vida á vida daquelle que mais adora! Oh! quem quizer percorrer o cyclo dessas commoções é capaz de enlouquecer; por isso é melhor fazermos a descripção dos figurinos. Ambos os nossos costumes se tornão notaveis pelos penteados á Margarida de Navarro e á Gabriella. Além disso, tambem pela grande quantidade de finissimas rendas de que estão adornados.

O *primeiro* representa um traje de noiva. O cabello não é já como d'antes aqui usavão á Maria Stuart, agora em lugar de um rolo só no cabello usa-se de dous ou tres. O véo prega-se dividido em dous quasi no cimo da cabeça, como deixa ver no espelho a figura que representa a nossa estampa. O peitilho do vestido é do gosto mais aristocratico possivel e de uma elegancia maravilhosa. As mangas estreitas emcima terminão no cotovello por uma ordem de estreitos fôfos, e tres de preciosas rendas. Os alfinetes lateraes que prendem o véo da noiva são compostos de flôres e botões de laranja.

O *segundo*, genero *draperie*, estava muito em moda no começo do reinado de Luiz XV; chamava-se-lhe então *genero musulmano*; fez tal furor em seu tempo que foi applicado a todas as cousas, moveis, costumes, porcelanas, &c., com um fanatismo incrivel. Consiste n'um vestido transparente sobre saia de seda; decote largo e virado em pregarias sobre os hombros, deixando a uns lindos braços todo o cuidado de se revelar. Ha tanta seducção n'uns braços voluptuosamente torneados! A saia é duplicada; a primeira, abre-se magestosamente em fórma de tunica, apanhada de distancia em distancia por um pequenino bouquet de flôres. A segunda é de um estylo differente, mas não menos distincto. Eis o que a respeito dos presentes figurinos dizem os livros da sciencia que consultámos!

CHARADA.

Assim ordena quem manda; 1
Assim faz quem quer saber; 1
Assim Amor se designa; 1
Assim é Marcia benigna; 2
Assim corre o meu viver! 2

Assim existo no Mundo;
Assim é meu padecer;
Assim vivo amargurado;
Assim se cumpre o meu fado;
Assim, talvez, vou morrer!

Ferreira da Silva.

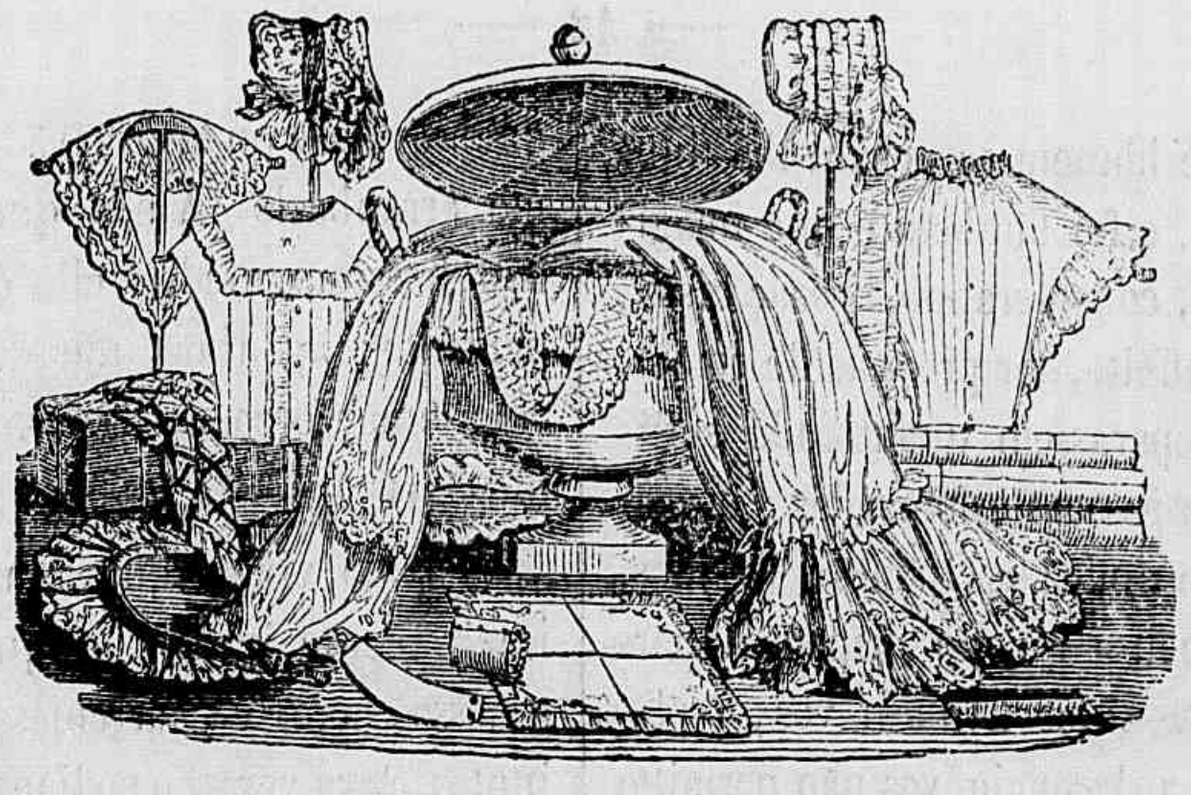
A significação da Charada do n.° 4 é: Valverde.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

BIBL. NAC.E PUBL. DA CORTE



PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

UM OGRO NOS MARES DA INDIA.

CONTO PERSA.

Nós começavamos a proseguir de novo alegremente a derrota que traziamos, e já quasi entestavamos com a ponta da ilha de Java, vindos do lado oriental, quando vislumbrámos, assaz perto do navio, um homem inteiramente nu, lutando com as ondas que ameaçavão de o tragar; agarrava-se com tenacidade a uma taboa que o sostinha, e fazia-nos signaes de soccorro. A compaixão nos fez para esse fim arreiar o nosso bote. Se a compaixão é um sentimento mui digno de elogio, tambem é preciso confessar que nem sempre deixa de ser extremamente perigosa, como o decurso desta narrativa o fará ver.

Foi esse homem apanhado e trazido para bordo. Era um individuo que parecia orçar pelos quarenta annos. O seu talhe era um pouco monstruoso, a cabeça grande, os cabellos curtos, espessos e crespos, e a sua bocca, excessivamente rasgada, deixava observar, quando a abria, uns dentes compridos e muito aguçados, os seus braços erão musculosos, as suas mãos erão largas e tinha nos dedos unhas recurvadas e ponteagudas: os seus olhos, que eu faria mal de omittir nesta descripção, parecião-se muito com os de um leopardo, e tinha um nariz acachapado com as ventas mui dilatadas. A sua physionomia não nos agradou por principio algum, e tinha um aspecto capaz de mudar em terror a compaixão que primeiro nos inspirou.

Quando este homem, tal como acabo de o descrever, se achou em face de Deahousch, capitão do nosso navio, dirigio-lhe as palavras seguintes: « Senhor, eu vos devo a vida, estava a ponto de morrer, se não fosse pelo vosso auxilio.—De certo, respondeu Deahousch, vós não tardarieis em ser submergido se não tivesseis tido a fortuna de nos encontrar. — Não era o mar que me fazia medo, respondeu o homem sorrindo; eu poderia ficar annos inteiros nas aguas sem que isso me causasse maior incommodo; o que me atormenta mais é uma fome devoradora que me arruina; ha perto de doze horas que não como. É espaço bem consideravel para um homem de tão bom appetite como eu. Assim, dignai-vos ordenar que me tragão quanto antes com que repare as minhas forças estanques por um tão longo jejum, e não é precisa muita ceremonia, porque não sou delicado, e como de tudo. »

Nós olhámos uns para os outros, espantados de tão estranho discurso, e julgámos que sem duvida

o perigo em que este homem se achára lhe tinha perturbado o espirito, e foi tambem o que imaginou o capitão, o qual, considerando, apezar disso, que elle podia, com effeito, ter precisão de comer, ordenou que lhe preparassem quantidade sufficiente para fartar seis pessoas esfomeadas; e vestidos para lhe cobrir a nudez. « Quanto a vestidos, disse o estranho, é cousa que eu dispenso, porque ando sempre nú.—Mas lembrai-vos, replicou Deahousch, que a decencia vos não permitte continuar diante de nós no estado em que vos achais.—Oh! responde o outro bruscamente; não vos ha de faltar tempo para com isso vos habituardes. »

Esta resposta brutal nos confirmou ainda na opinião em que estavamos delle não se achar em seu juizo perfeito. Como a fome o apertava, elle exhibia a maior impaciencia pelo não servirem com a pressa que desejava; batia com o pé no convés, murmurava por entre os dentes, e rolava os olhos de maneira que offerecião alguma cousa de feroz e de funesto. Chegou emfim o que elle tanto cobiçava. Atirou-se a tudo com uma avidez que nos causou sorpresa, e ainda que houvesse com que fartar seis pessoas nas suas circumstancias, em pouco mais de nada tinha despachado tudo.

Logo que vio desimpedida a mesa que lhe tinhão posto defronte, intimou-nos com ar de autoridade que lhes mandassemos vir mais. Deahousch, querendo ver a que ponto chegaria a voracidade desse esfomeado, mandou que lhe obedecessem. Reformou-se a mesa com igual porção que da primeira vez, mas esta segunda coberta não durou mais que a outra, e foi sem demora devorada. Estavamos persuadidos que, ao menos, o caso ficaria nisso, mas era engano, e pedio nova comida no mesmo tom. Um dos escravos da tripulação, não podendo supportar a insolencia de semelhante brutal, pôz-se em disposição de o maltratar; mas o sujeito, que o observava, prevenio-o, e empollegando-o pelos hombros, o fez em pedaços com as suas unhas afiadas. Desembainhárão-se no mesmo instante mais de cincoenta sabres para vingar esta horrivel morte. Cada um se empenhava em ferir e punir semelhante audacia, quando conhecemos com o mais profundo horror que o nosso inimigo tinha a pelle mais impenetravel que o diamante; as nossas espadas quebravão-se ou embotavão-se, sem poderem mesmo arranha-lo. Ainda que os nossos golpes lhe não fizessem medo, elle os não recebeu impunemente: apanhou um dos mais animosos, e, com uma força prodigiosa, o fez em pedaços á nossa vista.

Quando vimos que as nossas espadas nos erão inteiramente inuteis e que não podiamos ferir o nosso homem, arremessámo-nos a elle todos juntos, para ver se o podiamos atirar ao mar, mas não pudémos nem ao menos commovê-lo. Além de possuir uma rijeza de corpo e uma firmeza de musculos prodigiosas, cravou as suas unhas de gancho no madeiramento do convés, e conservou-se de tal maneira agarrado, que uma rocha no meio das vagas não é mais inabalavel. E, além disso, em lugar de parecer assustado com a nossa tentativa, elle nos disse com um sorriso amargo: « Meus amigos, francamente, vós tomais um pessimo partido. Era melhor obedecer-me. Eu tenho acommodado outros mais refractarios, e devo declarar-vos que, se continuais a teimar contra minha vontade, tenho a tratar-vos da mesma fórma que já fiz aos vossos dous companheiros. »

Estas palavras nos fizerão tremer de medo, e nem tratámos mais de lhe fazer resistencia. Foi-se pela terceira vez buscar-lhe provisões que lhe forão postas. Sentou-se á mesa, e dir-se-hia, ao vê-lo comer, que o seu appetite augmentava, em vez de diminuir.

Logo que elle notou estarmos nós reduzidos á submissão, tornou-se do melhor humor. Testemunhou-nos sentir muito que o tivessemos compellido a fazer o que tinha feito, e accrescentou affectuosamente que nos estimava pelo serviço que lhe tinhamos feito de o tirar do mar, onde teria inffallivelmente morrido de fome, se tivesse tardado só poucas horas mais a encontrar-nos; que elle desejava para nosso bem que sobreviesse algum outro navio munido de boas provisões, porque se atiraria a elle e nos deixaria em paz. Era comendo que nos dirigia estes discursos. Ria, gracejava como os outros homens, e nós o teriamos achado mesmo bastante divertido, se a nossa posição nos permittisse tomar interesse pelos seus gracejos.

Emfim, deu fundo á quarta coberta, e esteve depois duas horas sem comer nada. Durante este excesso de sobriedade, elle nos fallava mui fami-

liarmente, questionando-nos a respeito do nosso paiz e de nossos usos e aventuras. Nós esperavamos que os vapores de tanta comida que elle tinha no estomago poderião subir-lhe á cabeça e adormecê-lo, e esperando que o somno não tardaria em invadir-lhe os sentidos, tinhamos formado boa tenção de, quando dormisse, arrebata-lo precipitadamente, sem lhe dar tempo de se defender, e atirar com elle ao mar. Este projecto era a nossa unica esperança. Mas por desgraça esta esperança era vãa. O cruel, como se tivesse penetrado o nosso designio, nos avisou que nunca dormia, e que a quantidade de alimentos que ingeria no seu corpo supprião a fraqueza natural e dispensavão o somno.

Nós reconhecemos com dôr essa triste verdade. Por mais que fizessemos, respondendo ás suas perguntas, por lhe fazer narrações longas e fastidiosas, nem por isso adormecia o verdugo, e o nosso capitão desesperava já de tornar a ver Golconda, quando repentinamente o ar pareceu escurecer por cima de nós. O primeiro pensamento que tivemos foi de que era uma tempestade que começava a formar-se, e tinhamos tanto melhor animo, que um temporal nos deixaria mais esperança de salvação do que o estado em que nos achavamos. O nosso navio poderia facilmente bater em um escolho perto de alguma ilha, em que nos salvariamos a nado, ficando livres de semelhante monstro, que sem duvida não deixaria de nos devorar depois de haver exhaurido todos os nossos mantimentos.

Era portanto o nosso desejo que um temporal violento chegasse a assaltar-nos, e, o que talvez nunca aconteceu, faziamos votos ao céo para sermos submergidos. Comtudo enganavamo-nos, e o que tomavamos por uma reunião de nuvens e vapores era um dos maiores roks que jámais se divisou naquelles mares. Esta monstruosa ave precipitou-se inopinadamente sobre o convés e arrebatou o nosso inimigo, que se achava no meio de toda a tripulação, e que, nada receiando, não teve tempo de se precaver contra um tal arrebatamento. Nós mesmos, nem de tal cuidavamos, e só o percebemos alguns momentos depois, e quando o rok se elevou aos ares, levando a sua presa.

Presenciámos então um combate muito extraordinario. O homem tinha-se reconhecido, e vendo-se no ar nas garras de um monstro alado, cuja força experimentava, tomou o partido da defesa. Como tinha as mãos livres, cravou as unhas aguçadas no corpo do rok, e ao mesmo tempo fazendo uso dos dentes, pôz-se a roer-lhe o estomago e a devorar-lhe toda a carne e pennas que o recobrião. A ave com a dôr deu um grito que abalou o ar todo ao redor, e para vingar-se furou-lhe os olhos ambos com uma unhada das suas garras; mas o inimigo, ainda que cégo, não desistio do intento, e acabou de devorar o coração do rok, o qual, já nas ancias da morte, chamando os ultimos alentos, com uma bicada lhe esmagou a cabeça. Cahirão ambos sem vida ao mar, a pouca distancia de nós.

Traduzido do inglez por Henrique Velloso de Oliveira.

O LEQUE E A VENTAROLA.

ALGUEM tem pretendido attribuir á França a invenção do leque e da ventarola. É esta uma pretenção ridicula — uma heresia imperdoavel. A ventarola e o leque datão da mais remota antiguidade, e podem revindicar com ufania para seu berço o céo poetico da antiga Grecia.

Agora, amaveis leitoras, que o tempo é chegado em que mais necessarios se tornão os dous lindos objectos de toilette que deixamos indicados — o tempo em que um calor ardente por toda a parte vos segue, é mister que vos digamos que esses objectos tão uteis como bellos são mui differentes daquelles que usárão as illustres e nobres damas do tempo d'Alcibiades e de Solon.

As folhas de myrto, d'acacia e de outros arbustos e plantas, cortadas e dispostas com todo o esmero, formavão os leques e ventarolas de que usárão as damas athenienses e do Peloponeso.

O acaso que presidira, sem duvida alguma, á origem dos leques de folhagem, devia desthroná-los mais tarde, e substitui-los por outros mais ricos e menos custosos.

Vejamos como se pratieára esta mudança:

Uma linda e joven filha de Samos, chamada Leucippe, passeava certo dia pelas montanhas proximas daquella notavel cidade. Acompanhavão-na duas escravas velhas, uma que fôra sua ama

de leite, outra que era sua banheira. Depois de Leucippe ter caminhado por espaço de quasi duas horas, decidio-se a voltar á casa; mas, fosse que não conhecesse bem o caminho, ou que a memoria lhe falhasse, perdeu-se no meio das montanhas. Seria talvez meio dia: o sol sorprendeu Leucippe na hora mais critica, na hora em que elle costuma ser mais abrasador e incommodo. Não era ar o que se respirava, mas sim fogo!

Fatigada de tão longo gyro e do excessivo calor, Leucippe sentou-se desfallecida, junto de uma rocha, murmurando estas palavras:

— Um leque! um leque! senão morro!... As duas escravas lançárão seus olhos indagadores em torno dellas; e não descobrindo nem uma unica folha de arvore, começárão a chorar amargamente.

Neste momento passou um rapaz. Trajava tunica mui ligeira de panno d'Ecabatena, tirando a vermelho escuro, e um chapéo desabado. Na mão direita sustentava um arco, e do hombro pendia-lhe um carcaz.

Attonito da scena lastimosa que se offerecia a seus olhos, approximou-se de Leucippe, para lhe perguntar a causa da sua afflicção!

— Um leque! um leque! exclamárão afflictas a ama e a banheira, sem darem tempo ao moço caçador a responder-lhes.

Elle esfregou a testa de um modo que parecia dizer: — « Como posso dar-vos um leque, faltando-me folhas para o fabricar?

De subito um pavão que talvez houvesse escapado do templo de Juno, a quem era consagrado, desceu a mui curta distancia da rocha.

A necessidade é mãi da industria, diz o proverbio; e o joven caçador conhecia por certo o proverbio, porquanto, armando, sem perda de um momento, o arco de que estava munido, despedio uma setta, que ferio mortalmente a linda ave.

Cahindo no chão, correu a ella, e despojando-a das suas bellas pennas, formou dellas um leque, com que apressado foi abanar o lindo rosto de Leucippe, que, sem este soccorro, necessariamente teria ali terminado sua existencia. O resultado não podia ser mais feliz do que em verdade foi. As lisas e mimosas faces da formosa Samiana forão pouco e pouco recobrando sua côr rosada; e dentro de poucos instantes, Leucippe havia assaz de força para regressar, sem inconveniente, á cidade.

Um anno era apenas decorrido depois que tivera lugar este acontecimento, que por tradição chegou a nossos dias, quando o esposo de Leucippe se finou. Ella, afim de se consolar de tão grave perda, e talvez de mostrar quão penhorada ficára do auxilio que o caçador lhe prestára um anno antes, recebeu-o em segundas nupcias.

Passado outro anno, os leques e as ventarolas tornárão-se moda geral na ilha de Samos, e as pennas mais delicadas erão pagas por bom preço pelas damas gregas.

O uso do leque e da ventarola tornou-se geral no Peloponeso, curando-se muito do seu progressivo aperfeiçoamento. Notára-se que as pennas demasiado longas erão mui flexiveis e fracas para resistirem a certa massa de ar; e então, imaginárão-se as varetas para as sustentar e resistirem a qualquer refêga mais forte.

Ainda não parou nisto. A arte, tomando conta do leque, como de uma conquista sua, introduzio-lhe mil innovações, como se póde observar nos vasos antigos, nos quaes aquelles leques vem representados sob as fórmas diversas que tinhão quando as damas da Sicilia e da Italia, que vivião na época a que nos referimos, delles se aproveitavão.

A ventarola de pennas de pavão acclimatada mais tarde em França e na Inglaterra, ali se sustentou com todo o brilho até meiado do seculo XVIII. Veneza era então o emporio destas magnificas producções, que ella mandava vir da Alexandria e de outras cidades do Levante.

Hoje mesmo, nas grandes solemnidades publicas de Roma, e particularmente na *Festa di Cathedra*, na qual o Santo Padre se mostra ao povo conduzido ás costas de homens, os jovens cavalleiros que formão o sequito do successor de S. Pedro, agitão em torno do rosto papal ventarolas de pennas.

Na igreja grega, emquanto dura a ceremonia da adoração, os diaconos usão da ventarola para afugentar as moscas que pretendem incommodar o prelado durante a missa.

No seculo dezesete, mandavão-se para a Italia ventarolas de tal volume e peso, que muitas vezes erão necessarios os braços de tres homens para as

moverem. Em opposição a isto, os leques e as ventarolas achão-se hoje reduzidas á expressão mais simples, sem nada absolutamente terem perdido da sua antiga belleza. É de esperar, á vista da applicação que o vapor vai tendo nas cousas de maior utilidade, que ainda vejamos em nossos dias leques e ventarolas movidas tambem por vapor — dar tempo ao tempo.

A. M.



POESIA.

A VIOLETA DA SERRA.

Por grutas de rocha
Na serra sombria,
Gentil desabrocha
Aos raios do dia
Flôrinha sem par;
Em torno á violeta
Louçã borboleta,
Brincando indiscreta,
Vai meiga adejar:

A abelha dourada,
Deixando os cortiços,
Se vai namorada
Amar-lhes os feitiços,
Fallar-lhe d'amor;
Fugaz passarinho,
Travesso, mesquinho,
Lá forma o seu ninho,
Bem junto da flôr:

Nas horas da sésta,
Que o sol ali arde,
Vai candida, honesta
A brisa da tarde
Por'hi a gemer;
O dia termina,
A lua argentina
Co'a luz peregrina
A vai aquecer:

Por noite medonha
Gentil pyrilampo,
Na selva tristonha,
Na relva do campo,
Nas trevas reluz;
E corre ligeiro,
D'amor prisioneiro,
Levar-lhe um luzeiro
Na falta da luz:

Aos raios da aurora
Lustrosa e bonita,
Se adorna, senhora
De gala infinita,
Mais leda e louçã;
Então brandamente,
Saúda contente
O sol refulgente,
A luz da manhã:

O triste viajante,
Que a vida desterra,
A vê vecejante
Nas fragas da serra
E vai lhe fallar:
— « Flôrinha viçosa,
Tu perdes, formosa,
Na serra escabrosa
Teu brilho sem par!

Ah! folga, oh flôrinha,
Aqui, no deserto,
Se triste e sózinha
Dos astros tão perto
Tu pódes florir!...
Violeta tão bella,
Na linda capella
Da treda donzella
Não vás a sorrir!

Ah! nunca o romeiro
Na serra passando,
Gozando o teu cheiro
Tão doce e tão brando,
Te arranque sem dó:
Ficarás na dança,
E mais na folgança,
Sem mais esperança
Sepulta no pó!

Aqui, se murchares,
Flôrinha innocente,
Irá pelos ares
Teu cheiro fervente
Aos anjos dos Céos...
Assim os humanos,
Deixando os enganos,
Envião, co'os annos,
As almas a Deos!

A. Braga.

ETIQUETA INGLEZA NO THEATRO.

O principe Demidoff tomou de assignatura um camarote no theatro da rainha em Londres, pagando nada menos que dezoito mil francos (2:880$000 rs. M. F.) pela estação, que é de seis mezes. O principe costuma ir ali passar um quarto de hora em cada noite de representação; e como as representações não são mais do que tres por semana, vem por conseguinte a custar-lhe cada quarto de hora de divertimento mais de duzentos francos (32$000 rs. M. F.)

Achando-se, ha dias, Julio Janin, o distincto folhetinista, em casa do principe, de quem é ha muito tempo amigo, excitou-o para que o acompanhasse um momento ao theatro de Lumley, onde naquella noite se representava—*Fidelio*. O principe aborrecido desta musica secular, fez-se rogado, mas Janin insistio, e Demidoff cedendo afinal, sahe, a seu pezar, em uma carruagem, acompanhado pelo espirituoso escriptor. Apenas, porém, tinha atravessado o limiar do theatro, um encarregado da policia deste lhe faz impedir a passagem por um empregado para esse fim destinado, exclamando em alta voz:

— Aquelle não está vestido.

O traje do principe parecia irreprehensivel; unicamente a sua gravata preta era deshonrada por tres pintinhas côr de rosa, bordadas na extremidade, e apenas perceptiveis; mas a etiqueta ingleza não permitte côres.

— Oh, minha gravata, quanto te agradeço! disse então o principe, desejando uma feliz noite a Janin.

No dia immediato, quatro criados de Demidoff carregados com quatro enormes bahús se apresentão em casa do Sr. Lumley e depositão os ditos bahús aos pés do celebre emprezario. Um continha casacas, outro calças, o terceiro colletes e o quarto gravatas.

— O que é isto? pergunta o emprezario cheio de admiração.

— Senhor, respondeu um dos criados, é a guarda-roupa do principe Demidoff, o qual vos pede que queirais escolher, vós mesmo, os trajes com que tereis a condescendencia e bondade de o deixar entrar no seu camarote.

Poucos dias antes desta aventura, o mesmo ostracismo tinha tocado, com mais razão, ao musico francez Heitor Berlioz. — É sabido que este compositor distincto tem particular predilecção pelo vestuario chamado *á la julienne*, como, por exemplo, calças amarellas, collete vermelho, casaca côr de avellãa, gravata verde e chapéo pardo.

Com um *toilette*, quasi desta natureza, apresenta-se uma noite no theatro da Rainha. O encarregado da policia do theatro o detem, segurando-lhe com as pontas dos dedos as abas do fraque, como se tivesse medo de impestar-se.

— Oh! meu senhor, lhe diz com um gesto de enfado, ora faça favor de olhar para si, e veja se está capaz de entrar!

EXTRAVAGANCIAS

HABITOS E GOSTOS SINGULARES

DE ALGUMAS PERSONAGENS CELEBRES. *

No decimo setimo seculo, o enthusiasta allemão Hoyer comia só peixe morto naturalmente.

É sabido que o astronomo Lalande ostentava comer com delicias aranhas e lagartas de que trazia sempre comsigo uma provisão n'uma bocetinha.

Madame de la Suze, o humanista Lefévre, no decimo setimo seculo, e Buffon no decimo oitavo, não podião trabalhar sem estarem vestidos com a maior elegancia. Nada, nem mesmo a espada, faltava ao atavio deste ultimo.

Casti, o engenhoso autor dos *Animaes fallantes*, compunha seus lindos versos jogando sózinho as cartas emcima de sua cama.

* Vide pag. 8.

O Inglez Thompson, autor do poema das *Estações*, passava dias inteiros na cama; e quando lhe perguntavão porque não se levantava, respondia: « Não vejo motivos para me levantar visto aqui não me incommodar nem chuva nem vento. »

O bibliographo allemão Reinmann passou em pé a maior parte de sua vida. Para não transgredir a lei extravagante que se havia imposto, levou mais de trinta annos sem ter cadeiras nem poltronas no seu gabinete.

Gluck mandava transportar o seu cravo ao meio de um prado; um vasto espaço, o céo descoberto, o calor do sol e algumas garrafas de champanha, lhe fazião achar os cantos divinos das duas *Iphigenias* e de Orpheu.

Méhul compunha collocando sobre seu o piano uma caveira, em quanto o autor da oratoria de *Judas Machabeu*, Haendel, bebia suas inspirações n'uma garrafa de vinho.

O celebre compositor Beethoven nunca teve nem mulher nem amasia; porém, em compensação, tinha dous gostos imperiosos: o das mudanças de casa e o do passeio. Apenas installado em um aposento, achava-lhe algum defeito e se occupava immediatamente em procurar outro. Todos os dias, depois de jantar, a despeito da chuva, do vento, da saraiva, havia de sahir e dar a pé um longo e fadigoso passeio.

J. B. Ludot, sabio Champanhez, se servio da força corporea de que o dotára a natureza para tentar todas as experiencias que julgou uteis á sciencia. Virão-o, no rigor do inverno, lançar-se no Sena gelado, para experimentar até que ponto poderia supportar o frio; e um dia deu bastante que fazer para o impedirem de entrar n'um forno aquecido em altissimo gráo, afim de conhecer se poderia supportar-lhe o calor. (Não lhe gabamos o gosto.)

O illustre Spallanzani, com o fim de elucidar a theoria das funcções digestivas, entregou-se ás mais perigosas experiencias; assim, introduzio em seu estomago alimentos envoltos em saquinhos de panno de linho, e engulio tubos cheios de certas substancias. A chronica esqueceu-se de nos contar se teve ou não, alguma indigestão mais grave.

CAMINHOS DE FERRO.

O director de um dos caminhos de ferro dos Estados-Unidos da America, Mr. Derby, apresentou ha pouco algumas noticias interessantes, relativas ao progresso dos caminhos de ferro naquella republica, ás quaes a *Semaine* addiciona diversas reflexões, que extractamos.

O primeiro caminho de ferro americano foi estabelecido em **1829**, no mez de Dezembro. Era uma linha modesta, que apenas tinha treze milhas de extensão, entre Baltimore e Elicott's Mills. De então para cá o que se tem feito em vinte e dous annos? Julgue-se:

Os caminhos de ferro estabelecidos abrangem hoje a extensão de **10,287** milhas, ou **16,555** kilometros (**4,138** leguas).

4,138 leguas por um lado, 4,059 leguas por outro, total: **8197** leguas. Ora, a circumferencia da terra é de 9,000 leguas.

Daqui a poucos annos os Estados-Unidos terão um systema de caminhos de ferro tal que, se todas as linhas, em numero de **355**, que hão de compô-lo estivessem seguidas, bastarião para cingir o globo com uma faixa de ferro!

Os *rail-ways* em serviço na Gran-Bretanha e na Inglaterra no 1.° de Janeiro do anno proximo findo comprehendião uma extensão de **6,621** milhas! E tudo isto data de hontem. As locomotivas, em numero de **2,500**, que percorrem na Inglaterra diariamente um caminho igual a vinte e duas vezes a circumferencia do globo terrestre, só existem realmente depois que se inventárão as caldeiras tubulares desde **1828**, ha vinte e tres annos! O primeiro barco de vapor a que se não renunciou depois de experimentado foi construido em Nova-York, por Fulton, em **1807**. O primeiro barco de vapor inglez começou a servir em **1812**! O primeiro barco para a França foi comprado em Londres no anno de **1816**! Tendo partido de Londres a 9 de Março, aportou ao porto francez, a 28 do mesmo mez, depois de ter navegado dezenove dias; o tempo necessario hoje para atravessar duas vezes o Atlantico.

O *Baltico* acaba de fazer esta viagem em nove dias, treze horas e cincoenta minutos!

Todos sabem que a telegraphia electrica data apenas de alguns annos; pois saibão tambem que

os Americanos já estabelecêrão 15,000 milhas de conductor!

Todos estes inventos tão recentes, entrárão já nos habitos, tornárão-se tão indispensaveis como os utensilios mais vulgares e de ha mais tempo conhecidos; já não podemos passar sem elles.

Esta nossa grande época é tão notavel pelo genio de invenção como pela prompta execução e pela assimilação immediata. Não só as grandes descobertas se succedem com rapidez; mas, apenas feitas, propagão-se pelo globo, e entrão tão promptamente nos habitos, que nos julgamos de ha muito possuidores de todas ellas.

É bom, todavia, recordar de tempos a tempos as datas da sua creação, porque taes recordações são admiraveis prophecias; a serie de factos de que somos testemunhas prova que a humanidade progrede em accelerado movimento.

Passárão seculos antes que se vencesse a inercia do genero humano, que neste momento está quebrando os ultimos laços que o prendem ás velhas instituições.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA

O ESPIRITO humano não estaciona. O seu movimento immaterial communica-se facilmente ao mundo physico e desta immobilidade eterna nascem todos os caprichos da imaginação e da phantasia. O que é a moda? Poder ethereo que por toda a parte se introduz, que exerce uma autoridade absoluta em todos os paizes, que faz curvar com seu sceptro de ouro tanto as intelligencias mais elevadas, como os rostos mais formosos e as soberanias mais poderosas! O' moda! Como é grande o teu prestigio! Como é bello o papel que desempenhas no meio da sociedade, por que tu não symbolisas um pensamento ridiculo, como dizem os caturras e as mulheres feias, não, tu representas as artes, a industria, o progresso, e civilisação!

Se não fossem as modas, que cousa monotona seria viver neste mundo! Imaginem, por exemplo, um homem condemnado a usar uma casaca do mesmo *talhe*, desde a idade dos quinze annos (termo medio) até entrar na cova! Sahir da universidade com a mesma casaca; — receber o gráo de doutor com a mesma casaca; — cásar-se com a mesma casaca; — ter o primeiro filho, baptisa-lo, sempre com a mesma excommungada casaca! Que supplicio?! Vivão as modas e todos aquelles, que verdadeiramente se interessão na variedade, no gosto, no *chik*, no dandismo! Só assim se podem passar mais algumas horas alegres nesta peregrinação por uma parte do globo terraqueo, a que á falta d'outro nome, se chama vida!

O que seria a rua do Ouvidor se não houvessem modas? Está claro, que não existia. Nem Desmarais, nem Wallerstein, nem Pantaleão e Farias, nem a propria M^me^. Dubois passaria toda sua vida entre flôres a fazer flôres! Nada, toda esta gente se empregaria talvez na agricultura. Ora, meu deus! Deixar de vender fitas, setins, flôres, adornos, enfeites, para que? Quem sabe se para plantar batatas! É uma idéa horrivel!

Pondo de parte estas serias considerações, minhas amabilissimas leitoras, vou dizer-vos duas palavra a respeito dos lindos *toilettes*, que representa hoje a nossa gravura.

O *primeiro*, vestido de manhãa, serve para passeio, sobre tudo de campo. É sobre maneira elegante. Chapéo de palha lavrado, adornado de espigas e boninas. Vestido amazona de ganga da India, corpinho liso com abinhas golpeadas, saia com pouca roda guarnecida d'um gallão branco; botões de esmalte branco, ou de dentes de hippopotamo. O corpinho é aberto adiante em fórma de coração e deixa ver uma linda e finissima camisinha de baptista de pregas miudinhas e perpendiculares.

O *segundo*, é *toilette* para visita. Admitte muita variedade no feitio do vestido, porém o mantelette, *confection*, ou como lhe quizerem chamar, é que deve ser enfeitado com uma especie de dragonas, e guarnecido todo de rendas pretas, concorrendo deste modo para dar a esta vestimenta uma apparencia de andalusa.

CHARADA.

Assim negão Francezes
Se o negão duas vezes; 1
E o bebem mui contente; 1
Assim de sua gente
Seria eu hoje rei; 1

Porém a uma cidade
Meu nome dediquei.

S.

A significação da Charada do n.° 5 é: VALETUDINARIO.

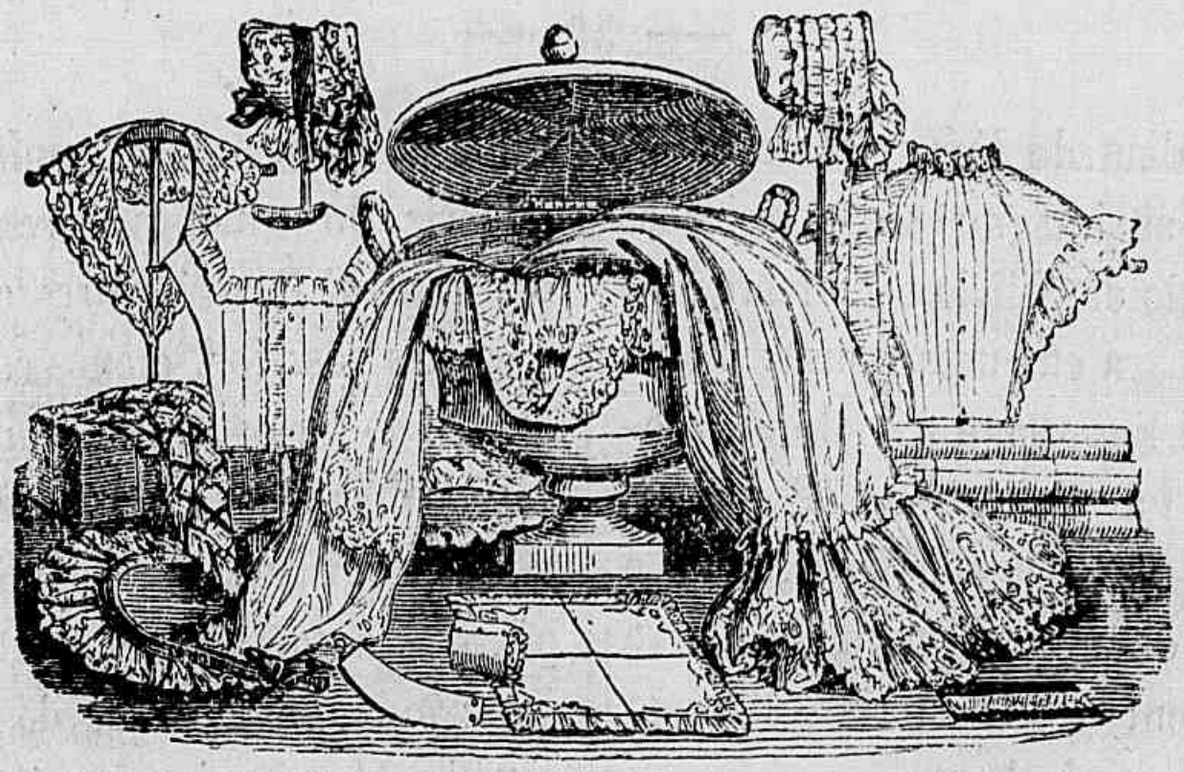
Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

bois Coudeux

1676

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

AVENTURAS DE UM ARTISTA

NA CALIFORNIA.

AINDA que o heróe da nossa historia não passasse de um simples e desconhecido artista, estamos certos que assim mesmo estas Aventuras não deixarião de ser lidas com interesse pelo publico; porém quando elle souber que se trata do celebre autor da *Violeta*, do *Sonho de Elisa*, da *Parisiense*, de *Vivi tu*, e de tantas outras composições que arrebatão a alma, e fazem os encantos dos amadores da musica tanto do antigo como do novo mundo, qual não deverá ser a admiração das nossas benevolas leitoras e leitores?... Henrique Herz é na verdade um grande artista. Poucos desconhecem as suas obras primas, poucos tem deixado de embriagar-se e sentir deliciosas commoções ao escutar as suaves e ternas melodias que o seu brilhante genio lhe tem inspirado. É por este motivo que julgamos proporcionar aos nossos assignantes uma leitura agradavel e summamente curiosa, narrando-lhes as aventuras deste illustre pianista, que é tão interessante conhecer nas peripecias da sua vida de peregrino, como suave admirar nas suas magnificas composições.

Acabava o famoso Henrique Herz de atravessar montado n'um macho, e com incriveis difficuldades, Sierra-Madre e as Cordilheiras. Verdade é que o presidente do Mexico, furioso *dilettante* e admirador apaixonado do grande pianista, tinha, por um bando que fez publicar, ordenado a todos os officiaes e agentes da republica que prestassem auxilio e protecção ao celebre viandante durante a sua longa e penosa peregrinação; porém esta recommendação official, em vez de proteger a Henrique Herz, o teria designado ainda melhor á amavel sollicitude dos selvagens, que se encontrão em bandos destacados por esses medonhos caminhos. Esta casta de gente é muito mais sensivel á boa comida do que á musica, e não teria sido impossivel que algum desses esfaimados, tendo ouvido fallar do artista de um modo tão vantajoso, tivesse vontade de provar delle, como de um petisco um tanto mais exquisito.

Felizmente não foi a monotonia deste trajecto perturbada por nenhuma apparição de animal de dous pés, sarapintado e coifado de plumas, e, á excepção do extremo cansaço e de algumas arranhadellas inevitaveis, chegou Henrique Herz são e salvo a Mazatlan.

Era pelos ultimos dias de Fevereiro de 1850. Nessa quadra tinhão as imaginações americanas tocado o mais alto gráo de delirio e de febre. Só se fallava, só se sonhava em uma cousa: *Ver o elephante!* o que em lingoagem trivial da America quer dizer: Ir á California! Por mais racionavel e pianista que seja o homem, nada é tão contagioso como o enthusiasmo de um povo inteiro. Não pôde Henrique Herz resistir longo tempo ao desejo de ver o elephante.

Ajustou passagem a bordo do *Pacifico*, vapor americano, que podia conter, quando muito, uns cem viajantes, assim mesmo com incommodo. Mas o capitão do *Pacifico*, firmado no adagio que diz que « quando ha que comer para tres, ha para doze, » tinha embarcado quinhentos e oitenta passageiros. Os Americanos não são de ceremonia: comtanto que se caminhe de pressa e que se chegue, nada mais pedem. Henrique Herz, comprimido pela multidão e sentindo-se rolar ao porão, soltava gritos de angustia.

—Estais um tanto apertado, Sr. Herz! disse-lhe o capitão.

—Ai! eu abafo! se me não tirão daqui, nunca verei o elephante!

O capitão, condoido destes queixumes, e querendo dar ao artista um signal particular de amizade, lhe permittio que partilhasse o seu camarote. Os Americanos sorrião-se deste melindre excessivo: abafar ou saltar n'uma viagem, é para elles apenas um pormenor.

Ao entrar no porto de São Francisco, Henrique Herz se achou largamente compensado de tudo o que havia soffrido. A perspectiva era admiravel! Uma floresta de mastros, milhares de navios, bandeiras de côres de todas as nações do mundo; uma agitação, um movimento, uma confusão de gritos, de idiomas, de ordens que se cruzavão, mercadorias que desembarcavão, estrebilhos alegres e juras horrorosas, tal era o espectaculo que impressionou o viajante. Dir-se-hia ser aquelle o porto de Marselha ou o de Liverpool, tamanha era a affluencia, tão prodigiosa a actividade e tão aturdidor o ruido!

Mas esta admiração de Henrique Herz logo á primeira vista foi diminuindo sensivelmente aos primeiros passos que deu na cidade. A maior parte das ruas erão intransitaveis. O que em São Francisco se chama uma calçada é um canal de lodo onde o caminhante se atola até aos quadris. Se ao menos houvessem ahi gondolas como em Veneza! É porém forçoso passar a váo esses lodaçaes. Os passeios, menos commodos que pittorescos, erão formados de pranchas, caixas e toneis vazios pregados em seguida um do outro com mais imaginação que symetria. Henrique Herz pôz-se sem demora em cata de uma locanda, o que não era cousa facil de achar. Nessa época as estalagens erão detestaveis e os alugueis de um preço exorbitante. Depois de ter corrido muito, achou emfim um honrado homem que lhe offereceu hospeda-lo mediante seis dollars (30 francos) por dia, no unico aposento que lhe restava. Este aposento se compunha de um quarto só, porém tão acanhado, que era o artista forçado a abrir a janella para vestir sua casaca.

—Não importa, pensou elle com secreta satisfação; sou evidentemente o primeiro pianista que haja penetrado nestas regiões longinquas. Será curioso ensaiar o poder da musica sobre os habitantes desta cidade semi-selvagem e que sabe apenas do cháos. Elles são capazes de lançar-se de joelhos diante de um piano, como os Americanos de Colombo á vista do primeiro eclipse.

Estava embalando-se com essa idéa lisongeira, quando lhe batêrão á porta.

—*Não* entreis, disse elle.

Era um joven louro. Seu semblante meigo e candido, seus compridos cabellos e um accento germanico dos mais pronunciados revelavão claramente a sua patria.

—É ao celebre Henrique Herz que tenho a honra de fallar? perguntou o visitador.

—Senhor, respondeu o pianista inclinando-se, se quereis dar-me a honra de entrar no meu aposento, permitti-me que então eu delle sáia, pois não caberemos ambos nelle.

—Eu vinha precisamente, Senhor, para vos convidar a deixardes este alojamento. Confesso que são mui bellos os trastes que o guarnecem, e que a casa é de magnifica apparencia; mas cumpre desconfiar das casas em São Francisco. Edifica-se com muita presteza; economisa-se sobre os alicerces, e, não sendo o solo bem firme, não é raro que aquelle que dorme nas aguas furtadas acorde na adega.

— Agradeço-vos as informações que tendes a bondade de dar-me, Senhor; mas poderieis acaso

indicar-me uma casa bem assentada e que não esteja sujeita a essa especie de vertigens?

—Eu vinha rogar-vos, Senhor, que me fizesseis a honra de vir morar em minha casa.

—Ah! o senhor é dono de estalagem?

—Não, Senhor, sou pianista.

—Pianista! exclamou Henrique Herz recuando um passo, e teria cahido de costas, se o quarto houvesse sido maior.

—Estais lembrado desse Inglez que julgava ser o primeiro que tinha subido á mais alta montanha do globo, e que, ao metter a mão n'uma fenda de rochedo, ahi achou o bilhete de visita de um de seus compatriotas?... Pois tal foi o assombro de Henrique Herz á vista deste collega a quem encontrava na California.

—E estais aqui ha muito tempo? perguntou com viva curiosidade.

—Oh! meu Deos, não; ha um anno sómente. Quando cheguei, havião apenas umas dez ou doze cabanas, e aqui achei um Italiano que já dava lições e concertos; porém um dia, tendo-se travado de rixa com um de seus discipulos de genio um tanto ardente, ficou desancado. Eu herdei o seu piano e a sua clientela. Os negocios não vão mal. Tenho feito algumas economias, comprei uma casa, e seria o homem mais afortunado do mundo, se o celebre Henrique Herz quizesse aceitar no meu alvergue uma modesta hospitalidade.

Como responder com uma repulsa a convite tão cordial?... Henrique Herz aceitou. Nessa mesma tarde achava-se elle installado no mais bello aposento da casa, e dormia n'um canapé quasi novo; mas teve ruins sonhos, e no dia seguinte, assim que o seu hospede lhe veio dar os bons dias, disse-lhe:

—Meu caro collega, ides tomar-me por um extravagante e um indiscreto; porém o que hontem me contastes ácerca das casas de que cumpre desconfiar não cessou de se me revolver na cabeça, e levei toda a noite a sonhar nisso. Eu vos seria pois muitissimo grato se me quizesseis mudar este canapé e hospedar-me em outra parte da casa. Creio que lá me acharia mais socegado.

—Fazei como entènderdes, meu caro mestre, respondeu sorrindo o joven louro; mas asseverovos que a casa é das mais solidas e das mais bem construidas de toda a cidade, e posso dizer com certo orgulho: *Amphion Thebas, ego domum.*

— Não importa, replicou Henrique Herz, ajudai-me a mudar este canapé para outro quarto.

Elles tinhão apenas transportado o movel, quando subito desaba com horrivel fracasso o lado da casa onde Herz dormira. O joven pianista estava na maior desesperação. Henrique Herz, escapo por milagre a uma morte certa, procurava consolar o seu collega e lhe offerecia o seu amparo.

—Eia, meu amigo, nada está perdido emquanto nos resta um piano...

— E é justamente o que causa a minha dôr, respondeu suspirando o joven louro. Eu tinha um lindo piano de cinco oitavas: verdade é que as duas ultimas não davão som algum; mas emfim eu sabia haver-me com o meu pobre instrumento; e ei-lo agora sepultado sob ruinas.

— Não vos afflijais, caro hospede; eu me fiz preceder por dous dos meus mais bellos pianos, que estão, Deos louvado, em estado satisfactorio. O essencial é fazê-los transportar ao theatro. Darei amanhãa um concerto, cujo producto, se o permittis, servirá para se reedificarem essas duas paredes que tão desabridamente nos deixárão em branco.

(Continúa.)

O PRIMEIRO HOMEM

CONTA AS SUAS PRIMEIRAS SENSAÇÕES.

Eu me lembro desse instante em que, cheio de alegria e de estranheza, pela primeira vez senti a minha singular existencia: eu não sabia o que era, onde estava nem donde tinha vindo.

Abri os olhos: que sensação! A luz, a abobada celeste, o verde das plantas, o crystalino das aguas, tudo chamava a minha attenção e me animava, causando-me um sentimento de prazer inexplicavel. Julguei primeiramente que todos estes objectos existião em mim e fazião parte de mim mesmo.

Estava eu firme neste pensamento nascente, quando fixei a vista no astro da luz; porém, ferindo-me os olhos o seu resplendor, involuntariamente os fechei e senti uma leve dôr. Neste momento de escuridade, julguei haver perdido todo o meu ser.

Afflicto e possuido de espanto, pensava nesta grande mudança, quando comecei a ouvir sons: o gorgeio dos passaros e o susurro do vento formavão um concerto cuja doce impressão me penetrou no centro da alma; escutei muito tempo, persuadindo-me que eu mesmo formava esta harmonia.

Attento, e inteiramente occupado deste novo genero de existencia, já me tinha esquecido da luz, essa outra parte do meu ser que primeiro havia conhecido, quando tornei a abrir os olhos.

Que alegria tive por me tornar a achar na posse de tantos de objectos brilhantes! O meu prazer excedeu quanto da primeira vez tinha experimentado, e suspendeu por algum tempo o agradavel effeito dos sons.

Fixando a vista sobre mil objectos diversos, conheci que facilmente podia perdê-los e torna-los a achar, tendo o poder de anniquilar e reproduzir, á minha vontade, essa preciosa parte de mim mesmo; e posto que me parecesse immensa, tanto pela quantidade dos accidentes da luz, como pela variedade das côres, não obstante ainda quiz persuadir-me que tudo se continha em uma porção de mim mesmo.

Agitado por estas sensações, incitado pelos prazeres de uma tão agradavel e tão grande existencia, me levantei de repente, sentindo-me animado por uma força desconhecida. Apenas dei um passo: a novidade da minha situação me tornà immovel, e extremamente me sorprendeu: julguei que a minha existencia fugia: o movimento que tinha feito, confundio todos os objectos, a ponto de imaginar que tudo se tinha desordenado.

Levei a mão á cabeça, apalpei a testa e os olhos e o resto do corpo: pareceu-me então que a mão era o principal orgão da minha existencia. O que sentia nesta parte do corpo era tão distincto e completo em comparação do prazer que a luz e os sons me havião causado, que dei todo o apreço a esta parte solida da minha existencia, sentindo então que as minhas idéas tocavão á realidade.

Quando apalpava alguma parte do corpo, parecia-me resultar uma reciproca intima sensação, produzindo na minha alma uma duplicada idéa.

Não levei muito tempo a conhecer que a faculdade de sentir existia em todas as partes do meu ser, e que tinha limite a minha existencia, que ao principio me parecêra immensa em extensão.

Lançando a vista sobre o meu corpo, julguei-o de um volume enorme, e tão grande, que todos os objectos que tinha visto me parecião, em comparação, pequenos pontos luminosos.

Muito tempo examinei o meu corpo, e com satisfação o executava, observando os seus movimentos com a vista e com o tacto, e sobre tudo isto me occorrêrão idéas as mais singulares: julgava que o movimento da minha mão era uma especie de existencia fugitiva, uma successão de cousas semelhantes; approximei-a aos olhos, e então me pareceu maior que todo o meu corpo, pois que fez desapparecer da minha vista um numero infinito de objectos.

Nestas circumstancias, comecei a desconfiar que me illudia na sensação que me resultava da vista. Tinha observado distinctamente que a minha mão era uma pequena parte do corpo, e por isso não podia comprehender como ella se tinha augmentado a um ponto tal. Resolvi então a confiar sómente no tacto, que ainda não me tinha enganado, e acautelar-me de todas as outras maneiras de sentir.

Muito util me foi esta precaução: continuei a andar, marchando com a cabeça levantada, topei levemente com uma palmeira, e ficando assustado, lancei as mãos a este corpo estranho; como tal o considerei, por não ter sido correspondido em sentimento. Retrocedi com uma especie de horror, e fiquei então conhecendo, pela primeira vez, que alguma cousa existia além de mim.

Mais agitado por esta nova descoberta que por todas as outras, a custo, me capacitei; e depois de ter meditado sobre este acontecimento, conclui que devia julgar dos objectos exteriores como tinha julgado das partes do meu corpo, e que sufficiente seria tocar-lhes para me convencer da sua existencia.

Desde então tratei de apalpar tudo quanto via: quiz tocar no sol; estendi os braços para abraçar o horizonte; porém tudo se reduzia ao vacuo do firmamento.

Cada experiencia que eu fazia era para mim uma nova sorpresa; pois todos os objectos parecião estar igualmente perto de mim; e só depois de uma infinidade de experiencias é que aprendi a servir-me dos olhos para guiar a mão; e como ella me apresentava idéas totalmente differentes das que recebia pelo sentido da vista, as minhas sensações não se combinavão, os meus juizos erão

totalmente imperfeitos, e o total do meu ser não era para mim senão uma existencia em confusão.

Profundamente occupado de mim, do que era, do que podia ser, e das contrariedades que acabava de experimentar, fiquei completamente abatido. Quanto mais reflexionava, mais duvidas se me apresentavão. Enfastiado de tantas incertezas, fatigado dos movimentos da minha alma, ajoelhei, e nesta posição achei algum descanso, de que resultárão novas forças aos meus sentidos.

Assentei-me depois á sombra de uma formosa arvore, cujos fructos, de côr rubicunda, pendendo em fórma de cacho ao alcance da mão, me incitárão a toca-los levemente, pelo que se separárão dos ramos, como os figos quando estão maduros.

Apanhei um destes fructos, com o que julgava ter conseguido grande cousa pela faculdade gloriosa de fechar em minha mão um outro ser completo. O seu peso, posto que pouco sensivel, pareceu-me uma resistencia animada, que eu estimava vencer. Approximei este fructo aos olhos, para examinar a sua fórma e côr: nesta occasião o aroma delicioso que evaporava fez com que o chegasse mais, e então ficou elle perto dos meus labios. Gozei, por uma aspiração extensa, do prazer do seu aroma, e estava cheio deste ar embalsamado, que me persuadi ser mais fino e mais delicado que o primeiro; finalmente provei. Que sabor! Que novidade de sensação! Até aquì só tinha tido prazeres; depois o gosto me deu o sentimento do deleite.

A convicção do gozo fez nascer a idéa da posse, e então julguei que a substancia deste fructo era minha, e que por conseguinte podia eu transformar os seres.

Illudido por esta idéa de poder, incitado pelo prazer que havia experimentado, colhi segundo e terceiro fructo, não dando descanso á mão, para satisfazer o paladar; porém uma languidez agradavel, apossando-se pouco a pouco de todos os meus sentidos, tornou pesados os meus membros e suspendeu toda a actividade da minha alma.

Julguei da minha inacção pela frouxidão dos meus pensamentos; minhas sensações embotadas englobavão todos os objectos, e só me apresentavão imagens fracas e imperfeitas. Neste momento meus olhos, tornando-se inuteis, fechárão-se, e a minha cabeça, não sendo sostida pela força dos musculos, pendeu para achar apoio na relva. Tudo desappareceu. O seguimento dos meus pensamentos interrompeo-se, e assim perdi o sentimento da minha existencia. O somno foi profundo; mas não sei se foi de longa duração, por não saber eu ainda calcular o tempo. O meu acordar foi um segundo nascimento, e então conheci que tinha deixado de existir. Este abatimento, que acabava de experimentar, me deu alguma idéa do temor, e me fez conhecer que não podia existir sempre, chegando até a receiar que o somno me houvesse privado de alguma parte do meu ser. Para disto me capacitar, puz em acção os meus sentidos e tratei de reconhecer-me.

Neste instante o astro do dia, no fim da sua carreira, encobrio a sua luz. Apenas pude conhecer que tinha perdido o sentido da vista. Muito tinha eu existido para temer o prompto fim da existencia; e foi em vão que a escuridade em que me achei, me suggerio a idéa do meu primeiro somno.

BUFFON.



POESIAS.

A SERRANA.

(N'UM BAILE DE MASCARAS.)

Serrana gentil, como airosa sobraças
A tua mantilha de seda e velludo!
Quem és que dest'arte possues tantas graças?
Quem és?... o teu nome?... declara-me tudo.

Serrana gentil, não me faças soffrer;
D'amar-te e seguir-te quem ha que me véde?
Eu amo-te, adoro-te sem te conhecer,
Que a mascara o rosto de ver-te m'impede.

Debalde t'escondes o lindo semblante;
Descubro, sem ver-te, que és muito formosa;
Debalde t'escondes, que a vista d'amante
Penetra o tecido da masc'ra dolosa.

Um som de teus labios, tão meigo e sonoro,
Já fez na minh'alma profunda impressão;
Tens d'anjo o fallar, é um anjo que imploro:
— Descobre o teu rosto, celeste visão!

Concede-me um languido olhar de ternura,
Que em laços fagueiros as almas enleia;
Um meigo sorriso d'amor e candura,
Que a magoa desfaça que o peito m'anceia...

Dizer-me não queres nem mesmo o teu nome?
Recusas-me tudo, serrana insensivel?
A dôr que meu peito tyranna consome,
Contemplas sem pena, sem dó impassivel?

Esperas, com isto de mim evadir-te?
Esperas occulta, tornar-te esquecida?
Esperas debalde—que eu hei de seguir-te,
Ou queiras ou não, ou na morte ou na vida!....

Serrana gentil, como airosa sobraças
A tua mantilha de seda e velludo!
Quem és que dest'arte possues tantas graças?
Quem és?... o teu nome?... saber hei de tudo...

E. A. Colaço Mimoso.

MELANCOLIA.

Se outr'ora minh'alma pura
Grato socego gozou,
Se outr'ora d'aurea ventura
Mil momentos alcançou;

Hoje é triste a minha vida
Sem esperança e prazer;
Vida já tão aborrida
Que só vivo p'ra soffrer!

Ah! soffro continuamente
Afflicções, penas e dôr,
Meu peito perennemente
'Stá cheio de dissabor.

De tristeza repassado
Trago sempre o coração,
Sou de todo desgraçado
Vivo sem consolação.

Até de chorar cansado,
O pranto se me estancou
Como o regato no prado
Que no verão se seccou.

Ah! muda, tyranna sorte,
Minha triste condição!
Tu não vês que trago a morte
No imo do coração?

Mas lá me acena a ventura
Triste socego p'ra mim,
No fundo da sepultura
Em que os males sempre hão fim.

J. Norberto.

ANECDOTAS.

QUANDO SE DEVE CASAR.

Annunciavão a Benserade a morte de uma viuva rica, velha e muito ridicula. « Foi enterrada hontem, accrescentou o narrador. — É pena, disse Benserade; ante-hontem teria sido um optimo casamento. »

Indo um homem embriagado passando perto de uma casa incendiada, e vendo a dona a chorar, chegou-se a ella e perguntou com mostras do mais vivo interesse: « Esta casa é vossa? — Ai de mim! é, respondeu ella. — Neste caso, minha boa senhora, permitti que eu tire um pouco de fogo para accender o meu charuto. »

Um pintor de mediocre talento applicou-se á medicina; e como se lhe perguntasse a razão, respondeu: « É porque na pintura todos os erros estão expostos ao publico; mas na medicina são enterrados com o doente, e ninguem os conhece. »

CHRONICA DA QUINZENA.

Este anno, e ninguem me tira isto da cabeça, nasceu debaixo de auspicios desastrosos. E se alguem duvidar desta verdade, consulte o general Rosas a este respeito, se o encontrar, o que eu duvido muito.

Terminado apenas o primeiro mez da sua existencia, já são em tão grande numero os seus desastres, que darião assumpto para uma larga dissertação ácerca da fatalidade que anda annexa aos annos bissextos. Além das quédas e cambalhotas de muitos homens

politicos, serias desgraças temos infelizmente que lamentar. Não podemos deixar de citar no numero destas a desastrosa catastrophe que causou o incendio do grande vapor *Amazonas*, onde perecêrão 140 pessoas! As vagas servirão-lhe de mortalha e os abysmos do oceano de tumulo!

Como é precaria a vida humana no meio dos perigos que por toda a parte a cercão! Quem diria a esses desventurados que o primeiro dia talvez das suas esperanças seria o derradeiro tambem de sua existencia!... Mas os designios da Providencia são insondaveis, e não é dado ao pensamento dos homens comprehender os segredos de seus mais temerosos mysterios!

Silencio e paz aos mortos.

Até o paquete da Europa trouxe desta vez uma viagem mais longa do que costuma. A sua demora causava já grande desassocego nos habitantes da capital, quando finalmente na madrugada do dia 10 entrou a barra, trazendo a consolação a muitas familias, e o contentamento a todos. Póde dizer-se que hoje a entrada do paquete no Rio de Janeiro é um verdadeiro acontecimento para a sua população.

Estes dias ultimos tem sido abundantes em variados generos de divertimentos. Felizmente não tem faltado.

Herr Alexander é a personagem que tem mais pronunciadamente attrahido a attenção publica. Verdade é que o famoso magico allemão merece toda a nossa admiração pela delicadeza, facilidade, e até pelo profundo conhecimento da arte da nigromancia, que parece possuir em tão subido gráo. Algumas de suas habilidades são feitas, sem duvida, d'uma maneira pasmosa, que elle sabe fazer realçar pelas maneiras attenciosas e de uma fina educação, que transluz em todas as suas acções. Não é facil encontrar nestes *homens de habilidades*, como lhes chama o povo, modos tão distinctos e tão cavalheiros.

Esperamos que continue fazendo *furor*, e interessando-nos como até agora n'uma curiosidade ascendente até.... até que passe a moda.

Lêmos n'um jornal portuguez um bem escripto artigo, em que o Sr. D. Carlos Guido, G. Dias e Zaluar forão promovidos a uma trindade poetica pelo Sr. Mendes Leal!

Estes tres moços, já bastante conhecidos no nosso paiz, achárão tambem quem sympathisasse com elles a duas mil leguas de distancia! A communicação mysteriosa das almas forma-se mais rapidamente, leva menos tempo a gravar-se no coração do que os calculos materiaes da vida, e as prosaicas exigencias da sociedade.

A mania dos suicidios não tem infelizmente diminuido entre nós. Alguns desgraçados tem lançado mão deste recurso para livrarem-se de uma vida de crimes ou de erros, como se tivessem a certeza de que o remorso os não perseguiria além da campa! Malaventurados! A justiça de Deos será talvez mais inflexivel que a dos homens. E era o caso de perguntar aqui como A. Herculano: « Haverá paz no tumulo? Deos o sabe. Para os que ahi repousão sei eu que é na terra o esquecimento. »

Já que fallei em A. Herculano não quero deixar de recommendar ás minhas estimadissimas leitoras o 2.° volume das *Lendas e Narrativas*, que o illustre autor do *Eurico* acaba de publicar em Lisboa, e de que ha já alguns exemplares no Rio de Janeiro. É um livro precioso este. Como tudo quanto é filho do estudo daquelle vasto talento, este livro é mais um monumento glorioso para a litteratura portugueza.

Pelo mesmo tempo o Sr. Visconde de Almeida Garrett publicou outros dous volumes do seu *Romanceiro*. O cantor da *Adozinda* acaba de prestar um grande serviço ás letras patrias. Estas flôres singellas de poesia popular, que tem sido conservadas apenas, atravez de tantos seculos, na tradição do povo, forão afinal enfeixadas e matisadas pelas mãos de um grande poeta. Assim mesmo a obra do Sr. Garrett é mais um livro de profundo estudo que de recreio. Não resistimos porém a transcrever aqui uma das mais bonitas e espirituosas composições do 3.° volume do *Romanceiro:*

O CORDÃO DE OURO.

Lá se vai o capitão
C'os seus soldados á guerra:
Duzentos erão quintados
Erão duzentos de leva.
Se todos elles vão tristes,
Um mais que todos o era;
Baixa traz a sua espada,
Seus olhos postos em terra.
Lá no meio do caminho
O capitão lhe dissera:
— « Porque vais triste soldado,
Essa paixão por quem era? »
— « Não é por pai nem por mãi,
Nem por irmãa que eu tivera,
É pela esposa que deixo
Lá tão só na minha terra.
Este cordão d'ouro fino,
Que sete arrateis bem pesa,
Mais me pesa a mim leva-lo,
Que ao partir lh'o não dera! »
— « Soldado, tens sete dias
Para que voltes a vê-la.
Se a encontrares chorando,
Ficas sete annos com ella:
Senão, nem mais uma hora
Terás d'aguardo ou de espera!
Quem saltava de contente
O meu soldadito era.

Deixou estrada direita,
Por atalhos se mettêra;
Inda não é meia noite,
Á sua porta batêra.

— « Quem bate á minha porta,
Quem bate com tanta pressa? »
— « É um soldado, senhora,
Que vos traz novas da guerra!
Mal haja a nova que traz,
E mais quem veio trazê-la!
Ergue-te tu, minha vida,
Assoma-te a essa janella;
Despede-me esse soldado
Que a tão má hora aqui chega!
— « Amigo, vindes errado
Co'as vossas novas da guerra:
Deixai-nos dormir em paz,
Que bem precisamos della. »

Foi-se d'ali o soldado
Mais prompto do que viera:
— « Bem haja meu capitão
Pelo bem que me fizera!
Com sete dias de aguardo...
Nem sete horas carecêra
Para me quitar saudades,
Livrar-me de toda a pena!
Tomai lá meu capitão
Os mimos de minha terra:
Este cordão de ouro fino,
Que agora inda mais me pésa.
Minha mulher não precisa,
Que os primos podem mantê-la. »
— « Pois tua mulher tem primos,
E tu vinhas com dó della?.. »

Vejão, que credito os primos já gosavão neste tempo!

D. Sallustio.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

A's justas reclamações de alguns de nossos assignantes acudimos nós hoje com estes lindos figurinos. Queixão se pois alguns de nossos dilettanti que lhes ministremos tão poucos modelos para o seu apurado gosto. Tenhão paciencia, não se vai a Roma n'um dia. Se bem que a moda se tem tornado n'uma roda viva, n'um motu-continuo, é preciso comtudo darlhe o tempo ao menos de fazer *furor*, isto é, o seu periodo de gloria, porque depois acabou-se tudo. É verdade, agora a respeito de motu-continuo, deixai-me dizer que foi ultimamente descoberto por um amigo meu. Um dia, eu entrando em sua casa, diz-me elle: « Grande novidade! grande novidade! — Que foi? lhe pergunto admirado. — Fiz uma das descobertas mais importantes para a sciencia; adivinhei finalmente esse grande segredo, que por assim dizer era a pedra philosophal do nosso seculo, a sua panacéa universal, me respondeu: nada existe que a razão humana não possa profundar! — Explica-me esse mysterio, lhe tornei a perguntar cada vez mais sorprendido, então que descoberta foi? — Que descoberta foi? me tornou elle sorrindo maliciosamente; pois ainda não sabe! Foi o motu-continuo! — O motu-continuo! lhe repliquei ancioso; mas de que maneira o descobrio? — Eu lhe digo, continuou elle dando uma grande gargalhada, descobri-o montando a cavallo por um lado e cahindo pelo outro, por desgraça minha! » Não pude suster o riso, e achei espirito a esta descoberta, que deve ser de grande utilidade para a mecanica.... das pernas.

Agora vamos á gravura. Tres figurinos representa ella, todos elles moços guapos, tafues, elegantes, de bom gosto, e quem sabe se dos descobridores do motu-continuo? Não sei, mas o certo é que vou com toda a minuciosidade historica fazer a descripção do seu modo devestir.

O *primeiro* á esquerda do leitor representa um toilette de manhãa; casaca-fraque azul, com botões amarellos ou galvanisados, collete de valencias, calça escosseza, de fazenda leve.

O *segundo*, no centro da gravura, offerece uma casaca, no genero francez, muito propria para montar a cavallo ou fazer passeios a pé. Calça e chapéo de castor branco. Lenço no pescoço de côr e collete fresco e proprio da estação.

O *terceiro* representa um traje muito novo e composto, e participando de muitos modelos; paletot á *prussiana*, gola curta e abas feitas de um só pedaço, sem ornatos nas mangas, mas com cinco ou seis ordens de picados. Calça um pouco mais larga e chapéo preto. Este figurino serve para passeio de tarde, e póde usar de sapatos de verniz e meias de seda de côres.

CHARADA.

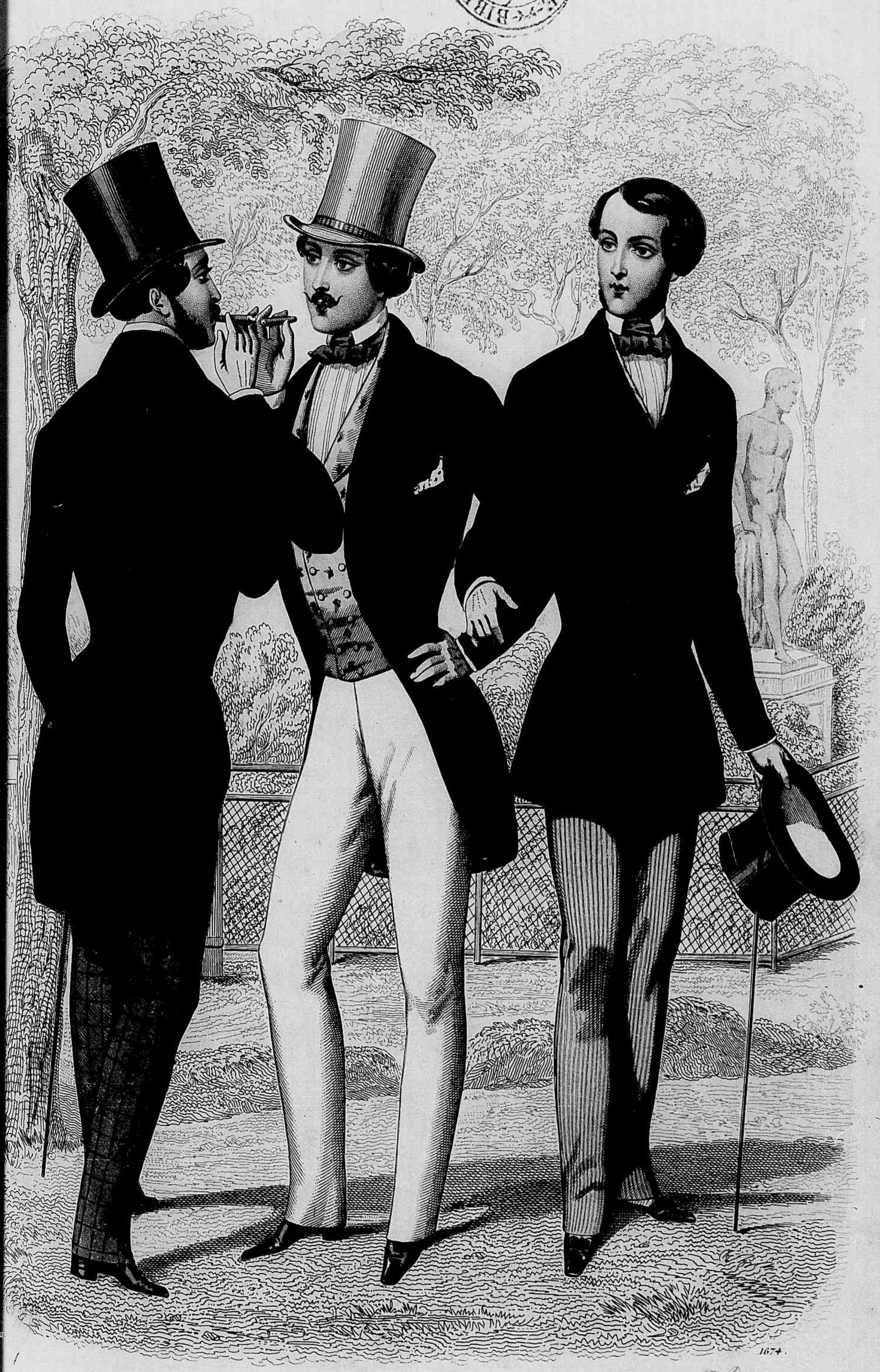
Se a descalcei ahi — 2
Foi para não queimar-me
No vivo que lá vi; — 2
Se bem que agua bastante
Na praia descobri.

S.

A significação da Charada do n.° 6 é: Nictheroy.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

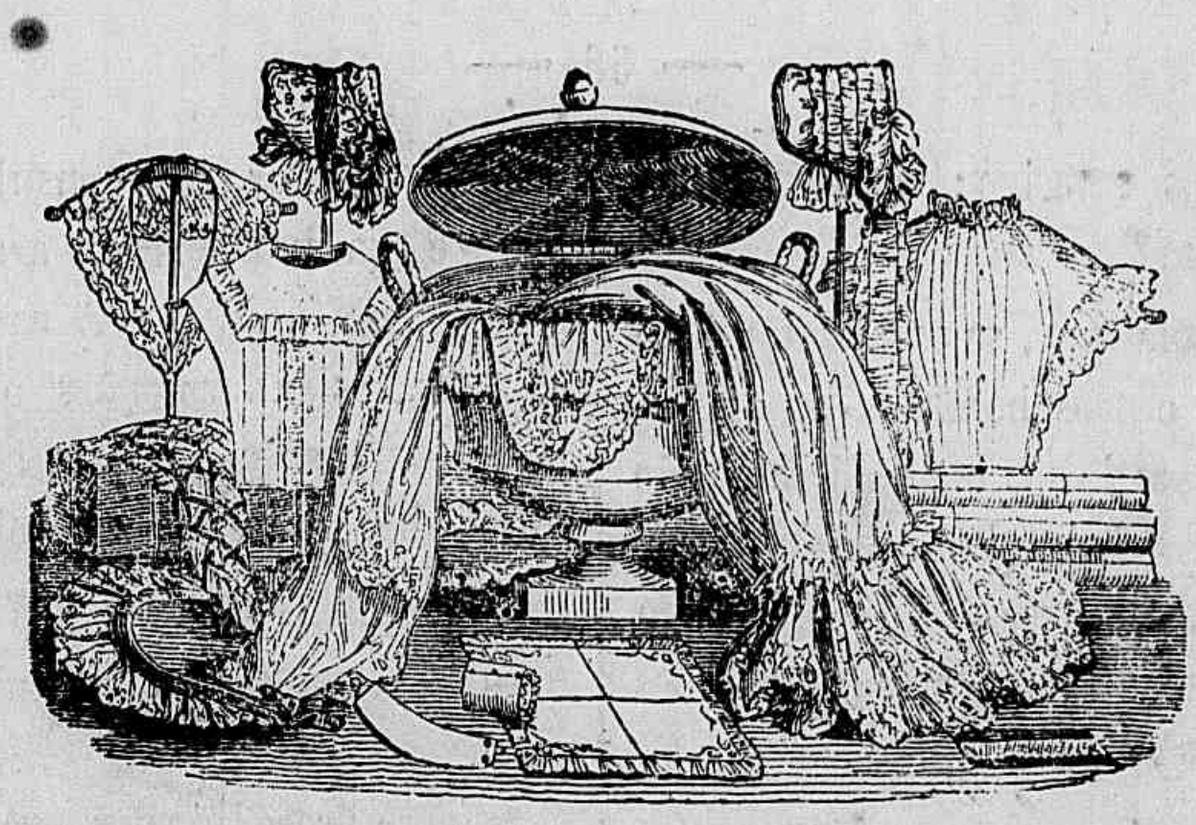
BIBL. NAC.ª PUBL. DA CORUÑA



1674.

52
7

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

GHIRALDINA.

No cortejo de heróes que rodêa Napoleão, não ha gloria mais pura, nome mais amado, do que a gloria e o nome de Eugenio de Beauharnais. E não se diga que é isso uma consequencia da aura que gozava sua mãi, tão bem denominada o *bom* genio do Imperador: independentemente do reflexo materno, Eugenio soube por si mesmo se fazer querer bem e admirar. Duas grandes nações, os Francezes e os Italianos, rivalisárão a seu respeito de dedicação e de enthusiasmo. Tanto em Paris como em Milão, basta ainda hoje que se pronuncie o seu nome para que este nome evoque vivas sympathias. Nos nossos tempos de fermentações e de delirios sociaes, em que a popularidade se gasta tão depressa como a admiração, em que cada vespera é devorada pelo dia seguinte, em que o idolo incensado está prestes a ser derribado, é bello ver todos os partidos, todas as opiniões se reunirem sobre um tumulo para sobre elle depositarem juntamente o tributo de suas saudades e de suas homenagens.

Assim tinha Napoleão julgado aquelle que tão digno era da sua adopção! tinha fé na sua coragem quanto na sua dedicação. Quando um espirito de vertigem que ataviárão com o nome especioso de *razão de Estado* lhe suggerio a idéa de repudiar Josephina, foi a Eugenio que elle encarregou de preparar sua mãi a este duro golpe. Mais tarde, depois de consummado o sacrificio, depois de se ter uma archiduqueza d'Austria sentado no throno e de ter vindo o rei de Roma collocar-se entre Eugenio e Napoleão, não se desmentio a virtude do principe. Esta virtude era tão natural nelle, emanava tão bem do coracão, que nas horas secretas da sua vida, nunca lhe sahio da bocca um queixume: ter-se-hia dito que elle fizera este sacrificio por instincto, como outros o executão por dever. Na época porém em que a joven e bella Ghiraldina reinava sobre o coração de Eugenio, os olhos mais exercitados não terião podido ler no porvir estas provas crueis.

Tinha decorrido um anno desde o dia em que Napolcão fizera do seu filho adoptivo o vice-rei da Italia. Milão offerecia então o aspecto e a animação de uma grande capital, ditosa de se ver governada por um principe que reunia todos os generos de superioridade. Tal era Eugenio aos vinte e cinco annos; e para o amar com paixão, Ghiraldina não tinha feito mais que ceder á sua natureza italiana. A seus olhos, o homem tinha feito desapparecer o general, o vice-rei, o filho adoptivo do mais poderoso Imperador. Com boa fé e candura tinha

ella dito muitas vezes comsigo: « Porque não viria eu a ser tua esposa?... »

Pobre moça! esquecia que, se os principes tem um coração como os outros homens, as conveniencias politicas dispoem de sua mão. Já Napoleão havia escolhido a companheira de Eugenio n'uma velha raça real; porém elle não se dava pressa em obedecer, porque alimentava as mesmas illusões que Ghiraldina.

Além das relações officiaes que existião entre Paris e Milão, havia mysteriosas correspondencias entretidas por essa policia imperial que abrangia soberanos e subditos nas malhas de sua immensa rêde. Não tardou o Imperador a conhecer o motivo das delongas do principe Eugenio. Que fazer? Quebrar pela força um laço de amor? Corta-lo com um golpe de Estado? Era um meio odioso. Napoleão recorreu a uma astucia de comedia, e esperou tranquillamente pelo desfecho.

Um chefe de batalhão cujo corpo se achava de guarnição na Corsega recebeu uma missão secreta para Milão. Era um dos mais bellos homens do exercito, e que a todos os dons da natureza reunia as vantagens do nascimento e do engenho. Tinha residido muito tempo na Italia, cuja lingua e costumes conhecia perfeitamente. Desde a sua chegada a Milão, annunciou-se como uma victima do Imperador. Eugenio, que se achava em velleidade de opposição, recebeu perfeitamente o official, cuja posição offerecia alguma analogia com a sua, e lhe prometteu sua mediação junto do senhor; no entretanto, ligou-o á sua casa militar.

Era justamente o que desejava o bello commandante: o lobo achava-se introduzido no redil. Tudo foi empregado junto de Ghiraldina, que a principio galhofou destas homenagens; mas foi pouco a pouco acostumando-se a ellas. O commandante cresceu em desvelos e attenções. Fez-lhe comprehender que cedo ou tarde ella seria sacrificada ás ordens do Imperador; exaltou-lhe o encanto de uma união baseada sobre a igualdade das condições, e conseguio emfim commover-lhe o coração. Ella annuio pois a um rapto, cujos preparativos se effectuárão no maior mysterio.

Uma manhãa vierão avisar o vice-rei que a signora Ghiraldina tinha partido com o commandante, e que os fugitivos se tinhão dirigido para Napoles. O principe não quiz logo dar credito a esta dupla traição; porém a evidencia fallava alto em demasia, e mister foi crer. Não consultando então senão seu amor e sua indignação, arroja-se elle mesmo no encalço dos fugitivos. A cada muda que fazia de cavallos, as informações o confirmavão na sua idéa: uma sege de posta acabava de partir com uma joven italiana e um official francez.

« São elles! » exclamava o principe, e lançava ouro aos postilhões; os cavallos devoravão o espaço.

Sempre precedido por essa sege de posta que lhe não é possivel apanhar, Eugenio chegou a Napoles, e a avistou emfim no voltar de uma rua: seu coração adivinhou melhor do que o seu olhar.

Um instante depois da entrada da sege no patio de um hotel, o principe se precipitava nella, suspendia o váo que lhe encobria as feições da infiel, e recuava attonito.... Não era nem Ghiraldina nem o commandante.

A joven dama, alinhando o seu penteado, perguntou ao viajante que assim a abordava de uma maneira tão desembaraçada:

— Não sois acaso o vice-rei da Italia?

E antes de ter o principe respondido, apresentava-lhe uma carta. Eugenio rasgou machinalmente a obrêa, lançou um olhar á assignatura; era a do commandante, por baixo das linhas seguintes:

« Senhor.

« Eu conto com o perdão de Vossa Alteza; procedi nos seus interesses: esclarecendo-o ácerca da fidelidade de uma mulher indigna do seu amor, eu restituo o filho adoptivo do Imperador á augusta princeza que lhe está destinada. »

Este desapontamento, junto á fadiga da viagem, bastárão para chamarem o principe ao sentimento da sua dignidade. O caso é que, depois de algumas horas de somno, elle voltou para Milão; e passados dous mezes, era o ditoso esposo da princeza Amelia, filha do rei de Baviera.

No emtanto tinhão-se o commandante e sua conquista escondido nos arredores de Milão para se furtarem ás primeiras diligencias: era uma criada grave de Ghiraldina que tinha representado o papel de sua ama na sege de posta dirigida para Napoles. No fundo do seu retiro, não tardárão os dous amantes a saber que o principe lhes perdoava: então se encaminhárão para Florença, onde se annunciárão como esposos; mas estava no destino de Ghiraldina não poder estreitar laços legitimos.

Em uma bella noite de Carnaval, o commandante partio para o exercito, deixando a sua Ariana no meio de um baile. Ahi soube Ghiraldina, de um mascarado que a enredava, a revelação da sua desgraça. Julgou a principio ser um gracejo; effectivamente, ella reconhecia na extremidade da sala o traje daquelle que a trouxera; mas era um amigo do commandante que se encarregára de continuar a illusão até ao fim da festa.

A realidade achou Ghiraldina resignada ao desamparo: ella ajuntou com cuidado as joias que obtivera da generosidade de Eugenio, e se retirou para Liorne, onde abrio um armazem de modas para não bolir no que considerava como um deposito sagrado nas suas mãos; e quando chegárão os dias de luto para o vice-rei da Italia, disputando palmo a palmo o paiz que lhe fôra confiado, este recebeu de uma pessoa que se não deu a conhecer uma somma consideravel para ajudar os misteres do seu exercito. Era Ghiraldina que lhe restituia as dadivas que delle recebêra.

No dia seguinte ao de um combate, andando Eugenio visitando o hospital ambulante, distinguio, entre os soldados feridos mortalmente, um joven caçador que tinha combatido com heroica coragem. Ao aspecto inesperado do principe, o ferido, apezar do seu estado de fraqueza, fez um movimento para se voltar do outro lado; porém escapou-lhe um gemido, e esse gemido resoou no coração do vice-rei, o qual, approximando-se vivamente ao joven soldado, afastou uma mão alva e delicada com que este cobria a cara, e exclamou com voz commovida:

— Ghiraldina!

E as lagrimas que deslisárão dos olhos de Eugenio vierão cahir sobre a fronte da infeliz.

— Obrigada! disse ella, obrigada! ó meu Deos! Chorada por elle!... eu não merecia tanta ventura.....

AVENTURAS DE UM ARTISTA

NA CALIFORNIA.

(Conclusão.)

O joven pianista agradeceu com effusão, e Henrique Herz sahio immediatamente para velar sobre os preparativos do seu concerto. Indo passando por um botequim, foi abordado por umas tres ou quatro figuras conhecidas. Elle não se lembrava do nome desses senhores, cujo trajar era mais que desalinhado; tinha-os porém visto muitas vezes na Opera e no Café de Paris. O mais amavel desses companheiros lhe fez mil civilidades e mil offerecimentos de serviço.

Pois que sois tão bom, senhor, disse-lhe Henrique Herz, poderieis indicar-me alguem que se quizesse encarregar do transporte dos meus pianos desde o emporio até ao theatro?

— Certamente, meu caro Sr. Herz; não se ha de dizer que deixamos em apuro um conterraneo... Vem cá, visconde, dá-me uma mão; vamos carregar o piano deste senhor... Aqui vos apresento o visconde de ***, excellente rapaz, e que gosta de obsequiar os seus amigos.

— Isto é sem duvida um gracejo....

— Não, senhor, não ha nada mais serio. Na guerra como na guerra. Se não vos bastamos nós dous, imos chamar o marquez.

O marquez não respondeu; estava occupado no interior do botequim, em marcar os pontos do bilhar. Dispensárão-o.

Dahi a uma hora, estavão os dous pianos no theatro.

Herz recolheu-se á morada do seu hospede.

Estou contente, disse, carregárão optimamente os meus pianos, sem solavanco, sem abalo algum. Nunca porém adivinharieis quanto me pedem por este pequeno serviço.

— Aposto que adivinho.

— Trezentos pesos duros!

— É o preço.

— Diabo! devieis dizer-me logo que esses senhores tão serviçaes não erão outra cousa mais que ganhadores.

— Aqui se exercem todas as qualidades de officios para se viver. Não se padece desdouro em California.

— A proposito, poder-se-hião achar alguns musicos para tocarem nos intermedios e me deixarem alguns instantes de descanso entre uma e outra peça?

Não ha nada mais facil. Temos uma clarineta, uma trompa, rabecas, cornetas de pistões, uma orchestra completa.

Chamárão-se esses artistas. A clarineta teria feito fugir um cego, a trompa guinchava as

rabecas soavão destemperadamente, as cornetas de pistões estavão affectadas de uma asthma incuravel. Estes musicos pedião uma onça de ouro (82 francos) por cabeça. Nos boulevards não lhes terião dado dous soldos.

Herz, sem lhes offender o amor proprio, agradeceu-lhes immediatamente e lhes prometteu recorrer ao seu talento em proxima occasião.

Não é tudo, disse o joven louro, que se havia instituido seu hospede e seu guia, deveis fazer a vossa visita aos jornaes, afim de que elles annunciem o concerto.

— Dai-me o numero da casa do mais importante.

— Vou eu mesmo lá levar-vos.

O escriptorio do jornal em questão era nas lojas de uma casa de dous andares. No patio latião dous enormes cães. Uma negra zarolha socegou os cães e fez entrar o pianista n'uma salinha, no fundo do corredor.

Henrique Herz se achou então na presença de um homem de estatura elevada e parecendo dotado de força athletica. Era o redactor em chefe. Tinha cabellos pretos, sobrancelhas bastissimas, muito unidas, barba preta inculta e espessa. Seu traje se compunha de uma camisa de lãa encarnada, de calças de velludo listrado e de duas grossas botas que lhe subião até ás virilhas. Estava escrevendo sentado a uma escrevaninha, e tinha á sua direita uma clava, e á esquerda um par de pistolas.

Este formidavel publicista ergueu os olhos de seus papeis, e, depois de ter medido de alto a baixo o seu visitador, rogou-lhe se sentasse; tendo porém notado certa hesitação no rosto do artista, disse-lhe sorrindo:

— Bem vejo, senhor, que sois estrangeiro. Ignorais os nossos habitos de polemica. Que quereis? Não estamos em um paiz de discussões urbanas. Aqui um escriptor que se respeita deve sempre estar acautelado.

Henrique Herz, meio tranquillisado, lhe explicou em poucas palavras o intuito da sua visita.

— Muito bem, senhor, tornou o jornalista mostrando-lhe um pequeno mappa; eis-aqui a tarifa dos annuncios: são quatro dollars (20 francos) por linha, ou, se preferis, uma onça de ouro por cada inserção.

Henrique Herz arregalava os olhos; reflectia comsigo mesmo que corretores de annuncios amontoarião ouro em California. Em substancia, elle se achou roubado como em uma floresta virgem; mas não julgou a proposito fazer a menor observação a um escriptor que tinha ao seu alcance argumentos sem replica.

— Se vamos neste andar, dizia elle ao seu collega, nunca chegarei a resarcir as custas.

— Esperai pela receita, respondeu o joven louro com tom cheio de confiança.

Como de facto, o theatrinho onde devia ter lugar o concerto foi assaltado com cedo por uma multidão immensa. A cada instante se apresentavão homens de má catadura, trajando roupas as mais esquipaticas. E se por desgraça se lhes offerecião bilhetes de segunda ordem (a segunda era a 20 francos e a primeira a 40), lançavão sobre o syndico um olhar de desprezo.

O syndico tinha duas balanças diante de si. O publico desfilava por ordem, e cada qual por sua vez lhe entregava uma bolsa de couro preto, semelhante áquella em que os cocheiros de coches de aluguel costumão encerrar os seus trocos miudos; o syndico abria a bolsa, tomava um pugillo de pó que pesava na balança, e fornecia o bilhete.

Facilmente se fará uma idéa do vantajoso resultado que deveu obter Henrique Herz, se se attentar ao talento deste artista eminente e á composição do seu auditorio, formado em grande parte de naturezas selvagens e primitivas, ou privadas desde ha muito destes embriagantes e puros gozos. Era um enthusiasmo, um furor; erão gritos, tripudios capazes de fazer cahir abaixo a sala. Havião lá quarenta ou cincoenta senhoras, que era tudo o que então compunha o bello sexo e a boa companhia de S. Francisco.

Henrique Herz reconheceu nos primeiros camarotes uma antiga mercadora de tabaco da rua Vivienne, e duas modistas retiradas dos negocios; estavão adornadas esplendidamente e só recebião a fina flôr dos banqueiros californienses.

No fim do concerto, trouxerão ao artista um grande prato cheio de pó amarello.

— Que é isto? perguntou Herz.

— É a receita. Tem ahi para mais de dez mil francos.

Henrique Herz deu assim quatorze concertos, com a mesma enchente, mesmo feliz successo,

mesmo lucro. Ia começando a reconciliar-se com S. Francisco.

Uma manhãa, estando a fazer a barba, vê entrar no seu aposento um homem muito cortez, muito comprimenteiro, vestido com esmero e expressando-se com elegancia.

—Senhor, disse o desconhecido, eu venho perguntar-vos se vos não conviria fazer-vos ouvir n'uma casa particular?

—Isso depende, senhor...

—Trata-se de virdes tocar meia hora todas as noites, e se subscreve de antemão a todas as vossas proposições. Eu estou encarregado de ir até cinco ou seis mil pesos duros por mez.

—Então essa gente é muito rica, e gosta furiosamente da musica?

—Na verdade....

—Mas nesse caso porque não vem essas pessoas aos meus concertos?

—Não gostão de sahir. Fica-se em casa, faz-se uma partida, brinca-se; porém, comprehendeis, senhor, nem sempre se póde estar jogando, e nada é mais agradavel do que ouvir, entre duas mesas de jogo, uma linda peça de musica.

—Comprehendo-vos perfeitamente, senhor: vindes propôr-me que vá tocar em uma casa de jogo para divertir a companhia. Fazei-me a mercê de sahir immediatamente de minha casa, se não quereis que eu vos ponha no andar da rua com todas as honras que mereceis.

—Sois muito melindroso, murmurou o desconhecido esquivando-se; nós temos entretanto em S. Francisco artistas muito estimaveis que não desdenhão de se fazer ouvir nos botequins, nas casas de jogo, em toda a parte emfim onde lhes pagão!

Enojado destes costumes impudentes, partio Henrique Herz para o Sacramento. Nesta linda cidade fez-se-lhe uma recepção triumphal. Rogárão-lhe que désse concertos; Henrique Herz perguntou se tinhão uma sala: respondêrão-lhe que não, mas que podião construir-lhe uma em seis dias. O artista deu o seu plano e as suas ordens, e no entretanto foi passear aos *placers*. Munio-se dos utensilios, trajes e calçado indispensaveis aos que vão em cata de ouro, e alugou dous cavallos e um guia. Chegou ás minas morrendo de fome e quebrantado de fadiga; pagou carissimo uma porção de ruim biscouto e um copo de cerveja abominavel. Um homem lhe cedeu a cava em que esquadrinhava. O artista trabalhou como um negro, e entregou, conforme conviera, o pouco ouro que achára ao proprietario da escavação. O agradecimento que este lhe deu foi pedir-lhe uma molhadura.

De volta ao Sacramento, Henrique Herz comprehendeu mais que nunca que as verdadeiras minas de ouro para elle erão as teclas do seu piano. Tinhão-lhe construido uma lindissima sala, na qual elle deu uma serie de concertos mui brilhantes e mui productivos.

Sua estada na California foi uma longa progressão de triumphos.

Indo elle passando uma tarde por Benecia, foi rodeado, instado por uma multidão enthusiasta que lhe supplicava se transportasse á sala de concerto, onde lhe havião preparado uma ovação. O que Herz desejava era fazer-se ouvir. Apparece, saúda; é applaudido com frenetico transporte. O publico era numeroso, a sala estava perfeitamente illuminada; tinhão porém esquecido uma cousa: não havia piano.

—É o mesmo, exclamou um espectador; quereria o Sr. Herz ter a bondade de nos cantar uma modinha franceza? *But if M. Herz would sing a french song?*

Teria devéras sido curioso que o homem que em toda a parte excitára no seu transito a admiração do publico e dos artistas, que déra dezoito concertos seguidos em New-York, que a tres leguas do Mexico fôra recebido por mais de duas mil pessoas, escoltado dos ajudantes de ordens do presidente, cercado de um brilhante estado, com musica em frente e bandeiras despregadas, que excitára verdadeiros alvorotos em Boston, Philadelphia, Charleston, Havana, Jamaica, Lima, Santiago, Valparaiso, etc.; teria sido curioso, dizemos, que tal homem, tal artista fosse, por falta de um instrumento e para não deixar de obsequiar o seu auditorio, forçado a cantar no seu mais lindo falsete um romance de Clapisson. Mas os mancebos mais distinctos da cidade se dedicárão, e por fim veio-se a achar uma espineta.

Antes de deixar a California, quiz Henrique Herz tornar a visitar S. Francisco. Era na tarde do dia 1.º de Maio; o tempo estava dos mais bellos do mundo. Tinha-se affixado para o dia seguinte o ultimo concerto do Sr. Herz, e um de seus mais

ricos, de seus mais magnificos pianos havia sido transportado ao theatro. Depois de ter feito visita ao seu feroz jornalista e de lhe ter pago o seu ultimo annuncio, andava Henrique Herz passeando com o seu joven amigo o pianista louro, em cuja casa se apeára. Subito ouvem-se gritos terriveis, toca-se a rebate, em varios pontos da cidade elevão-se aos ares turbilhões de fumo.

O incendio faz progressos espantosos. O theatro é consumido em breves instantes, e com o theatro o bello piano de Henrique Herz. Emquanto o fogo devora as tres quartas partes da cidade de São Francisco, vião-se pedreiros, architectos, trabalhadores, que, em vez de acudirem ao desastre, entabolavão já convenções para reedificarem as casas destruidas, e que ao clarão das chammas assignavão actos em papel sellado! Eis bem os Americanos! Em diversas casas de jogo, emquanto o primeiro andar era reduzido a cinzas, jogava-se socegadamente no terceiro.

Isto é um aviso do Céo, pensava Henrique Herz; nada mais tenho que fazer aqui: a sala está destruida, o meu piano queimado; é tempo de me retirar.

— Esperai, dizia-lhe o joven louro; daqui a alguns dias teremos uma cidade mais espaçosa, mais regular, mais bella e mais solida do que a que acabamos de perder.

— Até mais ver, meu amigo, até mais ver.

— Não esquecereis a minha casa, não é assim? Morareis comigo na vossa proxima viagem!

— Sim, mas vêde se a escorais um pouco melhor do lado esquerdo, pois ella não está a prumo.

— É verdade, mas é tambem a unica que o incendio haja respeitado; está a prova do fogo.

F. A. Fiorentino.

CONSPIRAÇÃO DE PINTO

EM 1640.

Fragmento historico.

Afinal chegou o dia em que os successos havião de decidir se o duque de Bragança merecia o titulo de rei e libertador da patria, ou o nome de rebelde e inimigo do Estado.

Os conjurados ajuntárão-se de madrugada na casa de D. Miguel de Almeida, e nas dos outros senhores, afim de se armarem. Elles apresentárão-se ali com tanta resolução e confiança, que parecia marcharem a uma victoria certa; sendo digno de notar-se que em um tão grande numero, composto de clerigos, fidalgos e outros cidadãos, animados, pela maior parte, por interesses differentes, não houvesse um que faltasse á sua palavra e á fidelidade que tinha promettido. Cada um apressava o momento da execução, como se fosse o chefe e o autor da empreza, ou como se a corôa houvesse de ser a recompensa dos perigos a que ia expôr-se. Muitas mulheres mesmo quizerão ter parte na gloria deste dia. A historia conserva a memoria de D. Filippa de Vilhena, que com suas proprias mãos armou seus dous filhos; e depois de lhes dar as couraças, lhes disse: « Ide, meus filhos, anniquilar a tyrannia e vingar-nos de nossos inimigos, e ficai na certeza de que se os successos não corresponderem ás nossas esperanças, vossa mãi não sobrevivirá á desgraça de tanta gente de bem. »

Estando todos armados, dirigirão-se ao palacio por differentes caminhos, e a maior parte em liteiras, afim de melhor occultarem o numero e as armas que levavão.

Dividirão-se em quatro bandos, como tinhão tratado, esperando com a maior impaciencia que dessem oito horas por serem as que tinhão marcado para começar a empreza. Nunca o tempo lhes tinha parecido tão longo. O receio que se reparasse no seu grande numero, e que a hora extraordinaria em que se apresentavão no palacio causasse desconfiança ao secretario sobre o seu intento, lhes affligia o coração. Emfim derão oito horas; e Pinto, dando um tiro de pistola, que era o signal convencionado, pôz tudo em movimento.

Marchárão precipitadamente cada um para o ponto designado; D. Miguel de Almeida cahio sobre a guarda allemãa, que, achando-se desprevenida, foi logo derrotada. O monteiro-mór, Mello, seu irmão e D. Estevão da Cunha atacárão a companhia hespanhola, que estava de guarda em um ponto fronteiro ao palacio, que se chamava o Forte. Nenhuma pessoa porém se distinguio mais que um clerigo da villa da Azambuja, que marchando á frente dos conjurados com o crucifixo em uma das mãos e a espada na outra, animava o povo, com uma voz terrivel, a fazer em pedaços os seus inimigos; e no meio destas exhortações, elle mesmo atacava os Hespanhoes. Tudo fugia diante delle;

pois, apparecendo armado de um objecto que a religião nos ensina a reverenciar, ninguem se atrevia a atacar ou defender-se. Depois de alguma resistencia, o official hespanhol foi obrigado a entregar-se com os seus soldados, e para salvar a vida, a gritar como os outros: — Viva o duque de Bragança, rei de Portugal!



POESIA.

IMPROVISO.

É doce ouvir nos bosques gorgeando
O rouxinol saudoso — a rola amante!
É doce ouvir n'um leito de boninas
Desatar-se um ribeiro trepidante.

É doce ouvir no cimo das montanhas
O rumor das cidades, confundido
Na fragancia das murtas rescendentes
Ou da aragem no tepido gemido.

É doce ouvir a voz idolatrada
Juramentos firmar com doces beijos;
É doce ouvir os anjos dedilhando
Nas harpas divinaes brandos harpejos.

Mas é mais doce ouvir, alma inspirada,
No teu meigo piano as mãos nevadas
Pelas teclas correndo, ellas vibrarem
Como se fossem subito animadas!

A. E. ZALUAR.

PERSONAGENS QUE MANDARÃO FAZER DE ANTEMÃO SEUS ATAÚDES.

PERSONAGENS QUE SE FIZERÃO PASSAR POR MORTAS. *

Vê-se que Carlos V não teve o merecimento da invenção quando no seu retiro imaginou dar o espectaculo que mais de dous seculos antes déra um simples capitulo. Mandou levantar uma eça na capella do convento de S. Justo, ao qual se retirára depois da sua abdicação. Seus criados se apresentárão em procissão funerea, com tochas pretas nas mãos; e elle mesmo seguia envolto em uma mortalha. Estendêrão-o n'um ataúde com muita solemnidade. Cantou-se o officio dos mortos, e elle unia sua voz ás preces que se recitavão pelo descanso de sua alma. Finda a ceremonia, forão fechadas as portas da capella, e Carlos sahio então do ataúde e se retirou ao seu aposento; fosse porém que o tivesse cansado a delonga da ceremonia, fosse que esta imagem da morte tivesse feito sobre seu espirito uma impressão demasiado forte, elle foi acommettido de febre no dia seguinte e expirou cerca de um mez depois, na idade de cincoenta e oito annos.

Ebert, jurisconsulto e philosopho allemão do decimo-oitavo seculo, tendo-se feito passar por morto, divertio-se em colligir as orações funebres e as peças de versos feitas ácerca do seu fallecimento.

EXTRAVAGANCIAS

HABITOS E GOSTOS SINGULARES DE ALGUMAS PERSONAGENS CELEBRES. *

Algumas personagens celebres são conhecidas por sua affeição a certos animaes. Assim, Alexandre prezava o Bucephalo; Augusto, um papagaio; Commodo, um macaco; Heliogabalo, um esturninho, etc.

O celebre financeiro francez Samuel Bernard julgava a sua existencia ligada á de uma gallinha preta, que, graças a esta circumstancia, devia ser tratada e amimada, Deos sabe como. Morrerão ambos quasi na mesma época. Demais disso, Bernard tinha então oitenta e oito annos.

O physico inglez Cavendish, que á sua morte deixou a fortuna mais consideravel que tenha jámais possuido um sabio (30 milhões), andava sempre vestido de panno pardo, e mandava fazer regularmente uma casaca nas mesmas épocas. Tinha colleccionado uma bibliotheca magnifica, que estava á disposição de todos os sabios; porém, afim de não ser incommodado, fizera collocá-la a duas leguas da sua morada. Quando queria um livro, mandava busca-lo, passava um recibo, e restituia dedois o livro com a maior exactidão.

* Vide pag. 37.

* Vide pag. 8 e 46.

ricos, de seus mais magnificos pianos havia sido transportado ao theatro. Depois de ter feito visita ao seu feroz jornalista e de lhe ter pago o seu ultimo annuncio, andava Henrique Herz passeando com o seu joven amigo o pianista louro, em cuja casa se apeára. Subito ouvem-se gritos terriveis, toca-se a rebate, em varios pontos da cidade elevão-se aos ares turbilhões de fumo.

O incendio faz progressos espantosos. O theatro é consumido em breves instantes, e com o theatro o bello piano de Henrique Herz. Emquanto o fogo devora as tres quartas partes da cidade de São Francisco, vião-se pedreiros, architectos, trabalhadores, que, em vez de acudirem ao desastre, entabolavão já convenções para reedificarem as casas destruidas, e que ao clarão das chammas assignavão actos em papel sellado! Eis bem os Americanos! Em diversas casas de jogo, emquanto o primeiro andar era reduzido a cinzas, jogava-se socegadamente no terceiro.

Isto é um aviso do Céo, pensava Henrique Herz; nada mais tenho que fazer aqui: a sala está destruida, o meu piano queimado; é tempo de me retirar.

— Esperai, dizia-lhe o joven louro; daqui a alguns dias teremos uma cidade mais espaçosa, mais regular, mais bella e mais solida do que a que acabamos de perder.

— Até mais ver, meu amigo, até mais ver.

— Não esquecereis a minha casa, não é assim? Morareis comigo na vossa proxima viagem!

— Sim, mas vêde se a escorais um pouco melhor do lado esquerdo, pois ella não está a prumo.

— É verdade, mas é tambem a unica que o incendio haja respeitado; está a prova do fogo.

F. A. Fiorentino.

CONSPIRAÇÃO DE PINTO

EM 1640.

Fragmento historico.

Afinal chegou o dia em que os successos havião de decidir se o duque de Bragança merecia o titulo de rei e libertador da patria, ou o nome de rebelde e inimigo do Estado.

Os conjurados ajuntárão-se de madrugada na casa de D. Miguel de Almeida, e nas dos outros senhores, afim de se armarem. Elles apresentárão-se ali com tanta resolução e confiança, que parecia marcharem a uma victoria certa; sendo digno de notar-se que em um tão grande numero, composto de clerigos, fidalgos e outros cidadãos, animados, pela maior parte, por interesses differentes, não houvesse um que faltasse á sua palavra e á fidelidade que tinha promettido. Cada um apressava o momento da execução, como se fosse o chefe e o autor da empreza, ou como se a corôa houvesse de ser a recompensa dos perigos a que ia expôr-se. Muitas mulheres mesmo quizerão ter parte na gloria deste dia. A historia conserva a memoria de D. Filippa de Vilhena, que com suas proprias mãos armou seus dous filhos; e depois de lhes dar as couraças, lhes disse: « Ide, meus filhos, anniquilar a tyrannia e vingar-nos de nossos inimigos, e ficai na certeza de que se os successos não corresponderem ás nossas esperanças, vossa mãi não sobrevivirá á desgraça de tanta gente de bem. »

Estando todos armados, dirigirão-se ao palacio por differentes caminhos, e a maior parte em liteiras, afim de melhor occultarem o numero e as armas que levavão.

Dividirão-se em quatro bandos, como tinhão tratado, esperando com a maior impaciencia que dessem oito horas por serem as que tinhão marcado para começar a empreza. Nunca o tempo lhes tinha parecido tão longo. O receio que se reparasse no seu grande numero, e que a hora extraordinaria em que se apresentavão no palacio causasse desconfiança ao secretario sobre o seu intento, lhes affligia o coração. Emfim derão oito horas; e Pinto, dando um tiro de pistola, que era o signal convencionado, pôz tudo em movimento.

Marchárão precipitadamente cada um para o ponto designado; D. Miguel de Almeida cahio sobre a guarda allemãa, que, achando-se desprevenida, foi logo derrotada. O monteiro-mór, Mello, seu irmão e D. Estevão da Cunha atacárão a companhia hespanhola, que estava de guarda em um ponto fronteiro ao palacio, que se chamava o Forte. Nenhuma pessoa porém se distinguio mais que um clerigo da villa da Azambuja, que marchando á frente dos conjurados com o crucifixo em uma das mãos e a espada na outra, animava o povo, com uma voz terrivel, a fazer em pedaços os seus inimigos; e no meio destas exhortações, elle mesmo atacava os Hespanhoes. Tudo fugia diante delle;

pois, apparecendo armado de um objecto que a religião nos ensina a reverenciar, ninguem se atrevia a atacar ou defender-se. Depois de alguma resistencia, o official hespanhol foi obrigado a entregar-se com os seus soldados, e para salvar a vida, a gritar como os outros: — Viva o duque de Bragança, rei de Portugal!



POESIA.

IMPROVISO.

É doce ouvir nos bosques gorgeando
O rouxinol saudoso — a rola amante!
É doce ouvir n'um leito de boninas
Desatar-se um ribeiro trepidante.

É doce ouvir no cimo das montanhas
O rumor das cidades, confundido
Na fragancia das murtas rescendentes
Ou da aragem no tepido gemido.

É doce ouvir a voz idolatrada
Juramentos firmar com doces beijos;
É doce ouvir os anjos dedilhando
Nas harpas divinaes brandos harpejos.

Mas é mais doce ouvir, alma inspirada,
No teu meigo piano as mãos nevadas
Pelas teclas correndo, ellas vibrarem
Como se fossem subito animadas!

A. E. ZALUAR.

PERSONAGENS QUE MANDARÃO FAZER DE ANTEMÃO SEUS ATAÚDES.

PERSONAGENS QUE SE FIZERÃO PASSAR POR MORTAS. *

Vê-se que Carlos V não teve o merecimento da invenção quando no seu retiro imaginou dar o espectaculo que mais de dous seculos antes déra um simples capitulo. Mandou levantar uma eça na capella do convento de S. Justo, ao qual se retirára depois da sua abdicação. Seus criados se apresentárão em procissão funerea, com tochas pretas nas mãos; e elle mesmo seguia envolto em uma mortalha. Estendêrão-o n'um ataúde com muita solemnidade. Cantou-se o officio dos mortos, e elle unia sua voz ás preces que se recitavão pelo descanso de sua alma. Finda a ceremonia, forão fechadas as portas da capella, e Carlos sahio então do ataúde e se retirou ao seu aposento; fosse porém que o tivesse cansado a delonga da ceremonia, fosse que esta imagem da morte tivesse feito sobre seu espirito uma impressão demasiado forte, elle foi acommettido de febre no dia seguinte e expirou cerca de um mez depois, na idade de cincoenta e oito annos.

Ebert, jurisconsulto e philosopho allemão do decimo-oitavo seculo, tendo-se feito passar por morto, divertio-se em colligir as orações funebres e as peças de versos feitas ácerca do seu fallecimento.

EXTRAVAGANCIAS

HABITOS E GOSTOS SINGULARES DE ALGUMAS PERSONAGENS CELEBRES. *

Algumas personagens celebres são conhecidas por sua affeição a certos animaes. Assim, Alexandre prezava o Bucephalo; Augusto, um papagaio; Commodo, um macaco; Heliogabalo, um esterninho, etc.

O celebre financeiro francez Samuel Bernard julgava a sua existencia ligada á de uma gallinha preta, que, graças a esta circumstancia, devia ser tratada e amimada, Deos sabe como. Morrerão ambos quasi na mesma época. Demais disso, Bernard tinha então oitenta e oito annos.

O physico inglez Cavendish, que á sua morte deixou a fortuna mais consideravel que tenha jámais possuido um sabio (30 milhões), andava sempre vestido de panno pardo, e mandava fazer regularmente uma casaca nas mesmas épocas. Tinha colleccionado uma bibliotheca magnifica, que estava á disposição de todos os sabios; porém, afim de não ser incommodado, fizera colloca-la a duas leguas da sua morada. Quando queria um livro, mandava busca-lo, passava um recibo, e restituia dedois o livro com a maior exactidão.

* Vide pag. 37.

* Vide pag. 8 e 46.

O chimico inglez Davy vestia-se inteiramente de verde para ir á pescaria, e de encarnado para ir á caça; affirmava que, vestido desta maneira, assustava menos o peixe e a caça.

Em fins do seculo passado, alguns individuos adoptárão o genero de alimentação decantado por Pythagoras. Entre outros citaremos Ritson, escriptor inglez, que só se alimentava de legumes, e publicou, em 1803, um *Ensaio sobre a abstinencia dos alimentos tirados do reino animal, como dever moral para o homem.*

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

JÁ' teve lugar finalmente o baile de *Beneficencia* Portugueza. Muita concurrencia, muito calor, muito sorvete, e, o que parece incrivel, muita dansa, eis o que caracterisou o primeiro baile em ponto grande que vivemos este anno. Os *toilettes* que lá apparecêrão não podião ainda deixar aditinhar as tendencias daquelles que terão a preferencia na estação que se approxima. Resentião-se ainda da transição das estações. Só depois do Carnaval poderão entrar em marcha regular os negocios do toucador. Por emquanto temos de contentar-nos com um ou outro vestido mais ou menos de phantasia, que a méstria das modistas e o bom gosto das nossas dilettanti saibão inventar para despertar a nossa admiração que desde já e sem restricções lhes tributamos, *per omnia secula seculorum.*

Attendendo ao calor predominão ainda os toilettes de passeio e de visita. Os de baile são raros. Comtudo as lojas de modas desta côrte estão adornadas de tudo quanto o gosto mais apurado e a elegancia possão desejar para este e outros fins.

Citarei entre grande numero dellas a loja do Sr. Pantaleão & Faria, na esquina da rua do Ouvidor. Que sortimento de riquissimos córtes de vestido! Que profusão de chapéos, chales, rendas, blondes, filós, setins, velludos, musselinas, tudo do mais moderno, do mais *recherché*, do mais vaporoso, do mais fashionable! Que fino tacto na escolha das fazendas! Que admiravel variedade e riqueza! Quantos olhos ficão ali embebidos a admirar aquelle luxo, sem lhe passar ao menos uma vez pela idéa aquelle celebre monologo do *Trapeiro de Paris!* Tambem assim deve ser, porque se todos pensassemos como aquelle bom homem, parece-me que ainda hoje andariamos vestidos como era moda naquelles bemaventurados tempos de nosso pai Adão, e mãi Eva, a quem o Senhor em santa gloria haja!

Os toilettes que representa a nossa gravura não podem deixar de merecer a séria attenção das nossas amaveis leitoras. São dous generos diversos, mas qual delles mais *distingué* e mais bonito.

O *primeiro* é um vestido que póde servir para passeio, e até para visita. Consiste em um lindo chapéo de escomilha, com seus enfeites de setim, e adornado de rosas da China, com sua competente folhagem; as fitas usão-se de setim, e largas bastante. O *pardessus*, ou mantelette, fórma a peça principal deste elegante figurino. Reune tudo quanto ha de mais bello, fino, distincto e comfortavel. Desenha as fórmas de um corpo esbelto com notavel graça, e póde, em caso de necessidade, fechar-se ou abrir-se conforme a doçura ou a aspereza da temperatura. O vestido é de taffetás *pekiné*, as mangas do genero *Pamponette*, dando origem a outras pequenas mangas que se estreita no pulso por meio de um punho abotoado, ficando deste modo em fórma de balão.

O *segundo*, traz chapéo de setim adornado com uma penna de avestruz, collete á mousquetaire, de acolxoadinho branco. Corpinho ou jaleco, cujo feitio melhor se póde estudar na nossa gravura; mangas á Brunoit, e manguinhas de rendas. O collete é aberto, e dá passagem a uma especie de tira de rendas, que deve nascer de uma finissima camizinha amazona de baptista de Valenciennes. Este costume tem muita originalidade, e parece-me que deve ficar a matar em certos delicados corpinhos que eu e tu, leitor, conhecemos.

CHARADA.

No espaço ao sol, — 1
De noite brilha; — 2
Rompendo as ondas
Co' a curva quilha.

S.

A significação da Charada do n.° 7 é: BOTAFOGO

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE.



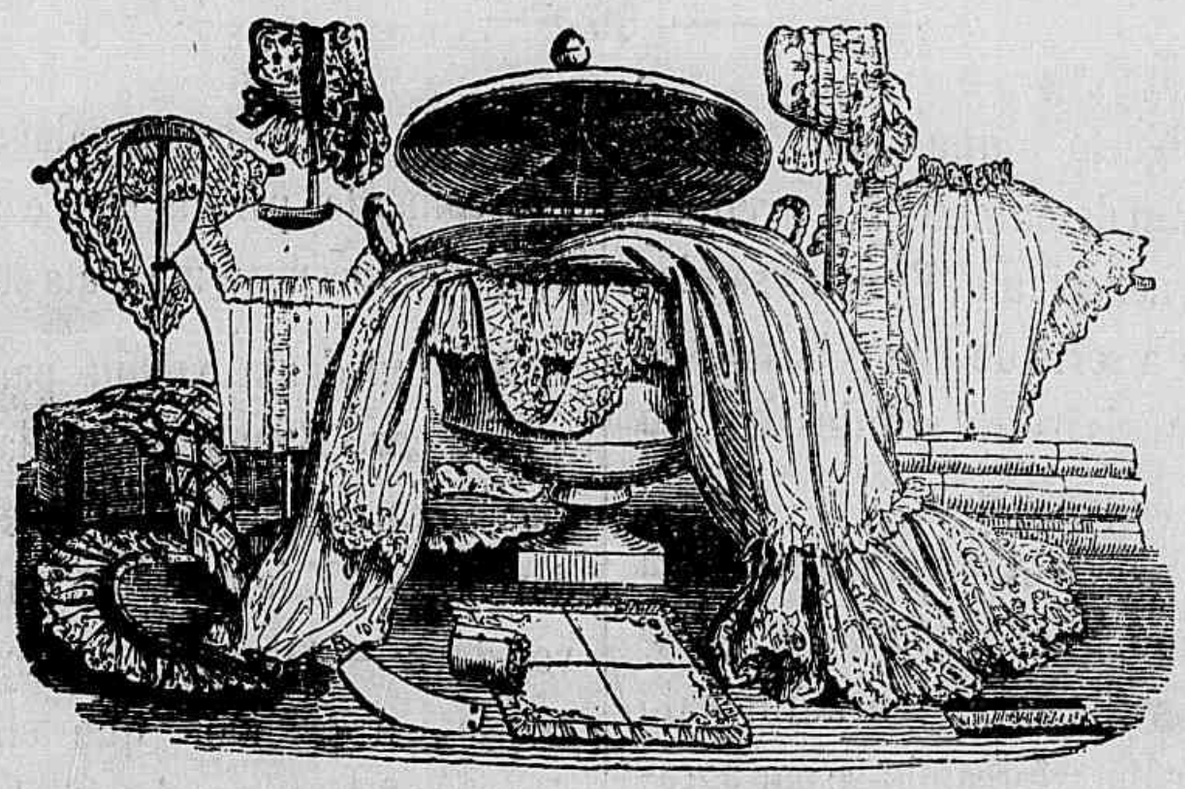
Anaïs Toudouze.

Gerval, Imp. r. St Denis, 380.

1701.

52
8

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

HISTORIA DA BELLA AROUYA

ou

TRES AMANTES EM RAROS APUROS.

Conto Oriental.

NÃO já passados alguns annos que vivia em Damasco um velho negociante, chamado Banou, o qual possuia uma linda chacara, com excellente casa de vivenda, perto da cidade, além de duas lojas de fazendas por atacado, optimamente providas de toda a sorte de telas da India e de estofos de ouro e de seda, e de uma mulher que, quanto a formosura, podia bem rivalisar com a rainha d'Astracan.

Banou era homem que gostava de passar bem. Era franco em suas despezas e queria campar de generoso. Não se limitava a hospedar amigos, emprestava-lhes dinheiro; e auxiliava os que precisavão de soccorro. Emfim, não ficaria satisfeito de si mesmo, se deixasse passar um unico dia em que não fizesse algum beneficio, e tão frequentes forão as occasiões que teve de exercer a sua beneficencia, que pouco a pouco foi deteriorando a sua fortuna. Elle bem o conhecia, mas nunca pôde resolver-se a mudar de costumes, até que afinal, arruinando-se cada vez mais, foi obrigado a vender a chacara e cahio insensivelmente em profunda miseria.

Quando se vio reduzido a taes circumstancias, recorreu aos seus amigos, mas nenhum lhe quiz prestar o menor auxilio, e todos o abandonárão. Persuadio-se que ao menos os que lhe erão devedores pagarião as quantias emprestadas, porém uns negárão as dividas, e os outros não estavão em termos de as pagar, o que lhe occasionou tão grande desgosto, que veio a cahir enfermo.

Durante a sua molestia, lembrou-se que tinha emprestado mil sequins de ouro a certo doutor do seu conhecimento. Chamou a mulher e disse-lhe: « O' minha querida Arouya! não estamos ainda no caso de nos desesperar, acabo de recordar-me de mais um devedor que me tinha esquecido, e a quem n'outro tempo emprestei mil sequins de ouro: é o Dr. Danischmende. Eu o não considero de tão má fé como os outros. Vai ter com elle, pois que eu me acho impossibilitado, e dize-lhe da minha parte que mande a importancia da quantia que de mim recebeu.

Arouya pôz immediatamente o seu véo, e dirigio-se á casa de Danischmende. Mandárão-a entrar para o aposento do alfaquih, que lhe pedio se

sentasse e dissesse o objecto a que vinha. « Sr. doutor, respondeo a joven dama afastando o véo, eu sou a esposa de Banou o negociante. Elle vos saúda, ambicionando-vos toda a sorte de prosperidades, e vos conjura que lhe pagueis os mil sequins de ouro que n'outro tempo vos emprestou. »

A estas palavras, que a bella Arouya pronunciára n'um tom suave e gracioso, o doutor, mais vermelho que uma brasa, fitou os olhos sobre a mulher do negociante, e respondeu-lhe esforçando-se por agradar: « O' semblante de uma fada encantadora! eu vos darei de boa vontade o que me pedis, não como se devesse a vosso marido, mas a vós mesma, pelo prazer que me daís vindo a minha casa. Eu sinto que a vossa vista me faz sahir de mim mesmo. Depende só de vós o tornar-me o mais feliz dos alfaquihs. Dignai-vos tão sómente corresponder aos sentimentos que acabais de inspirar-me; tambem o vosso esposo se não acha mais em uma idade conveniente para merecer o vosso affecto. Se consentis em acolher os meus votos, em lugar dos mil sequins, eu vou immediatamente dar-vos dous mil, e juro pela minha cabeça e pelos meus olhos que serei toda a minha vida vosso escravo. »

Fallando desta maneira o inflammado doutor, para mostrar por acções que não estava menos apaixonado que dizia, approximou-se da joven dama e quiz aperta-la nos seus braços, mas ella o repellio mui rudemente, e encarando-o com ar que nada presagiava de favoravel, o intimou dizendo-lhe: « Cohibi-vos, insolente! e não vos lisongeeis de que eu vos póssa escutar. Ainda que possuisseis todas as riquezas do Egypto e m'as quizesseis dar, seria impossivel corromper a minha fidelidade. Entregai-me sómente os mil sequins que deveis a meu marido, e é escusado perder tempo em querer seduzir um coração que se nega aos vossos votos. »

O alfaquih tinha bastante discernimento para se não convencer desde logo do pouco que podia esperar da virtuosa Arouya. Perdeu desde logo toda a esperança de a seduzir, e como era homem inteiramente brutal por natureza, mudou sem mais demora de linguagem, e lhe disse com grande assomo: « E' preciso o maior descaramento da vossa parte para vir aqui pedir dinheiro. Eu nada devo a vosso marido Banou, e se esse velho maluco se arruinou por um proceder extravagante, não hei de ser eu o tolo que contribua para o seu restabelecimento. » A estas palavras, elle a fez sahir bruscamente para a rua, e pouco faltou que não chegasse mesmo a maltrata-la com pancadas.

A joven dama voltou para casa toda chorosa. « Meu caro Banou, disse ella a seu marido, o Dr. Danischmende não vale mais que os vossos outros devedores. Elle teve cara para me dizer que nada vos devia.—Oh o ingrato! exclamou o velho negociante, é possivel que elle me abandone na desgraça? Mas que digo? abandonar-me? elle tem mesmo a má fé de me negar uma somma que recebeu. O impostor! elle parecia mesmo um homem de probidade; e eu lhe teria confiado toda a minha fortuna quando me pedio os mil sequins. E em quem se póde hoje a gente fiar? Que farei? proseguio elle. Devo deixar isto assim? Não, eu quero tomar satisfação. Vai ter com o cadi; é um um juiz severo, e um inimigo mortal da iniquidade. Conta-lhe toda a perfidia do doutor. Eu estou certo que elle terá compaixão de mim e me fará justiça. »

A joven mulher do velho negociante foi a casa do cadi. Entrou na sala em que elle dava audiencia publica e pôz-se de lado. A magestade do seu talhe e a grandeza do seu porte a fizerão logo notar. O cadi era naturalmente inclinado ao bello sexo. Logo que deu vista de Arouya, fez-lhe signal que se approximasse e conduzio-a elle mesmo ao seu gabinete; obrigou-a a sentar-se em um sofá e a afastar o véo, mas não vio elle de mais prompto a extrema formosura que nella se ostentava, sem no mesmo instante se sentir tão apaixonado como acontecêra ao alfaquih. « Oh canna de assucar! exclamou elle, já todo transportado de amor, bella rosa do jardim do mundo, dizei-me só de que se trata, e ficai desde logo segura que eu farei por vós tudo o que quizerdes! »

Então ella lhe fallou da má fé de Danischmende e lhe pedio com muito respeito que interpuzesse a sua autoridade para obrigar o doutor a restituir o que devia a seu marido. « É muito justo, respondeu o cadi, que se sentia cada vez mais abrasado, eu saberei obriga-lo a isso, ha de entregar os mil sequins, ou tenho de lhe arrancar as entranhas... Mas, encantadora houri, continuou elle, moderando-se, reflecte por compaixão que a avezinha do meu coração se acha presa nos laços da tua formosura; concede-me o que negaste ao alfaquih, e eu

vou no mesmo instante fazer-te presente de quatro mil sequins de ouro. »

A este discurso, Arouya debulhou-se em lagrimas. «O' Céos! diz ella, não existe pois mais virtude entre os homens? Não posso achar nem um que seja verdadeiramente generoso. Aquelles mesmos a quem incumbe punir os culpados não fazem o menor escrupulo de commetter crimes. »

O cadi tratou em vão de enxugar as lagrimas da joven dama. Como persistisse em lhe sollicitar favores, e assegurasse que sem elles nada tinha a esperar, levantou-se ella e sahio do palacio penetrada de uma viva dôr.

Quando Banou vio tornar sua mulher, facil lhe foi o perceber que ella não tinha boas noticias que lhe dar. « Eu vejo bem, lhe diz elle, que não vindes contente do cadi, certamente elle vos negou a sua protecção : o Dr. Danischmende sem duvida, é do numero dos seus amigos! »

« Oh! respondeu ella; perdi o meu tempo. Não nos quer fazer justiça, nem nos é permittida mais esperança alguma. Que ha de ser de nós? — E' preciso, replicou Banou, fallar-se ao governador de Damasco. Eu lhe vendi por differentes vezes mercadorias fiadas; elle me deve mesmo algum dinheiro: imploremos o seu auxilio. Eu creio que elle se resolverá a empregar o seu credito em nosso favor. »

No dia seguinte Arouya, coberta com o seu véo, não se esqueceu de ir a casa do governador. Pede audiencia, conduzem-a ao seu gabinete. Elle a recebeu com muita civilidade e pedio-lhe que se descobrisse. Como ella sabia as consequencias, quiz negar-se a isso, mas não houve remedio : elle instou com tanta galanteria para que levantasse o véo, que ella não pôde dispensar-se.

Se a vista dessa joven tinha inflammado o doutor e o cadi, ella não produzio menor effeito sobre o governador, que era um desses velhos fidalgos que aspirão a todas as bellas que se mostrão a seus olhos. « Que encantos! exclama elle. Ah! que amavel creatura! Dizei-me quem sois, e o que devo fazer para o vosso serviço.—Senhor, respondeu ella, eu sou mulher de um negociante, chamado Banou, que teve algumas vezes a honra de vos vender estofos.—Oh! que eu o conheço bem, observou elle, é um dos homens de quem sou mais amigo, e a quem mais estimo no mundo. Que feliz não é elle de ter uma tão linda mulher! Que sorte digna de inveja!—Ella é pelo contrario digna de commiseração, disse em resposta Arouya. Vós não sabeis, senhor, a que estado se acha reduzido o infeliz Banou.» Ao mesmo tempo proseguio na exposição do máo estado em que se achavão os negocios de seu marido e em dizer o objecto da sua visita.

O governador, informado da questão, nenhuma demora pôz em prometter que empregaria o seu poder para obrigar o Dr. Danischmende a pagar o que devia a Banou, mas não foi mais generoso que o cadi. « Eu vos offereço a minha protecção, disse elle á joven dama : mandarei buscar o alfaquih, e se elle não entregar por bem os mil sequins que recebeu, hei de fazê-lo arrepender-se. Em uma palavra, eu tómo sobre mim conseguir essa restituição, comtanto que, agora mesmo, vós comeceis a agradecer o que eu intento em vosso favor, porque nós outros, os fidalgos, temos de costume exigir que o reconhecimento preceda o serviço. »

Como a bella Arouya não tinha melhor desejo de contentar a paixão do governador que a dos outros, retirou-se de todo consternada. Oh Banou! disse ella a seu marido; é preciso não contar mais com cousa alguma. Ninguem sympathisa com as nossas afflicções, nem consente de modo algum em soccorrer-nos. » Estas palavras reduzirão o velho negociante ao desespero. Fez mil imprecações contra os homens, e ia repeti-las quando sua mulher lhe diz: « Cessai de amaldiçoar os autores dos nossos males. Que allivio podereis obter por essas vãas lamentações que emittis? Vale mais pensar em outros meios de obter o vosso dinheiro; e um estou imaginando que Mahomet mesmo me inspira. Não me pergunteis, accrescentou ella, que meio é esse; porque não julgo conveniente dizer-vos mais nada a esse respeito. Contentai-vos com a segurança que vos dou de que elle ha de dar grande brado, e de que nós ficaremos plenamente vingados do alfaquih, do cadi e do governador.—Faze o que te agradar, lhe diz Banou, eu confio inteiramente em ti. »

A joven mercadora sahe immediatamente de casa, e tendo atravessado algumas ruas, entra na loja de um bahuleiro. O mestre a comprimenta e diz-lhe : « Bella dama, que desejais?—O' mestre! respondeu ella, eu preciso de tres arcas, e tende cuidado em m'as dar bem fortes. » O bahuleiro mostrou-lhe varias de differentes tamanhos. Ella

escolheu tres que podião conter, sem difficuldade, um homem cada uma, pagou-as e fê-las conduzir immediatamente para sua casa: depois preparou-se com os seus melhores vestidos, enfeitou-se com todas as pedrarias que a sua má fortuna ainda a não tinha obrigado a vender para subsistir, e não esqueceu os perfumes.

Em disposições tão convenientes para encantar, foi ella ter com o alfaquih, e empregando todas as maneiras desenvoltas e graciosas que um descomedimento fingido lhe permittia de affectar, tirou o véo, sem esperar pelo convite do doutor; e depois fitando nelle uns olhos capazes de atear incendio ainda nos homens mais insensiveis: « Sr. alfaquih, lhe diz ella, eu venho outra vez pedir-vos que restituais os mil sequins que deveis a meu marido. Se vós os pagais em attenção a mim, podeis ficar certo do meu reconhecimento. —Bella dama, respondeu o doutor, eu conservo sempre os mesmos sentimentos: eu tenho dous mil sequins a dar-vos debaixo das mesmas condições que já vos propuz. —Eu vejo bem, replicou Arouya, que é impossivel dissuadir-vos, e que não ha remedio senão satisfazer-vos. Eu vos espero portanto esta mesma noite, proseguio ella estendendo-lhe uma de suas bellas mãos que elle beijou com transporte. Levai o dinheiro que me promettestes, e ás dez horas em ponto ide bater á minha porta. Uma escrava em quem confio, vo-la abrirá, e sereis introduzido no meu quarto, onde passaremos a noite juntos. »

O alfaquih a estas palavras, que lhe promettião tudo o que elle podia desejar, não ficou senhor de si, e abraçou a joven dama sem que esta pudesse resistir, mas ella se desvencilhou promptamente das suas mãos, e vendo-o em disposições de não faltar ao prazo que tinha dado, sahio de casa delle, para ir renovar a scena no palacio do cadi.

Logo que se achou em particular com esse juiz disse-lhe: « O' meu senhor! depois que daqui sahi, nunca mais tive nem um momento de descanso. Tenho-me lembrado todas as cousas que me dissestes. Pareceu-me que vos não desagradava e que só dependia de mim o ter-vos por amante. Que satisfação para uma mulher de classe inferior, como eu, não seria o ver-se favorita de um cadi joven e bem feito? A minha virtude, eu o confesso, não póde resistir á tentação de uma sorte tão lisongeira. »

(Continúa.)

A GRAÇA.

TANTO nas pessoas como nas obras — graça — significa não só o que simplesmente agrada, como tambem o que agrada com attractivo. Eis a razão por que os antigos havião imaginado que a deosa da formosura nunca deveria apparecer sem as Graças. A formosura sempre agrada; mas póde ella ser destituida do encanto occulto que convida a olhar para ella, que attrahe e enche a alma de um sentimento doce. As graças na figura, no porte, na acção, nos discursos, dependem desse merito que encanta. Uma pessoa bonita não terá graça no semblante, se fecha a bocca sem um sorriso, se não tem um olhar cheio de ternura.

A seriedade nunca é engraçada, porque, longe de attrahir, desgosta por se approximar muito do severo.

Um homem bem feito, cujo porte fôr constrangido, o andar precipitado, e gestos grosseiros, não tem graça, por não possuir no seu exterior cousa alguma que interesse.

A voz de um orador que não tiver inflexão e suavidade será sem graça. O mesmo acontece em todas as artes. A proporção, a belleza podem não ter graça. Ninguem dirá que as pyramides do Egypto são engraçadas, nem se poderá comparar o colosso de Rhodes com a Venus de Guido. Tudo o que pertence ao genero forte e vigoroso tem merito em que não entrão as graças. Seria desconhecer Miguel Angelo e Caravaja para lhes attribuir as graças de Albano.

O sexto livro da Eneida é sublime; mas o quarto tem mais graça; da mesma maneira, algumas odes de Horacio respirão graças; algumas cartas ensinão a raciocinar. Parece, em geral, que os objectos pequenos e bonitos são mais susceptiveis de graça que os grandes.

Será impossivel louvar-se uma oração funebre, uma tragedia ou um sermão, se não se lhes houver achado alguma graça.

É indubitavel não haver genero algum de obra que possa ser bom estando em opposição ás graças, visto que tal opposição é a rudeza, a brutalidade e a sequidão. Por exemplo, o Hercules de Farnèse não devia ter as graças do Apollo do Belvedere

de Antinous; mas não é rude, nem agreste. O incendio de Troia, em Virgilio, não sendo descripto com as graças de uma elegia de Tibullo, agrada pela força da sua belleza. Uma obra, pois, póde não ter graça, sem que cause o menor desagrado. O terrivel, o horroroso, a descripção e pintura de um monstro exigem que o autor se afaste de tudo quanto toca ás graças, sem comtudo tocar completamente o lado opposto, porque do contrario se tornará intoleravel.

A graça na pintura e na esculptura consiste na severidade dos contornos, em uma expressão terna; a pintura tem acima da esculptura a graça da reunião das partes, a das figuras, umas animadas pelas outras, e que agradão pelos seus attributos e pelo seu aspecto.

As graças da dicção, quer em eloquencia, quer em poesia, dependem da escolha das palavras e da harmonia das phrases; e mais ainda da delicadeza das idéas e de descripções aprazivels. O abuso das graças redunda em affectação, assim como o abuso do sublime no empolado. Toda a perfeição está perto de um defeito.

Ter graça entende-se da pessoa e da cousa, v. g.: este ajuste, esta obra, esta mulher tem graça. A boa graça (favor) pértence sómente á pessoa. Ella se apresenta por favor. Elle fez por favor o que delle se esperava. Ter graças: Esta mulher tem graça no seu porte, no que diz e no que falla.

Obter a sua graça, usa-se por metaphora— obter o seu perdão; da mesma maneira,—fazer graça—é perdoar. Fazer graças — multiplicar graças, é o mais bello apanagio da soberania, porque fazer bem, é mais que fazer justiça. Estar na graça, se diz de um cortezão que della tinha decahido: bom é não fazer depender a sua felicidade ou desgraça de uma ou de outra cousa.

As Graças, divindades da antiguidade, são uma das mais bellas allegorias da mythologia dos Gregos. Como esta mythologia tem variado sempre, já pela imaginação dos poetas, que se tornárão theologos, já pelo uso dos povos, os attributos das Graças tem tido mudança; mas afinal accordou-se de lhes marcar o numero de tres, e dar-lhes os nomes de Aglaia, Thalia e Euphrosyna, isto é, Brilhante, Flôr e Alegria. Ellas achavão-se sempre junto a Venus, sem que véo algum cobrisse os seus encantos. Ellas presidião aos beneficios, á concordia, aos divertimentos, aos amores, e mesmo á eloquencia. Finalmente erão ellas um emblema animado de tudo quanto póde tornar a vida agradavel. Pintavão-se dansando, pegando umas nas mãos das outras. Não era permittido entrar no seu templo senão corôado de flôres. Os que condemnárão a mythologia fabulosa devião ao menos conhecer o merito destas ficções engraçadas, que annuncião verdades de que podia resultar a felicidade do genero humano.

VOLTAIRE.



POESIA.

O CEGO.

— « Abre a porta, Anna, abre de mansinho
Que venho ferido, morto do caminho. »
— « Se vindes ferido, pobre coitadinho!
Ireis muito embora por outro caminho. »
— « Ai! abre-me a porta, abre de mansinho,
Que tão cego venho, não vejo o caminho. »

— « Porta nem postigo não abro ao ceguinho,
Vá-se na má hora pelo máu caminho. »
— « Ai do pobre cego que anda sósinho
Cantando e pedindo por esse caminho! »

— « Minha mãi acorde, ouça aqui baixinho
Como canta o cego que perdeu o caminho. »
— « Se elle canta e pede, dai-lhe pão e vinho;
E o pobre cego que vá o seu caminho. »
— « O teu pão não quero, não quero o teu vinho,
Quero só que Anninhas (*) me ensine o caminho. »
— « Toma a roca, Anna, carrega-a de linho,
Vai com o pobre cego, pô-lo a caminho. »

(*) Diminutivo minhoto de Anna.

— « Espiou-se a roca, acabou-se o linho,
Fique embora o cego, que este é o seu caminho. »
— « Anda mais, Anninhas, mais um bocadinho,
Sou um pobre cego, não vejo o caminho. »
— Ai! arreda, arreda para este altinho,
Que ahi vem cavalleiros por esse caminho. »

— « Se vem cavalleiros, vem de vagarinho,
Que ha muito me tardão por este caminho. »
A cavallaria passou de mansinho...
Cego, lo meu cego já via o caminho (*).
Montou-me a cavallo com muito carinho...
Um cego me leva... e vejo o caminho!

J. B. DE ALMEIDA GARRETT.

LABLACHE E TOM POUCE.

Lablache, actor notavel pelo seu merito e pela sua admiravel corpulencia, emquanto estava esperando tornar a entrar no theatro italiano de Paris, onde com effeito entrou depois da estrêa de Lucchesi, passava os dias cantarolando no *boulevard* dos Italianos, e um dia foi ver o seu rival (em corpulencia) o gigante do café *Mulhouse*. A proposito desta visita comparativa, contou Lablache que na época em que o famoso anão *Tom Pouce* se mostrava em Paris, um provinciano, parente de um amigo seu, se queixava de ter chegado tarde para poder ver aquella maravilha liliputiana. — Não vos affligais, respondeu o amigo do formidavel baixo, eu conheço *Tom Pouce*; mora na rua de tal, numero tantos, e ainda que já não seja visivel para o publico, procurai-o da minha parte, e sereis admittido á presença do anão. — O provinciano corre ao domicilio indicado, sobe as escadas e bate á porta do quarto. A porta abre-se. — Poderia fallar ao Sr. *Tom Pouce?*... O infeliz fazia esta pergunta a Lablache, que naquelle momento sahía da sua habitação. — Sou eu senhor, respondeu o colossal cantor. — O provinciano estupefacto balbuciou algumas palavras que pintavão bem ao vivo o seu espanto e a sua sorpresa. — Eu pensava... persuadia-me... — Que fosse um anão! proseguio Lablache; em publico é verdade, mas em minha casa estou como me apraz.

(*) Este é um modo de dizer provinciano, bastante usado do nosso povo em quasi todo o reino. « Filho, lo meu filho; madre, la mi' madre etc., » occorre em muitas cantigas populares, romances e semelhantes. São reliquias do antigo asturiano que o nosso dialecto conservou tanto e mais do que o castelhano. O mesmo fizerão os nossos vizinhos de Gallisa. Tem sido tenaz nestes bellos archaismos a poesia do povo, porque a salva dos hiatos que tanto lhe repugnão.

MAXIMAS E PENSAMENTOS.

Multiplicando as nossas relações familiares e sociaes, mutiplicamos tambem os nossos commodos e incommodos.

Occupamo-nos muito comnosco, e com os outros por amor de nós.

Ha muitos divertimentos que não correspondem aos incommodos e despezas antecedentes e consequentes da sua fruição. È melhor, em tal caso, escusa-los e rejeita-los.

Se a vida não é um grande bem, porque se festeja geralmente o dia anniversario do nascimento e se lamenta o da morte?

No máo tempo da vossa vida abrigai-vos em Deos: o seu abrigo é seguro, protector e indefectivel.

CHRONICA DA QUINZENA.

ESTAMOS na Quaresma! Aos dias da folia, do prazer, das dansas, do phrenesi e da loucura do velho Carnaval succedêrão-se os tempos de luto e de tristeza em que a Igreja commemora os tremendos mysterios da Paixão. Os risos e os folguedos convertêrão-se agora em rezas e em jejuns. Ao tumultuar e ao alarido das praças seguirão-se o silencio da meditação e as exprobrações da consciencia. Tudo mudou; e este contraste sublime é um exemplo em que a Religião recorda ao homem as rapidas transições a que está sujeita, neste valle de amarguras, a existencia humana! O Evangelho, esse eterno

codigo da moral divina, chama de novo ao seio dos templos as multidões dos fieis, e os sacerdotes do Christo lembrão ás turbas as pavorosas recordações da morte e os segredos da eternidade. Os olhos daquelles que hontem ainda se inundárão de jubilo e alegria dão curso agora ás lagrimas da amargura e do arrependimento. O sello do sepulchro se grava em todos os pensamentos, e as supplicas do perdão elevão-se de todas as almas para o throno do Senhor. Verdade é, quanto mais delirantes forão as festas, mais estrepitosos os bailes, mais ruidosa a alegria, maior deve ser o contraste que nos deve apresentar a Quaresma, envolta no silencio, fechada na meditação.

O Carnaval, esse velho irmão de Baccho, foi tão cortejado este anno, como costuma sê-lo, pelos seus ferventes adoradores. Poucos faltárão a adornar-lhe as aras. E é tão grande, tão crescido o seu numero!... Não sei qual dos dous, se o Carnaval, se Baccho, tem mais sectarios; o que porém posso afiançar é que se uns são menos enthusiastas, os outros são sem duvida mais persistentes. Ambos tem proselytos; mas os de Baccho são mais fanaticos. Adorão-o todo o anno, sempre com redobrado ardor, e não deixão extinguir no fundo do templo um só momento a pyra do sacrificio! Os outros são tres dias só, mas bem aproveitados!...

O Theatro Provisorio (para sempre) abrio pois o seu salão! Porque lhe não hão de chamar o Theatro interino? Póde n'um momento ser substituido por outro na presidencia, e ahi o temos demittido, vexado, batendo de porta em porta por casa dos Srs. ministros, em procura de um emprego, que lhe será negado talvez! Emfim, eu julgo que chamar-lhe interino, seria muito melhor do que provisorio.

O certo é porém que o salão adornado com elegancia e gosto foi numerosamente concorrido, o que é já um bom indicio. Se bem que a novidade póde muito, a opinião publica nem sempre se costuma cegar inteiramente, e de repente, sobretudo n'um objecto d'arte. O Theatro deve ficar bonito, e julgo mesmo que será mais duradouro do que o seu titulo indica.

Grande numero de mascarados enchêrão nas quatro noites consecutivas as suas illuminadas quadras, e a dansa, o riso, a alegria e o prazer tripudiarão freneticos ao som dos instrumentos no meio daquelle vasto recinto, que convidava os mais sisudos, e embriagava em delirio os mais travessos... e travessas.

Se quizessemos enumerar todas as mascaras que se tornárão notaveis pelo seu bom gosto, excentricidade ou novidade, seria prolixo. Para os que lá forão pouco interessaria, para os que não forão, muito menos. Por isso, limito-me a dizer que, tanto este como o Theatro de S. Pedro, que tambem fez a sua estréa, não deshonrárão a memoria do brincalhão Carnaval.

Pelas ruas da cidade não forão menos freneticos os divertimentos. As baterias dos limões de cheiro assestárão-se de janella para janella, e os combatentes mostrárão-se resolutos e atrevidos. Felizmente nenhum ficou morto; vencido..... não sei.

Assim terminou o Entrudo de 52. A chuva que o vio nascer ajudou-o a sepultar. Durou o seu periodo estabelecido; mas teve uma existencia de *agrião*, nunca tirou o pé d'agua. As biqueiras acompanhárão-lhe o enterro a modo de carpideiras, e finalmente repousa em paz.—*Sic transit gloria mundi!*

A quarta feira de Cinza amanheceu triste. A maior parte dos homens mandriárão nesse dia; uns não forão á repartição, e outros esquecêrão-se da Praça do Commercio: emquanto ás moças, quasi todas as minhas conhecidas dormirão um somno regalado até depois do meio dia.

Procissão não houve. O resto da tarde passou-se ainda em abrimentos de bocca, tanto para um como para outro sexo; e á noite o somno, corôado de dormideiras, tornou-os a receber nos braços. Só na quinta feira é que se começou de novo a viver. Tomárão todos os negocios o seu curso regular, e assim tem continuado todos os dias até hoje, em que me sentei á minha mesa para vos escrever estas poucas linhas, que infelizmente se resentem bastante da falta de descanso que me obrigou a ter a brincadeira dos tres dias do Carnaval.

D. SALLUSTIO.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

QUANDO vejo esta linda gravura, que temos o gosto de vos apresentar hoje, minhas estimadissimas leitoras, parece-me admirar algumas de vós, e começo arrebatado de um enthusiasmo pindarico a dirigir-lhe as mais ardentes saudações pelo seu bello gosto e distinctos toilettes. Na verdade, quem não ha de ficar enthusiasmado diante de um quadro destes! Qual será o poeta que não afine a lyra, o pintor que não matize as tintas, o homem que se não sinta inspirado? Se existe algum, eu o remetto já immediatamente para os desertos da Siberia, impondo-lhe a obrigação de procurar no gelo as pegadas do Judeu Errante, com que aquelle maganão do

Eugenio Sue teve as artes de nos entreter nos compridos volumes do seu romance.

Estais em um jardim, bem o vejo. Presta-vos uma frondosa arvore a sua deleitosa sombra. Uma elegante mesa vos reune em torno. Formais um grupo encantador! Eu vos saúdo, bellas damas, formosas donzellas, distinctas pelas belleza, distinctas pelo espirito, porque vós o tendes e muito. Será possivel duvida-lo quando se vos examina de perto? O porte, o gesto, o olhar, a intelligencia, uns dedos delicadamente afilados, a symetria do toilette, a escolha de uma fita; de uma flôr, de uma renda, de um nada, de um alfinete habilmente pregado, tudo n'uma mulher denota o espirito, é como o reflexo luminoso que se desprende dos corpos impalpaveis dos anjos! Salve, tres vezes, nobres e gentis damas. Este numero de tres, vós o conheceis, porque elle resume a trindade santa, isto é, as tres perfeições cuja constante união symbolisa a divindade. Eis-vos no campo, em presença da natureza real e perfumada, acabais de colher as primicias de vossos vergeis, fructos tão brilhantes, tão avelludados, tão lindos, que succedêrão a essas flôres tão bellas tambem, de quem saudastes o desabrochar por um grito de admiração ou de alegria. Consenti, eu vos supplico, consenti que tome a vosso lado um lugar junto desta elegante mesa verde, e receba de vós os preceitos da moda, que deve servir de modelo ás minhas amaveis compatriotas.

Não pude resistir á tentação de transcrever aqui as proprias palavras do autor que me serve de guia na descripção desta gravura.

Encontro *primeiro* um toilette de jantar. Tem duas utilidades, porque esse lindo boné, aberto posteriormente e adornado de fitas fluctuantes, póde ser substituido para o baile da noite por uma linda grinalda de flôres. O vestido que acompanha este boné é aberto á *Montpensier*, e conchegado ao seio por umas tiras transversaes da mesma fazenda, deixando descobrir uma camisinha da mais extrema finura. Mangas chamadas *pagodes* e um pouco largas; saia sem muita roda.

O *segundo* é um vestido vaporoso e de fantasia, cuja execução depende mais do bom gosto e do delicado tacto feminil do que de uma prolixa descripção. As rendas e a transparencia do estofo, constituem, por assim dizer, todo o maravilhoso deste traje.

O *terceiro* faz-se notar por um lindo bonè, semelhante ao primeiro figurino, assim como pelas mangas, que são mais uma variedade do genero hoje em voga.

O *quarto* compõe-se de um penteado á *Ninon*, de um vestido de tafetás Pamponnette, e de uma linda *bertha* de finissimas rendas.

Eis aqui quanto vos posso dizer ácerca da presente gravura.

CHARADA.

Não encontra a natureza
Lenitivo á minha dôr:
Seja benevola a morte
Acabando tal rigor.

Oh que engano! oh que loucura!
Ninguem vê o que está vendo,
Que tudo o que vai nascendo
Acaba na sepultura!
Nasce a flôr, e pouco dura;
Desmaia em breve a belleza;
Torna-se o prazer tristeza;
Em pezar o que é jocundo.
Cousa que dure no mundo,
Não encontra a natureza. — 1

Sonoro, alado habitante,
Que em súave melodia,
Vais a terna sympathia
Despertar em peito amante,
Oh! foge, foge incessante,
De tyranno caçador:
Pois fugindo ao seu furor,
Diminues o meu pezar;
Tornando co'o canto a dar
Lenitivo á minha dôr. — 2

Mas ah! que em balde desejo
Treguas á magoa dar,
Pois que dê a minorar
Nenhuma esperança vejo.
Nesta conjunctura elejo
Ceder ao rigor da sorte,
Té que a Parca fatal córte
Tal flagello, tanta lida,
E em acabar-me a vida,
Seja benevola a morte. — 1

Que importa ledo vencer?
Já não achar quem resista?
Se vai a mesma conquista
O que vence empobrecer?
Não vale mais o reger
O seu povo com amor?
Dar á terra habitador?
Como já o fez e quiz
Lusitano D. Diniz,
Acabando tal rigor.

N. ***

N. B. Pede-se aos Srs. Charadistas que estudem a decifração da presente charada, e promette-se declarar o nome do primeiro que acertar.

A significação da Charada do n.º 8 é: FALUA.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

BIBL.

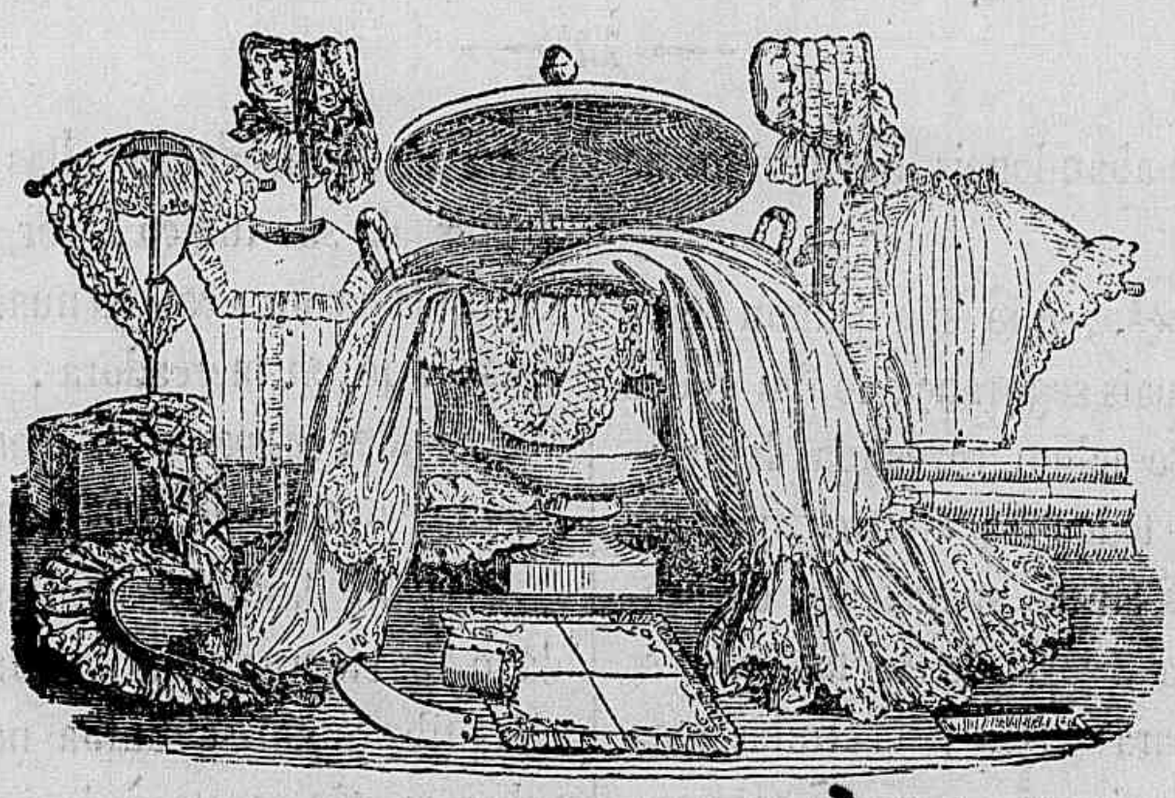


Anais Toudouze.

Gerval. Imp. rue St. Denis. 380

1680.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

HISTORIA DA BELLA AROUYA

ou

TRES AMANTES EM RAROS APUROS.

Conto Oriental.

(Continuação.)

ESTE exordio enthusiasmou o cadi. « Sim, ó minha rainha! exclamou elle, vós sereis, se quizerdes, a primeira dama do meu harêm e a senhora soberana das minhas vontades. Abandonai esse velho Banou e vinde morar comigo.—Não, senhor, respondeu Arouya, eu não posso resolver-me a dar-lhe tamanho desgosto. Além disso, por semelhante modo, eu perderia a minha reputação. Desejo evitar o escandalo, e não quero passar de relações occultas comvosco.—E em que lugares, respondeu o cadi, poderei eu encontrar-vos? — No meu aposento, replicou a mercadora; é o lugar mais seguro. Banou dorme no seu. É um homem acabrunhado de velhice e de enfermidades, e não nos deve causar o menor receio. Vinde esta noite a minha casa, se o desejais, accrescentou ella, achai-vos á porta da nossa casa pelas onze horas, mas sem acompanhamento, porque eu ficaria desesperada, se algum dos vossos criados pudesse ter noticia da minha complacencia para comvosco. »

As precauções que tomava a joven dama, bem longe de se tornarem suspeitas ao cadi, lhe parecião augmentar o preço dos favores com que contava, e nem deixou de testemunhar á joven dama o prazer que sentia pela ver em disposições que lhe erão tão propicias. Fez-lhe caricias de que ella teve cuidado em moderar a vivacidade, e prometteu-lhe de se achar em sua casa á hora ajustada. Depois disso se separárão mui satisfeitos, ainda que tivessem ambos pensamentos bem differentes.

Eis já dous amantes decididos a cahir no laço que ella lhes armava. Não faltava mais que o governador a enredar, e isso não era difficil. A joven mercadora teve a finura de o engodar, como tinha feito aos outros. Elle acreditou de boa fé tudo o que ella lhe disse, e o resultado da sua entrevista foi que ella o emprazava para a meia noite, e que elle jurou achar-se em casa da mesma, só, para que as cousas passassem com o segredo e discrição exigidas.

« Grande propheta! disse Arouya, quando se achou só, quando se vio fóra do palacio do governador, ó protector dos fieis musulmanos! Mahomet; vós que do Céo onde estais, tendes os olhos fitos sobre os passos que eu dou, vós vêdes o fundo da minha alma; acabai de fazer que o meu designio

surta effeito, e não me abandoneis nos perigos da sua execução! »

Depois desta invocação, que ella julgou dever fazer para chegar com mais segurança ao fim que se tinha proposto, ella se achou revestida de confiança, e adoptando todos os alvitres que lhe occorrião, como outras tantas suggestões do propheta, foi comprar toda a sorte de fructas e doces, que mandou levar para casa. Ella tinha uma velha escrava da sua confiança, a quem communicou o seu projecto e deu as suas instrucções. Começárão desde logo a preparar um aposento, arranjárão os moveis e puzerão uma mesa com differentes vasos de porcelana cheios de fructa e de doces seccos. Ainda que a joven mercadora tivesse realmente o desejo de felicitar aos seus amantes, ella não teria podido fazer maiores preparativos com o fim de os receber.

Esperava a chegada delles com a maior impaciencia, e por vezes chegou mesmo a receiar que não viessem; mas essa duvida não tinha o menor fundamento: as esperanças com que tinhão sido embalados erão demasiado lisongeiras para que as pudessem abandonar. O Dr. Danischmende, entre os outros, conservava-se attento, e como o primeiro em data, não deixou de se achar á porta de Banou ás dez horas exactas. Bate, a velha escrava abre, fá-lo entrar e o conduz ao quarto de sua senhora, dizendo-lhe baixinho: « Tende bem cuidado em não fazer bulha para não acordar o velho negociante que dorme. »

Logo que Danischmende avistou Arouya, que se tinha enfeitado com tanto esmero como se tivesse de receber um amante correspondido, ficou deslumbrado com o esplendor dos seus encantos, e disse-lhe em um tom apaixonado: « O' phenix dos jardins da formosura; eu não posso assaz admirar a minha felicidade! Eis-aqui, proseguio elle, pondo sobre a mesa uma bolsa, os dous mil sequins que vos prometti, são fraca recompensa por uma tal ventura. »

Arouya sorrio a este discurso, estendeu a mão ao alfaquih, e depois de o ter feito sentar em um sofá, disse-lhe, « Sr. doutor, tirai o vosso turbante o e vosso cinto, e ponde-vos á vossa vontade. Vós estais aqui como em vossa casa. Dalla Moukhtala, continuou ella, dirigindo-se á velha escrava, vinde ajudar-me a despir o meu amante, porque os seus vestidos o opprimem. » Fallando assim a dama, tirou ella mesmo o cinto de Danischmende, e a escrava o turbante; ellas ambas o despojárão depois da sua tunica, por maneira que ficou de camisola e com a cabeça nua. « Comecemos, lhe diz então a joven mercadora, pelos refrescos que eu vos mandei preparar; » e então se sentárão ambos a comer doces e a beber licôres.

Pelo fim desta refeição que a dama tinha o cuidado de alegrar com discursos que encantavão o alfaquih, ouvio-se bulha na casa. Arouya fingio achar-se tão consternada como se não soubesse o que era. « Dalla, disse ella á velha escrava, vai ver o que significa semelhante bulha que nos perturba. » Dalla sahio do quarto e voltou um momento depois muito perturbada e com muita precipitação: « Ah! senhora, nós estamos perdidas; é o vosso irmão que acaba de chegar do Cairo, elle está com o Sr. Banou, que não tardará em o trazer aqui.— Fatal chegada! disse a dama affectando a maior inquietação, que triste contratempo! Não bastava que viessem perturbar os meus prazeres, era tambem preciso que me sorprendessem com o meu amante, e que eu passasse por uma mulher sem costumes, logo á primeira falta que commetto! Que ha de ser de mim? Como hei de evitar a vergonha que me espera! Grande embaraço! disse a velha. Que o Sr. Danischmende se metta n'uma das tres arcas que vosso marido mandou fazer para as fazendas que quer mandar para Bagdad, e tudo se accommoda: ellas estão no vosso gabinete e nós temos as chaves. »

O conselho de Dalla foi approvado. O doutor passou ao gabinete, e metteu-se em uma das arcas que Arouya mesmo fechou com duas voltas de chave, dizendo a Danischmende: O' meu caro alfaquih! não vos impacienteis. Logo que meu marido e meu irmão se tiverem retirado, eu virei reunir-me a vós, e passaremos o resto da noite, com tanto maior satisfação, porque os nossos prazeres forão interrompidos.

A promessa que Arouya fez ao doutor de o vir tirar da sua prisão, e a esperança que lhe dava, de bem o indemnisar dos máos instantes que ia passar no cofre, o impedirão de se affligir de uma aventura, que devia ainda ter consequencias mais desagradaveis para elle. Em vez de suspeitar da singeleza da dama, ou de receiar que o estado em que se achava, podesse ser uma ratoeira que se lhe tinha armado, antes quiz persuadir-se que o idolatravão, e entregar-se ás mais doces illusões com que se

comprazem os amantes que se lisongêão em vão de obter realisados os seus desejos.

A joven mercadora deixou-o no gabinete e voltou ao seu quarto, dizendo baixo á escrava: « Aqui tenho eu já um na ratoeira, veremos se os outros dous me escapão.—E' o que nós em pouco saberemos, respondeu Dalla, porque é perto de onze horas, e não creio que o cadi falte ao ajuste. A velha escrava tinha razão para pensar que aquelle juiz não seria menos exacto que o doutor. Com effeito ouvio-se bater á porta de Banou, mesmo antes da hora marcada. Dalla correu a abrir, e vendo que era um homem, perguntou-lhe o nome. « Eu sou disse elle, o cadi.—Fallai baixo, respondeu-lhe a escrava, porque podereis acordar o Sr. Banou. Minha senhora, que tem uma grande quéda para vós, mandou-me que vos introduzisse no seu quarto. Tomai o incommodo de acompanhar-me, que eu lá vos conduzo. » O juiz a palavras taes sentio redobrar a sua chamma, e seguio Dalla, que o levou ao quarto da joven mercadora.

« O' minha princeza! exclamou elle dirigindo-se á bella Arouya. Com que impaciencia esperava eu por este feliz momento! E'-me pois, accrescentou elle, lançando-se a seus pés, é-me finalmente permittido conceber as mais encantadoras esperanças... Não, de certo não póde haver fortuna comparavel á minha. » A joven mercadora, fazendo levantar se o cadi, pedio-lhe que se sentasse no sofá e disse-lhe: « Senhor, muito me agrada que vós tenhais um pouco de gosto por mim, por serdes vós o unico homem no mundo por quem o tenho mais, ou, para melhor dizer, a primeira pessoa que jámais attrahio a minha attenção. Esta velha escrava póde servir de testemunha: desde a nossa ultima entrevista, não tenho feito senão affligir-me; continuamente de vós lhe tenho fallado, e a minha paixão não me deixa um momento de repouso.

Quando o cadi ouvio fallar Arouya de semelhante maneira, pouco lhe faltou para perder o juizo. Alto cypreste! lhe diz elle, viva imagem das houris! vós me hallucinaes com tão doces palavras: acabai por compaixão de pôr o remate a meus votos!... Mas minha princeza! apressai-vos em me satisfazer, porque vós me puzestes fóra de mim mesmo, e eu não posso mais dominar-me.—Eu me acho encantada, replicou a dama, de vos ver tão apaixonado. Isto lisongêa agradavelmente a minha ternura, e a vossa impaciencia me causa demasiado prazer para differir por mais tempo contenta-la. Eu vos tinha preparado refrescos e queria beber licôres comvosco, mas vendo-vos com tanto empenho, é preciso que ceda ás vossas instancias. Eu vou comtudo primeiro ao quarto de meu marido para ver se o velho dorme, e n'um momento estarei comvosco. »

O juiz, ao ouvir este discurso, persuadindo-se ter já nos braços o objecto dos seus desejos, tirou promptamente os vestidos e metteu-se na cama. Apenas se tinha deitado que ouvio bulha. Um instante depois, Arouya veio ter com elle e disse-lhe muito perturbada: « Ah! Sr. cadi, vós não sabeis o que acaba de acontecer. Nós temos aqui um velho escravo, que eu não quiz pôr na minha confidencia, porque me pareceu muito dedicado a meu marido: elle vos vio entrar na minha casa, e deu parte a seu senhor, que no mesmo instante mandou chamar os meus parentes para serem testemunhas da minha infidelidade. Elles não tardarão em chegar ao meu aposento. Eu fico sendo a mulher mais infeliz de todo o mundo! » Acabando estas palavras, pôz-se ella a chorar, e com tal arte, que o cadi a julgou entregue á maior afflicção.

« Consolai-vos, meu anjo, lhe diz elle, vós nada tendes a temer. Eu sou juiz dos musulmanos, e saberei bem com a minha autoridade impôr silencio aos vossos parentes e a vosso marido. Eu os ameaçarei todos, eu lhes impedirei que fação escandalo, e vós deveis persuadir-vos que elles não hão de zombar das minhas ameaças. — Não o duvido, senhor, replicou a joven mercadora; mas não era nem o ressentimento de meu marido, nem a colera de meus parentes o que me causava receio. Eu sei bem que auxiliada pela vossa protecção, estou a coberto dos castigos; mas ai de mim! eu vou passar por uma infame, e tornar-me-hei o opprobrio e o ludibrio de minha familia. Que motivo de dôr para uma mulher que até aqui nenhum motivo tinha dado a suspeitar-se a sua virtude! Que digo eu, suspeitar? Eu me atrevo a dizer que sou considerada como o modêlo das mulheres bem procedidas. Vou perder em um momento tão bella reputação! » A estas palavras, ella recomeçou a chorar e lamentar-se com um ar tão natural que o juiz ficou enternecido.

« O' luz dos meus olhos! exclamou elle, eu me acho tocado da tua afflicção. Mas cessa de te

abandonar a ella, pois que isso te é inutil. De que serve o derramar tantas lagrimas por uma desgraça inevitavel?» Dalla Moukhtala interrompeu o juiz neste momento e disse: « Grande cadi dos fieis, e vós bella rosa do jardim da formosura, escutai-me um e outro. Eu tenho experiencia, e não é a primeira vez que tenho prestado serviços a amantes em casos difficultosos. Emquanto vós ambos não pensais senão em enternecer-vos, eu excogito os meios de vos livrar deste embaraço, e se o Sr. cadi consente, nós temos meios de enganar o Sr. Banou e os parentes de minha senhora.—E como assim? diz o juiz. — Vós não tendes mais, replica a velha, do que a fechar-vos em certo cofre que se acha no gabinete de Arouya. Eu estou bem persuadida que ninguem se lembrará de lhe pedir a chave.—Ah! de muito boa vontade, eu consinto em metter-me por alguns instantes nesse cofre, se vós o julgais conveniente. » Então a joven dama testemunhou que isso lhe agradaria, e assegurou ao juiz que um momento depois da sahida de seu marido e de seus parentes ella não faltaria em o ir tirar do cofre.

Com esta segurança, e com a promessa que a mercadora fez ao cadi de pagar com usura a complacencia que para com ella queria ter, elle se deixou fechar como o alfaquih.

Não lhe restava mais que o governador, o qual veio á meia noite apresentar-se á porta. Dalla o introduzio pelo mesmo theor que os dous outros, e Arouya o recebeu do mesmo modo. Ella lhe repetio muitos afagos, mas quando vio que o velho fidalgo se tornava muito adiantado, fez um signal a Dalla, que sahio. Um momento depois ouvio-se bater com muita força á porta da rua, e logo depois entrou a velha escrava precipitadamente no quarto, dizendo com ar espantado: « Ah! senhora, que contratempo! O cadi acaba de entrar e levão-o ao quarto de vosso marido.— O' Céos! exclamou a joven mercadora, que fatal acontecimento! Minha querida Dalla, proseguio ella; vai de vagar ouvir o que esse juiz diz a Banou e volta a conta-lo. A velha escrava sahio segunda vez, e emquanto fingia occupar-se em cumprir a ordem da senhora, o governador disse á dama: « Quem póde trazer aqui o cadi a uma hora como esta? Banou teria tido alguma occurrencia?—Não, respondeu Arouya, e eu não estou menos admirada que vós da visita desse juiz. » *(Continúa.)*

BELISARIO EM UM CASTELLO DA THRACIA.



A velhice de Justiniano, já o imperio, arruinado por longos esforços, se achava em decadencia. Todos os ramos da administração estavão abandonados; as leis em esquecimento; as finanças entregues á dilapidação, e a disciplina militar anniquilada. O imperador, enfastiado da guerra, de todas as partes comprava a paz a peso de ouro, deixando em inacção as poucas tropas que lhe restavão, como inuteis, embora fossem pesadas ao Estado. Os chefes destas tropas tratavão só de distrahir-se, sendo a caça o seu principal divertimento, por ser um simulacro da guerra.

Uma tarde, depois deste exercicio, alguns delles cêavão juntos em um castello da Thracia, quando um criado lhes veio dar parte que um velho cégo, guiado por um menino, pedia hospitalidade. Sendo a mocidade compadecida, deu-se ordem para que o velho entrasse, e se assentasse junto ao fogo, visto ser na estação do outomno e haver bastante frio.

Continuou a cêa; os espiritos se animárão, e começou-se a fallar das desgraças do Estado, que offereceu um campo vasto para a censura, tomando toda a liberdade o amor proprio descontente. Cada um exagerava os serviços que tinha feito, e os que poderia ainda fazer se não se houvesse desprezado o seu talento. Todas as desgraças do imperio provinhão (a dar-lhes credito) de não se saber empregar homens das suas qualidades. Governavão o mundo com o copo na mão, e cada saude tornava suas vistas mais infalliveis.

O velho, assentado ao canto do fogão, os escutava, e se sorria com pena. Um delles, advertindo isto, lhe disse:

— Bom homem, parece que achais agradavel o que estamos dizendo?

— Agradavel não, disse o velho, mas um pouco inconsiderado, como é proprio da vossa idade.

— Esta resposta os fez calar.

— Vós julgais que tendes razão de vos queixar, continuou o velho; e eu julgo, como vós, que erro se commetteu em desprezar-vos; mas é este o menor mal do mundo. Lamentai

que o imperador não tenha já toda a sua força, e o seu esplendor, e que um principe, consumido de cuidados, de vigilias e de annos, se veja obrigado a empregar olhos e mãos desleaes para poder ver e obrar. Nesta calamidade geral, não seria prudente pensar em vós!

— No vosso tempo, disse um delles, não era costume pensar cada um em si? Pois bem! agora está em moda, e por isso assim o fazemos.

— Máo é isso, disse o velho, e a ser verdade, se vos faz justiça entregando-vos ao esquecimento.

— É para insultar a gente que se lhe pede hospitalidade? lhe tornou o mesmo.

— Eu não vos insulto, disse o velho, fallo-vos como amigo, e pago o meu agasalho dizendo a verdade.

O joven Tiberio, que foi depois um imperador virtuoso, era um dos caçadores, e causando-lhe impressão a physionomia veneravel deste cégo encanecido, lhe disse:

— Vós nos fallais com sabedoria, porém com algum rigor; pois a dedicação que exigis é uma virtude, mas não um dever.

— É um dever da vossa condição, tornou o cégo com firmeza, e a base da virtude militar. Aquelle que se dedica ao serviço da patria deve suppô-la inhabilitada para pagar, visto não ter preço o que por ella sacrifica. Deve mesmo esperar ingratidão; pois se o sacrificio que por ella faz não contém generosidade, então é ser insensato. A meu ver, só o amor da gloria e o enthusiasmo da virtude são dignos de guiar-vos; e neste caso pouco vos deve importar a maneira como vossos serviços sejão considerados. A recompensa é independente dos caprichos de um ministro e da discrição de um soberano. Que o soldado seja attrahido pelo engodo do saque; que elle se exponha a morrer para poder viver, é de facil concepção; mas vós que, nascidos na abundancia, só viveis para gozar, abandonando as delicias da ociosidade, cheia de commodidades, para ir soffrer tantas fadigas e affrontar tantos perigos, muito pouco estimais esta nobre dedicação, para que della exijais paga. Não vêdes que assim a envileceis? Todo aquelle que vive de salario deve considerar-se escravo, seja qual fôr a sua importancia, e quem se escravisa por um talento é tão venal como aquelle que o faz por um óbolo. E o que digo a respeito do interesse, o digo da ambição; pois as honras, os titulos, o credito e o favor do principe, tudo equivale a um soldo, e quem o exige quer ser pago.

O homem precisa dar-se ou vender-se, não ha meio termo; o primeiro é um acto de liberdade, o outro um acto de escravidão, a vós toca escolher o que mais vos convenha.

— Dessa maneira, bom homem, lhe tornárão, vós collocais os soberanos bem á sua vontade.

— Se eu fallasse aos soberanos, replicou o cégo, lhes diria que se o vosso dever era a generosidade, o delles era a justiça.

— Então julgais ser justo recompensar os serviços?

— Sim, mas compete a quem os recebe pensar nelles, e nocivo lhe será o esquecimento... Além disto, qual de nós, tendo a balança na mão, poderá asseverar imparcialidade? Por exemplo, nas vossas circumstancias, para que a satisfação fosse geral, seria necessario que todos commandassem e ninguem obedecesse. Isto porém é impossivel... Acreditai-me, o governo póde algumas vezes ser falto de conhecimentos e de justiça; mas elle é ainda mais justo e mais esclarecido na escolha que faz de vós, relativa á opinião que delle fazeis, e que elle mesmo tem.

— E quem sois vós para assim nos fallardes? lhe diz o dono do castello levantando a voz.

— Eu sou Belisario, respondeu o velho.

Imagine-se, ao pronunciar o nome deste heróe, tantas vezes vencedor nas tres partes do mundo, qual foi a admiração desses jovens: immoveis e silenciosos, patenteárão logo o respeito que lhes merecia; e não obstante estar Belisario cégo, nenhum se animou a levantar os olhos.

—Ó' grande homem, lhe disse Tiberio, que crueldade e injustiça da fortuna! Vós, a quem o imperio por espaço de trinta annos deveu a sua gloria e prosperidade, accusado de rebelde e traidor, carregado de ferros, e privado da vista, sois aquelle que nos dá lições de dedicação e zelo!

E de quem quereis recebê-las, dos escravos do favor?... Ah! que vergonha, que excesso de ingratidão! continuou Tiberio. Os vindouros não o acreditaráõ!

— É verdade, disse Belisario, que fiquei um pouco sorprendido, por não esperar tão máo trata-

mento; mas eu contava morrer no serviço do Estado, e morte ou cegueira vem a ser o mesmo. Quando eu me dediquei ao serviço da patria, não exceptuei os olhos; podendo assegurar-vos que, mais que a vista e a vida, aprecio a minha reputação, e sobretudo a minha virtude, que não está ao alcance dos meus perseguidores. O que eu fiz póde estar riscado da memoria da côrte; mas não o estará da memoria dos homens: e quando assim acontecesse, lembrando-me eu, é quanto basta.

Os jovens, cheios de admiração, convidárão o heróe para se assentar á mesa; mas elle não aceitou, dizendo-lhes que na sua idade o melhor lugar era o canto do fogão. Quizerão que elle aceitasse a melhor cama do castello, e a resposta foi que preferia uma porção de palha. Algumas vezes, disse elle, tenho eu dormido em má cama, e por isso vos rogo que tenhais sómente cuidado deste menino que me guia, visto ser mais delicado.

No dia seguinte, Belisario partio antes que se levantassem os seus hospedes, que a caça tinha fatigado. Quando souberão da sua partida, quizerão segui-lo, e offerecer-lhe um carro commodo, com tudo quanto lhe fosse necessario; porém Tiberio disse que seria inutil o seu esforço, pois que Belisario não os estimava, e não aceitaria os seus presentes. Foi na alma do joven Tiberio que a extrema virtude na extrema desgraça fez a maior impressão.



POESIA.

AVE-MARIA.

Ave-Maria
Que neste dia
De pranto e dôr,
Oh! casto lyrio,
Viste o martyrio
Do Salvador.

Cheia de graça
Viste-lhe a taça
Beber de fel.
Mãi sem conforto,
Do filho morto
Viste o painel.

Deos é comtigo
No eterno abrigo
Da salvação,
Virgem celeste
Que aqui soffreste
Cruel paixão.

Tu és bemdita
Lá na infinita
Mansão do céo;
Oh! mãi piedosa,
Mystica rosa,
Astro sem véo.

Entre as mulheres
Tu, Virgem, queres
De um Deos ser mãi,
De um Deos que expira,
Dos máos á ira,
Por nosso bem.

Bento é o fructo
Por quem de lucto
Sião gemeu,
Que a dura pena
Já Deos condemna
No seio teu.

Santa Maria,
Sê nossa guia,
Mystica flôr,
Leva estes prantos
Aos sacrosantos
Pés do Senhor.

Oh! mãi do Christo
Nos trances visto
Por ti na cruz,

Por essas dôres
Nossos clamores
A Deos conduz.

Roga, intercede
Por nós, e pede
Pede ao Senhor,
Pede—que as preces
Que tu lhe offereces
Tem mais valor.

Nós peccadores
Por quem de dôres
Morreu na cruz,
Como attrever-nos
Dos céos eternos
A olhar a luz?

Tu só lhe implora
Pede-lhe agora
Hoje e na hora
Da extrema dôr,
Quando o abandono
Deste vão somno
Nos leve ao throno
Do Salvador.

A. DE SERPA.

MORTES SINGULARES DE ALGUMAS PERSONAGENS CELEBRES.

O Sr. de Maugiron estava hospedado em casa do bispo de Valença; o clero se apressurava em lhe ministrar soccorros espirituaes, quando elle, voltando-se, disse ao seu medico: « Hei de prégar-lhes uma boa peça; elles julgão ter-me seguro, e eu vou-me. » A estas palavras expirou.

Vespasiano, Imperador romano, na sua ultima molestia não deixava de desempenhar os deveres da sua dignidade com tanta exactidão como d'antes; até recebia no leito as deputações que lhe erão enviadas. Sentindo-se porém de repente desfallecer, em consequencia de uma soltura de ventre: « Um Imperador, disse, deve morrer em pé. » E no mesmo momento em que se esforçava para se erguer, exhalou o ultimo suspiro entre os braços daquelles que o sustentavão.

A morte de Scarron foi digna do bom humor com que elle supportou os padecimentos e as miserias que lhe não derão um momento de descanso durante a sua vida. Nos intervallos que lhe deixávão as crises dolorosas de sua agonia, exclamava: « Se escapo desta, oh! que bella satyra farei contra o soluço! » Depois de um desmaio que fizera crer que tudo estava acabado, reanimou-se para legar aos dous irmãos Corneilles cincoenta libras de paciencia, e á sua mulher a permissão de tornar a casar, permissão de que ella usou vinte e quatro annos mais tarde, para seu maior proveito. Emfim expirou dizendo: « Por vida minha! nunca eu me teria capacitado de que fosse tão facil zombar da morte. »

Sophocles, já chegado á extrema velhice, tinha lido em um concurso uma tragedia nova, e esperou muito tempo com inquietação o resultado dos suffragios que estavão divididos; emfim, obteve a preferencia por um só voto, e a alegria que disso resentio lhe deu a morte.

O primeiro rei da Prussia, Frederico I, estava um dia dormindo n'uma poltrona, quando sua mulher, Luiza de Mecklemburgo, que tinha cahido em demencia, tendo-se escapulido daquelles que a guardavão, chegou até ao seu aposento, e, depois de se ter ferido ao quebrar uma porta de espelhos, lançou-se sobre elle dirigindo-lhe reprehensões. O rei, a quem havião occultado sua enfermidade, recebeu tão forte impressão ao aspecto desta mulher coberta de sangue e vestida unicamente de algumas roupas brancas, que se figurou ter visto a *Dama branca*, cuja apparição, segundo uma antiga tradição, annunciava sempre a morte de um principe da casa de Brandenburgo. No mesmo instante foi assaltado de uma febre ardente, e morreu dahi a seis semanas na idade de cincoenta e seis annos.

PAVILHÃO DE CRYSTAL.

Ha n'um dos palacios do rei de Sião um pavilhão encantado. E' todo de crystal; chão, tecto, paredes, assentos, mesas e ornatos. Tem de comprimento vinte e oito pés, e de largura dezesete. Não tem senão uma entrada; fechada ella, nem ar, nem agua, podem ali penetrar. Para facilitar a respiração, tem uma abertura no alto da cupula. Foi construido no meio de um grande lago, que em poucos minutos se enche e se despeja. Quando o calor é grande, fecha-se ali o rei

com parte da sua côrte, e manda abrir os registros da agua, que circumda logo o pavilhão até onde se quer, procurando a quem está dentro a mais deliciosa frescura.

Quem nos déra no Rio de Janeiro um pavilhão de crystal!

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

AMADORES enthusiastas do bello, sectarios incansaveis do culto da formosura, os emprezarios do *Novo Correio de Modas* não tem poupado esforços ou trabalhos para tornar cada vez mais interessante a publicação desta folha. Já na escolha escrupulosa dos melhores artigos, já no primor das gravuras, já nas bonitas poesias, este jornal é hoje (perdoe-se-nos, na parte que nos toca, esta expansão de amor-proprio), um verdadeiro *Moniteur* de toilette. Todas as semanas o *Correio de Modas* tem sido pontual na sua apparição, e sem duvida é este tambem um dos poderosos motivos que mais tem concorrido para merecer a protecção com que o publico o tem honrado. Não faltou ainda a nenhum dos seus compromissos, e espera continuar como até agora, esforçando-se progressivamente em conquistar a sympathia das suas espirituosas e amaveis leitoras.

Feita esta introducção, á laia de prologo, que em linguagem mais popular se chama *cavaco*, entremos na questão vital, naquella que tem a preferencia neste seculo de *reviramentos*, até ás questões politicas, ás barricadas, ás revoluções, naquella cuja soberania se exerce inexoravel, completa, absoluta sobre todas as classes da sociedade, sem que ninguem se lembre de sacudir-lhe o jugo, lavrando-lhe um protesto, ou votar contra n'uma votação nominal, isto é, nas *modas*, as modas, bando alado, que transpõe os mares, devassa os climas, galga as trincheiras do mundo, com a rapidez do raio, com a velocidade do pensamento. Nós esperamos ainda receber as modas de Paris por meio do telegrapho electrico. Não pareça muito absurda a idéa, pois ha bem pouco tempo lemos n'um jornal estrangeiro o seguinte trecho, fallando da inauguração do telegrapho electrico entre Paris e Londres:

« Na festa que deve ter lugar por esta occasião (diz o mencionado jornal) pretende-se que o principe Alberto dará fogo nos canhões do *Asylo dos Invalidos* em Paris, por meio de uma faisca electrica tirada em Londres; e que ao mesmo tempo o Presidente da Republica Franceza, por meio de uma bateria electrica, fará disparar os canhões da torre de Londres. « O bronze das batalhas, diz *L'Assemblée Nationale*, significará aos povos a victoria pacifica da intelligencia. O pensamento agora já não conhece o espaço. Manifestado em Londres divulga-se em Paris; tem por mensageiro o raio. É o *fiat lux* applicado ao homem. »

Então será impossivel andarem as modas pelo mesmo caminho?

Comtudo, emquanto chegão pelo paquete, vamos fazer o mais laconico possivel a descripção da presente gravura.

O *primeiro* representa um toilette para *soirée dansante no campo.*

Não conhecemos cousa mais elegante do que o lindo modelo de vestido que offerecemos hoje ás nossas leitoras, é o typo Pompadour em toda a accepção da palavra: o corpinho é enfeitado de laços de fita, que vão progressivamente alargando desde a ponta até ao decote; mangas progressivas bordadas, e pequenas mangas d'Alençon, deixando entrever o bem torneado braço; dous largos babados (volants) decorão a sáia, e são apanhados ao lado *à la Marechalle* por grandes laços de fitas differentes.

O *segundo* compõe-se de um lindo vestido de taféta côr de violeta, corpinho subido posteriormente, aberto adiante em fórma de coração, bordado, e preso por uma especie de tiras passadas transversalmente; mangas *athenienses* abertas no braço, e terminando antes do punho por tres largas rendas.

Tanto um como outro toilette são do mais bello e lindo gosto.

CHARADA.

Sou capa e nada encubro — 1
Se quebras pois o annel — 1
Ver-me-has ao sol, no espaço — 1
Nella causar mil dôres
Por seres infiel.

S.

A significação da Charada do n.° 9 é: POVOADOR.

(Foi o Illm. Sr. Leonel Martiniano de Alencar quem primeiro apresentou a decifração.)

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

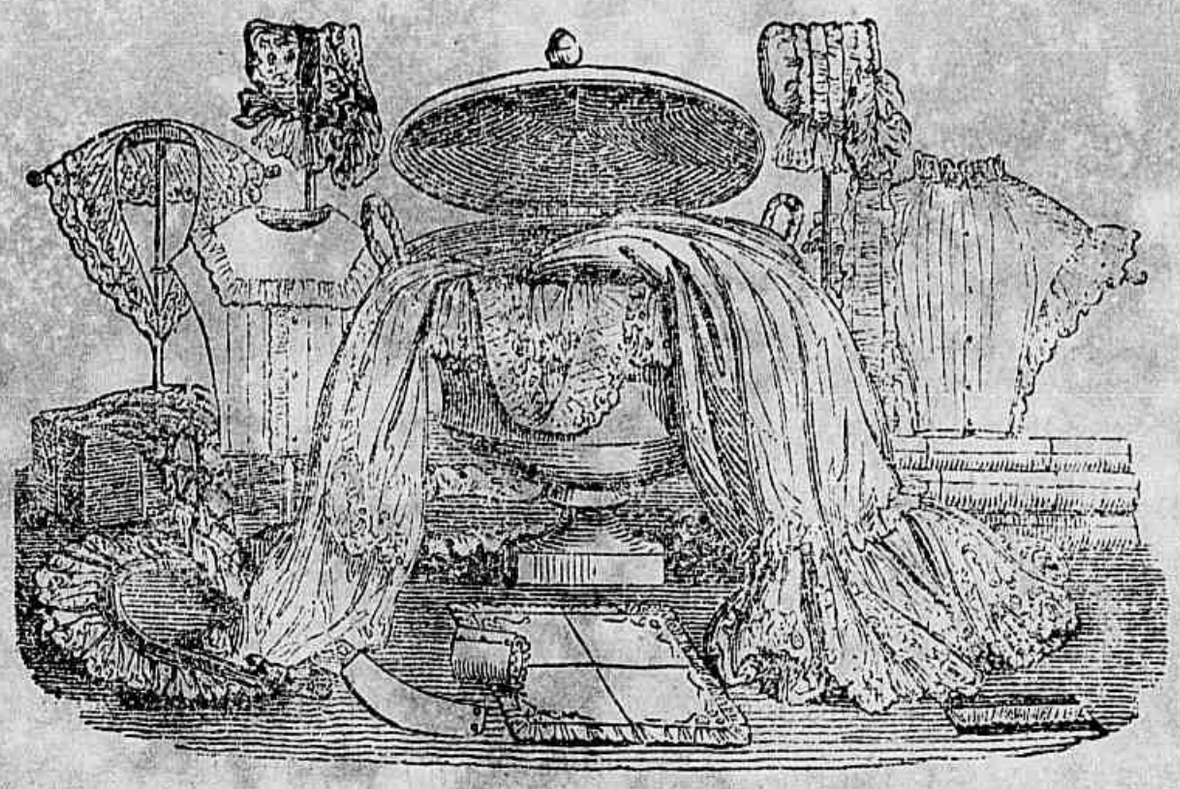
BIBL. NAC. E. PUBL. DA CORUÑA

Anaïs Toudouze

1695

Gerval. *Imp. r. S.t Denis, 380.*

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. N. C. E. PUBL. DA CORTE

HISTORIA DA BELLA AROUYA

OU

TRES AMANTES EM RAROS APUROS.

Conto Oriental.

(Conclusão.)

DALLA voltou pouco tempo depois, e disse á dama: « Senhora, eu puz-me a escutar com muita attenção o que se dizia no quarto do Sr. Banou, e ouvi bastante para saber de que se trata. O cadi vem a esta casa interrogar-vos em presença de Danischmende, que vem em sua companhia. Este doutor affirma que vos deu os mil sequins que vosso esposo lhe emprestou. O grão visir, que se acha informado deste negocio, encarregou o cadi de o aprofundar esta mesma noite para lhe dizer o resultado amanhãa de manhãa. »

Ao ouvir isto, Arouya recorreu ás lagrimas e pedio ao governador que quizesse occultar-se, dizendo-lhe: « Meu senhor, eu vos conjuro que tenhais compaixão de mim. O cadi, Banou e Danischmende vão dirigir-se aqui: poupai-me a vergonha de passar por uma mulher infiel, tende alguma contemplação pela fraqueza que eu commetto por vosso respeito, entrai no meu gabinete e permitti que eu vos feche em um cofre por alguns momentos. » Como o velho fidalgo mostrasse alguma repugnancia pelo que se lhe propunha, a dama lançou-se-lhe aos pés, e teve emfim poder bastante para o persuadir.

O governador foi portanto encerrado no terceiro cofre. Então a mulher do negociante fechou o gabinete, e foi ter com o marido para lhe contar o que se tinha passado. Depois de se terem ambos divertido á custa dos tres amantes desgraçados, Banou lhe perguntou: « E de que maneira pretendes tu desenredar essa aventura? — Vós o sabereis amanhãa, respondeu Arouya. Lembrai-vos sómente que eu vos prometti que nos haviamos de vingar por um modo brilhante, e ficai certo que cumprirei a minha palavra.

Com effeito no dia seguinte ella se dirigio ao palacio do sultão, e insinuou-se na sala em que se dava audiencia ao povo. Immediatamente que foi vista, o seu ar nobre e a formosura do seu talhe não tardárão em attrahir a attenção do principe, que a fez notar ao seu visir. « Vês tu, lhe disse elle, aquella mulher tão bem feita? dize-lhe que se approxime do meu throno. » O visir fez-lhe signal que se approximasse. Ella rompeu por entre a multidão e veio prostrar-se diante do throno. « Que objecto vos traz aqui? lhe diz elle;

erguei-vos e fallai.— Oh poderoso monarcha do mundo, respondeu ella, depois de se ter levantado, possão os dias de V. M. ser eternos, ou, pelo menos, não acabar senão com os seculos! Se vós quereis ter a bondade de ouvir-me, eu vou contar-vos uma historia que vos ha de encher de sorpresa. — É essa a minha vontade, e estou disposto a escutar-vos.—Eu sou a mulher, disse ella, de um negociante chamado Banou, que tem a honra de ser vosso subdito e de residir na vossa capital. Elle emprestou, ha alguns annos, mil sequins ao Dr. Danischmende, que affirma não os ter recebido. Eu fui a casa desse alfaquih para lh'os pedir. Elle me respondeu que nada devia a meu marido, mas que me daria dous mil sequins se eu consentisse em ceder a desejos que elle me explicou. Fui queixar-me ao cadi da má fé do doutor. O juiz declarou que me não faria justiça a menos que eu não tivesse para com elle a mesma complacencia que Danischmende sollicitava de mim. Confusa e indignada do máo caracter do cadi, eu o deixei bruscamente, e me dirigi ao governador de Damasco, porque meu marido é conhecido delle. Implorei o seu auxilio, mas não o achei mais generoso que o cadi; e nada poupou para me seduzir.

O sultão tinha difficuldade em acreditar no que ella lhe representava, e tinha suspeitas de que Arouya inventasse uma fabula para desacreditar perante elle Danischmende, o cadi e o governador. — «Não, não, lhe disse elle, as vossas queixas não são acreditaveis. Eu não poderia persuadir-me que um doutor negasse ter recebido uma somma que se lhe emprestou, nem que um homem por mim escolhido para administrar justiça ao povo tenha tido a baixeza de praticar as insolencias que dizeis. Oh rei do mundo! insistio a mulher de Banou, se recusais acreditar em mim, só pela minha palavra, ao menos espero que não desprezareis as testemunhas irrecusaveis que tenho de tudo quanto affirmo. — Onde estão essas testemunhas? perguntou o rei cheio de pasmo.—Senhor, respondeu ella, estão em minha casa. Mandai, se vos agrada, busca-las immediatamente, e o seu depoimento não poderá ser suspeito a V. M. »

O rei mandou immediatamente guardas á casa de Banou, que lhes entregou os tres cofres em que estavão os amantes. Estando os guardas de volta, Arouya lhe disse :

«As minhas testemunhas estão aqui dentro.» Ao acabar estas palavras, tirou do indispensavel as tres chaves e abrio os cofres. Julgai qual foi a sorpresa que se apoderou do rei, da côrte e de todos os espectadores, quando forão vistos o doutor, o governador e o cadi, todos tres pallidos, desfeitos e tão mortificados, como se podia esperar do desenlace da aventura. Foi impossivel ao rei deixar ao principio de rir-se, ao vê-los em tal situação, que não deixou tambem de excitar a hilaridade geral, mas tomou logo um ar serio e apostrophou os amantes nos termos que merecião. Depois de os ter publicamente reprehendido, condemnou o doutor Danischmende a pagar mais quatro mil sequins de ouro a Banou, depôz o cadi e confiou o governo da cidade a outro magnata da sua côrte. Depois disso, tendo mandado retirar os cofres, ordenou á joven mercadora que levantasse seu véo : « Mostrai-nos, lhe disse elle, esses perigosos encantos, cuja vista foi tão fatal a essas tres personagens que por elles se deixárão fascinar. »

A mulher de Banou obedeceu. Ella levantou o véo e deixou ver toda a formosura do seu rosto. A emoção que lhe tinha causado este successo, e o ver-se obrigada a conservar-se exposta aos olhos de toda a côrte, ainda accrescentavão o brilhantismo da sua tez. Nada se vio jámais tão bello como Arouya. O mesmo rei ficou fascinado pelos seus encantos e exclamou no meio do seu assombro: « Ah! como é bella! As culpas do alfaquih, do cadi e do governador já me não parecem tão graves.»

Não foi só o rei quem ficou encantado. Á vista da sua incomparavel belleza levantou-se por toda a sala um clamor geral de applausos. Ninguem tinha olhos senão para ella, ninguem se satisfazia de a contemplar e de a louvar. Como o rei mostrasse o desejo de ouvir todos os detalhes da historia que ella acabava de contar succintamente, ella os contou com tal espirito e graça, que ainda accrescentou á admiração geral : a sala da audiencia retinio com louvores; e os que conhecião Banou, apezar do máu estado dos seus negocios, o achavão feliz de mais em ter uma tal mulher.

Depois de ter satisfeito a curiosidade do rei, testemunhou-lhe o seu agradecimento pela justiça que lhe tinha feito, e retirou-se para sua casa. Mas oh! se ella deixou de estar diante dos olhos de S. M., nem por isso deixou de se lhe offerecer ao pensamento. Elle ficou continuamente occupado

com a sua imagem, sem poder distrahir-se nem um só momento, e emfim conhecendo que ella perturbava o seu socego, mandou occultamente procurar o marido. «Ouvi Banou, eu sei a situação a que o vosso coração generoso vos reduzio, e não duvido que o desgosto de não poder viver como até aqui o fazieis vos não seja mais sensivel do que mesmo a vossa miseria.

«Eu tenho resolvido pôr-vos em estado de convidar vossos amigos, vós podereis até fazer maiores despezas do que jámais tendes feito, e isso sem o receio de tornar a cahir em pobreza. Em uma palavra, estou resolvido a accumular-vos de bens, comtanto que da vossa parte estejais disposto a prestar-me um serviço que exijo de vós. Estou abrasado da mais violenta paixão por vossa mulher: repudiai-a, e remettei-m'a. Fazei-me esse sacrificio, eu vos conjuro, e em agradecimento, além de todas as riquezas que tenciono dar-vos, consinto que façais escolha da mais bella escrava do meu serralho, e eu mesmo vou conduzir-vos ao aposento das minhas mulheres, e escolhereis aquella que mais vos agradar. »

«—Grande rei, lhe respondeu Banou, todos os bens que vós me offereceis, tão grandes como possão ser, não terião a menor força para me tentar, se fosse preciso compra-los com a perda de minha mulher. Arouya me é cem vezes mais cara do que todas as riquezas do mundo. Julgai, senhor, dos meus sentimentos pelos vossos, e então vereis se eu posso ser deslumbrado pela fortuna brilhante que me offereceis. Comtudo, tal é o amor que eu tenho por minha esposa, que sou capaz de preferir a sua propria satisfação a todos os meus interesses. Eu vou immediatamente ter com ella, e contar-lhe o effeito que a sua formosura produzio sobre vós, e as offertas que me fazeis, para que vos ceda a sua posse; talvez que encantada por uma tão gloriosa conquista, ella me deixe perceber algum desejo disfarçado de que eu a repudie, e se isso assim fôr, eu juro que assim o faço e sem a menor hesitação, apezar de toda a ternura que por ella tenho. Eu me sacrificarei á sua felicidade, seja qual fôr o desgosto que me póssa trazer a sua perda. »

Elle não dizia nada que não fosse effectivamente capaz de fazer. Logo que deixou o rei, foi a casa contar á mulher o resultado da entrevista que com o mesmo acabava de ter, e depois de a ter informado de todas as offertas que tinha feito, accrescentou: « Arouya, minha querida Arouya, pois que vós encantastes o rei, aproveitai-vos da vossa boa fortuna; ide viver com esse joven monarcha; elle é amavel, e mais digno que eu de vos possuir. Fazendo a sua ventura, vós gozareis de uma sorte mais bella que a de ser socia das minhas miserias. » Elle não pôde acabar estas palavras sem derramar algumas lagrimas. « Ó Banou! lhe respondeu Arouya, vós pensais causar-me algum prazer contando-me o amor do rei? Podeis acaso persuadir-vos que as grandezas me deslumbrão? Ah! desenganai-vos, se tendes tal pensamento, e acreditai antes que, tão desgraçado como vos achais, eu prefiro e estimo mais viver em vossa companhia do que na de principe algum do mundo. »

O velho mercador ficou encantado deste discurso. Elle abraçou sua mulher com transporte. « Thesouro do seculo! de que louvores não sois digna! Vós mereceis reinar sobre o coração a que me preferis. Não é justo que uma esposa tão encantadora pertença a um homem tal como eu. Acho-me já n'uma idade bastante avançada, e vós apenas encetando a primavera de vossos bellos dias; não sou mais que um infeliz, e vós podeis, abandonando-me, obter o mais feliz destino. É permanecer demasiado tempo ligada a um homem que nada tem que vos falle em seu favor mais que a vossa virtude. Não queirais subtrahir-vos á brilhante elevação a que o amor vos chama, e, sem considerar qual será o meu sentimento quando vos tiver perdido, consenti que vos repudie, para tornar a vossa sorte mais agradavel. »

Quanto mais Banou testemunhava querer ceder Arouya ao rei, tanto mais esta resistia. Emfim, depois de um longo combate, em que o amor conjugal prevaleceu, o negociante disse a sua mulher: « O' minha cara esposa! contentai-vos pois de reinar sobre o meu coração, já que a isso limitais todos os vossos desejos! Mas que direi eu ao rei? Elle espera a minha resposta, e espera que ella será conforme aos seus desejos. Se eu lhe vou contar a vossa negativa, que não teremos nós a temer do seu resentimento? Reflecti que é um soberano e que póde tudo. Talvez que elle empregue a violencia para vos obter, e eu não poderei defender-vos contra um rival tão poderoso. »

« —Eu vejo bem, respondeu Arouya, a desgraça que nos ameaça, mas não é impossivel o evita-la. Em lugar de ir ter com o rei e de o irritar, participando-lhe que eu renuncio ás honras que elle me quer fazer, tomai todo o dinheiro que ainda vos resta, levemos o que possuimos de mais precioso, e tratemos de sahir daqui quanto antes, fujamos e recommendemo-nos ao propheta. Elle nos não abandonará. » Pareceu bem a Banou este conselho e resolveu-se a segui-lo.

Nem mais depressa do que tinhão tomado esta resolução, tardárão em a executar. Sahirão da cidade nesse mesmo dia e dirigirão-se para o Grão-Cairo. Soube o rei tudo isto no outro dia, por meio de Dalla Moukhtala, que não tinha querido acompanhar sua senhora, e que lhe foi levada por um confidente que tinha mandado á casa de Banou, na impaciencia em que se achava de o tornar a ver. Se elle tivesse sido menos senhor de suas paixões, e tivesse querido forçosamente satisfazê-las, teria podido ver Arouya no harem contra sua vontade, nem era preciso mais, que mandar após della; mas seria commetter uma injustiça, e nunca desejou contrariar os corações. Deixou elle pois á mulher do negociante a licença de fugir-lhe, e de se retirar para onde lhe agradasse, ao mesmo tempo que estudava por esquecer um amor desgraçado, estudo que não foi menos vão que penivel. Arouya, apezar de todos os esforços que elle empregou pela desviar do seu pensamento, se lhe conservava sempre na idéa. A sua formosura e a sua virtude a estabelecêrão no coração delle, e desde vinte annos, que já erão passados, a sua recordação o tornou insensivel aos encantos de todas as suas mais bellas escravas. As mais escolhidas e as mais picantes, apenas o divertem, sem poder occupa-lo.

Bedreddin Lolo acabou por esta fórma a sua historia. O visir Atalmulk e o principe Seyf-El-moulouk perguntárão se elle não sabia o que poderia ter sido feito de Arouya, ao que elle respondeu negativamente, e que della não tinhão havido mais noticias depois desses successos de Damasco.

Traduzido por Henrique Velloso de Oliveira.

COMBATE DE TOUROS.

Em um vasto amphitheatro levantado no meio do campo, costuma a augusta rainha, habil na arte de ganhar o coração do seu povo, cuidando dos seus prazeres, convidar repetidas vezes os seus guerreiros ao espectaculo mais estimado dos Hespanhoes. Ali os jovens commandantes, trocando a couraça por uma vestia de seda, se apresentão montados em ligeiros cavallos, armados unicamente de lança para atacar e vencer bravissimos touros; soldados a pé, ainda mais ligeiros, ali apparecem de coifa na cabeça com capa escarlate na mão esquerda, e algumas garrochas na direita.

O juiz (el alcalde) proclama a lei que prohibe soccorrer algum dos combatentes, não lhes permittindo outras armas além da lança para matar e da capa para defender-se. Os reis, acompanhados da côrte, costumão presidir estes divertimentos; e o exercito inteiro, occupando o amphitheatro, pelos seus gritos e transportes de alegria, justifica a excessiva paixão que tem por estes antigos combates.

Dá-se o signal; abre-se a cancella; precipita-se o touro para o meio do curro; mas ao estrepito de mil instrumentos, aos gritos e á vista dos espectadores, elle pára inquieto e torvo, lançando fumo pelas ventas; e olhando com ferocidade para o amphitheatro, se mostra sorprendido e furioso. De repente se precipita sobre um cavalleiro, que o fere, e foge com rapidez para o lado opposto. O touro se enfurece então, persegue-o de perto; mas apresentando-se-lhe, neste momento, um capinha, deixa o cavalleiro, para correr sobre elle. O déstro Hespanhol, no mesmo instante, evitando a pancada, atira-lhe as pontas a capa, e lhe crava uma garrocha, que de novo lhe faz correr o sangue. Ferido por mil garrochas que lhe atirão, e cujo ferro curvo fica dentro da ferida, dá pulos e urros medonhos, correndo por todo o circo, sacudindo ao mesmo tempo as numerosas garrochas, que lhe pendem do pescoço; e fazendo voar juntamente grumos de sangue e os pedaços da capa, cahe finalmente espumando, cansado de tantos esforços, de raiva e dôres.

Foi em um destes combates que o temerario Cortez se expôz a perder a vida destinada a gran-

des façanhas. Ardendo por se assignalar á vista da bella Mendonça que possuia o seu coração, apresenta-se montado em soberbo cavallo andaluz, e começa a combater um touro furioso, com a dextreza exigida pela arte. Não obstante o imminente perigo a que se acha exposto, o jóven amante não deixa de olhar constantemente para a formosura, que occupa o seu pensamento, e vendo cahir no curro um ramalhete de flôr de laranjeira que lhe enfeitava o peito, apeia-se, corre e vai apanha-lo, quando o touro se precipita sobre o imprudente Cortez, que seria victima, se um grito de Mendonça não o advertisse. Cortez, sem largar ás flôres, com vista firme, dirige a lança á espadua do animal, e o derriba moribundo.



POESIA.

N'UM LIVRO.

A. M. J. C.

Neste livro de primores,
Minha mão incerta, pousa;
Não para deixar-lhe flôres,
Qu' invejar apenas ousa;
Mas para uma por uma
Admirar-lhe o lavor
Das que já tem enlaçadas
Entre os segredos d'amor.
Onde em cyfras graciosas
Pôz empenho a fantasia,
Que se escrevessem com rosas
Os hymnos da poesia!

Não será profano intento
Tocar com mão inexperta,
Nestas flôres que o pensamento,
Revestio de fórma incerta?
Minha mão hesita, teme;
Tem medo de macular
A candidez d'açucena,
O calix do nenuphar.
Afeita ás silvestres plantas,
Nas bravas serras colhidas,
Como póde ata-las — tantas
Nos jardins do céo nascidas?

Neste livro, enlevo d'alma,
Por mimosas mãos traçado,
Das artes se eleva a palma,
Sendo a affectos consagrado!
Mas nem só falla aos sentidos
Em seu risonho matiz,
O coração tambem goza
Nos segredos qu'elle diz,
Sem os pregoar comtudo;
Mas nesta dubia incerteza
Que faz d'um sorriso mudo
Confidencias da belleza!

Aqui depôz a amizade
Mil boninas matizadas,
Já no rôxo da saudade,
Já nas murtas enlaçadas.
Como n'um jardim virente,
Mimosas mãos vão colher
A camelia, a rosa, o cravo
Para grinaldas tecer;
Assim neste livro d'ouro
Onde tudo é bello e puro,
Tem o passado um thesouro
Para os dias do futuro!

A. E. Zaluar.

PATRIMONIO DE NOVA ESPECIE.

Um joven, enamorado de uma menina filha de pais abastados, vendo perdidas as suas esperanças, consultou um advogado seu amigo sobre o seu negocio, o qual lhe disse: « Tu não tens fortuna nem esperança de a adquirir; ora dize-me: consentirás que te arranque o nariz por quarenta mil cruzados?...

—Que dizes? replicou o mancebo, eu não consentiria em tal, antes que me fizessem senhor de todo o ouro da California.

—Muito bem; tenho motivos para te fazer esta pergunta.

O advogado dirigio-se immediatamente á casa do pai da querida do seu amigo, e a pedio em casamento. O velho era um avarento de primeira classe, porém o procurador do negocio, que o sabia, prevenio-se dizendo-lhe:

O meu honrado cliente não tem actualmente moeda sonante, porém possue uma joia que está vinculada, e que não póde alienar, e pela qual eu mesmo lhe offereci quarenta mil cruzados, a cujo contracto elle immediatamente, bastante offendido, se recusou.

Esta segurança induzio o pai a annuir ao casamento, que se effectuou com grande satisfação dos noivos.

Passado algum tempo, o velho desejou ver qual era a joia que tinha seu genro, e pela qual o advogado seu amigo dava uma quantia tão exorbitante!...

O noivo, para satisfazer o seu desejo, lhe respondeu:

—É esta!...

E lhe indicou o nariz!...

O pobre pai, puxando-lhe por elle, deu ao diabo joia de tantos quilates.

LIÇÃO RECIPROCA OU OS PAPEIS TROCADOS.

Diz a chronica que o celebre autor Swift não era muito generoso; assim raras vezes dava gorgetas aos criados dos que lhe mandavão algum presente; mas um dia recebeu uma boa lição de um rapazinho que por vezes lhe trouxera coelhos, perdizes e outras caças. Acontecendo chegar este com um cestinho bem provido de fructas, peixe e aves, bateu á porta, e por acaso foi o deão mesmo quem lh'a abrio.

« Aqui está um cestinho cheio de cousas que lhe manda meu amo, » disse rusticamente o rapaz.

Swift, resentido da sem-ceremonia do menino, lhe disse:

« Vem cá, meu rapaz, para eu te fazer ver como deves desempenhar uma mensagem desta natureza um pouco mais polidamente: vem e faze de conta que és o deão Swift, e eu vou fazer de criado. »

Ao depois, tirando seu chapéo de maneira muito polida e dirigindo-se ao rapaz, lhe disse:

« Senhor, meu amo vos manda offerecer este pequeno presente, e espera lhe façais a honra de aceita-lo. »

« Muito bem, meu rapaz, respondeu o menino, diga ao seu amo que lhe fico summamente agradecido, e *tome lá meia corôa* de molhadura pelo seu trabalho. »

Swift não pôde conter uma risada, e de então em diante aproveitou a advertencia.

THEORIA DO CHARLATANISMO.

Um celebre medico hollandez, o Dr. Vansleb-ten, que ha annos estava estabelecido em Londres, passando pela praça chamada *Grosvenor-square*, parou a contemplar um charlatão que, em um soberbo carrinho puxado por quatro cavallos, com varios criados magnificamente ataviados, attrahia immensa multidão á qual fazia pomposa distribuição de suas drogas. Indagou onde elle morava e mandou-lhe um recado pedindo-lhe que fosse á sua casa no dia seguinte: o charlatão foi pontual.

—Cavalheiro, disse-lhe o doutor, ouvi hontem annunciar publicamente que tinha remedios efficazes para toda a qualidade de molestia: diga-me, tem algum para a curiosidade? Hontem olhei attentamente para Vm., e julguei tê-lo já visto n'outra occasião, mas não posso recordar-me do lugar, nem da occasião.

— Ser-me-ha muito facil satisfazer á sua pergunta. Servi muitos annos em casa de *milady* Waller, a quem V. S. visitava com frequencia. Eu era o seu primeiro escudeiro, e V. S. me vio infinitas vezes na sua ante-sala. Sahi dali ha tres annos para exercer o officio a que, como V. S. vê, me tenho dedicado.

— Cada vez excita Vm. mais a minha curiosidade. Como é possivel que talentos adquiridos em tres annos lhe tenhão grangeado meios para sustentar a brilhante posição em que parece achar-se, emquanto eu, exercendo ha quarenta annos a minha profissão com a maior sollicitude, e até me atrevo a dizer, com alguma celebridade, apenas posso sustentar a minha modesta posição?

— Cavalheiro, para que eu possa responder completamente á sua pergunta, permittirá V. S. que lhe faça primeiro outras duas.

— Com muito gosto.

— V. S. habita n'uma das ruas mais frequentadas de Londres. Quantas pessoas julga V. S. que passem diariamente por ella?

— Será difficil dizê-lo; mas, por um calculo approximado, serão dez mil pessoas.

— Aceito esse calculo, como um dado positivo. E dessas dez mil pessoas quantas acredita V. S. que tenhão juizo?

— Talvez não haja mais do que cem.

— Pois ahi está, doutor, acaba V. S. de responder á sua propria pergunta. As cem pessoas de juizo constituem a clientella de V. S., e as outras nove mil e novecentas, a minha.

MAXIMAS E PENSAMENTOS.

Bellas flôres, quanto vos invejo! murchais e morreis, mas não tendes como os homens na velhice a sensibilidade e consciencia dolorosa de seus males, decadencia e morte.

Pagamos com dôres na velhice as dividas contrahidas com a Moral na mocidade.

A civilidade é um verniz que dá lustro aos homens e os faz parecer melhores do que ordinariamente são.

O instincto da maternidade se annuncia nas meninas pelo zelo e paciencia com que crião e pensão os pequenos animaes por mais incommodos que sejão.

A melhor entidade da terra é uma boa mulher, a peior a que é má.

CHRONICA DA QUINZENA.

Que admiraveis noites de luar! Depois daquelles dias borrascosos vierão, por assim dizer, tirar-nos um peso d'alma estas noites serenas e placidas, em que parece o coração se dilata na expansão da felicidade e do gozo! Eu gosto de commemorar estas noites, estas horas tão rapidas, que deixão porém uma lembrança tão consoladora nas nossas, muitas vezes, mais intimas memorias. As scenas tristes ou alegres da natureza associão-se por tal modo com os diversos periodos da nossa existencia, que são inseparaveis do espirito. Quem ha ahi que em presença d'uma bella noite de luar, não se sente pensativo n'um marco do caminho, ou á beira d'um rio, para scismar, enlear-se nas recordações do passado, que ora doces, ora amargas lhe refluem á imaginação! Uma noite de luar é uma noite de saudades, tem aquelle *gosto amargo de infelizes* que faz humedecer os olhos de involuntarias lagrimas.

Quanto deverião ter sido bellas estas noites ultimas passadas nas solidões do oceano! É ahi só, em face do mais sublime verbo da creação, que o homem aprende a admirar as maravilhas do Eterno! O espirito eleva-se pouco a pouco, e remontando ás regiões do ideal, confunde-se com as aspirações eternas. Depois desce das alturas do espiritualismo para a contemplação das cousas terrestres. Que fonte de inexgotaveis meditações não suggere o fragil lenho que nos leva ás extremidades do globo, transpondo incolumes milhares e milhares de leguas! Que consolação não tem a lembrança de tornar a ver a terra, sobretudo se ella é da patria, onde nos ficárão todas as affeições, todos os laços que nos prendem á vida, ao mundo, ás santas e saudosas recordações dos afortunados dias da nossa infancia! Oh! ninguem conhece esse prazer se ainda uma vez o não gozou!

Rapidos devião ter sido para os passageiros da barca portugueza *Isabel* os momentos de incerteza que acompanhão todo o navegante que se vê isolado na solidão dos mares. Esta barca de quem é capitão o Illm.º Sr. Antonio Pires Vianna Junior, chegou a este porto no dia 1.º do corrente, vinda de Lisboa com 26 dias de viagem! Este acontecimento não é só uma felicidade que revela um acaso feliz, mas uma demonstração do talento e pericia nautica do Sr. Vianna, que era já bem conhecido entre nós, pelas curtas viagens com que tem entrado nesta barra, e pelos esforços que faz para serem a bordo os passageiros tratados com toda a delicadeza e cuidados, proprios de uma pessoa de fina educação. Como nem sempre é facil encontrarem-se juntos estes predicados, é com prazer que manifestamos ao publico esta noticia, que suppomos lhe será agradavel.

O paquete de Southampton entrou no dia 10. As noticias mais importantes que nos traz é a dos preparativos de guerra em que anda empenhada a soberba Albion! Terão fundamento as conjecturas que taes aprestos fazem nascer nas cabeças dos homens politicos de todos os paizes? Será verdade que teremos ainda de presenciar uma luta gigante, que arraste comsigo todos os povos, como aquellas antigas guerras das Cruzadas, que levárão aos desertos da Palestina todas as nações do mundo christão? Altos segredos da Providencia, quem vos poderá penetrar? Não é dado a ninguem, quanto mais a um pobre chronista, cujo unico mister se resume a narrar todos os quinze

dias as noticias mais notaveis dos acontecimentos dignos de mencionar-se.

Houve nesta quinzena o baile da Lysia. É o segundo, julgo eu, nesta quadra. Esteve animado, alegre e concorrido. Muitos toilettes brilhantes, muitos rostos encantadores. Quando eu andava absorto na contemplação de tantas bellezas, sem saber qual havia de escolher, porque é uma difficil missão esta, afim de fazer a sua descripção ás minhas amaveis leitoras, um amigo se chega a mim e me disse:

— Já reparou naquella joven de vestido de tarlatana côr de rosa e flôres de igual gosto no cabello?

— Não, mas é encantadora.

— Muito mais se attendermos que não dansou nem uma contradansa esta noite, e parece agitada por algum desgosto occulto.

— Fica-lhe tão bem esse ar de melancolia, que protesto dizer no *Correio das Modas* a impressão que me fez.

— Não se esqueça, que bem o merece.

O caso é que me não esqueci.

E tempo de recolher á minha tenda: este jornal é na realidade tão variado, que não comporta uma chronica de grandes dimensões. Ficarei por aqui, até nova peregrinação pelos campos dos acontecimentos da quinzena, de que sou fiel e veridico narrador.

D. Sallustio.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

Não levem a mal as damas, que hoje nos occupemos mais dos cavalleiros. Não é um signal de preferencia, é o cumprimento de uma obrigação, para nós sagrada. Vamos portanto satisfazê-la. Deos nos livre que viessem depois dizer-nos — faltou, não cumprio as promessas do seu programma. Isso era para dar-nos com a empreza em terra. Nada, uma gravura de figurinos de homem, de mez em mez, não é razão de queixa para ninguem. As moças não tem motivo tambem para ficar desgostosas, porque nós lhes daremos cada mez os tres mais bonitos figurinos de todos quantos encontrarmos nos mais bem reputados jornaes de modas de Paris. Feita esta promessa, doce para muita gente como uma bala de ovos, vamos tratar de fazer as nossas devidas explicações.

O *primeiro* figurino collocado á esquerda é composto de um twine-sac, muito curto, largo e direito, arredondado nas margens, gola estreita e aberta em fórma de V; quatro botões na frente; mangas largas, sem enfeites nem abertura; algibeiras no peito. Collete de seda, calça larga e justa embaixo, cahindo sobre o peito do pé.

O *segundo*, do meio, é um costume inteiramente de verão e muito proprio para os nossos passeios de campo. Collete de acolchoadinho de côres semeado de flôrinhas; rodaque de cotin inglez, de configuração ligeira; gola em fórma de V e bandas direitas para poder abotoar-se até abaixo, genero inglez. Calça de ganga, apanhando o peito do pé, mas sem occulta-lo. Costuma usar-se com este vestido meias de seda de fantasia, e sapatos de verniz.

O *terceiro*, é um traje que serve para muitos fins; compõe-se de uma especie de habit-vert, ou fato de montar a cavallo, podendo abotoar-se até acima; algibeiras no peito e dos lados; quatro botões adiante; mangas direitas e um pouco largas no pulso; collete de acolchoadinho bordado; calça de lista. Este *habit de cheval* póde ser de casimira ou de seda. Tanto de uma como de outra fazenda, é muito elegante, e deve aproveitar aos nossos tafues, pois é muito proprio para a estação, pela sua leveza e fórmas um pouco largas.

ADIVINHAÇÃO.

O cego não póde
A mim que bem posso;
Humilde e pequeno
Na terra me roço.

S.

CHARADA.

Ah mal que o bebo, 1
Assim me torno; 2
Pois si o apanho
Hei tal transtorno.

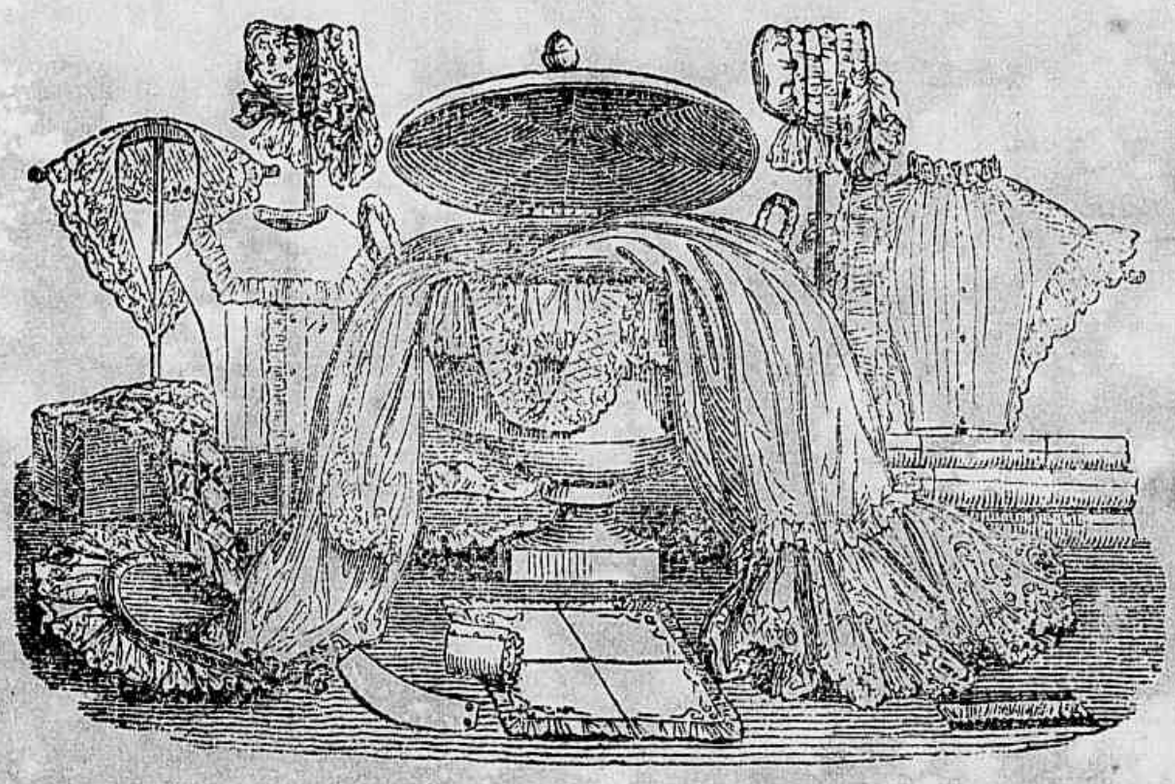
A significação da Charada do n.° 10 é: Canella.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

BIBL. DE L'ÉCOLE DES CHARTES

Gerval, Imp. r. St Denis, 380.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

A TORRE DE POLVORA DE SAN SPIRITO EM VENEZA.

Episodio da insurreição de 1848.

I.

No vapor da carreira de Trieste a Veneza, embarcou em um dia do mez de Março de 1848 um joven guerreiro austriaco de classe inferior. Tanto pela nitidez e asseio de seus uniformes, como pelas suas maneiras desembaraçadas e polidas, facilmente se via que era filho de gente limpa, e que devia dispôr do outros meios além do triste soldo. O guerreiro austriaco differençava-se dos Allemães do Norte, pela pala de sua barretina, que, em vez de cahir-lhe pelos olhos abaixo como a destes, formava com o seu boné um augulo recto, ou, para melhor dizer, um angulo agudo. Por baixo da pala levantada do seu boné divisava-se um rosto redondo, claro, alegre, ingenuo e vivo. Com razão se poderia dar ao guerreiro austriaco o nome de Gascão germanico, por estar até o seu humor em perfeita harmonia com o seu exterior. Tal era o mancebo a quem a tripulação da barca tratava pelo Sr. Bachmair. Com os braços encruzados para trás, passeava pelo convez da barca de pôpa á prôa, entremettendo-se nas conversas dos differentes grupos de passageiros, dizendo a uns uma pilheria, dando a outros algum remoque; ao que todos respondião com uma risada ou com algum gracejo. Chegou-se afinal a um grupo de Italianos que estavão sentados junto ao cano do vapor, e que discutião em meia voz assumptos politicos.

— Não vos mettais com os Carbonarios, Sr. Bachmair, advertio-lhe um moço da barca, pois estão n'um estado tal de effervescencia, que podem atirar-vos pela borda fóra quando menos o pensardes. Não reparais como os taes homens das barbas pretas revirão os olhos, rangem os dentes e atirão indirectas quando vos chegais para junto delles?

— Qual! respondeu o Gascão germanico rindo-se; são uns papa-macarrões que só tem prosa e nem um pingo de força. Se ouvissem disparar um tiro de polvora secca, amolarião as canellas que nunca mais ninguem lhes veria o rasto... Sabes dizer-me, Matheus, se aquella senhora que está ali sentada ao pé daquelle joven italiano, é moça e bonita?

— Se assim fosse, respondeu Matheus, não teria ella por certo tanto cuidado em encobrir a cara. Fazenda sem avaria anda hoje em dia á mostra e não empapelada por tal modo.

Isto dizendo, atirou Matheus com um balde

ao mar para tirar agua e principiar a baldeação. Tendo Bachmair por esta manobra sido obrigado a recuar, achou-se insensivelmente junto da dama, que tinha o rosto coberto com o véo.

De ordinario partem os vapores de Trieste logo ao anoitecer, e, se não ha ventos contrarios, chegão a Veneza pouco depois da meia noite, de sorte que se póde levar toda a viagem de um somno, salvo quem prefere ficar emcima contemplando a belleza do mar. A maior parte dos passageiros, como de costume, tomárão este ultimo expediente. Vindo nessa occasião nascendo a lua como nos antigos tempos de Cythera, e prateando as nuvens com seus argentinos raios, voltou-se Bachmair para a sua vizinha exclamando como em extasis:

— Oh! vêde, senhora, como está bonita!

A exclamação do joven cadete, que contava apenas dezenove annos, produzio tal effeito, que a dama arregaçou o véo para trás, deixando ver um semblante que desmentio inteiramente as supposições de Matheus, pois que não só era moça, como tambem encantadora. Bachmair, lembrando-se de que podia ainda ver muitas vezes a lua nascer, ao passo que talvez lhe não seria tão facil ter outra occasião de admirar a sua encantadora vizinha, embebeu-se todo em contemplar esta ultima. Mas eis que de repente pulou um dos Italianos gritando: «Miranda! um morcego!» e estendendo o braço, como se quizesse enxotar o imaginario morcego, atirou ao chão o boné de Bachmair, deixando-lhe ao mesmo tempo a cabeça soffrivelmente convidada com o tombo que lhe deu. A barbilonga chusma de Italianos applaudio com estrondosa gargalhada este tão rasteiro gracejo.

O joven guerreiro abaixou-se, apanhou o seu boné, e pondo-o outra vez na cabeça, como se a cousa não tivesse sido com elle, voltou-se para a bella, a qual nesse interim tinha abaixado o véo, e fazendo uma ligeira cortezia retirou-se. Dahi a pouco tempo, dando o sino do vapor signal de estar um navio á vista, e levantando-se dos seus lugares toda a gente que estava na coberta para ver a embarcação, gritou Bachmair de repente:

— Um corsario! um corsario! ás armas!

E pulou com tamanho impeto, que estendeu de costas o Italiano do morcego com outro que se achava junto delle. Os Italianos levantárão-se todos enfiados com as risadas que os Allemães por seu turno derão. A propria Miranda não pôde deixar de rir pela surdina, e de dizer ao adversario de Bachmair:

— Deves confessar, Negretti, que o joven Allemão vingou-se bem do ultraje que lhe fizeste. Não sei porque fizeste tamanho espalhafato por olhar elle um instante para mim, quando talvez já depois de amanhãa me veja bem a seu gosto por meia lyra!... Peço te que te deixes de ser tão ciumento. De mais, o cadetinho não passa de uma criança.

Porém a tal criança tinha mostrado a força e a resolução de um homem, e Negretti jurou-lhe internamente implacavel vingança. Descendo pouco depois com Miranda para a camara, por ir-se a noite tornando fria, encontrou elle o cadete sentado á mesa tomando um ponche e chalaçando no melhor humor com aquelles que lhe fazião companhia.

— Permitti-me, *signora*, disse Bachmair a uma Italiana de cabellos e olhos negros que com mais tres passageiras armára um concerto a bordo do vapor, e que justamente acabava de cantar a aria de Rossini: *Di tanti palpiti*.

Palavras não erão ditas, pegou o cadete em uma guitarra que estava a um lado, preludiou um pouco, e principiou a cantar com uma bella voz de tenor já bem formada:

Venha, venha, minha bella,
Venha comigo dansar
A bella dansa da polka
Que de gosto faz pular!

A musica deste texto é a bem conhecida toada da polka, que na verdade é bastante engraçada, e por isso os circumstantes do sexo feminino prestárão-lhe a maior attenção. Negretti, voltando-se então para um Italiano que lhe ficava vizinho, disse-lhe bastante alto.

— Parece-me que estou ouvindo um burro a zurrar.... Fazei-me o favor de dizer se já vem rompendo o dia?

Sem dar-se por apercebido, continuou Bachmair a cantar para diante:

Deixa tua mãi dizer
Que os homens são inconstantes!

— Que maldita algazarra! clamárão os Italianos, não nos estejais a quebrar os ouvidos.

— Tendes razão, *signori*, respondeu o cadete

olhando para dentro da guitarra afim de ver o nome do fabricante. O instrumento é italiano, e este é o motivo de ser tão desentoado.

Já desde então existia indisposição entre as duas nações!

II.

O joven Bachmair era filho de um rico negociante de Gratz em Styria, que, depois de uma licença de tres mezes, ia reunir-se ao seu regimento, que nesse interim havia marchado para Veneza. Apezar de levar muito boas cartas de recommendação para os principaes negociantes de Veneza, resolveu comtudo Bachmair não servir-se dellas senão em caso de grande necessidade, á vista da inimizade que já ia grassando entre os Italianos e Allemães. Poucas semanas havia que os Francezes tinhão expulsado ao seu rei Luiz Filippe e restabelecido a Republica: tinha-se a faisca revolucionaria communicado a toda a Italia, a qual vendo ir o fogo ateando-se cada vez mais, queria tambem sacudir de si toda a influencia estrangeira e dos inimigos da sua liberdade. Todos os symptomas indicavão que o incendio que ia lavrando por toda a parte em breve se converteria em devoradora chamma. Os chefes austriacos no reino Lombardo-Veneziano parecião ser os unicos que ignorassem o imminente perigo, ou que, fiados na sua força, desprezassem a fraqueza dos Italianos.

O joven cadete Bachmair partilhava a incuria de seus superiores, o que era nelle em grande parte devido á irreflexão propria da mocidade. Sendo a primeira vez que ia a Veneza, não cuidou, assim que chegou, em outra cousa mais do que em ver as bellezas e curiosidades da velha cidade insular. Como fallasse o italiano correntemente, e tivesse os cabellos pretos, facilmente o tomavão por um nacional, não encontrando assim obstaculo algum.

—Que tal te parece a nossa *prima donna?* perguntou ao cadete um joven camarada seu do mesmo regimento, que o acompanhou a primeira vez que foi ao theatro. Está aqui ha pouco tempo, e veio de Trieste: chama se Miranda Mirandolini. Não só representa e canta optimamente, como, além disso, é linda. Porém tem um amante chamado Negretti, aquelle que está justamente agora fazendo tambem na scena o papel de seu amante, e que anda sempre com os cinco sentidos nella.

Bachmair deu uma formidavel gargalhada e disse em tom faceto:

Como! Miranda é uma actriz? E eu a tinha tomado por uma duqueza! Negretti um comico! e não um doge ou algum membro do Conselho dos Tres!... E assim fiquei até agora privado de dar um bravo!... Hei de ir logo á caixa do theatro fazer os meus comprimentos á minha companheira de viagem e informar-me de como tem passado; mas aproveitarei alguma occasião em que o signor Negretti esteja só em scena sem Miranda.

A representação daquella noite parecia de proposito escolhida para alguma catastrophe politica, ou ao menos cheia de allusões que o publico italiano costumava acolher ora com estrondosos applausos, ora com formidaveis gargalhadas, conforme se referião á liberdade da Italia ou ao rebaixamento da Austria.

Quando no fim do acto sahio Bachmair da platéa com o seu camarada, observou este:

— Vejão só como estão os Italianos hoje lembrando-se do seu antigo costume de cuspirem dos camarotes na platéa. O que outr'ora denotava o desprezo que os nobres que occupavão os camarotes votavão á baixa plebe da platéa, hoje entende-se com nós outros Austriacos. Miseraveis Italianos! parecem-se com os meninos que mostrão o seu despeito escarrando. Tudo está em evitarmos os seus escarros, pois que só nesta baixa demonstração se cifra o odio dos nossos inimigos para comnosco.

Dahi a pouco estava Miranda atrás de um bastidor estudando o seu papel, que tinha na mão, quando de repente se apresentou diante della um espirituoso mancebo que fazia duas covinhas nas faces quando se ria, e a quem principiava a apontar no queixo e no beiço de cima macio buço, o qual lhe disse em voz alta e em termos polidos:

— Perdoai, bella signora, se me atrevo a perturbar-vos; porém não pude sofrear o desejo de vir informar-me da minha amavel companheira de viagem o como passa e o como se tem dado na cidade insular.

Miranda levantou os olhos admirada, e estremeceu.

— Que quereis aqui? perguntou mudando de côr. Retirai-vos quanto antes, senão estais perdido.

— Não receio nem todos os punhaes de quanto theatro haja em toda a Europa, respondeu o cadete corajosamente, ainda quando brandidos pelo proprio signor Negretti contra o meu peito indefeso.

— Sois ainda uma criança! replicou Miranda afflicta, — sem experiencia e innocente. Não vos deixeis aqui ficar! Em nome de Deos, ide vos embora! Não volteis ao theatro; ide reunir-vos ao vosso regimento; ide direito para o vosso quartel; depressa! sem perda de tempo!

O olhar inquieto de Miranda e o seu estado febril fallavão mais expressivamente do que os seus labios. Continuando a ficar o joven militar como que irresoluto, abaixou-se a actriz precipitadamente, agarrou em um capote que um dos comicos tinha atirado no tablado, e embrulhando nelle o cadete arrastou-o para fóra da caixa do theatro, não cessando de repetir-lhe as suas advertencias.

Bachmair, sahindo, ia dizendo comsigo mesmo, abanando a cabeça e rindo-se: « Já uma vez, por me querer metter a rabequista com umas lavadeiras, agarrárão me e atárão-me um avental, e se me quiz ver livre, foi preciso pagar a patente; agora acontece-me o mesmo por querer metter-me de gorra com comicas..... Mas desta feita creio que escaparei da multa! »

Bachmair já ia tirando o capote quando ouvio a gritaria de uma multidão de vozes partindo da sala do theatro, que bradavão: « Viva a liberdade! morrão os Allemães! »

E logo em seguida um estrepito que parecia que estavão a quebrar todos os bancos.

— Agora entendo o sentido das palavras de Miranda! pensou comsigo o cadete; mas bastará uma descarga nossa, para pôr uma rolha na bocca de toda essa canalha.

Entretanto procurava Bachmair sahir do theatro, o que não lhe foi possivel pela immensidade de povo que ali se tinha apinhoado em razão da bulha, e que, prorompendo em vivas á liberdade, se precipitava sobre quanto Austriaco inerme avistava. Voava já por toda a parte um chuveiro de pedras, e em um abrir e fechar de olhos se illuminárão as janellas de todos os palacios e casas de Veneza, reflectindo a claridade dessa immensidade de luzes nas aguas dos canaes. O cadete percebeu logo que a causa dessa illuminação era para poderem agarrar os Austriacos que fugissem. Esses infelizes, parte dos quaes estavão de guarda aos edificios e praças publicas, parte rondando pela cidade, e outros que estavão de folga do serviço, cuidando dos seus negocios, erão facilmente e sem o menor escrupulo derribados. De todas as janellas atiravão projectis sobre esses desgraçados que procuravão evadir se pelos estreitos passeios de Veneza, que apenas podem conter tres pessoas. Os mais corajosos não tinhão remedio senão succumbir vendo o cobarde inimigo amparado por fortes paredes e inatacavel. Os feridos cambaleavão, e, cahindo no canal, afogavão-se sem remissão.

Ainda aqui não parava o perigo: uma multidão de traiçoeiras gondolas negras, como as trevas da noite, espalhavão-se em todas as direcções pelas largas vias aquaticas de Veneza. Encostadas pelas bordas dos canaes, seguião quaes aves de rapina a pista dos Allemães que fugião, e escondião-se na beirada das casas, e, segurando o ponto e fazendo-lhes fogo de dentro dellas, estendião-nos por terra. Ouvia-se ao longe o toque dos tambores, e o estrondo do fogo que fazião na praça de S. Marcos. Os innumeraveis sinos de Veneza tocavão a rebate, e de intervallo em intervallo atroava os ares o estampido dos canhões.

O cadete não sabia o como agradecer á actriz a salvadora capa que lhe atirára aos hombros, sem o adjutorio da qual teria sido infallivelmente sacrificado ao odio popular. Era uma fortuna descer-lhe a capa até ao tornozello, encobrindo assim as calças brancas que o terião denunciado. Bachmair absteve-se de fugir, para não dar que suspeitar, antes pelo contrario affectou tomar parte na peleja contra os Allemães; pois que, seguindo os Italianos o proverbio que diz: « Quem não é por nós é contra nós, » reputavão como inimigo da liberdade e perseguião a todo aquelle que se mostrava neutro. Com os gritos de: « Morrão os Allemães! dêm-me uma arma! » foi o mancebo passando desapercebido pelo meio da nuvem de povo que por todos os lados o cercava, e já estava perto do seu quartel quando encontrou um grupo que levantava uma barricada para tolher a passagem de um dos canaes. Aqui não lhe valeu mais o seu estratagema, e intimárão-lhe que ajudasse a arrancar pedras da calçada para se levantar a barricada. Cedendo á necessidade, não teve

Bachmair remedio senão obedecer, com o secreto proposito de evadir-se na primeira occasião que se lhe offerecesse. Aconteceu porém, que com o movimento que fazia trabalhando, cahio-lhe o capote, e appareceu-lhe a calça branca e a farda.

« Traição ! um inimigo ! um Allemão ! Morra ! morra ! » foi o grito que partio de todos os lados. O Austriaco descoberto deitou a correr com quanta força tinha debaixo de uma chuva de pedras e perseguido por varios inimigos. Tomou pelo primeiro becco escuro que encontrou ; acompanhando-o os que o seguião. Quando ia chegando ao fim do becco, avistou a pouca distancia diante de si um grupo que vinha na mesma direcção, e por conseguinte lhe estorvava a passagem. Vendo-se assim entre dous fogos, escondeu-se Bachmair n'um canto escuro até deixar passar os seus perseguidores, que julgárão ter elle seguido para diante ; e pondo-se a procurar ao redor de si por alguma sahida, teve a fortuna de abrir, com a força que fazia cingindo-se á parede, uma porta que ali havia. Achou-se então em um corredor escurissimo, pelo qual indo ás apalpadelas deu n'um pequeno patio cercado de altas paredes. Um montão de caliça que havia ao pé do muro de uma casa em ruinas facilitou-lhe a subida, e pulando para o outro lado, achou-se em outro patio pertencente a uma casa de boa apparencia. Não se julgando ainda seguro, subio pé ante pé para a abobada da galeria do palacio, onde ardia um candieiro de uma luz morta. Por mais cuidado que tomasse Bachmair em não fazer bulha, ouvio, não obstante, as suas pisadas uma criada, que, sahindo de um quarto proximo, lhe disse :

— Então não quizestes esperar pela volta do Sr. marquez ?... Com effeito, a confusão do povo não deixa ninguem ser esta noite senhor das suas acções. Vou já chamar o vosso gondoleiro, que a curiosidade fez subir para poder ver melhor a peleja de cima. Teve até seus pruridos de metter-se tambem na dansa, e deu bem trabalho para se conseguir que aqui se deixasse ficar quieto á vossa espera.

— Sem duvida que me toma por outro, disse o cadete comsigo mesmo, e por consequencia ou devo parecer-me muito com a tal pessoa, ou então essa rapariga não o conhece bem.... Mas dado o ultimo caso, não fallaria com tanto desembaraço. Ora pois, respondamos, porém concisamente e com o capote na bocca, para que o som da voz não fique muito claro.

— Bem ! respondeu o cadete entre dentes ; vai, minha filha !

Emquanto a criada subia pela espaçosa escada, chamando com quanta força tinha : *Luigi ! Luigi !* ganhou Bachmair a toda pressa a porta do palacio, a qual, como a maior parte das de Veneza, dava para uma escadaria de marmore, que ia ter ao canal. Em um dos degráos estava amarrada uma gondola preta.

O cadete não julgou prudente esperar pelo gondoleiro Luigi, e tal foi a pressa com que quiz desatar a corda, que arrancou a argola em que estava amarrada. Afastou-se remando com quanta força tinha. Em sua patria muitas vezes se divertia em passeios maritimos, e por isso estava acostumado a remar. Mas para onde remaria ? tal era o grande problema a resolver. Bachmair ainda não estava bastante pratico nas ruas e canaes de Veneza para que pudesse haver-se de noite em um tal labyrintho. Determinou portanto tomar pelas ruas mais socegadas. Se os gondoleiros não estivessem inteiramente occupados em perseguir os Allemães e distrahi-los com o calor do combate, terião immediatamente reconhecido no cadete um pechote na sua profissão. Quando, na geral agitação dos espiritos, alguma gondola, por falta de destreza sua, dava alguma pancada ou encontroada na delle, contentava-se então com gritar : « Com os diabos ! não tem olhos ! Estarás bebado ? »

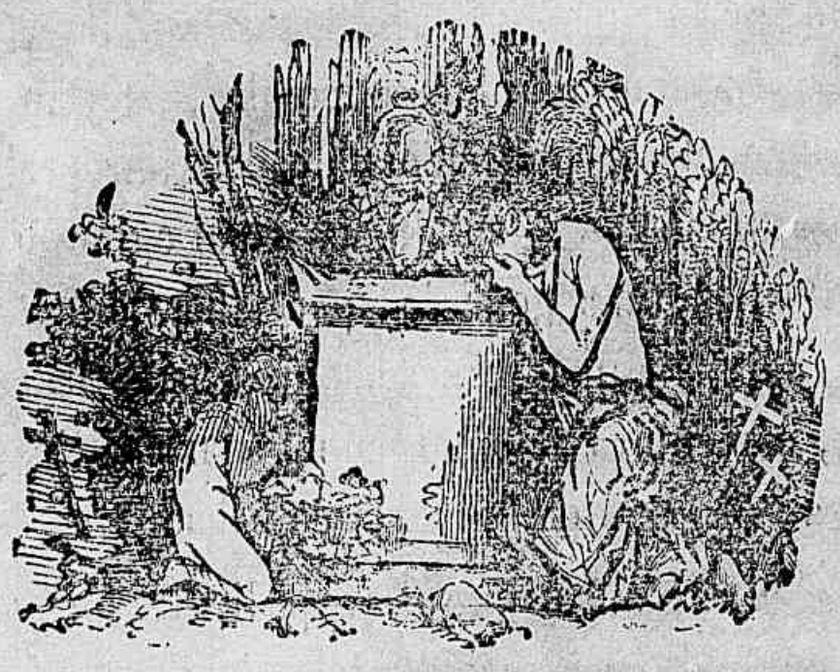
Com estes e outros que taes expedientes foi Bachmair passando inapercebido. Já se dava os emboras de poder alcançar certa pequena fortaleza, que o contramurasse dos tiros dos Venezianos, e donde pudesse ganhar a terra firme, quando de repente ouvio os gritos de um homem que bradava em alta voz : « Oh gondoleiro ! oh gondoleiro ! Estais desoccupado ? Dou-te um sequim para levares esta senhora ao *Sestiere della Croce*, e larga-la ali na hospedaria do *Anjo de Ouro.* »

Ora isto era um contratempo aos planos de Bachmair, que, supposto apreciasse muito a companhia do bello sexo, naquella occasião comtudo antepunha a salvação da sua vida á mais deslumbrante belleza. Fazendo pois ouvidos de mercador, ia tratando de pôr-se ao fresco quando aos gritos do conductor da dama em questão vierão juntar-se os dos gondoleiros que ião passando. A necessi-

dade, que, segundo diz o adagio, faz muitas vezes a gente virtuosa, obrigou tambem o cadete a ser civil. Atracou a gondola, e deu a mão á dama para ajuda-la a embarcar. A patriotica luta da liberdade desculpava naquella noite tudo, até mesmo o abandonar um cavalleiro a sua dama, e deixa-la ir sózinha em uma gondola.

Dando ao gondoleiro a moeda que promettêra, repetio outra vez o cavalleiro o nome do bairro da cidade e da hospedaria para onde tinha de conduzir a dama. Pareceu ao cadete que a voz não lhe era desconhecida; não obstante, deixou-se por então de mais indagações, e pôz-se de novo a remar vigorosamente, seguindo a mesma direcção que até ali tinha seguido, parecendo-lhe que não podia ser má á vista da acquisição que acabava de fazer da passageira; em consequencia do que continuou no mesmo rumo, até para não despertar suspeitas. Tomando por norte as torres de Veneza para alcançar a lagôa, continuou a impellir para diante a sua gondola.

(Continúa.)



POESIA.

JUNTO D'UM CADAVER!

Este peito, que cobre a mortalha,
Este peito, sem vida, já frio,
Era esperança, era amor, existencia
Que n'um instante a meus olhos fugio!

Este peito, que cobre a mortalha,
Outro igual nunca mais acharei!...
Era o peito que soube adorar-me,
Era o peito mais firme, que amei!...

Este peito, que cobre a mortalha,
Soffreu muito — soffreu — e por mim!! —
Deu-me Deos mais pungente martyrio
Vendo-o agora — ai! morrendo-me assim!

Este peito, que cobre a mortalha,
Foi valente lutando co'a sorte!
Mas por fim erão tantas as ondas
Que no abysmo o afundárão da morte!

Este peito, que cobre a mortalha,
Era meu, meu tão só, e tão meu,
Que soffrendo comigo mil dôres,
Foi por mim — só por mim, que morreu!

Este peito, que cobre a mortalha,
Que o meu bem e venturas encerra
Hei de vê-lo — ai de mim! — hei de vê-lo
Ir ali consumir-se na terra?

Pobre peito, que cobre a mortalha,
Oh! recebe este beijo d'amor!
Se este beijo, meu Deos, se este beijo
Lhe accendesse da vida o calor!...

Mas o peito que cobre a mortalha,
Este peito sem vida, já frio,
Minha esp'rança, e amor, — existencia,
Ai! p'ra sempre a meus olhos fugio!

J. M. Braz Martins.

MORTE CAUSADA PELO CHLOROFORMIO.

A senhora Simon, de trinta e seis annos de idade, de boa constituição e de temperamento bilioso-sanguineo, correu a um official de saude para lhe extrahir alguns dentes que estavão cariados. Para este fim assentou-se em uma cadeira, reclinou a cabeça sobre o peito de uma criada, e estendeu a mão esquerda para seu marido, que estava a seu lado. O official de saude explicou-lhe o modo de obrar do anesthesico, e dispunha-se para lhe fazer respirar dez grammas de chloroformio, quando a senhora Simon se ergueu pronunciando palavras incoherentes e querendo evitar a operação. Passados poucos minutos, socegou, tomou a primeira posição e exigio ser operada. Applicárão-lhe sete grammas de chloroformio lan-

çadas sobre um panno que pozerão adiante da bocca e das ventas. A enferma indicou começar a sentir a influencia do agente, fez alguns pequenos movimentos e pareceu insensivel. O operador tirou-lhe tres dentes com a maior promptidão, e só suspendeu a operação quando o marido chamou a sua attenção sobre o estado de sua mulher, que lhe pareceu extraordinario. A doente tinha morrido. o Sr. Eisseu prometteu publicar a autopsia a que procedeu uma commissão nomeada pelo procurador da republica. É provavel que seja transcrita no Jornal de Chimica Medica, Pharmacia e Toxicologia, donde extrahio esta noticia o Jornal da Sociedade Pharmaceutica.

ANECDOTAS.

Um comilão, conhecido por seus disparates, Grimod de la Reynière, querendo conhecer seus verdadeiros amigos, ideou o seguinte estratagema. Deu-se por doente, conservou-se fechado em casa e mandou fechar sua porta a todo o mundo. Passados quinze dias, enviou a seus amigos cartas de participação, annunciando-lhes seu fallecimento e convidando-os ao seu enterro que devia ter lugar no dia seguinte ás quatro horas. Só appareceu um pequeno numero: era justamente a hora do jantar, e retardar indefinitamente por um enterro esta principal comida era por certo uma prova de affeição aos olhos do supposto finado. Vêm pois estes amigos á porta um coche e algumas seges de luto; sob o peristylo do hotel está uma tumba coberta de panno preto. São introduzidos n'uma sala de espera armada inteiramente de preto. Passa-se uma hora; então abre-se de par em par uma porta lateral, e um criado pronuncia com voz solemne: « Meus senhores, estais servidos! » Que vêm elles ao entrarem na sala vizinha? Uma mesa coberta dos mais opiparos jantares e dos vinhos os mais delicados. Grimod de la Reynière está sentado no seu lugar costumado, disposto a fazer as honras do banquete, e a mesa cercada de um numero de talheres igual ao de seus amigos *in extremis*. Todos patenteárão sua alegria ao dono da casa; porém elle, com o mais comico sangue frio: « Meus senhores, disse, o jantar está servido, poderia esfriar; tomai pois assento. » Depois destas palavras, começou o festim, que se prolongou pela noite adiante.

Um sujeito, tendo uma demanda a sentenciar, foi ter com o juiz e levou-lhe um barril de excellente vinho. O juiz aceitou, mas quando chegou a occasião sentenciou contra o sujeito, o qual indo-se-lhe queixar disso, lhe respondeu o magistrado: « Que quereis, meu amigo? O vosso vinho era excellente, porém a vossa demanda não prestava para nada. »

RESPOSTA GALANTE.

Uma senhora idosa, muito falladora e maldizente, perguntou a um medico a razão por que tão cedo lhe começavão a ella a cahir os dentes, quando via pessoas de mais idade ainda conservarem os seus. « Isso, lhe respondeu o medico, procede dos muitos couces que a senhora lhes está sempre dando com a lingua. »

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

APEZAR das violentas oscillações do mundo politico, dessas prodigiosas lutas das idéas e dos factos, deste cataclisma que revolve as sociedades, como o vento da Arabia as areias do deserto, as *modas* proseguem a sua marcha, descuidosas, alegres, folgazãas, sem lhe importar nem as blasfemias dos vencidos nem o triumpho dos vencedores! São como um bando alado volteando em torno de um campo de batalha. São para as almas feminis como um raio de sol rompendo por entre as nuvens negras que toldão um horizonte borrascoso! Ora, bem-vindas sejão as modas! Bem-vindas sejão ellas para allivio da mocidade, das bellas, e para eterno desespero dos caturras!

A estação presente, calmosa, abrasadora, está mais do que nunca convidando para os passeios

de campo. Como é suave, na verdade, passear no campo, depois de um destes dias *incendiarios*, em que o calor nos queima e a tarde nos refrigéra! As campinas alastradas de gigantesca vegetação contrastão com a pureza do firmamento, com o verde-mar das aguas docemente agitadas pela viração, que lhe encrespa a superficie ondulante. Depois, nesses lugares mais afastados do bulicio da cidade, nessas ruas verdejantes, como é bello ver de repente um grupo de graciosas donzellas, que folgão alegres, colhendo flôres, ou soltando maliciosos risos em chistosas conversas! A vida, a liberdade, a animação desenha-se em todos os rostos, revela-se em todos os movimentos, reproduz-se em todas as palavras, retrata-se em todos os sorrisos!

Tudo convida pois ao passeio nesta quadra de sol canicular. Quem não tiver casa fóra da cidade, passeia no seu carro, como fazem as lindas moças da nossa gravura de hoje, e não perca estas tardes lindas, se não quizer aproveitar as madrugadas deliciosas!

É por este motivo que hoje damos ás nossas amaveis leitoras os dous lindos toilettes de passeio que representa a nossa finissima gravura.

O *primeiro* compõe-se de um delicado chapéo de palhinha entrançado de fitas, e adornado de flôres. É uma linda creação de M.mes Drouat et Marx de Paris. A fragil transparencia destes chapéos imprime nos olhos e no rosto uma sombra deliciosa, que produz um encanto indefinido. Os manteletes continuão a ser de côres variadas e de feitios diversos, preferindo-se os de sedas mais claras. A sua principal belleza consiste na perfeição do talhe, que revela as fórmas, deixando adivinhar a largura dos hombros, e entrever o delicado da cinta. Deve cahir no corpo de tal modo, que não dê lugar a uma prega forçada, que deixe os movimentos inteiramente livres, e tome com facilidade a sua posição mais natural.

O *segundo* é um vestido do mesmo genero, e as variedades que apresenta são mais devidas ás côres e ligeiras modificações nos córtes do que a um caracter inteiramente novo.

LOGOGRYPHO.

De syllabas só de quatro,
Dez palavras sahir vão,
Que bello reproduzir!
Que fecunda producção!

A primeira d'utilidade
A' patria eu já servi;
A segunda d'um heróe,
A' espada me rendi.

A primeira e a segunda,
Que figurinhas que eu faço,
Ornato do pobre eu sou,
Dos fidalgos e do paço.

A quarta junta á primeira,
Do mundo sou a figura,
Mas comtudo sou comprido,
Alto pouco, e mais largura.

A terceira com a quarta
Que frescura que ella faz!
Mas tambem algumas vezes,
Abrasada tu verás.

Boa cousa não é a quarta,
Muito má tambem não é,
Eu sou de tal natureza,
Que sem mim não ha maré.

A quarta com a segunda,
Sou irmão, mas não irmão,
Se meu pai o fôra a mim,
Oh!.., meu pai não fôra não.

A segunda co' a terceira,
Eu não ando sem andarem,
Tirem-se dahi, meninos,
Olhem... que se lhe tocarem...

A terceira e a primeira
É trabalho de barbeiro,
Sou tambem um dos motivos,
Para haver cabelleireiro.

A primeira co' a terceira,
Sou parecida ao Pará,
E acabo da mesma sorte
Onde acaba o Sahará.

.....

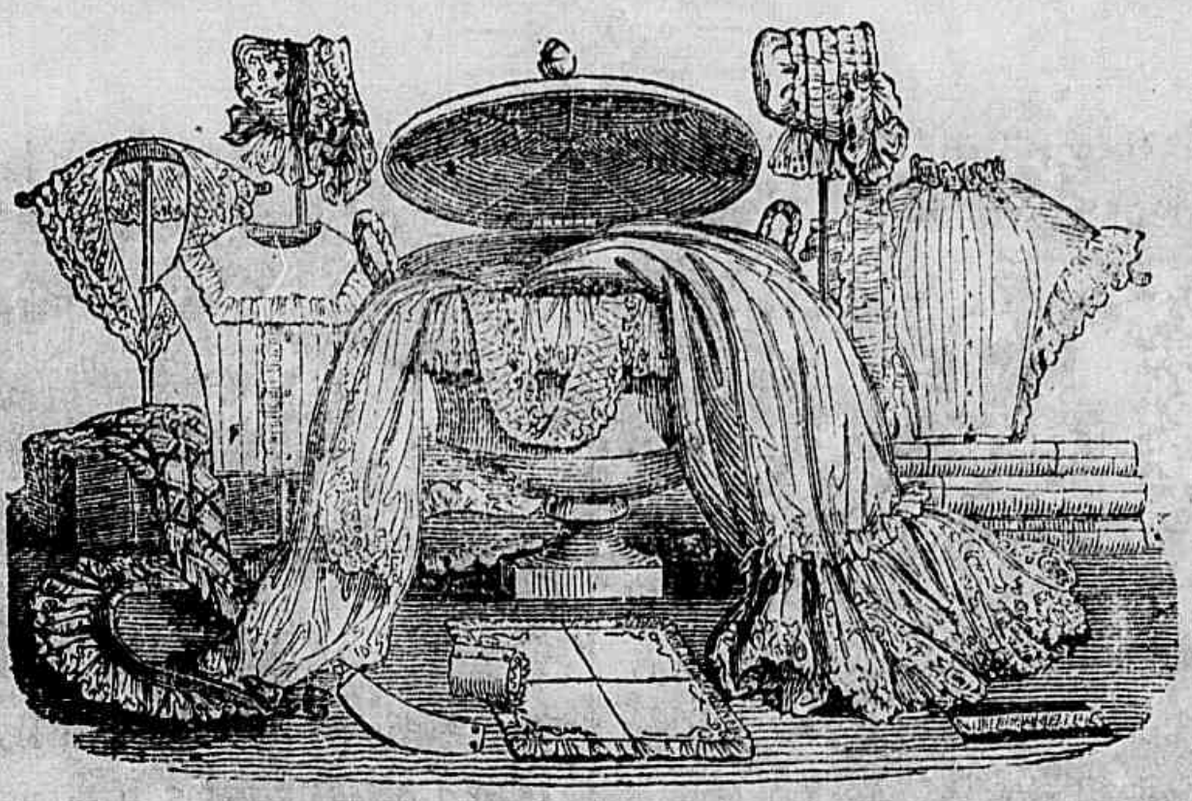
Que preceitos que encerra
Que retratos, que cidades!
Que sublimes pensamentos,
Que bellas moralidades!...

N. B. Publicaremos o nome da primeira pessoa, que decifrar este logogrypho.

A significação da Charada do n.° 11 é: HAROUCO; e a da Adivinhação: VÉRME.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

A TORRE DE POLVORA DE SAN SPIRITO EM VENEZA.

Episodio da insurreição de 1848.

(Continuação.)

A PASSAGEIRA conservou-se muda e queda por algum tempo, sentada no banco da pôpa; mas de repente exclamou:

Jesus Maria! para onde me levais? Ha muito que já deviamos ter chegado ao *Anjo de Ouro!* Dar-se-ha caso que não tenhais entendido bem? Se assim é, parai por São Marcos!

« E esta! disse Bachmair comsigo; é Miranda Mirandollini, tão certo como o estar eu aqui... Ah! e eu já cuidava ter na gondola ao menos alguma marqueza, que servisse de refens á minha vida! Em vez do que não passa de uma actriz por amor de quem nenhum outro Italiano, á excepção do Sr. Negretti, pouparia a vida de um cadete Austriaco. »

Depois deste soliloquio, Bachmair, levando remos, dirigio-se nos seguintes termos á assustada Miranda:

— Então já não me conheceis, bella Miranda? Tereis tão depressa banido da vossa lembrança a mim e ao capote com que me disfarçastes?... Perguntastes-me para onde vos levava? Levo-vos para lugar seguro, em que tanto vós como eu estejamos fóra do alcance das balas e cacetes dos Venezianos. E onde estaremos mais a salvo do que ganhando a lagôa para irmos ter á terra firme? Nem correis nisso o menor riseo, porque amanhãa bem cedo podereis estar de volta na cidade; além de que não precisareis tão pouco dar-vos pressa, porque o theatro tem necessariamente de estar fechado por algum tempo.

A este exordio replicou a actriz com grande vivacidade:

— Ingrato! a quem senão a mim deveis o estar ainda vivo! E o agradecimento que me quereis dar em paga é expôr-me a uma morte quasi inevitavel?

— Qual morte? retorquio Bachmair. Nada receieis em minha companhia.

— Conheceis por ventura tão bem como os gondoleiros de Veneza as voltas da lagôa! Sois capaz de conduzir a gondola por tamanha escuridão sem embarrar nas balisas que ha pela lagôa; o que de certo faria virar esta casca de noz, afogando-nos ambos?

— Com mil diabos! disse Bachmair com os seus botões. Ora ella não deixa de ter razão! Não

obstante, digo, como David, que antes quero cahir nas mãos do Senhor do que nas dos Venezianos.

— Se não attenderdes á voz da razão e do dever, continuou Miranda, apezar de eu ser uma fraca mulher, opporei força á força; gritarei por soccorro com quanta força tenho, até que seja ouvida; lutarei comvosco, e procurarei enterrar-vos no peito este punhal, que não é dos do theatro.... Mas todavia espero que não deixareis as cousas chegarem a tal extremidade. Mostrar-vos-heis digno do grande sacrificio que fez uma Italiana, ardente enthusiasta da liberdade, salvando um inimigo da sua patria, só por mera compaixão da sua juventude e da sua inexperiencia.

« Agora deu-me ella no fraco, pensou Bachmair lá comsigo, e estou vendo que me não poderei descartar senão fazendo um sacrificio ainda maior do que n'outro tempo fiz ás lavadeiras... Mas vá que seja! Os guerreiros devem prezar mais a honra do que a propria vida. »

— Pois bem, disse em voz alta, indicai-me a direcção do *Anjo d'Ouro*. Não quero que digais que prestastes serviços a um ingrato.

Miranda era mais pratica de Veneza do que Bachmair, e por isso dentro em pouco tempo derão com o desejado lugar de desembarque. A actriz saltou da gondola, e o cadete, sem tenção formada, deixou-a ir indo por ali abaixo. Eis que de repente ouvio uma voz que lhe bradou em bom idioma allemão: « Quem vem lá? Faça alto! »

Bachmair teve então a mesma sensação que Colombo quando, depois de uma viagem cheia de perigos, ouvio o marinheiro gritar do cesto de gavea: « Terra! Terra! »

« *Schwarzenberg e Olmuetz!* » respondeu o cadete (era a senha do dia), volvendo em derredor de si olhares perscrutadores. Sua gondola foi de encontro a uma espaçosa escadaria, que ia dar em uma pequena area, que do lado da agua era cercada por uma grade. Dentro da area erguia-se uma especie de torre de soffrivel circumferencia.

O cadete atracou a sua gondola, tirou o capote fóra dos hombros, e saltando nos degráos, disse á sentinella que estava do lado de dentro da grade:

— Camarada, podeis dizer-me onde estou?

— No Espirito Santo, respondeu rindo-se o Allemão, que era natural de Styria; bem desejaria que houvessem por cá melhores *espiritos!*

— Quem é o commandante desta guarda? perguntou o cadete.

— Dechsel, o cabo da quarta companhia, replicou a sentinella. Porém está agora na amêa, vendo o que vai pela cidade. Se quereis entrar, só esperando por elle, porque é quem tem a chave da grade.

— Cabo Dechsel! gritou o cadete, Dechsel! caro Dechsel! O cadete Bachmair pede ingresso. Tem muitas cousas que communicar-vos. Atirai a chave da porta, porque qualquer instante de demora póde ser prejudicial.

Não obstante, nem por isso se deu Dechsel lá muita pressa em condescender com os desejos do cadete, que ardia por ver-se da grade para dentro. Finalmente, quando se vio a salvo, e depois de ter contado quanto sabia e presenciára, perguntou Bachmair:

— Que pensais fazer, meu caro e velho amigo Dechsel? Por fim de contas esses perfidos Venezianos aqui hão de vir ter comvosco. Julgais ter força bastante para conservar o vosso posto até receberdes reforço? Se me não engano, tendes sómente nove praças debaixo de vossas ordens.

— As quaes ainda são de sobra para pulverisar a todos os Venezianos, retorquio Dechsel. Por emquanto nada temos que receiar, porque estão occupados com as nossas tropas, e só aqui virão ter em ultimo caso.

Não obstante, é preciso ir dando algumas providencias. Vós sabeis escrever e desenhar, e conheceis bem a lingua italiana, não é assim, Sr. Guido? Ao menos já vos vi com a caneta na mão, e já vos ouvi virando lingua. Quero aproveitar as vossas habilidades, porque esta noite não é lá das mais proprias para conciliar-se o somno.

O cabo de esquadra tinha com effeito razão, pois que durante toda a noite a bulha da gritaria e dos tiros não se approximou do Espirito Santo. Quando o dia vinha rompendo, reunio Dechsel a sua gente em torno de si.

— Camaradas! disse, aconteça o que acontecer, não nos mexeremos do nosso posto sem ordem do nosso superior. A unica cousa que devemos temer é parecermos fracos, cedendo a esses poltrões de Italianos. É tempo de arvorarmos o nosso estandarte. Sr. Guido, trazei o vosso desenho para pendurarmo-lo nesta vara.

O cadete encaminhou-se ao corpo da guarda,

que ficava ao lado da torre, e trouxe um quadrado de papel formado de quatro folhas grudadas, no qual estava escripto em italiano, em grandes letras e algarismos, com letras bem pretas:

O ESPIRITO SANTO CONTÉM 633 BARRIS DE POLVORA!

e mais um desenho bem visivel representando uma torre voando pelos ares.

O cabo Dechsel abrio uma metade do portão para dentro, e espetou na outra que deixou fechada a vara com o papel, de sorte que ficou com algumas oito varas de altura. Toda a guarnição da pequena fortaleza largou as suas espingardas e mais armas. Os soldados passeavão ora pelo corpo da guarda, ora pelo patio, e ora pela ponte que dava nas escadas, tão tranquillos como se não houvesse em Veneza a menor novidade, não obstante ir-se o combate tornando cada vez mais vivo nas ruas e praças da cidade. As repetidas descargas dos Austriacos erão respondidas pelo incessante fogo dos Venezianos que partia das janellas das casas, dos telhados e de milhares de ligeiras gondolas. Quando troavão os canhões, ouvia-se o alarido dos Italianos, que se servião deste expediente para cobrarem coragem e incutirem terror no inimigo.

A guarnição do Espirito Santo se convenceu, á vista dos signaes, de que a victoria se inclinava para o lado dos Venezianos; no que se não enganou. Os Austriacos com effeito, sob as ordens do conde Zichy, general inexperiente e cobarde, para não dizer traidor, depois de uma mal dirigida, e por isso mesmo infructifera resistencia, virão-se obrigados a entregar a cidade, recebendo ordem de evacua-la. Antes porém que se tivesse verificado a retirada, vio se approximar da torre do Espirito Santo um troço de Venezianos embriagados com a victoria. Sua coragem era tanto maior, quanto vendo o papel branco tremular no ar e a guarnição toda desarmada, suppuzerão alcançar um facil triumpho. Quando chegou perto a gondola que vinha cheia de gente armada, os Austriacos que estavão sentados do lado de fóra do portão de ferro levantárão-se e entrárão sem comtudo fecharem a porta.

Sem resistencia effectuou o inimigo o seu desembarque, correndo á porfia qual primeiro ganharia a entrada.

Ali os esperava com os braços encruzados para trás o cabo Dechsel.

— Então que novidade é essa no becco, meus senhores? perguntou elle aos Venezianos com tom pausado e semblante ameno.

Ao que respondeu um dos Venezianos, que parecia o chefe e que fallava soffrivelmente o allemão:

— Queremos que entregueis a praça immediatamente, que deponhais as armas e que vos rendais á discrição.

— Com que então exigis tres cousas, observou Dechsel sorrindo-se com o verdadeiro sangue frio de um Allemão.... Vejamos o que se ha de fazer. Uma pouca de paciencia, meus senhores... Então já vistes a nossa bandeira ali emcima? Fazei-me o favor de lançar-lhe uma vista d'olhos. Deu bem trabalho ao Sr. Guido Bachmair, natural de Gratz. Levou quasi a noite inteira a escrever e a pintar e gastou-me quasi todo o meu boião de tinta.... Agora, se quereis saber da explicação da pintura, olhai para ali, accrescentou elle apontando para a torre.

Os Venezianos volvêrão logo os olhos do papel para o fundo da area, e ficárão estupefactos.

A porta da especie de abobada que dava ingresso na torre estava aberta e vião-se do lado de dentro muitos barris arrumados uns por cima dos outros. Um destes barris que ficava por baixo tinha o fundo despregado, e por ali sahia o seu negro conteudo. Dessa abertura sahia um rastilho de polvora que chegava até ao meio da area, em cuja extremidade estava fincada no ladrilho uma varinha curta, ao redor da qual estava enrolada uma cordinha, de que arrastava uma ponta pelo chão, e a outra deitava de si uma fumaça esbranquiçada, que denotava estar ardendo. Ao pé do morrão achava-se sentado no chão um Austriaco que segurava na ponta accesa e a quem bastava só fazer um pequeno movimento para tocar fogo no rastilho, e fazer voar pelos ares a torre e quanto ella continha.

Por alguns segundos saboreou o cabo de esquadra e o cadete que se achava ao pé delle a perplexidade dos inimigos, que mostravão nos seus pallidos e espantados semblantes e no seu silencio mortal a impressão que tinhão recebido.

— Então não vos parece, meus senhores, disse Dechsel rindo-se, que, se esta torre voar pelos ares, ha de ser um espectaculo mais bello do que

a matinada que fizestes hontem e hoje? Verdade é que o divertimento não durará tanto, mas ha de ser edificante.... quero dizer, destruidor !... Pois sou capaz de apostar que ao menos meia Veneza voará comnosco. Está me parecendo até que a terra ha de rachar-se e o mar abalar-se, porque a tal torrezinha tem raizes profundas. Advirto-vos pois que não deis um passo para diante em direcção do rastilho, porque o meu Dittel tem ordem de pôr-lhe fogo assim que alguem se lhe approximar; e o tal maganão tem gana aos Italianos; tem-vos um odio que nem podeis imaginar ! Uma rapariga Italiana já lhe pregou uma peça tal, que lhe não é preciso lá muita cousa para fazer voar toda esta *futrica*. Tambem vos advirto que deiteis fóra os vossos charutos, porque o diabo é negro e não ha que fiar nelle. E por isso nenhum de nós aqui fuma, apezar de não deixar isso de nos custar bastante.

Assim que o cadete Bachmair traduzio em italiano estas palavras, atirárão logo os Venezianos os charutos fóra, e recuárão para o lado do canal, lançando os olhos para as gondolas.

Logo porém que seu chefe cobrou algum animo, dirigio-se polida e amigavelmente ao cabo de esquadra :

— Meu bom amigo, de que vos serve estar de posse desta torre, quando toda Veneza se acha em nosso poder? Se estivesse em vosso lugar, aproveitaria esta opportunidade de alcançar para mim e para a minha gente condições favoraveis que sem duvida se vos concederão.

— Do que nos póde servir esta torre com seiscentos e trinta e tres barrís de polvora! retorquio Dechsel; de muito: de torrar-nos a pelle e assar-nos a carne, se fôr preciso pôr-lhe fogo. Além disso, ao soldado não compete indagar o que lhe conviria ou não. Deve fazer ás cegas o que o seu superior lhe mandar. Ora, foi-nos determinado que guardassemos esta torre; e portanto, havemos de defendê-la, por maior que seja o perigo que corramos.

— O conde de Zichy, commandante de Veneza, deu ordem de evacuar-se toda a cidade, respondeu o chefe dos Italianos; logo, foi tambem comprehendida esta praça.

— Não sabemos de taes ordens, replicou Dechsel, e assim não nos cumpre senão obedecer ás que temos.

— E se vos trouxerem uma ordem do commandante, obedecereis? perguntou o Italiano.

— Com o devido respeito, nem mesmo assim, replicou Dechsel, porque não sabemos se Zichy está ou não prisioneiro vosso, nem mesmo se é um traidor. Trazei-nos uma ordem do punho e com o sello das armas do nosso commandante em chefe, o muito digno Sr. marechal de campo conde Radetzky, que se acha em Milão, que obedeceremos promptamente, como é do nosso dever.

— Se se vos concedesse uma retirada livre e honrosa, e além disto uma boa molhadura, podeis estar certo que não farieis nenhuma asneira em accei...

— Alto lá, signore! bradou Dechsel em um terrivel accesso de colera, se proferirdes mais uma só palavra em tal sentido, mostrar-vos-hei praticamente, tanto a vós como a mais de um milheiro de Venezianos, o que seja um tremendo — salto mortale. — Ficai certos de que nós cá não entendemos dessas gentilezas. Julgo que o mais prudente é irdes pondo-vos ao fresco: tendes estado aqui mais tempo do que era preciso; o que não vai lá cheirando muito bem ao meu Dittel, que já me parece estar de orelha levantada por ver-vos aqui. Estou vendo-o tão enfiado com o morrão na mão, que é capaz de tomar algum arranco, e quando dermos accordo de nós estaremos batendo a plumagem ahi por essas ethereas regiões!

Foi este o comprimento com que Dechsel despedio os Italianos, que pulárão logo na gondola como uns gamos, e, assim que seus chefes embarcárão, forão-se fazendo ao largo. Dechsel então gritou ao cabeça do farrancho:

— Já me ia com a atrapalhação esquecendo do melhor, *mio caro signore*! Se é verdade o que nos dissestes, de ter a nossa gente que evacuar Veneza, espero que não nos deixareis fazendo cruzes na bocca, e que vos lembrareis de nós com alguma pitança e algum traguinho. Somos muito atreitos a seccuras de garganta, e a fome não nos faz bom cabello. Custa menos voar logo pelos ares do que aturar as roedellas de um estomago vazio. Assim pois, não vos esqueça, *mici signori*.

III.

Dali a cinco ou seis horas atracava no Espirito Santo uma gondola. Com secreta satisfação vio a guarnição do forte um criado e uma criada estarem

a desembarcar da negra gondola diversos cestos bem acondicionados.

— Dechsel, disse o cadete todo risonho a esta vista, agora veremos se temos, ou, para melhor dizer, se o nosso tom com cheiro de polvora tem ou não credito para com os Venezianos. Pela quantidade e qualidade da comida e da bebida poderemos calcular se o barometro indica bom ou máo tempo.

Os cestos forão carregados para o corpo da guarda. De um delles tirárão-se duas formidaveis panellas que ainda vinhão fumegando.

— Carne cozida com arroz! exclamou o cadete qual novo Colombo indo á descoberta. *Bene!* Não lhe poderemos dar vasão de uma só vez! Oh! cá está uma formidavel chouriça, que é excellente petisco para comer-se com este pão branco! Tambem uma garrafa e uma botija! Que pechincha!.... O que conterá a garrafa? proseguio Bachmair tirando-a do cesto e tomando-lhe o cheiro. Ah! que é espirito, e faz boa liga cá com a nossa fortaleza! pelo cheiro parece-me cousa papa-fina.... Mas o que terá esta botija que tanto pesa?....

— Quem déra que fosse cerveja! disse o cabo de esquadra esfregando as mãos de contente.

O cadete, repetindo a mesma experiencia que fizera com o frasco, disse:

— Não é cerveja, é vinho!

— Então nada de cerveja? perguntou Dechsel suspirando.

Depois de esvaziados os cestos, Dechsel deu de olho ao cadete, que, tomando á parte cada um dos criados por sua vez, lhes fez a seguinte pergunta:

— Quem vos mandou aqui? Aonde e por quem foi esta comida preparada? Donde vierão as bebidas?

— Quem nos mandou foi nosso amo, o dono do hotel do *Anjo d'Ouro*, respondeu cada um delles de per si, onde foi preparada a comida e medidas as bebidas.

— Estais certo de que nem o comer nem a bebida tenhão veneno ou dormideira? Sabemos que os Italianos são famosos nessas traficancias, e tambem em darem sua facadinha.

— Nem por sonhos! respondeu a criada; eu mesma ajudei a cozinhar a comida e provei-a mais uma de vez.

— Nem por sonhos! respondeu o criado por sua vez; fui eu quem tirei tanto o vinho como a aguardente dos barris para encher as garrafas, e provei de ambos.

— Bem! havemos de ver se estais dizendo ou não a verdade. Ouvi qual seja nossa tenção. Achão-se aqui ao todo onze pessoas. Ora pois, cinco vão comer e beber comvosco, e os outros seis ficarão esperando. A menor desgraça que acontecer a algum dos nossos, a menor dôr de barriga que um só delles tenha, os outros que ficão, tocarão fogo na torre, e voareis pelos ares com mais quatro mil dos vossos patricios; com a differença porém que não haveis de ficar lá pelo alto, como nós outros, porque ireis de cambalhota esbarrar ao inferno, que é o destino dos envenenadores. Por duas horas não sahireis daqui, que é para não terdes tempo de tomar algum contraveneno; e o mesmo repetir-se-ha todos os dias... Então, que vos parece?

— Virgem Maria! exclamou a rapariga tremendo, pela comida posso eu responder! mas o vinho e a aguardente não posso afiançar.

— Por estes metto eu a mão no fogo, disse o criado; mas na comida não sei se ha alguma cousa.

— Pois bem, se não estais certos, replicou o cadete, volte um de vós á estalagem para fazer sciente a nossa declaração e trazer-nos a resposta dos nossos inimigos. No entretanto, ninguem tocará na comida.

Emquanto a criada ia de volta para a estalagem, virou-se o soldado Dittel para o cabo e disse-lhe em voz baixa:

— Commandante, em nome de Deos, deixai-me provar a comida e a bebida. Receio tão pouco o veneno dos Italianos como a falsidade de suas mulheres.

— Eu te acredito, meu bom rapaz! replicou Dechsel; porém não posso consentir em arriscar uma ovelha do meu pequeno rebanho. Tem um pouco de paciencia, que daqui a poucos instantes comerás quanto quizeres.

— Meu amo, disse a rapariga voltando, emquanto o meu patrão fôr encarregado de supprir-vos, podeis estar descansado que não correreis o menor perigo. Terá cuidado em não deitar nada na vossa comida para não ver voar pelos ares a sua hospedaria de sucia com o forte.

Não obstante esta certeza, obrigárão os Aus-

triacos aos Italianos a comerem junto com elles, precaução esta que continuárão a tomar todos os dias infallivelmente.

Ainda se não tinhão acabado as duas horas destinadas para a refeição, achando-se portanto ainda presentes os dous criados italianos, quando fez o cadete uma grande contorsão, e levando a mão ao lado esquerdo, gritou, com cara de quem estava com alguma formidavel dôr:

— Uma pontada! uma pontada!

Isto produzio o mesmo effeito que produziria um lobo em um rebanho de ovelhas.

A criada jurou tremendo por quanto Santo havia que não se tinha deitado nada na comida. O criado ficou estatelado com os olhos pregados na fatal torre. Dechsel foi ás carreiras ver o que era; e toda a sua gente ficou com cara espantada. Dittel foi o unico que conservou-se imperturbavel, e, chegando-se a passo firme para junto do morrão, agarrou na ponta accesa e pôz-se a olhar para o cabo de esquadra a espera da ordem.

— Não é cousa de maior cuidado, disse então o cadete, é uma pontada que me costuma a dar. Sinto que vos tenhais assustado por minha causa.

Dechsel lançou para o mancebo um olhar perscrutador.

— Cadete Bachmair! bradou-lhe depois com expressão medonha, não tentais o diabo e guardai-vos de brincadeiras donde podem resultar não só grandes males para vós mesmo e para toda Veneza, como tambem irremediaveis desgraças para vossos pais e patria. Lembrai-vos, além disto, que as ruas e canaes desta cidade ainda estão tintos do sangue dos nossos irmãos, e que portanto não tem o menor cabimento semelhantes graçolas.

Esta reprehensão não deixou de ser bem cabida, porque o cadete com effeito não tinha tido tal pontada, e não passava ella de um mero improviso. Foi portanto optima a descalçadeira que lhe pespegou Dechsel para não ser leviano, e para acostumar-se a tratar as cousas serias com a devida gravidade.

O cabo Dechsel podia servir de modelo aos bons commandantes. Inabalavel em sustentar o posto que lhe fôra confiado, era ao mesmo tempo solicito da segurança dos seus subordinados, e por isso distribuia com a maior cautela e circumspecção as bebidas espirituosas conforme as forças e constituição dos seus soldados, afim de evitar bebedeiras e as suas desagradaveis consequencias; no que era elle o primeiro a dar o bom exemplo.

Os Venezianos desesperavão-se com a firmeza e inalteravel vigilancia de um simples cabo de esquadra, que assim tinha a habilidade de mallograr todos os bellos planos que havião formado de apoderarem-se daquella torre tão importante para elles.

(Continúa.)



POESIA.

MODINHAS ROMANTICAS.

O PESCADOR.

Serenou-se a tempestade
Brilha o céo; doce bonança
Renasce como a esperança
N'um peito cheio de amor.
Mas o lago inda se agita
Freme ainda com furor.
Eia ao lago! A amante dorme
Mas não dorme o pescador.

Pensa que agora repousa
Em seu leito a sua bella
Mais pura que branca estrella
Mais casta que meiga flôr,
E que não dorme em seu peito
Coração que é todo amor!
E assim pensando, a sua rede
Lança ao lago o pescador.

Porém a rede recolhe.....
Ai delle! A rede transporta
A sua amante já morta
Qual murcha e já secca flôr!
Sem luz seus olhos tão bellos
Tão bella a face sem côr!
Tambem no fundo do lago
Busca a morte o pescador.

Cáe a noite! — As ondas fremem,
E pia a ave marinha;
Concavo tronco caminha
Do vento entregue ao furor.
E então para os mortos brilha
Da triste lua o pallor.
E sobre a margem do lago
Jaz sem vida o pescador.

J. Norberto de S. S.

Chronica da Quinzena.

O calor continúa com uma tenacidade incrivel. Não ha sorvetes nem gelados capazes de refrescar um cidadão constitucional, convertido em fatia torrada, pelos raios abrasadores do sol equinoxial. Nem as noites nem as manhãas trazem refresco. A atmosphera transformou-se no *statu-quo* do calor. A fóra isto, a quadra vai-se visivelmente transformando. Os theatros, os bailes, as reuniões, os soirées, os passeios e toda a casta de mais divertimentos vão progredindo com pasmosa actividade. Tudo são preparativos, anciedade, desejos e esperanças. Eis as chimeras em que gastamos os melhores tempos da nossa vida! Antes nisto do que fazer revoluções... vulgo bernardas, que essas para nada servem, nem para divertir.

A novidade mais interessante da quinzena é sem duvida a abertura do Theatro Provisorio. O *Macbeth* foi a opera escolhida para debut. Nada de mais grandioso e de mais magnifico na realidade do que esta soberba concepção em que os dous grandes genios Shakespeare e Verdi se combinárão para produzir uma das maiores maravilhas da arte moderna! Tudo nesta opera exalta a imaginação e arrebata o espirito. O interesse prende-se a todas as situações; ora na execução dramatica, ora na combinação das harmonias, que tem sempre um effeito novo, sobretudo nos córos, que são os mais bellos e os mais grandiosos que temos presenciado. Quem já ouvio cantar na Europa o Macbeth, por cantores de primeira ordem, deve abster-se de fallar do seu actual desempenho, especialmente depois de uma primeira representação. Não queremos com estas palavras deprimir o merito de alguns artistas da nossa companhia, mas sim guardar o juizo que delles fazemos nesta opera para quando estivermos mais habilitados.

Depois da abertura do Theatro Provisorio, que foi pomposa e magnifica, e extraordinariamente concorrida sem quebra de nenhuma das formalidades do costume, para solemnisar um dia cuja memoria deve ser tão grata aos Brasileiros, direi aos meus carissimos leitores de ambos os sexos que Herr Alexander, acaba de escapar d'uma molestia do baixo ventre, que pôz seus dias em grave perigo. Eu pela minha parte confesso que teria sinceramente sentido a sua morte. Todas as vezes que o via praticar aquellas feitiçarias, lembravão-me logo as historias das bruxas e duendes, que contava minha avó, excellente velhinha, que morreu sabendo de cór o Carlos Magno inteiro! Lembrava-me a pobre velhinha, e com a sua lembrança associavão-se tantas outras da minha infancia, que muitas vezes as lagrimas rebentárão-me involuntariamente dos olhos. Quem me déra agora ser aquelle rapaz travesso, que nem sempre tinha paciencia de escutar até ao fim as historias da pobre velha! Hoje sou cidadão, voto nas eleições, pago decima, e a patria ganhou muito com isso, não tem duvida! Já ninguem me diz daquellas historias... conto-as eu. E com que difficuldade ás vezes, Deos e eu o sabemos...

E com estas divagações ia-me esquecendo a partida do habilidoso Allemão. Pois é verdade espera apenas seu restabelecimento para ir-se embora; mas não sem primeiro dar uma relevante prova de que a sua generosidade e espirito religioso estão em parallelo com a altura do seu talento. Acaba de fazer uma dadiva de avultada quantia em favor da Igreja dos Allemães existente nesta capital. Honra ao nobre artista, que applica tão meritoriamente os fructos e talvez as economias do seu trabalho!

O celebre pintor Krumholz, que se acha ha tempos nesta capital, que não só aqui como na Europa, de que tem percorrido grande parte, é reconhecido por um dos maiores artistas do seu genero, foi condecorado pelo Imperador d'Austria com a ordem de Francisco José.

Sinto verdadeiro e sincero contentamento, quando vejo um monarcha premiar o talento. Assim devião fazer todos. As intelligencias, ainda as mais superiores, precisão deste incentivo para medrar e reflorescer. São como as arvores, como as montanhas, como tudo que se eleva para o céo e precisa os raios do sol para vigorar. A graça que acaba de fazer o Imperador d'Austria é plenamente justificada. Não só na Europa, como no Brasil tenho admirado os bellos retratos de Krumholz. Apanha a semelhança com admiravel fortuna, e o seu pincel só tem rival nos quadros de Rafael ou de Rubens.

Queria por ultimo fallar-vos, em que? Nos banhos. Quereis um espectaculo delicioso? Ide ás seis horas da manhãa á praia do Botafogo. Além desta, percorrei todas as outras praias afamadas, a de S. Domingos, por exemplo, vereis cousa que vos ha de suspender. Que graciosos grupos, que risonhos quadros! Meninos, moços, velhos, tudo toma banho, tudo folga, tudo ri dentro d'agua. Aqui um rancho de donzellas, que semelhão as nymphas encantadas de alguma fonte mysteriosa; além um grupo de homens, que semelhão, nem sempre, mas ás vezes, um bando de Satyros manhosamente espreitando algum brinquedo inno-

cente. Tudo isto moldurado na espessa verdura das montanhas, no profundo azulado das aguas, no melancolico azul de um céo de alvorada! Que lindeza encantadora! Quem pudéra admirar sempre quadros tão naturaes e graciosos!

D. SALLUSTIO.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

Diz um jornal portuguez fallando de modas: « A rainha d'Inglaterra, britannicamente chamada a « *graciosa*, » ainda não deferio a petição da revoltosa Miss Bloomer, que lhe propoz uma reforma completa no trajar das damas.

A reforma consiste em a mulher adoptar todos aquelles trajes de homem que lhe ficarem bem, que sejão mais economicos, e que concorrão para disfarçar a *odiosa* distincção dos sexos!

A nova pragmatica ainda não appareceu — mas é já tal a revolução das modas para a nova estação, que não é possivel orientar os leitores sobre qual é a ultima adoptavel!

Entretanto vemos que o programma da dictadora Bloomer ha de vingar. As senhoras trazem já collete á Joinville, e os homens umas capinhas, verdadeiros cabeções de capotes de mulher, a que por escarneo chamão á Carlos V!

A moda decididamente emancipa-se e democratisa-se. Uma elegante « *pur sang* » envergonhar-se-hia de copiar servilmente os toilettes de qualquer « leôa » de Paris ou de Londres. Imitar um figurino pintado e repintado é mais que *fossil*, é absurdo. Emancipadas porém da tyrannia estrangeira, entendêrão que devião seguir os principios ecclecticos da economia... politica, e dão se a uma concurrencia que difficulta toda e qualquer descripção. Sabemos de algumas damas que, por amor da liberdade da arte, serião capazes de se libertar já das proprias saias e roupões, se os maridos, de accordo com a policia, não estivessem de olho álerta sobre as excentricidades que elles julgão offender as regras do decoro publico.

O collete já as mais ousadas ostentão com toda a pompa da volta e do bordado. As calças, posto que rendadas sobre o pé, são uma especie de transição de sexo, mas é commodissima no inverno. O casaveque, com mais dous ou tres córtes, que alguma costureira habilidosa lhe queira dar, mui facilmente se transformará em casaca de baile ou de passeio. Emfim, cortando um pouco as abas aos chapéos, e elevando-lhes a copa, será daqui em diante escusado encommenda-los á Barat ou Gudin, sendo mais commodo e avisado compra-los no Torres ou Pinto & Pimenta.

Se isto succeder, como todos os prognosticos o aventão, os socialistas ganhão a batalha, e podemos affiançar que em breve teremos, não o reinado d'Astréa, mas o de Fourrier.

Emquanto porém não chega essa epocha, eis o que temos a dizer sobre as modas que representão hoje os nossos figurinos. »

Assim termina o nosso amavel collega o seu espirituoso artigo sobre modas; e assim principio eu o meu, que, se não fosse elle, seria dos mais massadores deste mundo, porque hoje não estou com vêa para tão grave assumpto.

A nossa gravura representa toilettes de visita e soirée.

O *primeiro* é um vestido de visita á Ferronière, de setim bordado, abrindo-se no peito em fórma de coração, e com bandas transversaes. Todo em roda do peitilho é bordado, e tem no limite inferior umas abinhas; mangas pagodes deixando ver outras á Luiz XIV. Chapéo de setim branco, e lenço de cambraia ou baptista bordado ricamente.

O *segundo* é de baile, penteado á *Charolais*, ornado d'um ligeiro cordão de flôres, vestido de mousselina de seda com tres ordens de babados, dispostos da maneira que melhor explica a gravura. O corpinho é enfeitado com as duas largas bandas, que vão subindo augmentando em largura, e terminão occultando nos hombros as manguinhas do vestido. Cada um dos babados é ornado de uma especie de ourela progressiva por onde passa uma larga fita de setim, duas columnas de laços de fita levantão o primeiro, dous alfinetes lateraes adornados de flôres apanhão o segundo, e o terceiro cahe por si mesmo.

CHARADA.

Que sou de doce uma especie,
Ninguem póde duvidar;
E que antes de ser, já tive
O que faz rir e chorar. 2

Deixando a materia inerte,
Já essencias sublimadas,
Humanas vidas, outr'ora,
Nos forão sacrificadas. 2

Mas, o todo.... quem diria!...
Eu explico, se consentes:
— Verás nelle entretecidos
Alguns dos metaes luzentes.

FERREIRA DA SILVA.

A significação do Logogrypho do n.° 12 é: PANORAMA.

Foi o Sr. Joaquim Antonio Santos quem mandou a primeira decifração.

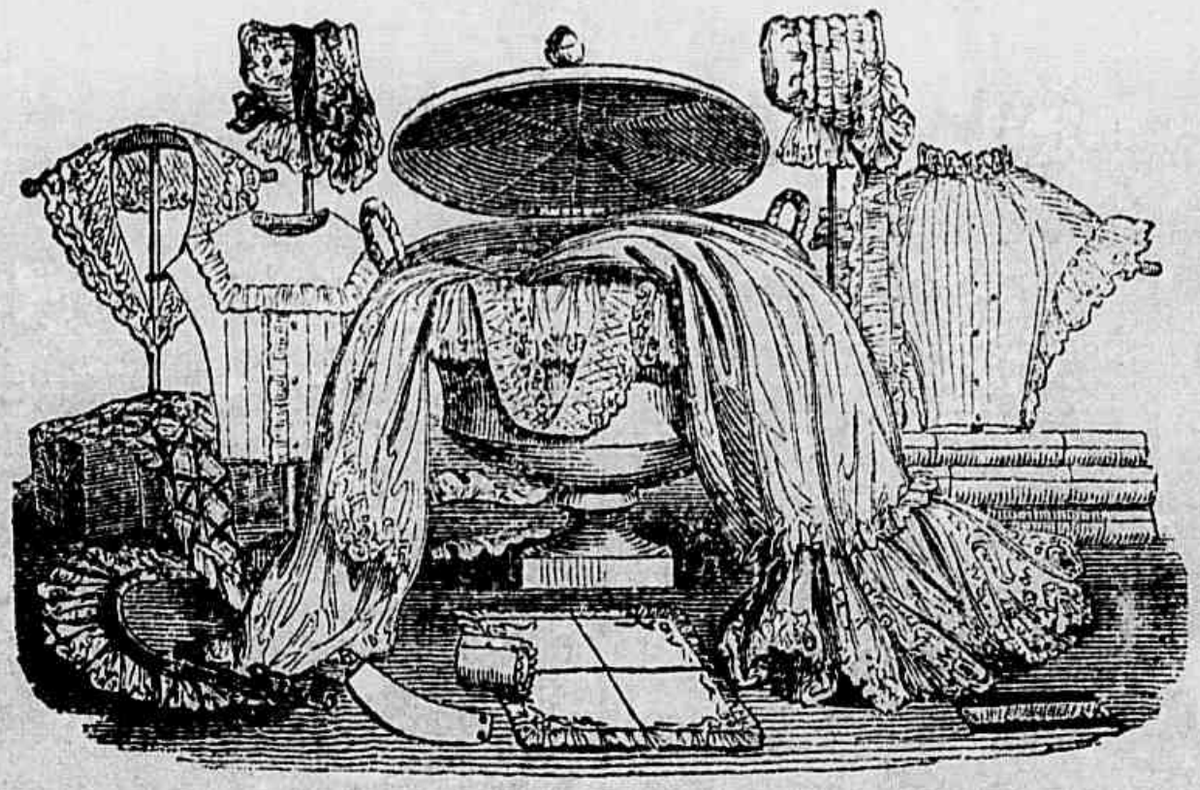
Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Anna Prudentia

1652.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

A TORRE DE POLVORA DE SAN SPIRITO EM VENEZA.

Episodio da insurreição de 1848.

(Conclusão.)

IV.

PASSÁRÃO-SE semanas e semanas, mezes e mezes, sem que se operasse a menor mudança na ordem seguida na torre do Espirito Santo. Todo o tempo que decorreu entre a expulsão dos Austriacos e a installação de um novo regimen popular; todo o tempo que levárão os partidos a disputarem entre si, o que afinal redundou em verem-se as pessoas ricas na necessidade de ajudarem com seus capitaes a joven republica; bem como tambem depois a manifestação feita pela Sardenha; todo o tempo que intermediou entre todas estas occurrencias, conservou-se a torre do Espirito Santo no *statu quo*. Ora tal posição não podia deixar de ser summamente penosa para um moço avido de gloria como o cadete Bachmair. Esse estado de inercia em que se via, levava-o frequentemente até ao ponto de amaldiçoar a hora em que tinha vindo esbarrar a tal fortaleza, onde se achava qual prisioneiro condemnado a mortal anojo.

Já se approximava o verão em todo o seu brilho e alegria. Mas ah! que sómente das amêas da torre podia o cadete contemplar as verdes margens da lagôa, da mesma maneira que Moysés outr'ora desfrutava apenas do monte Pisga a terra de promissão, que gastára quarenta annos de fadigas e soffrimentos primeiro que alcançasse. Bachmair tinha inveja das andorinhas que esvoaçavão ao redor da torre brincando umas com as outras no ar em plena liberdade; das gralhas e das cegonhas que se remontavão ás nuvens; e até mesmo do escaravelho que batia as susurrantes azinhas. Via as fumegantes barcas de vapor cortarem as aguas do mar; os navios de guerra e mercantes abaixo e acima passarem uns pelos outros. Via o sol surgir do seio do mar, e nelle outra vez mergulhar-se á noite. Outras vezes via nascer a clara lua reflectindo sua argentina luz nas tremulas ondas do mar e nas placidas aguas dos canaes. Ah! tudo em torno de si movia-se, andava, corria, voava, e sómente elle não! Que desespero não sentia elle! Censurava, ou antes amaldiçoava a inercia do exercito austriaco, que parecia ter para sempre aberto mão de Veneza.

« Apezar de não ter que lastimar a infidelidade de uma amante, dizia elle comsigo, desejo tanto

como Dittel ver voar esta torre pelos ares, só para haver alguma mudança nesta monotonia. » Uma tarde em que ia subindo para a amêa da torre vendo os barrís de polvora apinhados uns por cima dos outros na escada, disse: « Ahi estão quaes outros tantos dragões profundamente adormecidos! »

E entretanto uma só faisca bastaria para convertê-los em devastadores vulcões. Não foi uma bem pequena faisca sahida de um banquete que em Fevereiro ateou em Paris o incendio que quasi abrasou todos os paizes da Europa?

« Está em minhas mãos, » continuou Bachmair olhando do alto da torre para a cidade que se estendia em derredor, « anniquilar todos esses edificios e ruas, toda essa multidão de gente que anda acima e abaixo; derribar esse soberbo leão de S. Marcos, e mandar á posteridade o incognito nome de um simples cadete. Mas como póde isto ser se nos achamos aqui onze, e nem ao menos o meu regimento sabe se ainda estou vivo ou se me acho no Espirito Santo? »

Vencendo pois o amor da vida a essa van-gloria, resolveu o cadete dirigir antes suas supplicas ao seu commandante, o que fez nos seguintes termos:

« Caro Dechsel, consenti que dê um vôo fóra desta gaiola: não irei longe, chegarei sómente ao *Anjo d'Ouro*, ao menos para agradecer ao estalajadeiro o bem que nos tem tratado. Não ha nisso o menor perigo para vós, pois que mesmo quando se venha a saber, não pertenço á guarnição que vos foi confiada, estando aqui comvosco meramente no caracter de extranumerario. Arranjarei por intermedio do criado que nos vem trazer a comida um fato á paisana, fallo italiano..... e demais que podem noventa mil Venezianos recciar de um só Austriaco? Não lhes podendo fazer mal algum, não se importarão comigo. Mas quando mesmo algum delles quizesse tentar contra a minha vida e liberdade, saberei aterra-los com a — Terrivel Torre do Espirito Santo e seus seiscentos e trinta e tres barrís de polvora! — Bastará isto para me deixarem voltar são e salvo. »

Se a agua tanto bate na pedra até que fura, como poderá um coração humano, por mais firme que seja, resistir a repetidas instancias? Dechsel afinal cedendo, correu o cadete, alegre como um passaro que se solta da gaiola, e mettendo-se em uma gondola que felizmente ali havia, encaminhou-se para o *Anjo d'Ouro*.

Voltando á hora que lhe fôra marcada, disse-lhe Dechsel:

« O Sr. cadete está cheirando bastante a fumo. De certo que esteve fumando? »

« Para que hei de negar a verdade? » respondeu o cadete. Sim, fumei uns dous charutos como nunca se fumárão aqui antes da revolução, e que apezar de tão superiores custárão-me uma bagatela. Se não tivesseis tão formalmente prohibido o fumar-se aqui, teria trazido alguns. »

« Ora, ainda bem que mesmo o Sr. cadete é o proprio que me faz lembrar dos meus deveres, replicou Dechsel. Sou como S. Thomé, que quer ver para crer. Tenha portanto S. S.ª a bondade de virar as suas algibeiras para fóra, para vermos se não haverá nellas algum charutinho escondido por descuido.

« Oh! oh! cabo Dechsel, disse o cadete córando: então quereis agora ter o monopolio do tabaco, e arvorar-vos em guarda da Alfandega? »

« Deixemo-nos de preludios, replicou Dechsel cada vez mais desconfiado que trazia melgueira, mostrai-me as algibeiras. Não sou sómente commandante, como tambem chefe de policia deste lugar. »

O cadete obedecendo com repugnancia ás ordens do cabo, disse:

« Ora cá está uma ponta, mas protesto-vos que não foi com tenção de enganar-vos, pois nem sabia que aqui estava. »

Dechsel assentou então de ajudar o cadete na busca e sacou-lhe das algibeiras tres charutos.

« Tambem estes serão pontas, meu cabecinha de vento? exclamou o cabo de esquadra. — Já que tão escandalosamente menoscabais as ordens dadas, não terei mais comvosco daqui por diante contemplação alguma. »

« Dou-vos a minha palavra de honra, replicou o cadete envergonhado, que não os trouxe para fumar aqui, mas como me sobrárão, não os havia de deitar fóra. Nem era possivel fumar na fortaleza sem que se désse logo por isso. »

« Hão de ir para a agua estas tres tentações! » disse o cabo em tom resoluto, encaminhando-se com os charutos na mão para o canal. O cadete acompanhou-o.

« É pena, disse elle suspirando, esperdiçarem-se uns charutos tão bons, havanas legitimos! Ora cabo Dechsel, provai-os ao menos! Se fumardes

no fundo da gondola, creio que não haverá o menor perigo de ir lá uma faisca tocar fogo na torre. »

Dechsel deitou uns olhos compridos para os charutos que tinha na mão, em que claramente se lia o mais ardente desejo.

« Satanaz, não me tentes, disse. Pois um Adão já velho como eu ha de deixar-se levar por uma Eva de dezenove annos, e ainda emcima de calções? E o que seria feito da subordinação e do meu caracter? »

« Em vez de perder, ganharião, replicou o seductor; antes pelo contrario com mais prazer ainda obedeceria a guarnição ás vossas ordens, se lhe desseis licença de fumar todos os dias um charuto aqui na gondola. Isto seria uma mudança bem agradavel na constante monotonia em que vivemos, e que serviria para fortalecer ainda mais a constancia da vossa gente. O nosso Dittel, por exemplo, esquecer-se-hia logo da inconstancia da sua ingrata, assim que lhe consentisseis que se namorasse de um bom cachimbo. »

« A proposito, prefiro uma boa cachimbada a dous charutos, disse lá comsigo o cabo Dechsel. E mesmo corre menos risco, principalmente se é dos de tampa como o meu; pobre cachimbo! ha já bem mezes que não vê nem um fiapo de fumo!... Ora pois, cadete Eva! se eu fumar na gondola um charuto assim em ar de experiencia, qualquer perigo e desgraça que dahi possa resultar ficará nas vossas costas.

« Com todo o prazer! respondeu Bachmair rindo se. Estou certo que ainda me haveis de agradecer a lembrança. »

Dechsel, sentando-se no fundo da gondola, fumou não só um como todos tres charutos, tal era a saudade com que estava. Dentro em pouco tornou-se a gondola uma especie de sala de fumar de toda a guarnição da fortaleza. Havia porém certos limites prescriptos no fumar, da mesma maneira que na distribuição do vinho e da aguardente; sendo Dechsel o primeiro a dar o mais restricto exemplo.

« O que me falta agora, disse Dechsel lá comsigo, é sómente ter da bella cerveja allemãa, para tomar ainda que fosse apenas duas boas pancadas por semana: e então não se me daria de ficar ainda uns poucos de annos no commando da fortaleza do Espirito Santo. »

V.

O deposito de polvora do Espirito Santo era como um osso que os Venezianos trazião atravessado na garganta, era como a espada de Damocles que estava pendente sobre a cidade insular e seus habitantes. Emquanto o Espirito Santo estivesse em poder dos Austriacos não podião os Venezianos julgar completa a sua victoria. Tratárão portanto de remover este empecilho, resolvidos a não pouparem meio algum que os pudesse levar aos seus fins. A vigilancia e resolução de Dechsel tornavão impossivel o emprego da força ou do veneno.

Procurar alliciar a guarnição, era isto impraticavel, attenta a inabalavel lealdade dos intrepidos filhos da Styria. Não restava portanto outro recurso aos Venezianos senão o joven cadete, em cuja inexperiencia, leviandade e irreflexão propria da mocidade depositavão todas as suas esperanças; e por isso tanto maior foi a sua satisfação quando tiverão noticia dos passeios de Bachmair, que ora se dirigião á hospedaria do *Anjo d'Ouro*, ora pela cidade. Os Venezianos resolvêrão fazer com o cadete o mesmo que outr'ora fizerão os Phylisteos com Sansão empregando uma nova Delila, que com as suas subtilezas e seducções afastasse o mancebo da estrada do dever. E de quem senão da signora Miranda se lembrarião, que, além de ser actriz, moça e bella, offerecia tambem a vantagem de haver sido por um acaso a salvadora de Guido, o que era mais uma divida de gratidão? Havia de mais a mais a feliz circumstancia de morar ella na mesma hospedaria a que o cadete de ordinario costumava ir nos seus passeios, para não parecer que lh'a querião metter á cara, o que poderia despertar suspeitas. A signora Miranda, pelo seu lado, reputou uma grande honra o ser escolhida para libertadora da soberba cidade, como outr'ora S. Jorge que livrára os seus habitantes de serem devorados por um formidavel dragão. O proprio signore Negretti sacrificou o seu amor no altar da patria e da liberdade, dando o seu consentimento ao projectado plano, e tranquillisando-se com a esperança de que não passaria de uma mera farça. Não foi preciso a Miranda muito trabalho para conseguir tornar a sua companhia tão agradavel ao inexperiente cadete avido de prazeres, que dentro em pouco gastava todo o tempo que tinha de licença junto a ella. Dos frescos e nacarados labios da

actriz deslisavão seductoras e mellifluas palavras em prol da liberdade e dos direitos do povo. Seus negros olhos dardejavão scintillante fogo, cujo calor principiava já a fazer evaporar a obediencia militar de Guido e a sua fidelidade ao monarcha. Quando Miranda, segurando na guitarra com a nivea mão, della tirava melodiosos accentos, a que juntava a sua magica voz entoando enthusiasticos hymnos á liberdade, o cadete, bem longe de cerrar os ouvidos ao canto da serêa, cada vez mais rendido ficava. O leviano mancebo tinha quasi tocado á méta da cegueira, e Miranda assentou, e não sem razão, que a melhor maneira de acabar com o drama era afastar inteiramente o cadete da companhia do inabalavel Dechsel e de seus companheiros.

Na tarde do 1.° de Janeiro de 1849, achava-se Guido Bachmair no *Anjo d'Ouro*, sentado ao lado de Miranda, a qual offereceu ao mancebo um copo de vinho bastante forte, esperando por meio desse excitante, junto ás suas seducções, ganhar nesse dia completo triumpho. Sua belleza, o gosto com que estava vestida, sua voz e a destreza com que tocava, erão quasi que irresistiveis.

O relogio, dando então seis horas, despertou o cadete do seu lethargo.

— Meu Deos! exclamou elle pondo-se de repente em pé, são seis horas! Devo ir-me immediatamente... Adeos, adorada Miranda.... Quem me déra poder aqui ficar!

— E quem vos embaraça? disse Miranda em tom acrimonioso.

— As ordens de um impertinente e rabujento tyrannete!

— Estais feito uma machina que se faz andar e parar á vontade? Não tereis nem um ceitil dessa liberdade de que até os proprios irracionaes gozão? Apenas uma vez por semana, e isto só por uma hora, vos consente o vosso rispido carcereiro que saiais da prisão, e, não obstante fiel aos seus preceitos, voltais qual innocente passarinho para vossa gaiola!... Dissestes-me, ou antes jurastes-me que nada ha que vos dê tanto prazer como o estar em minha companhia; que sómente a mim amais.

— Adoro-vos! exclamou o cadete com a mais affectuosa ternura.

— Como posso eu acreditar nisso? disse a cantora em ar de mofa, quando vejo que o medo do azurrague austriaco tem mais poder sobre vós do que o vosso amor?

— Se me jurasseis constancia, bella Miranda, disse o cadete suspirando, então... então prometter-vos-hia....

— O que prometterieis? perguntou Miranda certa do triumpho.

— Ser para sempre vosso escravo.

— Ainda mesmo que a isso estivesseis disposto, replicou Miranda com altivez, não quero escravos! Sómente um homem inteiramente livre é digno do amor de uma filha da republica.

— Que exigis pois de mim? perguntou o mancebo.

— Primeiro que tudo, que fiqueis pelo menos mais uma hora aqui comigo, respondeu Miranda. Depois sabereis o resto.

— Bem! disse Bachmair promptamente resolvendo-se. Não só ficarei junto de vós uma hora, como até toda a minha vida. Nada me póde ser mais agradavel do que morrer comvosco.

— Não se trata de morrer, meu caro! replicou Miranda sorrindo-se, e sim pelo contrario de encetar uma nova vida, uma vida de liberdade.

— Então suppondes que se a torre do Espirito Santo voar pelos ares, o *Anjo d'Ouro* ficará incolume? perguntou o cadete abstracto.

— O *Anjo d'Ouro* voar pelos ares! replicou Miranda assombrada... Que quereis dizer com isso?

— Quero dizer que o cabo Dechsel jurou a seus Santos, respondeu Guido, que se eu excedesse o tempo da licença, tocaria fogo na torre.

— Ah! disse Miranda rindo-se, tendes ainda medo do tutú que nem uma criança! Pois haverá alguem, a não ser um rapaz simplorio e inexperiente, que acredite que alguem por causa de outro sacrifique assim sem mais nem menos a sua existencia?

—Oh! fallais assim porque não conheceis o cabo Dechsel! exclamou o cadete. Juro-vos por tudo quanto ha de mais sagrado, que não ha nada que o faça faltar á sua palavra!

— E então porque m'o não dissestes ha mais tempo? bradou Miranda passando do seu estado de tranquillidade ao da mais acerba inquietação. Que estais ainda a fazer aqui? clamou ella com voz consternada.... Foge, miseravel, tua pre-

sença me faz desesperar. Põe-te no andar da rua, fedelho! disse em tom irado e desferindo fogo dos ameaçadores olhos. Ainda estás ahi posto, traidor, assassino!

Isto dizendo, principiou a bombardear o attonito cadete com a guitarra com que lhe fez tiro, e com quanta cousa foi achando emcima da mesa.

O pobre cadete ficou petrificado como uma estatua. Miranda, que já não era a mesma amavel e attractiva creatura, avançou para elle com unhas e dentes, e ter-lhe-hia por sem duvida vasado algum olho, se o cadete não tivesse amolado os calcanhares (qual outr'ora José fugira da mulher de Potiphar), evitando assim tão expressiva demonstração de amor.

Assim que o cadete sahio, deitou o Sr. Negretti a cabeça pela fresta de outra porta.

— Então o passaro tudesco sempre pôde escapar-se do visco? perguntou elle com ar de escarneo... Porém o que vejo? exclamou olhando para o estrago que via em redor de si.—Deste-lhe bem expressivas demonstrações do teu amor!... Ah! ah! ah!

—Corre atrás delle, Negretti! exclamou Miranda torcendo as mãos. — Fustiga-o, não o deixes sem vê lo no Espirito Santo... Ah! Jesus Maria! não ouviste um estouro?

Bachmair entretanto corria com todas as suas forças, sem precisar que ninguem o fustigasse, até alcançar a sua gondola. O fogo de sua paixão tinha-se de repente apagado, como se lhe tivessem deitado uma porção de agua fria.

« Com a fortuna! dizia elle comsigo, á proporção que ia correndo, como em um instante mudou-se o tal anjinho n'um perfeito demonio! Quem se casar com a tal sujeitinha bem póde andar álerta. »

Ao desembarcar no Espirito Santo, achou toda a guarnição formada e o cabo de esquadra á sua frente.

— Estais preso! disse Dechsel ao cadete com tom ameaçador. De hoje em diante não haveis mais de pôr o pé fóra da soleira desta porta, visto que desmerecestes da minha confiança, e por saber que estais de intelligencia com os nossos inimigos, e que entrastes na combinação de planos para a tomada desta praça. Certas palavrinhas desgarradas que pilhei dos criados que nos trazem a comida já me tinhão posto de sobreaviso, e agora a vossa demora além da licença me acaba de certificar. Confesso á frente desta guarnição que foi da minha parte uma asneira injustificavel o ter consentido que um rapaz estonteado e tão facil de seduzir se andasse a passear pela cidade por entre o inimigo. Quero por isto infligir a mim mesmo um castigo que me será bastante penoso. De hoje avante fica prohibido o fumar-se mais aqui, e o fumo que ainda houver de resto deite-se no canal. Por certo, cadete Bachmair, que não sois digno de que por vossa causa voassemos nós e esta fortaleza pelos ares, como eu já tinha promettido de fazer, se vos tivesseis demorado mais meia hora.

Convencido do seu crime, sujeitou-se o cadete com resignação e arrependimento á pena que lhe foi imposta, sentindo sómente o ter sido elle a causa de que os seus camaradas tambem a soffressem.

VI.

Depois de quasi dez mezes de uma constancia a toda a prova, chegou emfim o dia de liberdade para a guarnição da torre do Espirito Santo. A Republica de Veneza recebeu uma communicação do governo austriaco, em que este ultimo mandava retirar a guarnição do Espirito Santo, comtanto que se lhe garantissem as honras da guerra. O governo de Veneza annuio de bom grado a esta condição, e apressou-se a transmittir a ordem á guarnição.

O cabo Dechsel, depois de examinar cuidadosamente, se a assignatura e o sello erão verdadeiros, virando-se para a sua gente, fallou-lhes nos seguintes termos:

—Camaradas, acabou-se-nos a chuchadeira em que temos estado; mas em compensação volvemos á patria querida. Só nos cumpre obedecer ás ordens. Agora, se a nossa estada por mais tempo aqui seria proveitosa ao nosso paiz, isso lá não nos compete indagar. Preparai-vos pois para marchar immediatamente. Estes senhores se compromettem a mandar-nos pòr em terra firme.

Os passaros engaiolados de boa vontade trocão abundante e certa comida pelas doçuras da liberdade. O mesmo aconteceu aos Allemães, que de mais a mais andavão sequiosos por fumo e cerveja. Em um momento apresentárão-se promp-

tos e armados no patio da fortaleza para embarcarem no navio que já ali os estava esperando.

Dechsel, passando revista á sua tropa, objecto dos seus desvelos, deu por falta de uma praça.

— Onde está Dittel? perguntou elle olhando em redor de si.

Muito havia que o tal bregeiro, sem que Dechsel o soubesse, arranjava com os seus camaradas dobrada porção de vinho e de aguardente, provavelmente com intenção de afogar a sua paixão. Este expediente tinha-lhe posto o nariz vermelho como um pimentão, o que muitas vezes servia de alvo ás caçoadas de seus companheiros.

— Com mil legiões de diabos! exclamou o cabo de esquadra dando um pulo para Dittel, que estava ajoelhado por detrás dos outros ao pé do morrão, e que lançava mão da ponta accesa.

Antes que Dechsel o pudesse estorvar, tinha o tal beberrão tocado já fogo no rastilho da polvora. Com o clarão que fez, semelhante a uma cobra de fogo, atirárão-se todos os Venezianos, em um abrir e fechar d'olhos, instinctivamente por terra, acompanhando-os tambem os Austriacos (a excepção de Dechsel e Dittel); e com as barrigas cosidas na terra esperavão a terrivel explosão. Ouvio-se então troar a agastada voz de Dechsel, que bradava á sua gente:

— O' lá! arriba! Pareceis-me mais mulheres do que soldados! do que guerreiros allemães! Cadete Bachmair, dizei a esses senhores italianos que não precisão mais estar sujando a sua roupa: que podem levantar-se; que nem nós, nem as casas de Veneza correm mais perigo. Foi uma fortuna o ter eu cortado a communicação do rastilho com a torre e com os barris de polvora. Não obstante, fica preso o tal Dittel para não se metter a taralhão, e ha de responder a um conselho de guerra pela sua injustificavel gaiatice.... Agora quanto a vós, meus senhores, accrescentou voltando-se para os Italianos que já estavão de pé, todos envergonhados e cheios de poeira, tenho ainda que fazer-vos uma communicação de alguma importancia, que o Sr. cadete terá tambem a bondade de traduzir-vos em italiano. Não é porque desconfie da vossa palavra; mas emfim, segundo as regras da guerra, deve-se sempre ter todas as cautelas. Recommendo-vos portanto que não abrais nem ponhais pé dentro da torre em que está a polvora, por estas duas horas, que será o tempo sufficiente para chegarmos, pois tive a precaução de pregar na porta um morrão acceso que deve durar duas horas, e que assim que se ella abrisse tocaria fogo nos barris de polvora. Tende um pouco mais de paciencia. A salvação ou a perda de Veneza está agora em vossas mãos. *Addio*!

Retirou-se então a pequena guarnição, que por tanto tempo e tão corajosamente havia sustentado a torre do Espirito Santo. Dentro em pouco deixou pelas costas os muros de Veneza, e entrou na lagôa. Até ali se tinha Dittel conservado taciturno e cabisbaixo no meio de seus camaradas; mas aproveitando-se de um descuido do que lhe ficava ao pé, levantou-se de repente, e desvencilhando-se de quantos o querião agarrar, atirou-se ao mar. Conseguirão porém sustê-lo sempre pelos punhos apezar da sua desesperada resistencia, torna-lo a guindar para dentro da barca em cujo fundo o deitárão.

— Segurem-no! disse Dechsel. Em todo caso, este banho de agua fria ha de fazer-lhe bem, e applacar-lhe a effervescencia da raiva. Força é porém confessar que o tal capadocio é mais de dar e tomar do que qualquer de vós, por cujo motivo ficarão bastando para seu castigo sómente as colicas que rapou e o bello do banho, e dispensado do conselho de guerra com que o ameacei. Sabe Deos quanto me custou a ter que não désse uma formidavel gargalhada quando vi o apressuramento com que os taes Srs. Venezianos se acachapárão. Se não fosse a raiva que me metteu o ver-vos seguir o seu exemplo, muito teria por certo me divertido. Está me parecendo que estou vendo as caras de tolo com que ficarão os bons dos Venezianos quando virem que a tal colmeia que suppunhão cheia de doce mel, não contém mais do que vazias e desertas cellulas.

— Que quereis dizer com isso, Dechsel? perguntou o cadete com curiosidade.

—Mesmo correndo o risco, respondeu o cabo de esquadra, que os nossos remeiros possão entender o meu allemão, informar-vos-hei de que o punhado de polvora em que o nosso gaiato atacou fogo era todo o resto que havia na torre do Espirito Santo, e que os 633 barris de polvora estavão todos vazios de bocca para baixo, não tendo nem com que matar um rato quanto mais todos os habitantes de Veneza!... Obrigado, Srs. Venezianos, obrigado pelo escapatorio!

— Estais fallando sério, Dechsel? perguntou o cadete tão incredulo como os mais Austriacos.

— Sério e bem sério! replicou Dechsel. Pois então pensais que se assim não fosse eu seria tão pedaço d'asno que consentisse que uma cabecinha de vento como aqui o senhor, andasse a passear pela cidade, e que se estivesse a fumar com o rastilho de polvora no patio, que podia com a maior facilidade incendiar-se e reduzir a cidade a um montão de cinzas?

—De maneira que só para vigiar barris vazios, disse o cadete enfadado, nos condemnastes a uma apathia e a um captiveiro de dez mezes!

— Vazios ou cheios vinha a dar na mesma, respondeu o cabo, servirão de sustentar a nossa honra militar, e de provar ao inimigo que um punhado de homens é tambem capaz de fazer face a uma grande força. Além de que, já não é pequeno pagode o como hão de dar-se a perros os taes Venezianos quando descobrirem que dez Alemães tiverão a habilidade de trazer em papos de aranha e da sala para a cozinha a 90,000 Italianos, por espaço de dez mezes, sem darem cavaco.... E de mais, o que perdêmos em aguentarmo-nos na torre do Espirito Santo?... Ah! que se não fôra ella, a esta hora estarieis feito em postas, ou morto de algum tiro, e nós teriamos tambem tido igual sorte se não tivessemos recorrido ao estratagema a que recorrêmos. Que mal nos sahimos da empreitada? Não era a nossa comida dez mil vezes melhor do que a dos Israelitas no deserto, que por quarenta annos inteirinhos não se sustentárão com outra cousa mais do que o manná e lá de vez em quando alguma codorniz magra que mettia medo? Não tomastes um fartão para toda vida de polenta, macarrão, salame, pão-branco e vinho? Não saboreareis agora mais o bom pão allemão com manteiga e queijo, e uma boa pancada de cerveja daquella que faz bem escuma? E afinal de contas, o dever está primeiro que tudo; tinhamos obrigação de defender o posto até segunda ordem... Porém olhai, já lá está o porto, e já lá brilhão as armas dos nossos camaradas que nos vem ao encontro. Vamos, Dittel, alegra-te! Tudo está esquecido e perdoado!

— Dêm lembranças á Sra. Miranda da minha parte, disse o cadete em italiano aos remeiros ao atracar.

— Tambem conheceis essa borboleta movediça? respondêrão os remeiros rindo-se. Já tem depennado muito patinho; tem tido mais de dez *Narcisos*, e a todos tem dado de taboa.

— Quero sacudir dos meus sapatos até a poeira de Veneza, disse Bachmair saltando em terra, onde os seus camaradas já se estavão formando em ordem de marcha. Os taes dez mezes de lição me hão servir para toda a vida.

— Em frente, marcha! gritou então o cabo Dechsel com voz forte e animada. Vivão os nossos camaradas!

VIVA A ALLEMANHA NOSSA PATRIA!

— Viva! viva! respondêrão alegremente em côro os seus intrepidos soldados.

(Traduzido do Allemão).



POESIA.

A UMA CRUZ

NA CERCA DO MOSTEIRO DO CARMO EM COLLÁRES.

Ave, ó Cruz solitaria, aqui na selva
Que banhada em luar guarda em silencio
Mysterios de nossa alma: —
Dominas o sentir que brota ás soltas
De ver a sós sem véo a natureza
Repousando na calma.

O tempo, ou quem sabe se a impiedade,
Te gravou nesses braços já quebrados
A sentença da vida;
Da vida que raiando altiva e crente,
Tão cheia d'illusões, d'encontro aos homens
É pela dôr partida.

Salve, divina cruz, deixar eu quero
Junto a teu pedestal, bem como offerta,
O sentir deste mundo;
Que em negro lodaçal de paixões torpes,
Mergulhando nossa alma lhe prepara
Esse abysmo profundo:
E puro o coração subir comtigo
Atravéz da singela natureza
Té á Patria celeste.

A selva virente
A lua tremente
Da pallida côr,
Que em doce harmonia
Prepara a poesia
Do hymno d'amor.

Qual fumo d'incenso,
Vai no bosque immenso
Subindo ao Senhor;
Nem um só gemido,
É tudo embebido
No hymno d'amor.

Do mar, magestosa
A voz ruidosa
Em rouco clamor,
Levante esse canto
Qu'em echo d'encanto
S'espalha ao redor.

E eu, ó cruz. aqui me ergui da terra,
Homem co'a natureza a sós fiquei,
Uni a voz do peito á desta serra,
E o Deos que nos creou, eu adorei.

D. Antonio de Mello.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

Se eu fosse ainda rapaz, não me escapava uma unica manhãa, em que não fosse tomar o meu banho de mar. Nessa quadra effervescente da vida o sangue queima nas veias, e o refrigerio é uma consolação e uma necessidade... Mas hoje? Que iria eu lá fazer com os meus cabellos brancos? Frio estou eu de mim, do mundo, de tudo que me cerca. Consola-me a idéa de que tenho muitos companheiros. Banhos de sol é que nós queriamos, os de agua já nos não fazem nada, ou quasi nada, enregelão-nos quando muito.

Porém vós, minhas amaveis e graciosas leitoras, vós porém que não passastes ainda do portico delicioso da juventude para os subternaes gelidos e tristes da velhice, vós deveis ir aos banhos. Ide, que será essa mais uma distracção agradavel. Ide admirar, de dentro do mar, quaes encantadas serêas, o sol que nasce no horizonte, banhando de luz melancolica as corôas erguidas das montanhas, e tingindo de melindrosas côres as orlas do firmamento. Ide, que eu, pobre velho, ficarei de longe, olhando para os ranchos que passão, saudando do centro da minha choupana os vossos risos maliciosos, os vossos brinquedos innocentes. Eu defendo a necessidade dos banhos, sou seu apologista, e tomo tanto a peito esta questão de alta transcendencia politica e social, que vou apresentar-vos dous lindos modelos, para o tempo em que estiverdes a banhos fóra da cidade.

O *primeiro* representa o que os Francezes chamão *Mise des eaux*. Compõe-se de um mantelete-pardessous de mousselina bordado, formado de modo que encubra parte do braço; uma guarnição de fôfos rodeia este lindo mantelete; o vestido, liso nas costas, é franzido adiante; ingengas fendidas, e enfeitadas de pequenos folhos: a saia é adornada de tres ordens de babados, ou, para melhor dizer, de folhos tambem, contando o primeiro tres, o segundo quatro, e o terceiro cinco ordens dos mesmos, que constituem um lindo enfeite. Chapéo de crépe, adornado com um ramo de violetas de Parma, obra do eximio Constantino.

O *segundo* tambem *mise des eaux* traz um elegante chapéo côr de rosa enfeitado de flôres da mesma côr; vestido á Raphael; mangas asiaticas; e saia enfeitada de adornos iguaes aos que se notão no peito e nas mangas.

CHARADA.

És do dia annunciante
Seu mensageiro risonho;
Calcas a noite brilhante
Rasgas-lhe o manto enfadonho. — 2

Supprime ás vezes
Repetição,
Sempre indicando
A suppressão. — 1

CONCEITO.

Tem-me o commercio
Em suas fileiras,
Sou como elle
De mil maneiras.

Sou cambio ou troca,
Commutação;
Sou finalmente
Permutação.

Leonel de Alencar.

A significação da Charada do n.º 13 é: Passamanes.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

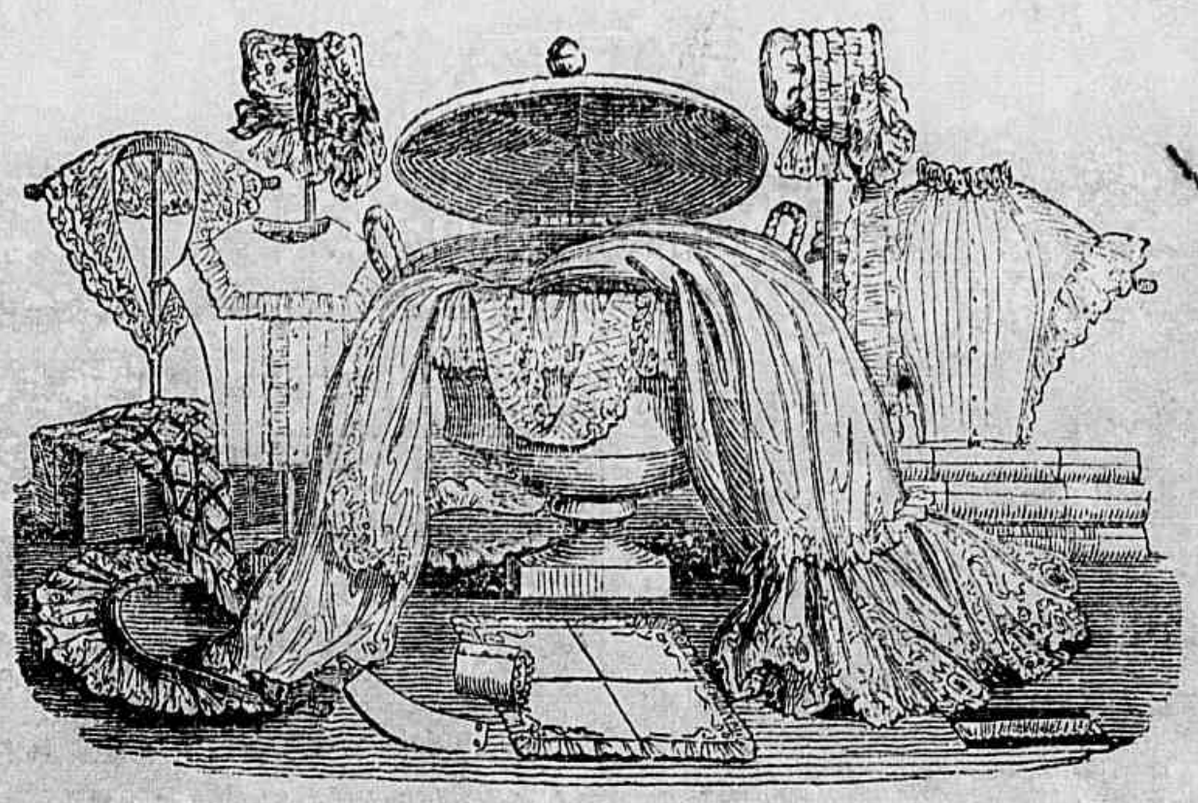
BIBL. PUBL. DA CORTE-REAL

Louis Couturier.

1679.

52
F4

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

A PONTE DE ARCOLA:

O PEQUENO CABO DE ESQUADRA NOMEADO SARGENTO.

I.

No meiado do anno de 1796, o apparecimento de Alvinzi na Italia, como general em chefe austriaco, tinha reanimado as esperanças dos governos de Napoles, de Roma e de Veneza. Já a coalição se lisongeava de que os Francezes, abandonados a si mesmos, não poderião sustentar por mais tempo os esforços de um exercito numeroso e aguerrido, commandado por um general cujos talentos, prudencia e valor, erão louvados em toda a Europa. Alvinzi, instruido pelos erros dos seus predecessores, tinha adoptado um plano inteiramente novo. Devia avançar sobre Bassano e Verona, emquanto Davidowitch atacaria as tropas francezas em Trento, e, depois de ter forçado as posições de Rivoli, se reuniria ao corpo de Quosdanowitch para marchar de companhia contra Bonaparte; porém o genio do joven general em chefe do exercito de Italia, menos talvez do que a força dos acontecimentos, obrigou Alvinzi a mudar completamente de plano de operações.

Nos arredores de Bassano tinhão tido lugar varios combates sanguinolentos, cujos resultados havião sido compensados de parte a parte. Davidowitch tinha effectivamente entrado em Trento e forçado o general Vaubois a retirar-se para as posições de Rivoli e da Corona.

Bonaparte se achava então em Verona. Sabendo com dôr esta retirada inesperada de Vaubois, monta a cavallo, vai ao encontro dos soldados que acabão de illudir assim suas esperanças, e os encontra no outeiro de Rivoli, que em breve devia illustrar uma de suas mais decisivas victorias. Ahi, fazendo reunir as brigadas, ordena o silencio e lhes diz com aquella voz vibrante que fazia vacillar a corôa sobre a cabeça dos reis:

« Soldados! eu não estou contente comvosco!... Não mostrastes nem disciplina, nem constancia, nem valor!... »

A estas palavras corre pelas fileiras um longo susurro; Bonaparte prosegue com voz mais sonora:

« Entregastes-vos a um terror panico; deixastes-vos expulsar vergonhosamente de uma posição em que teria bastado um punhado de bravos para deter um exercito inteiro!... Soldados da 39.ª e da 85.ª! não sois mais os defensores da Republica Franceza!... »

E voltando-se vivamente para o chefe do estado maior desta divisão:

« General, fareis escrever sobre estas bandeiras, que deverião estar cobertas de um crepe...— *Nós não somos mais do exercito de Italia!* »

Estas pungentes palavras, estas exprobrações merecidas talvez, vão ao coração destes homens, que pedem todos a marchar na vanguarda para repararem seu erro; todos jurão vencer ou morrer. Um longo grito de *Viva a Republica!* acompanha o general em chefe, que volve ao seu quartel general.

Quanto a Alvinzi, soberbo da vantagem que ao principio alcançárão suas tropas, marcha resoluto contra Bonaparte. As gazetas estrangeiras e seus echos de Paris já se não receiavão de predizer a derrota do exercito de Italia.

Bonaparte dirige então para Caldiero as forças que tem disponiveis em Verona; mas, de seu lado, Alvinzi se dispõe a mandar atacar esta praça durante a noite. Instruido deste projecto, Bonaparte faz passar immediatamente o Adige ás divisões Augereau e Massena, depois cahe de improviso sobre a retaguarda do general austriaco e lhe toma seus parques, seus armazens e seu unico ponto de communicação, emquanto Augereau avança rapidamente sobre Arcola.

Arcola não é, por assim dizer, mais que uma mesquinha aldêa sita no meio de um pantano cuja extensão e profundidade são ainda ignoradas pelos Francezes; o paiz é entrecortado de regatos e de torrentes, de que o Alpon é o mais consideravel. Um dique, cortado por suas aguas, conduz a Arcola; sobre esta torrente eleva-se uma ponte de madeira, guarnecida de peças de artilharia e solidamente entrincheirada. Todas as posições vizinhas estão occupadas pelo inimigo. Apresenta-se a divisão Augereau: estes obstaculos suspendem as tropas francezas o dia inteiro; tudo o que tenta a passagem é fulminado pelas baterias austriacas. Na primeira investida Lannes é ferido por dous tiros. Augereau agarra n'uma bandeira e avança até ao meio da ponte; chama a si todos os seus bravos, que se precipitão após elle; porém a frente da columna é derribada e o resto se retira em desordem. Apparece Bonaparte.

—Granadeiros! exclama agarrando n'uma bandeira, que é feito da vossa intrepidez? Não sois por ventura os vencedores de Lodi?... Não seguireis o vosso general quando elle vos mostra o exemplo?...

Diz e arremessa-se á ponte.

A columna se move de novo; mas, acolhida por um fogo terrivel, torna a parar e até recúa no momento em que um derradeiro esforço vai decidir da victoria. Lannes, que ha deixado o seu leito de dôr para tomar parte na acção, cahe desta vez ferido de terceira bala; Muiron, ajudante de ordens de Bonaparte, é morto ao lado do seu general, que tambem só escapa á morte pela dedicação do seu estado maior: todos os seus officiaes lhe fazem uma muralha de seus corpos. Bonaparte remonta a cavallo; o animal, espantado pelo trovão de bronze que incessantemente lhe brama diante, espinotêa, arrebata-se e arrasta o seu cavalleiro ao pantano, onde cahem ambos e rolão no lodo. Bonaparte se ergue e exclama com despeito:

— Eu já não commando a Francezes!

Esta exprobração é ouvida pelo general Belliot, que, animando os seus granadeiros indecisos, lhes faz voltar cara ao inimigo e consegue arremessa-los contra os Austriacos, que fraquêão e começão a fugir. Já porém Bonaparte se collocou á frente de seus soldados e suspende o ataque até que receba noticias do general Guyeux. Não tarda a saber que Massena destroçou o corpo de Provera, que Guyeux chegou até á aldêa de Arcola, e que os Austriacos, desbaratados, se retirão emfim sobre San-Bonifacio. Os granadeiros poem-se então em movimento, cumpre que Arcola seja delles Mas Bonaparte torna a mudar suas disposições e ordena a retirada sobre o Adige. Em caminho, não tardão suas columnas a encontrar a vanguarda austriaca; Belliard, Massena, Robert, Augereau, os repellem até á ponte de Arcola. Ahi commanda Alvinzi. Augereau é rechaçado com perda consideravel; ficão feridos sete generaes e uma multidão de officiaes superiores. Bonaparte procura outra passagem, e a acha na embocadura do Alpon.

— Desta feita, são nossos! disse.

E ordena immediatamente que se construa uma ponte sobre cavalletes para o dia seguinte.

Entretanto não estava ainda alcançado o fim do general em chefe; porém o resultado desta segunda e terrivel jornada podia bem chamar-se uma victoria, pois que pela retirada do inimigo se havia

conseguido o abandono da posição inexpugnavel de Caldiero.

Á noite, volveu o exercito francez ás posições que occupára de manhãa além do Adige. Bonaparte se mostra em toda a parte para melhor velar ao bem-estar de seus soldados. Pelas duas horas da noite, quer visitar sózinho os postos avançados. Neste perigoso reconhecimento, dá com uma sentinella adormecida. Approxima-se-lhe de manso, pega-lhe na espingarda e continúa a sentinella em seu lugar. Este acorda, reconhece o seu general em chefe e julga-se perdido.

— Tranquillisa-te meu camarada, diz-lhe Bonaparte restituindo-lhe a sua arma; depois de tantas fadigas, bem licito é a um bravo como tu abandonar-se um pouco ao somno; comtudo, para outra vez, escolhe melhor occasião.

A 7 de Novembro, de manhãa, as divisões passão o Alpon, e logo são os Austriacos repulsados sobre Arcola e Poriel; mas no momento em que neste ponto se vai travar novo combate entre Augereau e Alvinzi, Bonaparte, por um feliz estratagema, decide do resultado do dia.

Um tenente de hússaros, com vinte e cinco cavalleiros e doze clarins, recebe a ordem de voltear o inimigo e de acommettê-lo de improviso.... Ao ruido dos cavalleiros e dos clarins, a infantaria austriaca se espanta, abala-se, fraquêa... Augereau arroja-se sobre ella... Os Austriacos são postos em debandada; grande numero delles é feito prisioneiro. Bonaparte avança sobre Arcola. Expulso de Poriel por Massena, o inimigo se retira em desordem sobre Montebello. O dia vai muito adiantado. O grosso do exercito francez toma emfim posição no campo de batalha que acaba de conquistar depois de tantos combates.

Quatro bandeiras, dezoito peças, seis mil prisioneiros, forão os trophéos destas jornadas immortaes. Além disto, tiverão os Austriacos doze mil homens postos fóra de combate. Os ataques encarniçados e pertinazes, as lutas peito a peito que distinguirão esta batalha, conhecida vulgarmente pela qualificação de *Passagem da ponte de Arcola*, fazem um canto da *Iliada*, pois foi um verdadeiro combate de gigantes.

II.

No outro dia de manhãa, estavão alguns velhos soldados pertencentes á divisão Augereau sentados, com o rosto ainda denegrido da polvora da vespera, em derredor do fogo do seu bivac da noite, e dissertavão a seu modo ácerca das operações e dos feitos de armas dos dias precedentes.

—Cumpre confessar, dizia o velho Mitonneau, cujo braço esquerdo atado ao peito era decorado de duas divisas; cumpre confessar assim mesmo que o Pequeno Cabo de esquadra lhes talhou hontem e ante-hontem famosos rabichos a esses kaiserlichs! Decididamente, esse joven peralvilho de Alvinzi quer se fazer demolir como um velho corpo de guarda... Que pensais?

— Isso não padece duvida, respondêrão todos em roda.

— E no emtanto vós não me querieis dar credito, proseguio Mitonneau, quando eu vos dizia, na passagem dos Alpes, que eu o tinha visto manobrar um pouco em Toulon, e que elle não tinha frieiras nos olhos. Cumpre ser justo tambem, o exercito de Italia é composto de famosos coelhos. Ah! farçola de Alvinzi, vai que o nosso cidadão general em chefe te assignou hontem a tua folha de marcha, e te fará dobrar as etapas um pouco ligeiramente.

— Olé! cidadão Mitonneau, disse então um dos mais moços da roda, segundo o que dizeis, sou de parecer que o Pequeno Cabo de esquadra mereceu subir de posto.

— Não é mal observado, respondeu Mitonneau com ar astuto. Com que então julgais que aquelle que tem frigido todas estas victorias, como simples batatas, em tres voltas de cassarola, é digno de adiantamento?

— Sim! sim! exclamárão as mesmas vozes.

—Nesse caso, dê aqui cada um o seu parecer; as opiniões são livres.

— É verdade! exclamou um dos mais moços do circulo. Rrrrrrão! fez imitando o rufo do tambor. Pai Mitonneau, na vossa qualidade de mais velho, fazei reconhecê-lo espontaneamente.

Incontinenti o velho soldado, estendendo o braço e abrindo os dedos de sua larga mão, disse com voz possante no meio de um silencio que tinha alguma cousa de solemne:

Soldados de Italia! em nome dos velhos *tropeiros* aqui presentes, reconhecereis o cidadão Bonaparte, general em chefe do exercito de Italia, como vosso Sargento, e lhe obedecereis em consequencia!

Neste momento foi o orador interrompido por um homem baixo, de rosto pallido, carão doentio, olhos scintillantes, vestido de sobrecasaca parda e na cabeça com um chapéo de tres bicos, sem guarnição nem pennacho. Este homem baixo, que nenhum signal distinctivo teria podido dar a reconhecer, bateu de leve no hombro de Mitonneau, dizendo-lhe com um tom de indizivel benevolencia:

— E em que época póde o sargento esperar subir a segundo tenente?

A esta voz bem conhecida, todos levárão respeitosamente as costas da mão direita á testa e permanecêrão immoveis.

— Ver-se-ha, ver-se-ha, cidadão general, respondeu Mitonneau torcendo altivamente os cabellos de seus alvejantes bigodes....

O resto é sabido.



POESIA.

A VIRGEM.

Á EXM.ª SNRA. D. A. DE F. C.

Em Sexta-feira da Paixão.

(Fragmento.)

Um hymno, um hymno á ternura
Um hymno á religião,
Casem-se amor e piedade
Nas entranhas do christão.

J. F DE SERPA.

Perdôa, ó Christo, se no dia negro,
Abominando, infame em que subiste
Motejado, cuspido de teus filhos,
Pastor celestial á summa crista
Do Golgotha maldito, p'ra choveres
De mais alto á chagada humanidade
O balsamico rocio de teu sangue,
De teu sangue divino; — oh! sim perdôa
A' mais mesquinha rez de teu rebanho,
Ao mais humilde servo de teus servos,
Ao peior dos mortaes por ti remidos,
Se em lugar d'ir, rojando arrependido,
Beijar o pavimento de teus templos,
Ver se colho no labio requeimado
Ao pé do immenso cedro da tua graça
Uma gotta sequer desse fecundo
Orvalho milagroso que disparze
Ha seculos dezoito sobre a terra:
Perdôa, se eu — ingrato e impio! — ouso
Neste dia solemne entre os solemnes,
Em vez d'ir entoar n'harpa sagrada
Puros hymnos á tua magestade
E á nossa redempção, tomar profano,
Manchado plectro de paixões terrenas,
P'ra nelle descantar caducas graças,
Purissimas embora e peregrinas,
De beldade mundana!... E como posso
Eu, pobre verme d'entre o pó brotado,
E de pó construido, erguer altivo
Vôo d'aguia soberba té ás nuvens
De mysterio e de luz em que t'envolves?
De luz, sim, mas de luz que cega e torra
O olho temerario que presume
De perto fixa-la! Como posso
Melhor solemnisar o dia augusto
Do teu mil vezes santo sacrificio
Do que tecendo, ó Christo, um puro hymno
A' innocencia e á belleza immaculada?
O que és, o que foste tu, ó Christo,
Senão o puro amor, summa belleza,
Innocencia suprema?! E será crime
Celebrar em purissimo descante
Um raio desse lume sempiterno,
Um atomo gentil dessa belleza,
Belleza mãi e typo, quando pousa
Sobre a fronte de virgem pudibunda,
D'angelica donzella? Por ventura
Centelha que do sol cáe luminosa
Perde do seu fulgor quando reflecte
Na vêa d'um regato crystallino!!
Oh! não, não perde! Avante, logo,
Longe de ti, cantor, nescios scrup'los,
Canta, canta o teu anjo!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

E tu, ó Christo, que meus cantos ouves,
E meus cantos comprendes, oh! escuta,
Em nome de teu sangue hoje esparzido,
Escuta a minha supplica fervente:
Afasta, afasta quanto fôr possivel,
Para longe de nós esse tremendo,
(*) *Dia de magoa, de pavor, d'angustias,*
Em que a tenue vergontea tão viçosa
Tem de ser do seu tronco separada!
Permitte que meus olhos inda possão,
Como hoje pudérão, muitas vezes
Tão ledos, tão ditosos contempla-los,
Unidos mais que nunca pela prece,
N'um só ente fundidos, meditando
Aos pés da tua cruz teu sacrificio,
Teu sacrificio immenso! Porém quando
A' justiça ceder tua piedade
E a morte cruel vier trazida
Nas azas de uma sorte inexoravel
Cortar o fio de tão puros dias
E de tanta ventura, ampara, ampara
A mimosa vergontea sem arrimo!
Eterno sustentaculo, inabalavel
Columna divinal do desvalido
A' innocencia protege, ó Christo, *della!*
Permitte que seus dias té o extremo
Tão limpidos, serenos se deslisem
Como torvos se arrastão os do triste
Mui triste bardo seu!...

Rio de Janeiro, Abril de 1852.

EVARISTO W. G. DE SOUZA REIS.

CONSELHOS PARA A CONSERVAÇÃO DA BELLEZA.

BOCCA E CUIDADOS QUE ELLA REQUER.

I.

De todas as feições é a bocca a mais expressiva e graciosa; brincão em torno a ella alegria, capricho, arrufo e regozijo. Se os olhos são o espelho da alma, a bocca é o interprete do coração.

Depende a lindeza da bocca de sua relação ou harmonia com as mais feições do rosto. A bocca demasiadamente pequena é talvez mais desagradavel que uma bocca muito grande, pois tregeita mais. Infelizmente uma bocca imperfeita não póde ser emendada; mas dado é á pessoa o não afeia-la com affectados requebros. Ensina-lhe Ovidio na *Arte amatoria* a rir com graça, mas quadrar-lhe-ha melhor rir naturalmente.

Influem as paixões sobre a physionomia dos labios; descora-os a colera, engrossa-os a indignação, comprime-os o despeito, arredonda-os a beneficencia, enrubece-os o prazer e abre-os o amor; por isso uma bocca pura e graciosa causa gosto inexprimivel.

Erra qualquer pessoa se julga que passando incessantemente a lingua sobre os beiços, lhes dá frescura e brilho. Essa anti-precaução murcha-os e greta-os.

Lembrar devem todas as lindas senhoras, quando colericas, impacientes ou arrufadas mordem os labios, que a celebre madama de Pompadour perdeu a boniteza de sua bocca e o favor de seu real amante por causa dessa funesta mania.

II.

DENTES.

Os dentes, que tão essenciaes são á saude como á formosura, ornatos da bocca e instrumentos da mastigação, reclamão nossos cuidados de manhãa ao erguer-nos, e á noite antes de deitar-nos.

Fina e branda deve ser a escova para os dentes; e muito convém que a pessoa lhe dirija a esfregadura verticalmente.

Toda a cautela é pouca contra os pomposos annuncios de opiatas, de thesouros da bocca, de elixires, de aguas balsamicas. O simples carvão em pó impalpavel preferivel é a todo esse mentiroso apparato do charlatanismo.

Posto que seja regra geral recorrer raras vezes ao ministerio do dentista, salvo quando intoleraveis dôres ou algum accidente grave reclamem a presença do mesmo, comtudo, sendo notoria a influencia prejudicial do nosso clima sobre os dentes, achamos prudente manda-los examinar todos os tres ou quatro mezes por um dentista de reconhecida habilidade, taes como, no Rio de Janeiro, os Srs. Clinton van Tuyl, Whittemore, Zielbauer, &c.

(*) Palavras textuaes de uma oração funebre do eximio prégador portuguez o Rev. Abbade de Macieira. Perdoem-me o emprestimo.

Mas emfim a velhice chega! os dentes cahem! Os progressos da mecanica e da chimica nos ajudão a reparar essa perda; os dentistas modernos tem loja aberta de dentes postiços branquissimos, e impossivel será á vista mais aguda distingui-los á ilharga dos verdadeiros.

Os palitos mais simples são os de páo; sua flexibilidade torna-os superiores aos de ouro, marfim ou a quaesquer outros.

Uma bella dentadura agrada a todos. Ella attesta geralmente boa saude, caracter facil e isenção de paixões vehementes. Por isso vemos que as pessoas que rasgão seu proximo *ás dentadas* hão dentes pessimos.

Remedios contra os máos halitos.

Meios varios existem para corrigir o máo halito. Apontaremos unicamente os mais simples e certos.

Tomai á noite ao deitar-vos um pedacinho de myrrha, do tamanho de uma avelãa, e derretei-o na bocca.

Um boccado de iris de Florença ou de pedra-hume diluido n'uma colher, ou tambem um cravo da India, cachoudé, casca interior da noz-moscada, tabaco, &c., podem substituir a myrrha.

Se o máo bafo provém das gengivas, esfregai-as com quinquefolio depois de pisado e morno o succo.

Se provém do nariz, embargar-lhe-heis o effeito com injecções adoçantes e aromaticas, ou tambem tomando certo pó composto de uma onça de assucar de hortelãa, duas de succo de arruda misturados, ou ainda de folhas de marroio em pó, banhos frequentes, mudança reiterada de roupa branca, em summa muitissimo asseio.

Se o cheiro procede de aguas retidas nas glandulas sublinguaes ou thyroides, use a pessoa de cannella, iris ou pyrethro, mascando-os muito tempo.

Emfim, pastilhas carbonicas extinguem para sempre os fetidos estomacaes, avaliados algumas vezes incuraveis.

Outro meio.

Tomai uma onça de salva em pó, meia de cravo da India, tres de flôr de alecrim, duas nozes-moscadas, dous grãos de almiscar e duas drachmas de cannella; reduzi tudo isto em pó, amassai-o e incorporai-o a sufficiente quantidade de mel purificado, expondo esse mixto ao sol durante cinco ou seis dias, n'um vaso de barro, e tomando todas as manhãas uma porção de meia onça. Remedio é este excellente quando o máo cheiro provém do estomago; até mesmo é utilissimo para fortalecê-lo.

Agua dentifricia.

Meia onça de tintura de myrrha.
Idem de casca de quina.
Idem de oleo de cravo da India.
Idem de espirito de sabão.
Duas onças de espirito de vinho.
Um quarto de onça de carvão de tilia pulverisado.

A pessoa, depois de misturar bem essas drogas, tome todas as manhãas uma colherinha dellas com igual quantidade de agua, e esfregue os dentes com uma escova branda.

Modo de conservar os dentes e tê-los sempre bellos.

O melhor modo de conservar os dentes é usar a pessoa diariamente de uma escova não aspera, untada de pó fino carbonico e agua. Lance a dita pessoa no fogo um carvão de lenha, e espere que elle enrubeça; sopre, assim que elle esfriar, as cinzas exteriores, que lhe ficão na superficie, reduza-o n'um almofariz a pó fino, e guarde este n'uma garrafa bem tapada. Tira elle o máo cheiro, que sahe dos dentes cariados, quando se usa para lavar a bocca com uma pouca de agua.

Não sómente o carvão obra como corpo duro, mas até decompõe o tartaro e a materia da carie. Muitas dôres de dentes se acalmárão de todo após esta operação, e halitos fetidos não podem resistir-lhe, mórmente se a pessoa engole um pouco de pó carbonico.

Devo igualmente advertir que o uso mui assiduo das opiatas destróe o esmalte dos dentes, e fá-los cahir depressa.

Pó dentifricio do Dr. Cadet de Gassicourt.

Mescla meia onça de assucar peneirado, duas drachmas de quina parda em pó, uma de cremor de tartaro insoluvel, quatro de pó carbonico finissimo, e doze grãos de cannella.

Convém este pó especialmente ás pessoas cujas gengivas são brandas e sangrão com facilidade.

Lavagens saponaceas para embranquecer e conservar os dentes.

Misturai duas partes de essencia de sabão purificado para o toucador, com uma parte de aguardente, e uma drachma de raiz de pyretro pulverisada, deitai uma porção della n'agua, embebei a escovinha dos dentes nesse mixto, e esfregai-os com ella.

Podereis tambem dissolver um pouco de sabão perfumado em agua misturada com aguardente, agua de Colonia ou espirito de cochlearia.

Opiata para os dentes.

Havendo a pessoa lavado e enxaguado a bocca, esfregue os dentes com uma opiata composta de coral rubro, semente de perolas, iris de Florença, e tudo isto mesclado com mel rosado. Devem as senhoras, para consolidarem as gengivas e terem halito brando e agradavel, lavar diariamente a bocca com alguma agua na qual haja espirito de cochlearia, uma pouca de cannella e cravos da India, misturados com agua vulneraria.

Ás pessoas que não quizerem ter o trabalho destas preparações, advertimos que os pós mais agradaveis e salutares achámos em casa do distincto dentista o Sr. Clinton van Tuyl, morador na rua Direita.

MYTHO DOS NEGROS.

Um viajante inglez que esteve em Guiné, conta o seguinte:

« Estando eu um dia a almoçar em casa de um negociante inglez, veio ter comnosco á mesa um *mafokamachanyu* (magistrado de categoria superior), e por elle vim a saber que o gallo era entre elles odiado por ter sido a causa da côr negra com que se apresenta uma parte do genero humano.

« Contar-vos-hei, em substancia, a conversação que teve lugar.

« — Quer tomar alguma cousa, Mafouka? Aqui ha peixe, cabrito, aves, pão, café, rhum e agua.

« — De tudo um pouco... Mas que ave é essa que ahi está? É gallinha ou gallo?

« — Não sei, nem acho que isso nos deva importar.

« — Porque?

« — Porque o gallo é um maroto e um desavergonhado.

« — Conte lá isso, homem — que lhe fez o gallo?

« — Que mal! se não fosse elle, seria eu tão branco como os senhores.

« — Então que relação ha entre o gallo e a côr dos pretos?

« — Toda.

« — Mas explique-se.

« — Eu lhe digo:

« Quando Deos Todo Poderoso creou o homem, só tinha um dia para o fazer: começou pela manhãa e trabalhou o dia sem descansar, porque tinha precisão de fazer muitos homens. Chegado á noite, mandou-os metter todos em linha, para ver que taes erão as obras que tinha feito. Examinou um, depois outro, depois outro, e achou que todos estavão bem, pelo menos emquanto á fórma; não gostou, porém, da côr; tinha-os feito pretos, e assentou que era melhor que todos fossem brancos. O remedio era facil: pôz-se a lava-los, trabalhou com ancia durante a noite afim de acabar o trabalho no tempo que tinha prescripto para elle.

« Muito bem; mas o gallo não quiz que a cousa acabasse. Quando Deos estava em meio da sua tarefa pôz-se o gallo a cantar, porque era manhãa. Ficárão muitos por lavar, eis aqui o motivo por que eu sou preto, e porque não quero comer esses malditos que não deixárão acabar a obra de Deos.

« Mafouka apaziguou a colera com um copo de rhum puro, e comeu de tudo, porque o cozinheiro affirmou que não havia gallo na mesa.

CHRONICA DA QUINZENA.

Esta quinzena, se não fosse a chuva, seria de certo uma das mais abundantes em pomposas descripções. É a época em que os fieis, prostrados aos pés dos sacerdotes do Christo, esperão e implorão o perdão de suas culpas. É a época em que a Igreja commemora essa terrivel tragedia finalisada no cimo do Golgotha, donde nasceu a remissão do genero humano, que até então tinha apenas sido punido no incendio de Sodoma e no diluvio Universal. É a época em que finalmente nos devemos esquecer de todos os pensamentos mundanos para nos entregarmos ás contemplações das lembranças celestes. Epoca de luto e de tristeza, mas tambem de esperança. Porque a Providencia associou sempre uma aspiração de eternidade a todos os nossos desgostos terrenos, como se quizesse de antemão prevenir a luta do desespero.

Já lá vão dezoito seculos que o Homem Deos expirou na cruz, e a recordação de seu sacrificio tremendo avulta cada vez mais magestoso na imaginação dos homens! Quem não perdôa ao seu offensor? quem não esquece suas mais profundas dôres, quando contempla as agonias por que passou o martyr da cruz, quando os scribas da maldade cuspião em sua face innocente as injurias do es-

carneo e da mais atroz ironia? Quando aquelles labios esgotárão até as fezes o calix da amargura, quem poderá achar amargoso o trago de fel que tiver de libar na taça da existencia? Quando aquelle coração retalhado de mil golpes perdoou aos seus perseguidores, quem deixará de perdoar tambem áquelles que o offendêrão? Ninguem.

As festas de Igreja forão este anno, como costumão ser sempre no Rio de Janeiro; pomposas e solemnes. A concurrencia numerosa provou que o espirito religioso vigora entre nós não minado ainda por esse indifferentismo que é a morte das sociedades. A fé fortalece-se quando um paiz prospera. Não é só no meio das grandes lutas, nos extremos de uma situação desesperada, que nós invocamos o auxilio da Providencia e a sua protecção; tambem no remanso da paz, na tranquillidade domestica o homem se lembra de offertar a Deos as oblações do seu reconhecimento. E é então talvez que ellas são mais aceitas.

Quizeramos especificar qual dos nossos templos ostentou maiores pompas na celebração destas augustas ceremonias, mas é tão tradicional o esmero com que todos o fazem, que nos absteremos disso.

Terminaremos aqui pois esta chronica, guardando para a seguinte a relaçao dos outros acontecimentos, para não misturarmos as lembranças da terra com a santa recordação dos mysterios divinos.

D. Sallustio.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

O CALOR começa felizmente a declinar. As chuvas refrescárão o ambiente, e não parece a gente viver já naquella temperatura abafadiça que nos trazia em perpetuo suadouro. Agora respira-se mais livremente, é verdade, mas é conveniente curar de prompto, tanto no traje, como no confortavel da vida domestica, daquelles resguardos que são precisos nesta quadra para evitar as constipações, que são das mais terriveis e das mais prosaicas doenças com que a madre natureza costuma brindar seus desditosos filhos, a humanidade!

É por este motivo que damos hoje aos nossos leitores a presente gravura, que não é ainda, nem inteiramente de verão, nem de todo do inverno. É um figurino transição. E em transições não vivemos sempre nós? Quem conseguir a estabilidade das modas conseguirá de certo a estabilidade do genero humano.

Mas vamos aos figurinos.

O *primeiro* situado á esquerda da estampa representa uma sobrecasaca á ingleza, genero New-Markett; o córte nas costas tem o talhe de uma sobrecasaca bem assente na cinta; as bandas assim como a gola são estreitas; as abas tem roda, mas formada de tal maneira que as pregas reprensentem uma especie de pyramide com a base para a parte inferior; as mangas são inteiramente lisas e quasi direitas. Calças de setim de lãa de chadrez de largos quadros. Chapéo de castor. Bengala de licorne.

O *segundo*, do meio, representa o genero inteiramente francez. Compõe-se de uma sobrecasaca paletot, larga emcima, de modo que deixe os movimentos dos braços inteiramente livres, assim como a parte superior do peito; o que é de grande utilidade, para que o ar vivificante penetre sem esforço dentro dos pulmões. A gola e as bandas são muito estreitas, e é adornado simplesmente por cinco botões, dos quaes só dous servem; os *tibis* ou botões duplos, não estão em uso já; este genero pertence agora a classes inferiores, nas mãos das quaes cahio. Vêm-se ainda algumas *passadeiras* de panno, mas terão em breve a sorte dos botões duplos se fôrem parar ás mesmas espheras. Esta sobrecasaca, tendo o córte de um paletot, isto é, sem costura na cintura, cahe direita, e as suas mangas são direitas, largas e sem outro ornamento mais do que um simples botão no punho. O collete é de valencias, e fecha até abaixo. As calças de cotim inglez de quadros.

O *terceiro* representa um traje de passeio para fóra da cidade. Muito semelhante ao genero anterior, usa do mesmo modo da sobrecasaca abotoada junto á gola; e distingue-se sobretudo por aquella especie de paletot branco, ou pardessus *londonien*, ligeiro, impermeavel e elegante.

Este ultimo appendice acaba incontestavelmente de dar ao nosso figurino um grande cunho de distincção.

CHARADA.

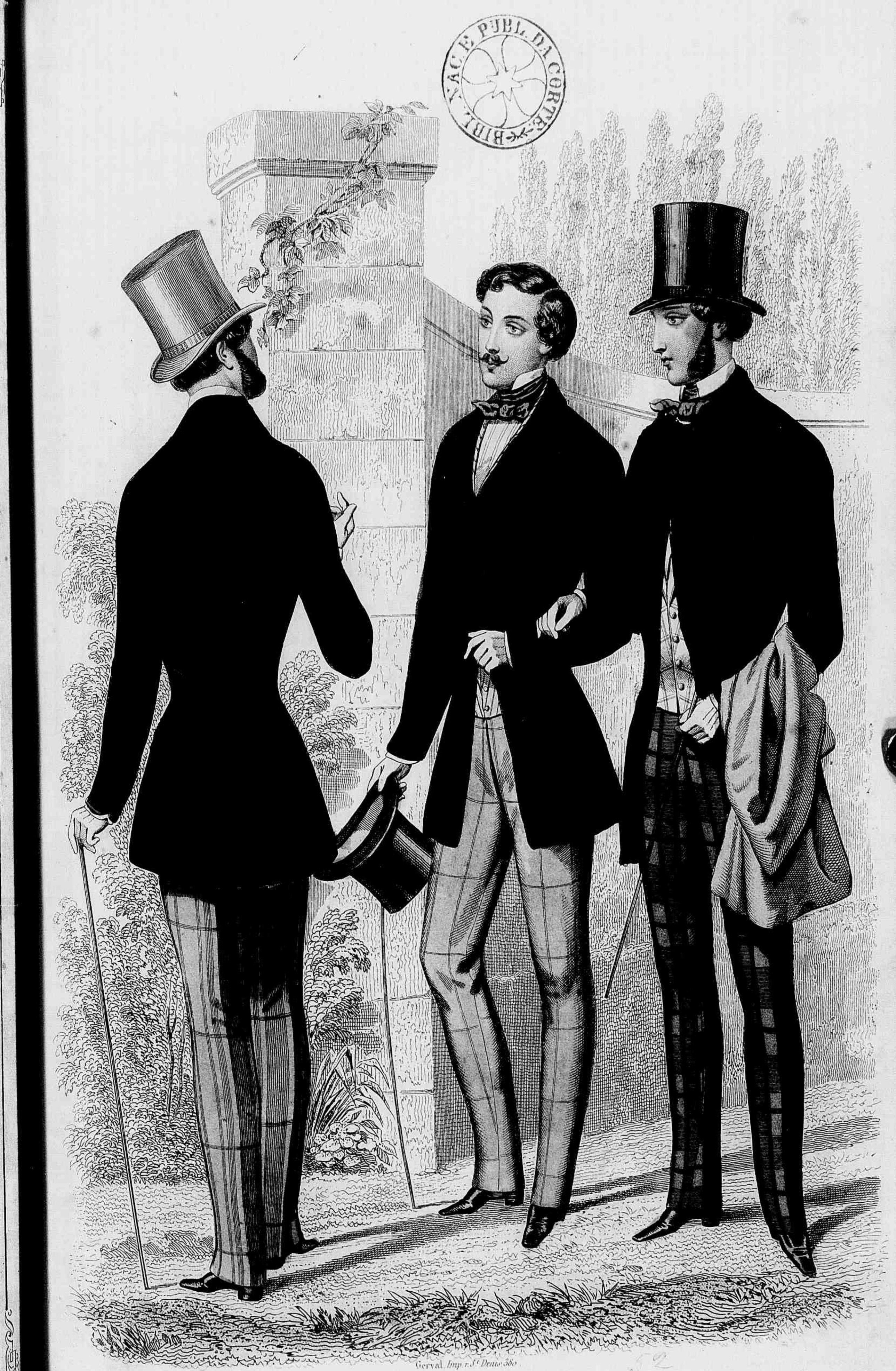
Assim manda quem bem póde — 1
Assim é quem bem ensina — 2
Assim é quem nada teme.

S.

A significação da Charada do n.º 14 é: Alborque.

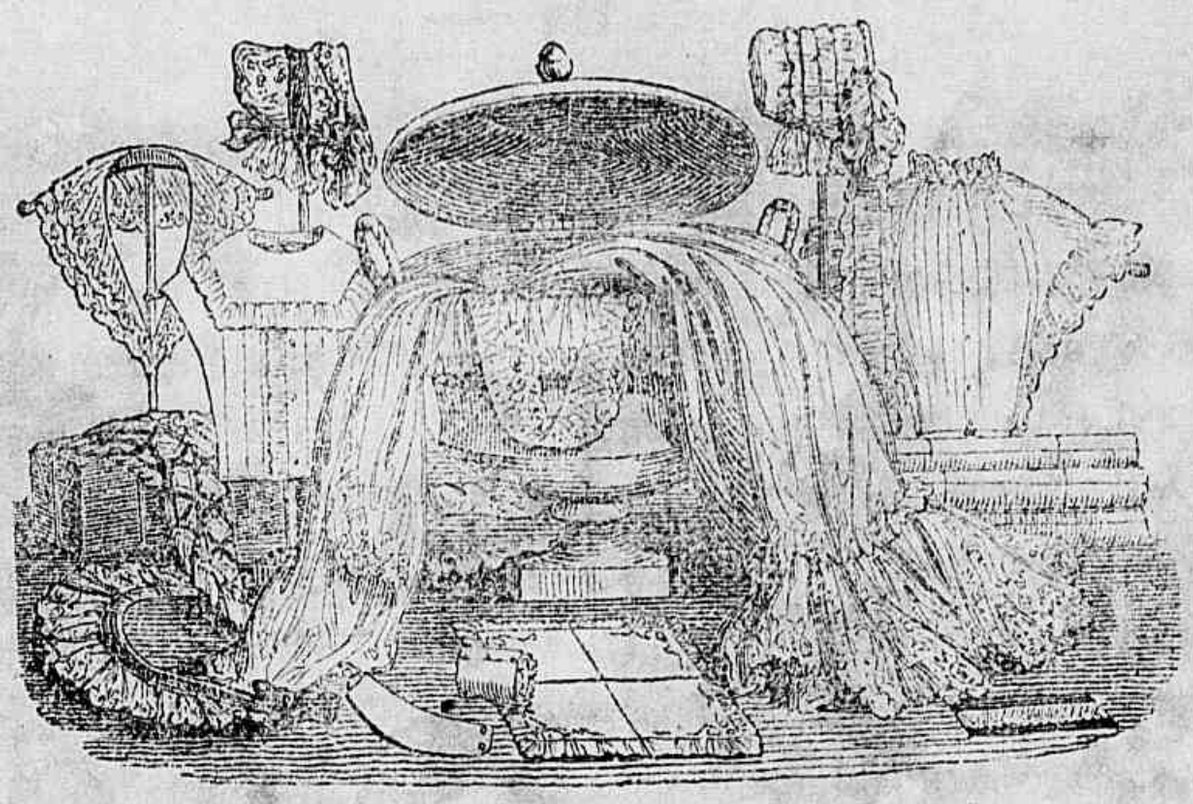
Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert' rua dos Invalidos, 61 B.

BIBL. NAC. PUBL. DA CORUÑA



Gerval. Imp. r. St Denis 380.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. PUBL. DA CORTE

COPPELIO

ou

UMA MOÇA SEM CORAÇÃO.

HISTORIA VERDADEIRA.

(Continuação.)

Clara a Nathaniel.

SUPPOSTO que desde muito me não tenhas escripto, eu creio, ó meu predilecto, que tu ainda não baniste a minha lembrança do teu coração e do teu pensamento; porque outro dia, escrevendo a meu irmão, puzeste no sobrescripto o meu nome e a minha morada. Graças a essa distracção, eu esqueci a tua primeira carta, e foi apenas tornando a ler as primeiras linhas que eu reconheci o teu erro.

Eu não deveria continuar a ler, nem mais uma palavra; e devia tê-la entregado a meu irmão, porém o começo da historia que lhe contavas tinha-me excitado tal curiosidade, que me achava fascinada. Esse Coppelio é uma horrorosa personagem. Eu ignorava até esse momento o lamentavel accidente que te privou de teu querido pai. Esse maldito mercador de barometros que tu chamas Giuseppe Coppola, e que, dizes tu, se assemelha tanto a Coppelio, perseguio-me um dia inteiro como um espectro ameaçador. Appareceu-me em sonhos, e acordei varias vezes em sobresalto, dando gritos pavorosos. Comtudo não te afflijas, pois saberás pela resposta de Lothario que no dia seguinte já eu tinha recobrado a minha serenidade de espirito, e expellido os phantasmas da minha imaginação. Declaro-te que o sobre-natural me não parece admissivel nesta historia. Coppelio podia ser a mais repugnante de todas as creaturas, e eu faço idéa da tua aversão infantil por essa burlesca figura. Tu fizeste della a personificação do homem da arêa. É o movimento de um espirito infantil, commovido por contos de velha. As entrevistas nocturnas de Coppelio com teu pai não tinhão seguramente por fim senão operações de alchymia. Tua mãi devia com razão affligir-se, porque semelhante trabalho devia occasionar consideravel despeza, e porque, além disso, teu pai, absorvido por essa paixão de fazer ouro e de procurar a pedra philosophal, devia descuidar-se dos negocios domesticos e das suas affeições de familia. A morte de teu pai parece-me o resultado de uma imprudencia. Certas combinações de substancias postas em fusão podem determinar uma explosão mais ou menos formidavel. Obtive esta explicação de um chimico que me designou por essa occasião um grande catalogo dessas drogas, revestidas de nomes exquisitos, que deixo de referir, porque logo me esquecêrão.

Sei que vais lamentar a tua pobre Clara, que não acredita no phantastico, e só vê o mundo com olhos vulgares. Ah! meu caro Nathaniel, existe na verdade um poder occulto, possuidor de um tal ascendente sobre a nossa natureza, que póssa impellir-nos com uma força irresistivel para um trilho de desastres e desgraças? Não, Deos nos outorgou a luz do espirito e a pedra de toque da consciencia, afim de que o seu auxilio nos faça conhecer em toda a parte, e de qualquer fórma que se revista, o inimigo que gyra em torno do nosso destino. Se marchamos com um passo firme com a vista no céo, pelo caminho da virtude, o poder occulto se esvaece em vãos esforços para nos attrahir aos seus enredos. Póde acontecer que por momentos a nossa imaginação se deixe fascinar por phantasmas enganosos que tomão para os nossos sentidos as apparencias de uma realidade minaz, porém semelhantes phantasmas não passão de pensamentos alterados por uma especie de febre que ministra fórmas extravagantes, segundo as nossas disposições momentaneas, ás noções que tivermos formado do céo ou do inferno. Eis, meu bom Nathaniel, de que maneira meu irmão e eu tratamos essas altas questões de poderes occultos. Tu vês que os mysterios não causão medo a todos, e que ha mesmo raparigas assaz ousadas para discorrer em lugar de se assustar. Espanca portanto, eu te peço, da memoria essas ridiculas idéas de Coppelio e do mercador de barometros Giuseppe Coppola. Se a tua carta não indicasse a cada linha os signaes de uma grande exaltação, eu me comprazeria bem de referir todas as ratices que me occorrêrão a respeito do homem da arêa e de Coppelio, o advogado troca-tintas dos barometros, mas deixo isso para outra vez.

Nathaniel a Lothario.

Foi para mim um grande contratempo, caro amigo, acontecer, em consequencia da minha tola distracção, que a minha carta chegasse ás mãos de Clara. A maliciosa rio-se de mim á sua vontade, e comtudo, apezar dos seus bellos discursos sobre o que ella chama a minha fascinação, eu estou certo do que os meus olhos virão.

Quanto ao mais, reconheci que Coppelio e o mercador de barometros são dous entes inteiramente distinctos. Estou aqui tomando lições de um celebre professor de physica, chamado Spalanzani, que é de origem italiana. Este homem conhece desde muito Giuseppe Coppola, que de mais tem a accentuação piemonteza. Coppelio era Allemão, e muito Allemão. E agora considerai-me embora, tua irmãa e tu, como um scismatico, é-me impossivel abolir do meu espirito a impressão da fatal semelhança que ao principio me tinha abalado. Spalanzani é um individuo bastantemente esquipatico; figura-te uma especie de pygmeu ou anão com a figura de uma bóla, as maçãas do rosto mui salientes, o nariz fino como a folha de uma navalha, e os olhos reluzindo-lhe como dous rubins. Ultimamente eu entrava em sua casa para assistir a algumas experiencias e ao passar pelo portico, observei que a cortina de um repartimento envidraçado não estava fechada com o cuidado ordinario. Approximei-me machinalmente e olhei: uma linda mulher, magnificamente bella, se achava sentada diante de uma pequena mesa, em que descansava os seus formosos braços. Na disposição em que se achava, ficavão-lhe os olhos virados para mim, e notei com uma sorpresa misturada com um secreto horror que as pupillas dos seus olhos erão immoveis. Dir-se-hia, vendo-a assim, que dormia com os olhos abertos. Insinuei-me, com o coração consternado e a cabeça em fogo, na sala em que já um numeroso auditorio esperava as lições do professor. Um dos assistentes informou-me que a mulher mysteriosa era Olympia, filha de Spalanzani, que elle conserva quasi sequestrada em sua casa. Talvez que esta linda rapariga seja idiota ou que Spalanzani tenha algum outro motivo occulto para proceder assim, é o de que tratarei de informar-me. Mas para que fim cansar-te com a historia de minhas conjecturas? Nós conversaremos em pouco de viva voz e mais á vontade. Em quinze dias, o mais tardar, querido amigo, eu estarei em tua companhia e na de Clara, e a minha pobre imaginação se acalmará com a feliz influencia da suavidade dos seus olhares.

I.

A historia das maravilhosas aventuras do estudante Nathaniel poderia bem começar do ponto em que elle dá ao diabo o mercador de barometros. As tres cartas que o meu amigo Lothario teve a complacencia de communicar-me são como tres pinceladas dadas ao acaso sobre a tela. Trata-se

de bosquejar-lhes as feições e de fazer depois o sombreado. Vamos ao caso.

Pouco tempo depois de morto o pai de Nathaniel, Clara e Lothario, filhos ambos de um parente arredado, cuja morte os deixava orphãos, forão acolhidos em casa da mãi do nosso heróe. Clara e Nathaniel com a idade pouco a pouco se deixárão sorprender por um reciproco e suave sentimento, e tinhão ajustado a sua união, quando Nathaniel partio para a cidade de G... onde tinha destinado concluir os seus estudos e onde o deixámos assistindo ao curso de physica do professor Spalanzani.

Clara não era bella no sentido vulgar desta palavra. Um pintor não teria achado no torneio do seu talhe, dos seus hombros, do seu peito, mais que um excesso de castidade; mas teria de admirar os seus formosos cabellos de Magdalena, em que se poderia envolver como n'um véo, e o lustre da sua pelle assetinada, capaz de deslumbrar a brancura da neve. Um fanatico da formosura se tinha lembrado de comparar os olhos de Clara aos lagos azues de Ruisdael, cujo limpido crystal reflecte com tão subido encanto os bosques, os prados e as flôres, todos os poeticos aspectos da mais rica paisagem! A estas graças naturaes accrescentava a joven uma imaginação viva e brilhante, um coração sensivel e benevolo que não excluia o positivo do raciocinio, como a sua carta nos comprovou. Os espiritos romanescos a nada menos chegavão que a agradar-lhe; ella não entra com os palradores em grandes discussões, mas o seu olhar cheio de malicia lhes dizia com muita eloquencia: — Meus caros amigos, vós tomais um trabalho bem inutil para me enredar no vosso mundo imaginario. — Essa maneira de existir e discorrer sobre os negocios da vida motivava juizos differentes sobre o caracter de Clara. Uns a accusavão de insensibilidade e prosaismo, mas os melhores entendedores admiravão debaixo dessa singela apparencia uma delicadeza pura e exquisita. De todos, porém, nenhum havia que mais apreciasse Clara e a amasse do que Nathaniel, apezar da sua exaltação pelo maravilhoso. A joven pagava o seu affecto com a mais terna correspondencia. Quando Nathaniel chegou de G..., na época que tinha annunciado a Lothario, ella voou aos seus braços com uma alegria ineffavel, e tal foi com effeito o resultado dessa chegada, que logo ao ver a sua apaixonada, espancou da lembrança todas as suas apprehensões.

Nathaniel tinha comtudo razão, quando escrevia ao seu amigo Lothario que a apparição do maldito alfarrabista Giuseppe Coppola tinha sido um sortilegio fatal sobre o seu destino. As suas disposições habituaes se tinhão impregnado de uma sombria distracção, e o seu humor, até esse tempo tão jovial, se tinha desde logo transformado em um tedio roedor que lentamente o fazia definhar. As suas meditações mysticas, de que nada o podia afastar, causavão o maior desgosto á pobre Clara. Ella era obrigada a reconhecer que toda a sabedoria dos seus discursos era insufficiente para lutar contra o mal que assassinava o seu amante. Um dia que Nathaniel se queixava mui seriamente de ver continuamente o horroroso Coppelio elevar-se contra elle e contra as esperanças da sua felicidade futura, ella lhe disse tristemente:

— Meu amigo, eu creio que esse deforme exemplar se tornou com effeito o teu genio malfazejo, mas é de ti que deves queixar-te; o seu poder só existe na tua credulidade.

Essa contestação de espirito affligia Nathaniel, sem o poder curar das suas lugubres preoccupações, e pouco a pouco, em seu despeito, elle chegou a rebaixar Clara á classe dessas creaturas inferiores, cujo aspecto, privado de *segunda vista*, não sabe penetrar os arcanos da natureza invisivel.

Desde pela manhãa, elle se empenhava em a converter ás suas idéas, e lhe lia tratados de philosophia mystica, emquanto ella se occupava dos prosaicos aprestos do almoço.

— Mas, disse-lhe então Clara, eu creio que tu és o máo genio do meu café, porque é preciso que eu abandone todos os cuidados domesticos para passar o meu tempo a ouvir-te discorrer, o café ha de ferver por fóra, e então adeos almoço!

Nathaniel, furioso de se ver assim mal entendido, fechava então os livros e passava a fechar-se no seu quarto, sem que ninguem mais o visse durante o dia. O tedio prevalecia nas reuniões de familia, e o desaccordo se insinuava nos corações de dous entes que tinhão sido educados para se adorar, e passarem juntos uma vida toda de mutua felicidade. E comtudo o tempo marchava, marchava sempre, e levava comsigo algumas das excentricidades do pobre Nathaniel, que via a imagem odiosa de Coppelio desapparecer gradualmente

em um longinquo indefinido. O nosso joven doente procurou na poesia uma distracção aos seus pensamentos fataes. Um dia correu elle a ter com Clara, levando na mão um grande manuscripto : era um verdadeiro poema em que tinha derramado em borbotões todos os seus preconceitos, todos os seus sonhos, todos os soffrimentos do seu pensar febricitante. Elle lhe começou a leitura debaixo do caramanchel do jardim : o ar estava embalsamado com os tepidos aromas da tarde; o sol, ao pôr-se, dourava os cimos das arvores com os seus raios amortecidos. Nathaniel abria o seu caderno, ao mesmo passo que Clara fazia meio passeio, com boa tenção de fechar os ouvidos a uma obra que lhe parecia não havia deixar de ser por extremo fastidiosa. Mas logo que as primeiras paginas forão acabadas, ella sentio em si mesma uma agitação extraordinaria, a obra lhe cahio das mãos, ella ficou com os olhos fixos, toda absorta na contemplação de Nathaniel, que dominava com uma força irresistivel o enlevo de uma poesia delirante.

Acabando a leitura, o joven atirou para longe de si o manuscripto, e com os olhos cheios de lagrimas, o peito entumescido com soluços, inclinou-se para Clara, de quem apertou as mãos com uma força convulsiva, exclamando com uma voz desesperada :

— Ah! Clara ! Clara !...

A rapariga olhou para elle com o coração enternecido :

— Meu querido, o teu poema é absurdo, atira com essa obra maldita ao fogo !

Nathaniel levantou-se de um salto :

— Louca creatura, lhe diz elle, fitando-a com um olhar sombrio, automato sem poder e sem alma !

E sahio correndo. Clara ficou toda consternada.

— Ai ! disse para comsigo, elle já deixou de me ter amor, porque não me comprehende e me despreza.

Nesse momento appareceu Lothario debaixo do caramanchel ; elle instou com a irmãa desconsolada para lhe dizer a causa das suas lagrimas, porque tinha por ella a mais viva amizade. Dous minutos depois ia elle em procura de Nathaniel, e encontrando-o fez-lhe as mais severas observações, a que Nathaniel respondeu com violencia. Trocárão-se de parte a parte provocações terriveis, e derão-se prazo para o outro dia ao amanhecer, atrás do muro do jardim. No resto do dia continuárão sombrios e sem fallar um com o outro. Mas Clara tinha previsto tudo e bruxuleado prepararem-se as espadas para o combate, e tremia de medo e de espanto ao aspecto do perigo que devia roubar-lhe ou o irmão ou o desposado.

Na hora ajustada, as espadas nuas jazião sobre a relva que elles ião ensopar de sangue. Lothario e Nathaniel tinhão ambos tirado já as casacas, e com a vista em fogo e a ameaça nos labios, ião pôr-se em guarda, quando Clara, toda desgrenhada, correu a atirar-se entre os dous, gritando :

— Matai-me antes a mim, pois é por minha causa que vos ides degollar ; e qualquer dos dous que succumba neste atroz duello, eu juro de lhe não sobreviver !

Seu irmão atirou para longe a espada, e Nathaniel precipitou-se aos pés de Clara !

— Perdoai-me, querido anjo, lhe dizia elle chorando ; perdôa-me tambem, Lothario : eu sou culpado para comvosco ambos ! Mas vós sabeis se eu vos estimo, as minhas lagrimas e o meu arrependimento assaz o comprovão.

O irmão e a irmãa o levantárão, e ambos misturárão as suas lagrimas e novos juramentos de eterna affeição.

A partir desse dia, Nathaniel sentio o coração bastante alliviado. A ternura dos entes que elle amava tinha expellido do seu cerebro uma parte dos vapôres que o perturbavão. Demorou-se elle ainda tres dias, antes de voltar a G.... aonde o chamava o seu ultimo anno de estudos universitarios, depois do qual devia então fixar se para sempre na sua cidade natal, junto da sua desposada.

A mãi de Nathaniel ignorava a desordem que a lembrança de Coppelio tinha deixado no espirito de seu filho. Tinhão-lhe dissimulado cuidadosamente esse triste segredo, para lhe não augmentar a afflicção, porque não cessava de lamentar a morte do marido, e o nome só de Coppelio, pronunciado diante della, lhe teria causado paroxysmos de desesperação.

II.

Nathaniel, de volta a G..., achou a casa em que tinha morado, inteiramente queimada até os

alicerces, sem outro residuo mais que dous ou tres fragmentos de parede, denegridos e calcinados pelas chammas. O incendio tinha começado no laboratorio de um boticario. Varios amigos de Nathaniel, vizinhos desse lugar do desastre, se tinhão arriscado na sua ausencia para salvar os seus moveis, instrumentos de physica e papeis, e os tinhão fechado em outro quarto que alugárão em nome delle. Este quarto era situado bem fronteiro ao aposento do professor Spalanzani. Da janella penetrava a vista facilmente no gabinete em que, muitas vezes, quando as cortinas estavão abertas, se podia observar Olympia, muda e sentada n'uma attitude immovel. Nathaniel admirou-se ao principio da estranha fixidade da postura que Olympia guardava durante horas inteiras, diante da pequena mesa em que seus braços se achavão apoiados.

A contemplação desta magnifica creatura produzio em Nathaniel um effeito electrico. Mas o amor fiel de Clara lhe occupava a alma e o preservava das seducções da austera Olympia. Assim o nosso amigo só de tempos a tempos lançava alguns olhares quasi distrahidos para o asylo em que estava posta essa bella estatua. Tinha sido um dos seus primeiros cuidados escrever uma extensa carta á sua noiva, quando vio apparecer-lhe de improviso a desagradavel figura de Coppola. Uma agitação nervosa percorreu todos os sentidos; mas bem de pressa, lembrando-se dos argumentos de Clara contra as suas illusões e da informação que lhe tinha dado o professor Spalanzani relativamente a Coppola, elle se envergonhou do seu primeiro movimento de terror, e com uma voz tão tranquilla como pôde contrafazê-la:

— Meu amigo, disse elle á importuna visita, eu não compro barometros, vá a todos os diabos offerecer-lhos.

Mas Coppola, sem fazer caso desse desbarate, penetrou até o fundo do quarto, e fitando no estudante uns olhos cheios de um fogo sinistro, disse:

— Eu não tenho só barometros, tenho tambem olhos, bellos olhos!

— Como, olhos! exclamou Nathaniel, maldito louco, como pódes tu ter ahi olhos?...

— Ei-los, replicou o alfarrabista, abrindo a pacotilha, de que fez sahir uma immensidade de oculos de todos os tamanhos e com vidros de todas as côres. Elle tirava oculos, tirava sempre, e a mesa se cobria delles a olhos vistos. O pobre Nathaniel imaginou ver milhares de olhadas fantasticas cruzar-se em todos os sentidos contra elle, e quanto mais Coppola exhibia novos oculos, como se os tirasse de um sacco inexhaurivel, tanto o nosso estudante sentia mais augmentar o seu incommodo. Repentinamente, não podendo mais conter-se, saltou ao pescoço do bufarinheiro, que, recuando todo assustado, tratou de recolher os seus oculos gritando:

— Misericordia, meu caro cavalheiro, como Vm. ahi vai, se esses vidros lhe não agradavão, não era isso motivo para estrangular. Talvez que lhe agradem mais os de punho. Ei-los aqui para todos os gostos.

Logo que os oculos forão recolhidos no sacco, recobrára Nathaniel a sua tranquillidade, como por encanto. Os novos objectos que Coppola lhe mostrava não exercião sobre elle a menor fascinação. Confuso do seu arrebatamento, resolveu fazer alguma compra afim de reparar a sua violencia, e escolhendo um pequenissimo oculo de punho, cuja armação era de um gosto exquisito, foi para o experimentar, dirigi-lo para o quarto em que Mademoiselle Olympia Spalanzani estava sentada no seu lugar costumado. Era a primeira vez que elle lhe examinava as feições a distancia tão approximada; e essa contemplação o fez cahir em um deslumbramento, de que só com a maior difficuldade foi tirado pela bulha que fazia Coppola batendo o compasso no soalho.

— *Tre zecchini*, tres ducados, dizia sem se interromper o prosaico mercador.

Nathaniel apressou-se em lhe pagar. Coppola sahio a recúos, multiplicando as saudações e agradecimentos, mas apenas tinha chegado á escada fez ouvir uma ignobil gargalhada.

— Este patife de ladrão, disse comsigo Nathaniel, fez-me pagar dez vezes o custo do seu oculo, e ainda por cima, ri-se de eu pagar o pato, pôz o instrumento de parte para acabar a carta que estava escrevendo a Clara, mas assim que pegou na penna, veio a imagem de Olympia causar-lhe tão fortes distracções, que de novo se levantou e foi collar os seus olhos á janella do quarto, absorto em um extasis ineffavel, até que o seu companheiro Sigismundo veio procura-lo para irem juntos á lição do professor Spalanzani.

A partir deste dia, as cortinas do quarto de Olympia se conservárão tão hermeticamente fechadas, que o amoroso estudante perdeu o seu tempo e trabalho em uma vedeta de dous dias com o oculo na mão, á sua janella. No terceiro, enlevado por uma especie de delirio, a sua cabeça estava em fogo; a figura de Olympia se multiplicava á roda delle, como por encanto; elle a via balançar-se no ar, como um vapor de neve, scintilar atravéz das alamêdas floridas, e reproduzir-se no crystal das aguas. A pobre Clara estava bem esquecida! Nathaniel divagava ao caso: com os olhos no céo, e com soluços na voz, elle exclamava:

— O' minha estrella de amor, porque me deixas tu assim solitario sobre a terra! Longe de ti os meus dias desbotão e a minha vida se fana e murcha como uma flôr queimada pelo sol do deserto!...

Quando Nathaniel voltou para casa, um grande alvoroço era perceptivel na residencia de Spalanzani. Abrião-se portas, as janellas erão tiradas dos gonzos, numerosos trabalhadores ião e vinhão conduzindo moveis, pregando tapeçarias e fazendo ouvir marteladas com uma actividade extraordinaria. O amigo Sigismundo communicou ao nosso heróe, que o professor Spalanzani dava no outro dia um grande baile a tudo o que a universidade contava de mais distincto, além dos seus discipulos, e que por essa occasião a Sra. Olympia fazia a sua primeira entrada na sociedade.

Nathaniel achou em sua casa uma carta de convite, e Deos sabe a alegria com que, na hora marcada, se apresentou na sala esplendidamente allumiada, em que a mais escolhida companhia daquella cidade se achava já reunida em volta do sabio professor. Olympia estava enfeitada com o gosto mais delicado, e o mais eximio apuro imaginaveis. Todo o mundo ficou encantado da sua formosura, e nada se achava que reprehender nas suas admiraveis proporções, á excepção de uma certa encurvatura exagerada no talhe, que parecia resultar de um aperto excessivo do espartilho.

(Continúa.)



POESIA.

MODINHAS ROMANTICAS.

A SAUDOSA.

Mar, que outr'ora nesta praia
Tão alegre já me viste
Repara como hoje triste,
Choro e suspiro de amor.
Geme tambem nesta praia!
Sente tambem minha dôr!

Elle, ó céos, a quem amava
De meus braços se afastando
E ao baixel velas soltando
Se perdeu aos olhos meus!
E sumido no horizonte
Nem ouvio o meu adeus!

Agora se busco vê-lo,
Branca vela me apparece,
E depois desapparece
Lá no horizonte sem fim!
O caro esposo não volta!
Não volta, triste de mim!

O PROSCRIPTO.

« — Adeus! » exclama o proscripto
Abraçando a terna esposa,
A sua filha mimosa,
E os tenros filhinhos seus:
Oh que pranto amarguroso
Neste tão saudoso adeus!

Partio! Do baixel ligeiro
Solta a vela ao mar e vento;
Leva-lhe a brisa o lamento
Da familia tão gentil.
Vai viver saudoso errante
Lá distante do Brasil.

Por elle a familia implora;
E elle ao baixel, saudoso,
Pede que ande vagaroso
Nas costas de seu paiz!
E o baixel sempre sulcando
Vai levando o infeliz!

J. NORBERTO DE S. S.

MAXIMAS E PENSAMENTOS.

Não é menor cobardia acommetter um homem desarmado, do que fallar mal dos que não podem defender-se.

Desejar achar esposa formosa, rica e nobre, é querer ser escravo em vez de marido.

A alma nobre e generosa nunca perde a memoria dos beneficios que recebeu, e com facilidade se esquece dos que faz.

CHRONICA DA QUINZENA.

QUEM não tem meios de viajar pelo mundo, ou ao menos pela Europa, contenta-se em viajar pela cidade do Rio de Janeiro; quando não levar a sua resignação a ponto de fazer, como Xavier Le Maistre, *un voyage autour de ma chambre*. Mas como infelizmente não tenho um quarto tão cercado de commodidades como o do illustre viajante, acho melhor envergar a minha casaca, e sahir para a rua fazendo das pernas a minha mais segura locomotiva.

Meu Deos! que de novidades vão por este mundo! Uns me perguntão: « Já vio o Theatro Provisorio? » Outros me dizem: « Já ouvio M.me Stoltz? » Outros: « Vai ao baile do Cassino? » Outros: « Vai ás corridas de Maio? » Isto é de exclamar como o autor do romanceiro:

Por menos fica homem doudo,
Eu como o não ficarei?

Minhas senhoras e meus senhores, eu vou responder a todas essas cousas por partes. Já fui ao Theatro Provisorio, é verdade, já fui. E digo mais: gostei. Eu não sou dos que mais facilmente me agrado das cousas, mas não sei fazer injustiças. Não entendo porque se deva fazer uma guerra acintosa a quem o não merece. O Theatro Provisorio tem defeitos; não podia ser uma obra isenta delles; mas, em compensação, tem elegancia, tem desafogo, que são particularidades muito para attender nos edificios desta ordem, e neste paiz. Como se podia em tão curto espaço de tempo fazer melhor? Os criticos d'agua doce, que em tudo achão faltas que elles não sabem emendar, entendêrão o contrario; desses porém não faço eu cabedal. Eu sou daquelles que prefiro um Theatro soffrivel a um máo, e o máo a nenhum. Temos pois Theatro, e se não fosse elle não teriamos sem duvida M.me Stoltz, que nos deve com sua afamada voz encantar algumas deliciosas noites da quadra que começa. M.me Stoltz entra no solo brasileiro debaixo das mais favoraveis impressões. O seu talento, as ovações que tem merecido pela Europa, derão ao seu nome uma aura incontestavel. Teremos pois cedo de a ouvir, e cedo de a avaliar. Faremos então o nosso juizo a seu respeito. Por emquanto, nada mais nos aventuraremos a dizer. Do Cassino e das Corridas nada podemos adiantar por ora. São do futuro. Symbolisão por ora apenas esperanças. Respondidas estas perguntas, continuemos a viajar.

Entremos na rua do Ouvidor. Não sei que fatal effeito de optica me faz parecer esta rua cada vez mais estreita. Observemos quem passeia. As toilettes feminis são raras. As dos homens abundantes em variados typos. Lá vem um sujeito que tem cara de pai da patria. É natural, um pai da patria não se confunde com qualquer outro animal bipede. É ordinariamente calvo, usa de lenço encarnado para assuar, e toma tabaco n'uma boceta de tartaruga. O seu aspecto exterior dá-o a conhecer ainda ao menos versado na sciencia que estudou Lavater e Gall. Agora para um *petit-maitre* este não é pai, é filho da patria. A sua presença é inteiramente o inverso da medalha anterior. Em lugar de calva, o cabello sobra-lhe para fóra das abas do modernissimo chapéo. Adorna-lhe o labio superior um bigode solidificado á força de *cire à moustache*. Usa de lenço perfumado em agua de Colonia, e fuma charuto de Havana São dous typos; um exagera o progresso, outro ridicularisa o passado. « Não é assim, me interrompeu um amigo, que escutava estas minhas reflexões; como queres tu fazer responsavel a sociedade por dous homens que tomaste para typos de duas classes?—Eu não fallo em generalidades, lhe respondi, desenho dous individuos. » Quem me póde negar a liberdade do pensamento? o direito de criticar? Não são os caturras dominio *des gens comme il faut* em toda a parte deste mundo? Pois sim. Não analysemos mais a quem passa, mas entremos em um *café*. Vamos tomar um sorvete. O calor abrasa. Café?... Aonde

encontrar um café no Rio de Janeiro? Por que motivo a par destas elegantes lojas de modas, no meio destes numerosos salões o estrangeiro não encontra aqui um café como na Europa? Não comprehendemos o motivo, visto que não faltão aqui nenhuma das proporções para o haver.... Mas estou certo que a concorrencia seria brilhante se elle existisse.

A *bóssa* da critica domina hoje o meu espirito. Pois não lhe hei de fazer a vontade. Quero ser o primeiro a formar uma conspiração contra as *bóssas*. Ha por ahi tanta gente que as fórma contra tanta cousa, tão santa e tão sagrada! E sem remorsos, que é o mais.

Vou para casa. E Deos dê aos meus leitores uma noite tranquilla como a desejo para mim.

D. SALLUSTIO.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

COMEÇA a quadra dos bailes, e não ha remedio senão ir a elles. Digão lá o que quizerem, um baile é, na minha opinião, uma das melhores cousas deste mundo. Se alguns que eu tenho gozado pudessem ser eternos! Mas não podião, não! Ao menos desejaria que fossem, como diz um amigo meu, do tamanho de um romance de Eugenio Sue! Porém durar tão pouco tempo, desanima na realidade! É uma tyrannia, que um baile não dure ao menos oito dias! E as saudades ao depois? Deos bem sabe o que faz.

O caso é que os bailes vão principiar com toda a força, e que este mez temos já a primeira *soirée* do Cassino. Não será pois fóra de proposito fazer a descripção da maneira por que se vestem as duas encantadoras personagens que representa a nossa gravura de hoje.

A *primeira*, vestido de crepe; o corpo em fórma de Pompadour; cinco *volans* ou babados estreitos, guarnecidos de dous folhinhos recortados, servem para adornar a saia; mangas mui curtas, e mui pequenas; para sahir do baile, *capoteira* de cachemira branca forrada de setim côr de rosa, e ornada pela parte exterior de pequenos vivos em relevo; mangas industanas; capuz *bramine*. A fórma deste capuz daria lugar a largos commentarios. Todos sabem que as margens do Ganges e o immenso paiz que atravessa este rio são uma especie de paraiso terrestre; muitas vezes ali, como nas paragens inhospidas da Africa, é o terreno atravessado por altas montanhas, e recebe o impulso de violentas e espontaneas ventanias, que, impellidas de repente pelas gargantas de seus montes quasi inaccessiveis, vem desabar nas planicies, silvar nos bosques, e gelar de inesperado frio, passageiro, mas cruel comtudo, os tranquillos habitantes, vestidos ordinariamente de vestimentas de *cassa*, organdi ou do modesto *baar poor*. Vê-se pois que não é sem motivo que estes povos, apezar da elevação da sua temperatura, creárão ou aperfeiçoárão a kachmyr, tecido tão puro, tão solido e ligeiro, formado de pello de camello ou cabra, fazenda que usárão os reis e os povos pastores.

Voltando porém á nossa *capoteira* e seu capuz diremos que não é simplesmente ao chale que os povos da India applicárão a cachimira: é com este mesmo tecido que produzem os *caftans*, pardessus de mangas largas, typos primitivos, e os capuzes que formão a parte distinctiva de todos os pardessus originarios do Oriente. É ao costume dos bramines que foi tirado o modelo que hoje apresentamos. Os cabellos continuavão-se a usar dispostos em bandós encrespados, adornados de folhas e verbena atrás das orelhas.

O *segundo*, *Coiffure cypriote* de fitas turcas de velludo lavrado e ouro, bandós frisados e um diadema de cabello no cimo da cabeça entre a risca do meio e o pente. O cabello nesta disposição exige grande abundancia, estatura alta, rosto sobre o comprido, e grande distincção no complexo da pessoa; e na realidade, um diadema não assenta bem em todas as frontes. Vestido de gros de Tours, de grandes lavores bordados; corpo sobreposto; mangas curtas; duas saias tambem sobrepostas; a primeira recortada em torno; os seus desenhos figurão um avental: note-se que uma renda estreita guarnece não só o decote, mas tambem a extremidade das mangas.

CHARADA.

Assim Cesar o disse, — 1
Na sua bocca o vi; — 2
Assim na santa historia
Insigne conheci.

S.

A significação do Logogrypho do n.º 16 é: MACACO.

(Foi o Sr. Joaquim A. dos Santos, quem primeiro mandou a decifração).

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

BIBLIOTECA NACIONAL DE MADRID



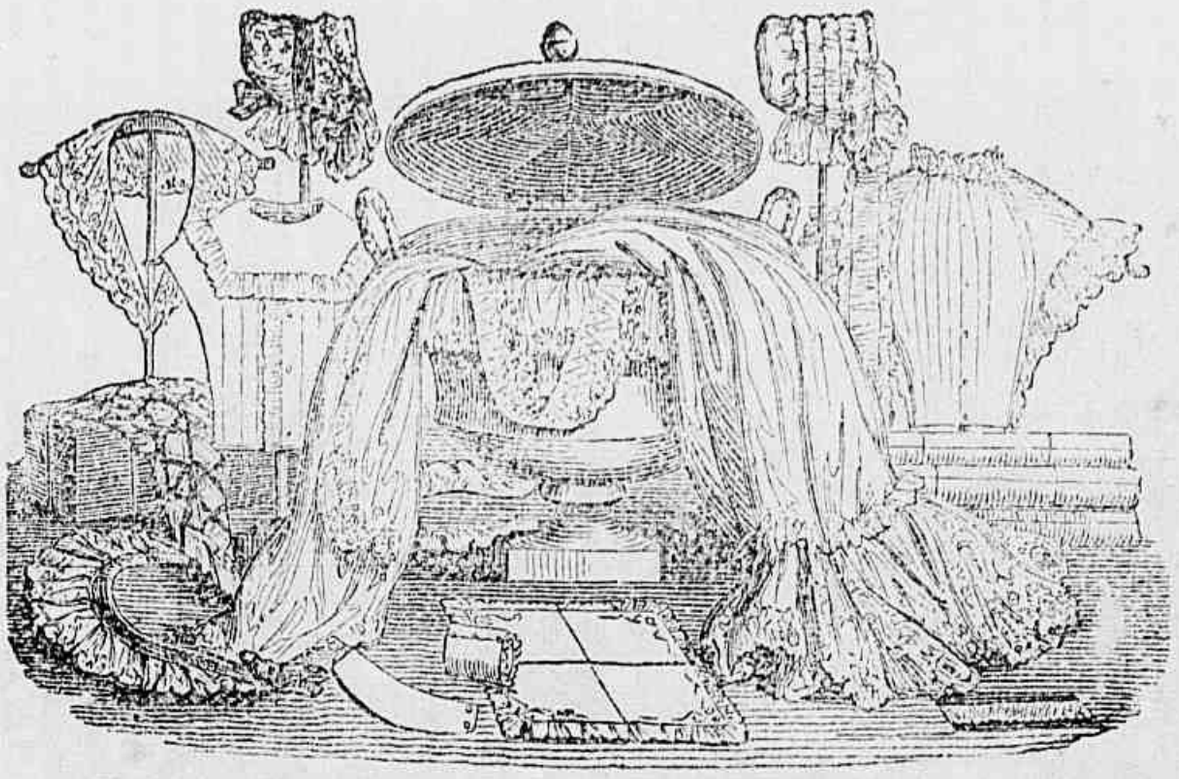
Annais Coudoure.

1715.

Gerval. *Imp.r S.t Denis. 380.*

52
19

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E. PUBL. DA CORTE

JOANNA,

ou

UM AMOR CONTRARIADO.

I.

NÃO ha nada tão aterrador como as novellas dos tribunaes, escriptas pelos criminosos com um instrumento contundente, ou assignadas com veneno por uma mulher cujos amores forão mallogrados. Ahi vai uma, á qual faltarão bem poucas formalidades para apparecer sob a rubrica *tribunaes*, em vez de ser dada como folhetim. Foi contada por um camponez da Marche, nas ultimas ferias.

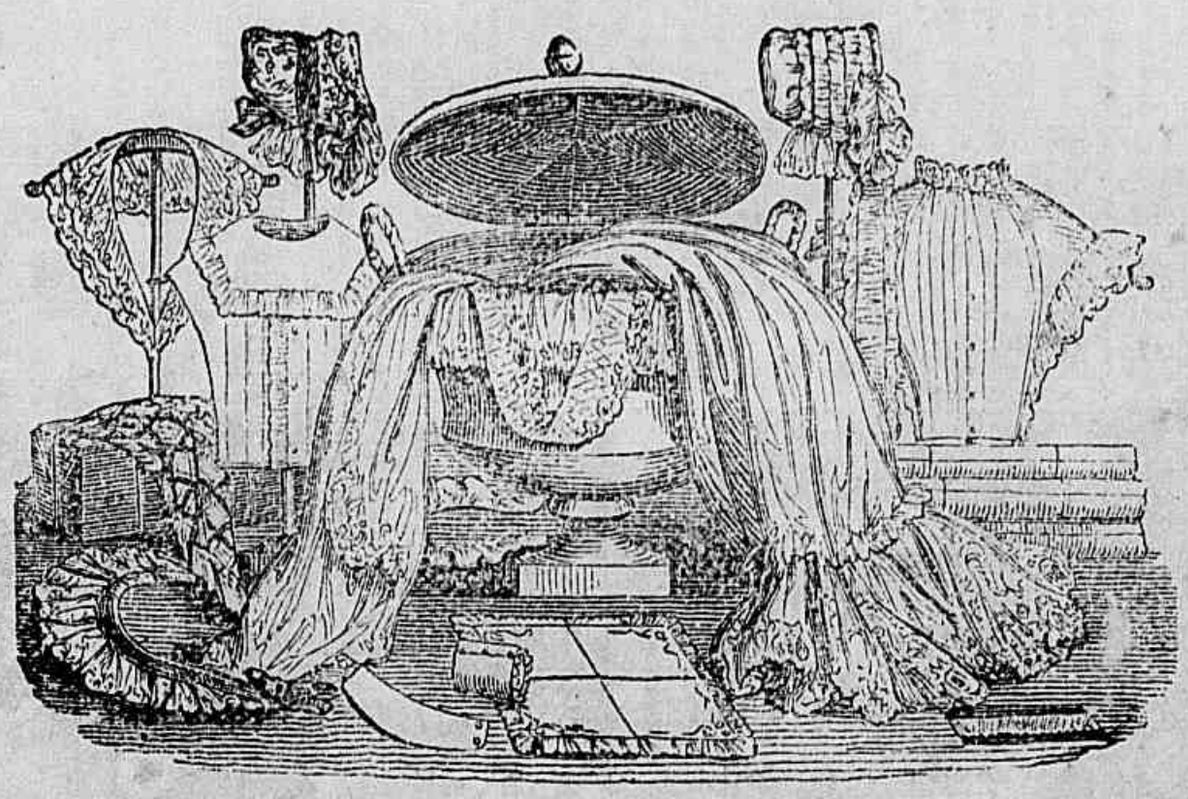
Não havia em toda a provincia, disse elle, quem fizesse melhor a pontaria que o tio Talon. O estrondo da sua espingarda conhecia-se n'um raio de dez leguas; e era fama que nunca a tinha disparado debalde.

O tio Talon vivia n'uma especie de matta, ao pé da aldêa de Veldez, onde tinha construido um casebre, a que chamava pousada, para enganar a justiça, que pela sua parte não tinha muita vontade de se entremeter com quem atirava com mão tão certa. O caçador, já velho, nunca ia bater matto sem levar comsigo o cão e a filha.

O cão era feiissimo e sujo; mas tinha muito instincto, e chamava-se *Gendarme*. A filha, chamada Joanna, era de boa estatura, forte, vermelha; tinha dezesete annos, olhos pretos e formosos cabellos com que fazia uma trança que andava sempre cahida pelo pescoço. Era uma guapa moça, como lhe chamavão os camponezes das cercanias, e a mais airosa das que dansavão ao domingo debaixo dos castanheiros. Entre o caçador e a filha não havia outros laços, afóra os do parentesco. Protecção por uma parte, respeito pela outra. Quanto á amizade e carinho, erão cousas que não conhecião. A obrigação de Joanna a pouco se reduzia. Andava de pé descalço com o vestido enrolado e atado atrás; levava a rêde de caça do pai, e de vez em quando balouçava-se nos ramos das arvores que encontrava. Depois de muito bater matto e correr atrás das lebres, chegou um dia em que Joanna quiz tambem polvora e espingarda. A primeira batarda que matou foi para ella uma festa. Foi continuando assim, e chegou a ter a mão tão certa como seu pai.

Estas duas entidades de natureza primitiva e quasi selvatica ião á caça como irião á guerra. Nunca se turbavão; andavão ás vezes leguas e leguas, hombro com hombro, sem dizerem palavra. Nunca seus pensamentos se encontravão senão quando, ao mesmo tempo, chamavão a *Gendarme*.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC.E PUBL. DA CORTE

JOANNA,

ou

UM AMOR CONTRARIADO.

I.

NÃO ha nada tão aterrador como as novellas dos tribunaes, escriptas pelos criminosos com um instrumento contundente, ou assignadas com veneno por uma mulher cujos amores forão mallogrados. Ahi vai uma, á qual faltaráõ bem poucas formalidades para apparecer sob a rubrica *tribunaes*, em vez de ser dada como folhetim. Foi contada por um camponez da Marche, nas ultimas ferias.

Não havia em toda a provincia, disse elle, quem fizesse melhor a pontaria que o tio Talon. O estrondo da sua espingarda conhecia-se n'um raio de dez leguas; e era fama que nunca a tinha disparado debalde.

O tio Talon vivia n'uma especie de matta, ao pé da aldêa de Veldez, onde tinha construido um casebre, a que chamava pousada, para enganar a justiça, que pela sua parte não tinha muita vontade de se entremeter com quem atirava com mão tão certa. O caçador, já velho, nunca ia bater matto sem levar comsigo o cão e a filha.

O cão era feiissimo e sujo; mas tinha muito instincto, e chamava-se *Gendarme*. A filha, chamada Joanna, era de boa estatura, forte, vermelha; tinha dezesete annos, olhos pretos e formosos cabellos com que fazia uma trança que andava sempre cahida pelo pescoço. Era uma guapa moça, como lhe chamavão os camponezes das cercanias, e a mais airosa das que dansavão ao domingo debaixo dos castanheiros. Entre o caçador e a filha não havia outros laços, afóra os do parentesco. Protecção por uma parte, respeito pela outra. Quanto á amizade e carinho, erão cousas que não conhecião. A obrigação de Joanna a pouco se reduzia. Andava de pé descalço com o vestido enrolado e atado atrás; levava a rêde de caça do pai, e de vez em quando balouçava-se nos ramos das arvores que encontrava. Depois de muito bater matto e correr atrás das lebres, chegou um dia em que Joanna quiz tambem polvora e espingarda. A primeira batarda que matou foi para ella uma festa. Foi continuando assim, e chegou a ter a mão tão certa como seu pai.

Estas duas entidades de natureza primitiva e quasi selvatica ião á caça como irião á guerra. Nunca se turbavão; andavão ás vezes leguas e leguas, hombro com hombro, sem dizerem palavra. Nunca seus pensamentos se encontravão senão quando, ao mesmo tempo, chamavão a *Gendarme*.

Mas, ao passo que Joanna dava caça aos pobres cidadãos do ar, o amor lhe dava caça ao coração. Mais de uma vez lhe aconteceu deixar fugir uma ave d'entre as searas, e parar, pensativa, a contemplar as velas do moinho, onde morava um garboso mocetão de vinte annos de idade, que tinha os mais lindos cabellos louros e enfarinhados que possão achar-se dentro de um barrete de lãa. Mais de uma vez lhe aconteceu a Joanna entrar em casa á noitinha, sem caça e pensativa.

É de saber que o tio Talon deu logo por esta mudança. Um dia, havendo Joanna deixado fugir uma cotovia, soltou elle uma jura terrivel e pôz-se a assobiar por entre dentes, como costumava fazer quando tinha cousa que lhe désse cuidado. Joanna ia ao pé delle com a cabeça baixa.

Passados alguns momentos, voltou-se elle subito para ella, e disse-lhe com desabrimento :

— É verdade, Joanna, faço tenção de te casar.

— A mim, pai?

— Pedro Lachaux pedio-te em casamento. Eu disse-lhe que sim.

A rapariga, que a principio tinha córado, ergueu a cabeça admirada; e com um sorriso, que mostrava indifferença, respondeu :

— Não gósto de Pedro Lachaux.

— Embora ! Gósto eu delle.

Joanna olhou para o pai, a ver se fallava a serio.

— Não me quero casar, disse a rapariga com animo quieto.

O pai já lhe não dava ouvidos. Acabava de largar o cão a uma excellente lebre, contra a qual já armava o gatilho. Depois de ter disparado, volveu a atar assim o fio ao discurso.

— Pedro Lachaux ha de cá vir amanhãa. Ha tres annos que lhe estás promettida : e antes de oito dias serás sua mulher.

Isto não tinha replica. Joanna guardou para si as reflexões que fazia.

II.

O caso é que Pedro Lachaux era uma grande vantagem para a filha de um individuo a quem pouco faltava para ser salteador. Lachaux tinha militado nas guerras de Africa, e contavão-se delle muitas proesas, que annunciavão força e valor. Era sobretudo muito teimoso, e por isso parecia natural da Bretanha, paiz onde os homens se temperão no oceano, e se poem a seccar á sombra dos carvalhos.

Era esquivo, e fallava poucas vezes; mas quando fallava, fallava bem. Depois de ter servido pelo espaço de sete annos, tornou para a sua terra, com o posto de sargento-mór; e actualmente vivia do rendimento de uma herdade que sua mãi lhe legára. Nas feições energicas, mas serenas, se lhe via a arrogancia do soldado e do camponez.

No dia immediato, pela manhãa, chegou Pedro Lachaux á estalagem de Veldez, como o havia annunciado o tio Talon.

Ouvio, sem pestanejar, as razões da rapariga, e a certeza que ella lhe deu, de que já tinha preso o coração. Depois della fallar, Pedro pegou-lhe nas mãos, e apertando-as muito, lhe respondeu :

— És uma rapariga de bem. Deos seja louvado :

Depois voltou-lhe as costas.

— Quando ha de ser o casorio? disse o velho que passava então por ali.

— No fim do oitavario, respondeu Pedro.

— Que dizeis? perguntou Joanna.

— Digo que daqui a oito dias havemos de estar casados.

— Comtudo sabeis mui bem que vos não tenho amor.

— Bem o sei.

— Não ignorais que amo a Bazilio.

— Ora adeos ! Isso ha de passar.

— É preciso ter paciencia.

Ao ouvir estas palavras, que davão mostras de um proposito firme, ficou Joanna convencida de que lhe não restavão esperanças. O que sentia pelo sargento já não era desamor, era o odio que pela vez primeira lhe entrava no coração, obrigado a ceder á vontade de dous homens.

Á noite foi contar tudo a Bazilio, que não teve animo para a consolar. Assentados ambos sobre a relva do prado, repetirão, em presença do céo, os protestos de eternamente se amarem. Nas aldêas ha tafues, assim como os ha nas cidades; Bazilio estava neste caso. Uma roupeta azul e tamancos de pinho davão-lhe mais chiste que uma casaca preta e sapatos de polimento. Não buscaremos explicar o como Joanna se affeiçoou áquella estatua enfarinhada; foi de certo pelo mesmo motivo porque as mulheres mais guapas gostão sempre mais dos tolos. Verdade é que não lhe tinha dado nada mais que o coração; mas este nada já era

muito. Bazilio estava com medo do amor que tinha accendido; amor que era nelle uma faisca, nella era um incendio; e era tão cobarde, que procurava meio de acabar com isto. Joanna não lhe conhecia os sentimentos; mas quando levantou a cabeça, que tivera encostada ao hombro do amante, este lhe vio na cara o quer que foi que o assustou.

Depois deste colloquio, mostrou se Joanna conformada. O pai tratava dos preparativos para o noivado, e nesta nova occupação parecia animado pelo viço da mocidade.

Na vespera do dia do casamento, foi elle á cidade, e deixou a filha só em casa. Fazia bom tempo: o sol já ia alto.

Estava Joanna pensativa, com o pé sobre um banquinho, a limpar uma espingarda, eis senão quando ouve bater á porta.

Era Pedro Lachaux.

Entrou, desbarretou-se com civilidade, perguntou pelo tio Talon, e emquanto por elle esperava, foi assentar-se a fumar ao pé da janella.

Joanna estava no mesmo sitio. Era aquelle um painel que esfriava o coração. Lá por fóra o céo muito sereno, as arvores a ramalharem, a herva crescida e molhada, e os passaros a esvoaçarem ali pertinho. Pedro, absorto n'um extase profundo, contemplava tudo isso, e contemplava tambem a sua noiva por entre a nuvem de fumo que o cercava. Joanna impacientou-se de o ver tão socegado. Deixou o que estava fazendo, e olhando para elle com olhos tristes, lhe disse:

— Sempre fazeis tenção de casar comigo?

— Pergunta me antes se faço tenção de morrer, respondeu Pedro. Só tres pessoas tenho amado neste mundo: são ellas, minha mãi, a França e tu.

—Mas eu já vos disse que vos não posso amar.

—Has de mudar.

Joanna estremeceu, e pôz-se a passear pelo aposento.

Depois parou, e chegou-se outra vez a Pedro, que não descontinuava de fumar.

—Tomae bem sentido no que vos ora digo. Pela minha honra vos juro, que, se comigo casardes, vos matarei.

—Bem está, disse Pedro com serenidade, heide ser teu marido.

III.

Havia uma semana que Pedro Lachaux e Joanna erão casados. A rapariga andava sempre triste, sem ter nada que a consolasse; muitas vezes passava horas esquecidas á janella, scismando, descorada, curtindo funda magoa. Nestas occasiões tinha Pedro o bom senso de se affastar della sem dizer palavra, sem proferir um queixume.

Em uma sexta feira avisou-a elle de que ia á aldêa de Chauny, donde havia de tornar já de noite. Joanna respondeu com a cabeça, e o sargento mór abalou abafando um suspiro.

Neste dia pai e filha forão juntos á caça; havia tres semanas que tal não fazião, e o bom homem não estava contente. Joanna tinha enrolado o vestido, e corria por cima das pedras, como se fôra pela relva; nunca ninguem a víra tão animada; nem fizera nunca pontarias tão certeiras. O velho chorava de contente.

Quando se anda á caça, passa o tempo veloz; e foi preciso que o sol se escondesse para acabar aquelle ardor marcial. N'uma encruzilhada separou-se o pai da filha, para ir cada qual seu caminho. Joanna tornava para o domicilio conjugal.

Caminhava por um atalho ingreme, á beira da estrada, e escondido pelos castanheiros. As sombras da tristeza descião ao coração da rapariga, como as sombras da noite descião dos montes. De vez em quando parava para tomar folego, e lançava ao redor de si um olhado inquieto.

De repente parou.

Ia passando pela estrada um homem, a cantar uma cançoneta militar.

Joanna ajoelhou entre duas arvores, e pôz a espingarda á cara. Tremia-lhe o braço.

— É um assassinio! dizia a consciencia; é um juramento, respondia o orgulho.

Ouvio-se um tiro. Pedro Lachaux cahio no chão sem dar um ai.

— Acertou! disse elle; sei donde o tiro vem.

Joanna ficou por algum tempo oppressa com o peso do crime que acabava de perpetrar; mas tornou logo a cobrar animo, atirou com a arma para o meio da estrada, e correu ao moinho de Veldez.

— Bazilio, Bazilio, exclamou ella batendo murros na porta.

Qual Bazilio! Havia tres dias que tinha tomado as de Villa Diogo.

A noite estava Joanna a chorar, á cabeceira do marido, que alguns camponezes tinhão levado á casa n'uma padiola. A ferida era perigosa, mas não mortal.

Joanna estava immovel, sem dizer palavra, vigiando o enfermo; indo a abrir-lhe a camisa para arejar o peito, achou-lhe um papel lacrado, e dirigido á auctoridade civil. Abriu e leu: — Não accusem a ninguem de me ter assassinado; sou eu que ponho fim aos meus dias.

Joanna chorou; chegou-se ao marido, e beijou-o na testa.

Ao cabo de quinze dias estava Pedro bom. Joanna tinha dado mostras de um affecto não vulgar; nunca se arredara de ao pé do marido, e passara quinze noites sem pregar olho.

Pedro tem hoje uma perna quebrada, mas a mulher quer-lhe muito. Por isso lhe diz elle ás vezes: bem sabia eu que por fim me havias de ter amor.

Vejão o que faz ás vezes um tiro, quando é dado a tempo, e por mulher que tem mão certa. Mas não sirva este exemplo, para que as mulheres, casadas contra sua vontade, tratem os maridos como se fossem cotovias, ou patos bravos.

COPPELIO

OU

UMA MOÇA SEM CORAÇÃO.

HISTORIA VERDADEIRA.

(Conclusão.)

ESTA sublime creatura marchava com uma elegancia magestosa, mas ao mesmo tempo fazia notar uma certa rigidez de movimentos que todos lançavão á conta da sua timidez natural. Sentou se ao cravo e cantou uma aria nacional muito em voga, com um accento sonóro e vibrante como uma harmonica. Nathaniel contemplava-a com uma especie de pasmo extatico; mas como tinha chegado um pouco tarde, e não pôde obter lugar entre os que se achavão mais perto, tirou da algibeira o pequeno oculo de Coppola, e dirigio-o com disfarce para o rosto de Olympia. Immediatamente o incendio se declarou com uma força irresistivel. Pareceu-lhe que a bella filha de Spalanzani lançava sobre elle olhares de uma voluptuosa languidez, o seu canto acompanhou-se aos seus ouvidos com todas as sublimes inflexões de um echo celestial; depois sentio passar uma nuvem por diante dos olhos; a sua imaginação perturbou-se nas espheras mais longinquas do idéal, e n'um momento em que lhe pareceu tocar-lhe em volta do pescoço a quente pressão de dous braços amorosos, gritou como fóra de si:

— Olympia! Olympia! Algumas pessoas que estavão perto de Nathaniel voltárão-se e rirão-lhe á barba, mas elle não deu por isso. Depois do concerto seguio-se o baile. Dansar com o proprio ideal da formosura, não seria a maior ventura possivel? Mas como ousar fazer-lhe o pedido? Como? Eu não sei, mas o certo é que dentro em poucos instantes foi visto Nathaniel profundamente inclinado em frente de Olympia. Um suor frio lhe escorria pela testa, quando com a extremidade dos dedos tocou nos de Olympia. A mão da joven donzella era glacial como a de um defunto. Nathaniel dirigio os olhos para os della, e achou a mesma languida fixidade; mas deixou esquecer o seu sentimento de timida sorpresa, e, enlaçando com um braço flexivel o talhe da rainha da festa, arrojou-se volteando com uma graça infinita, por entre a turba dos valsistas. Olympia valsava a um compasso e com tal exactidão, que fazia envergonhar as outras dansarinas da pequena cidade. Tendo-a acompanhado ao seu lugar, Nathaniel, como verdadeiro espadachim namorado, pois que assim se transformava, teria mui francamente desafiado a qualquer outro que se lembrasse de a convidar; mas a gravidade do lugar e das pessoas felizmente o detivérão.

Elle se tinha sentado junto a Olympia, e, tomando a mão della entre as suas, fallava-lhe do seu amor em termos delicados, mas ardentes. Mas a virtuosa joven só lhe respondia com um monosyllabo, assaz difficil de traduzir:

— Ach! Ach! Ach! dizia ella.

E Nathaniel, perdendo a cabeça, lhe dizia:

— O' mulher digna do amor dos anjos! Casto reflexo da bemaventurança dos escolhidos! faze baixar sobre mim o teu doce olhar!

Mas a tudo isto a Sra. Olympia não dava outra resposta mais que o seu perpetuo — Ach! Ach! Ach!...

Durante esta singular conversação, o professor Spalanzani passou varias vezes por diante dos nossos apaixonados, dirigindo-lhes um sorriso estranho. Pouco a pouco, e apezar da sua preoccupação, reflectio Nathaniel que o clarão das luzes diminuia. As velas ião progressivamente apagando-se; a musica e a dansa tinhão desde muito tempo parado, e os convidados partido!

— Oh! meu Deos! dizia Nathaniel, e ser-me-ha concedido tornar-te a ver, ó anjo meu?

Proferindo estas palavras, inclinou-se sobre as mãos de Olympia, para de novo as cobrir de beijos. Mas o frio da morte se renovou ao toque dos seus labios; elle estremeceu da cabeça até os pés.

—Olympia, perguntava elle com uma voz quebrantada, Olympia amas-me tu? E Olympia se levantou como por effeito de elasterio, e respondeu como sempre:—Ach! Ach! Ach! e começou a andar diante de Nathaniel que repetia ao infinito as suas declarações emphaticas. Olympia foi por fim parar diante de Spalanzani, e este disse ao estudante:

—Meu caro senhor, pois que acha tanto prazer em conversar com minha filha, as suas visitas nos serão sempre muitissimo agradaveis.

Nathaniel cuidou que o céo se lhe abria, e retirou-se insano de paixão e de alegria.

O baile de Spalanzani foi por muito tempo objecto de todos os fallatorios, e, mais ainda, de petulantes criticas. Uns exageravão com malicia muitas inexpertezas que lhes não tinhão escapado, e que bem mostravão a pouca pratica do mundo que tinha o professor. Outros, e era o maior numero, discorrião sobre as imperfeições da Sra. Olympia e concordavão em acha-la estupida, o que bem justificava o grande cuidado de Spalanzani em a subtrahir por tanto espaço aos olhos de todos. Nathaniel, ouvindo taes colloquios, abrasava-se em colera, mas não ousava desbaratar, com o receio de comprometter a sua apaixonada e de que lhe fechassem a porta na cara.

Um dia Sigismundo foi ter com elle e disse-lhe:

— Irmão, como é possivel que um homem de juizo se embasbaque, assim como tu, por uma boneca, que não sabe dizer duas palavras?...

Ao que respondeu Nathaniel com uma tranquillidade apparente:

— Como é possivel que um moço de tão bellos olhos como tu não saiba comprehender o que ha de encantos e de thesouros visiveis na pessoa de Olympia? Tanto melhor, irmão, o não teres tu visto essas cousas todas, porque aliás amarias essa joven com uma exaltação igual á minha, e eu sinto que não poderia supportar um rival, ainda que fosse o meu melhor amigo!...

Sigismundo conheceu que a cabeça de Nathaniel estava gravemente enferma, e quiz ver se o reduzia a idéas menos bellicosas:

— A formosura, lhe diz elle, é uma cousa de convenção, e o capricho tem nisso maior parte que a realidade.... Mas não te parece notavel que todos os nossos condiscipulos tenhão as mesmas idéas sobre o exterior de Olympia? Se ha nessa mulher um compendio de bellas feições e de fórmas seductoras, poder-se-ha duvidar, depois de exame, que os seus olhares não tem expressão, e que todos os seus movimentos parecem antes um effeito de rodas de machina? Ella canta e toca a compasso, mas sempre a mesma aria com o mesmo acompanhamento, e a sua dansa é um mecanismo uniforme. Eis o que eu vi, e o que nós todos vimos: e dahi concluo que a tua bella Olympia é um ente sobrenatural, cujo mysterio nos será um dia revelado.

Nathaniel fez um novo esforço para se não tirar do seu serio.

—Vós não sois todos, respondeu a Sigismundo, mais que uns entes prosaicos. Tudo o que ha de amor e de seducções em Olympia, só a mim é que se revelou, porque só eu é que tinha faculdades assaz atiladas para apreciar o thesouro que me offerecia a fortuna. Eu concordo em que ella vos desagrade, porque nada tem que misturar ás vossas fastidiosas conversações. As poucas palavras que ella deixa cahir dos seus labios são para mim como os hieroglyphos do mundo intimo em que vivem as almas; mas tu não sabes nada de tudo isso....

— É verdade, replicou Sigismundo, e portanto eu te abandono aos teus sonhos; mas se jámais no mundo real a que tarde ou cedo has de descer, precisares dos serviços de um amigo, lembra-te de mim, adeos!

Nathaniel pareceu tocado das ultimas palavras do seu amigo, e os dous estudantes cordialmente se apertárão as mãos antes de se retirar.

Clara, a boa Clara estava igualmente tão esquecida como se nunca tivesse existido. Lothario havia da mesma fórma sido apagado da lembrança de Nathaniel. O pobre moço passava todos os seus dias ao lado de Olympia: elle vinha ler-lhe versos, poemas, cantigas, tratados de psychologia a perder de vista. A bella pessoa escutava tudo isso com uma paciencia, com uma impassibilidade phantasticas. Ella olhava para o seu amante com os seus dous olhos pretos eternamente fixos, e quando Nathaniel, influido por essa visão se precipitava a seus pés e lhe beijava as mãos ou as faces, ella dizia sempre:—Ach! Ach! Ach! e na despedida, accrescentava:

— Boa noite, meu querido amigo!

Estas poucas palavras abrião a Nathaniel o mundo infinito dos amores platonicos. Elle imaginava pensar, mover-se e sentir por Olympia, e admirava esse poder do amor que tinha attrahido para elle a alma e as faculdades de Olympia. Algumas vezes elle se achava em lucidos intervallos, e então reflectia na mobilidade estranha da joven rapariga, mas não tardava em dizer consigo: — De que servem palavras? vaidosos sons que estalão e se desvanecem? Mas os olhares de Olympia dizem mais do que todas as eloquencias do mundo.

O professor Spalanzani parecia tomar um singular interesse pelas relações quotidianas que existião entre sua filha e Nathaniel; elle prodigalisava ao estudante os testemunhos da mais cordial benevolencia e o acoroçoou de tal maneira, que o nosso heróe um dia, munido de toda a sua resolução para fazer um grande lance, decidio-se a pedir sem mais demora e com toda a conveniente gravidade, a honra de aspirar á mão de Olympia. Para assegurar melhor o seu intento, julgou que devia antes de tudo enderessar á dama dos seus pensamentos uma declaração definitiva, e para lhe dar um caracter mais solemne, procurou em uma bocetinha um annel que recebêra de sua mãi e queria

metter no dedo de Olympia em signal de desposorios. Encontrando na caixinha as cartas de Lothario e de Clara, desviou-as com impaciencia, achou o annel e correu á casa do professor.

Quando acabou de subir a escada, ouvio um espantoso alvoroto no aposento de Spalanzani. De envolta com as batedelas de pés, sonidos metallicos e violentos encontrões nos tabiques da morada distinguio vozes que uivavão atrozes maldições...

— Largas ou não, miseravel!

— Ousas tu roubar-me o meu sangue e a minha vida?

— É a minha obra predilecta!

— Eu, eu fui quem fez os olhos!

— Eu as molas do mecanismo!

— Diabos te levem, maldito fazedor de relogios!

— Satanaz! espera! Animal do inferno, restitue me a minha propriedade!

— Ha! Ha! Ha!...

Ora estas duas vozes formidaveis não erão outras mais que as de Spalanzani e de Coppelio. Nathaniel, fóra de si, deu um pontapé na porta, e precipitou-se no quarto entre os combatentes. O professor segurava pelos hombros e Coppelio pelas pernas uma mulher que ambos procuravão arrancar-se um ao outro, enraivecidos.

— Que horror!.... exclamou Nathaniel, é Olympia! E ia saltar ao gasnete de Coppelio, quando este, dotado de uma força herculea, obrigou com mais um puxão o seu antagonista a deixar a presa, e, sollevando a mulher com os seus braços vigorosos, descarregou tal pancada sobre a cabeça do professor, que o pobre homem, atordoado e meio morto, foi medir o chão a dez passos de distancia, quebrando na sua quéda uma mesa coberta de frascos, de cubas, de alambiques e outros instrumentos. Aproveitando-se desta desordem, Coppola pòz Olympia ás costas, e desappareceu com um riso de demonio, ouvindo-se até abaixo da escada as pernas de Olympia baterem nos degráos com um som parecido ao de castanhetas.

A cabeça de Olympia tinha ficado no campo da batalha. Nathaniel reconheceu com espanto que era uma figura de cera; os olhos de esmalte tinhão-se quebrado. O desgraçado Spalanzani jazia por entre os cacos de vidro que tinhão crivado de feridas ensanguentadas os seus braços, rosto e o seu peito.

— Coppelio! Coppelio! gritava elle com uma voz dorida. Maldito ladrão! tu me roubas o fructo de vinte annos de estudo e de trabalho. Mas é o mesmo, eu apanhei-lhe os olhos! Sim, ali estão elles!

Nathaniel vio então a seus pés dous olhos ensanguentados que o olhavão fixamente. Spalanzani apanhou-os, e lh'os atirou de fórma que forão bater-lhe contra o peito. Immediatamente Nathaniel pôz-se a balbuciar as cousas mais incoherentes, e ruindo contra o professor, não tardaria a esganalo, se os vizinhos que tinhão acudido ao motim da pendencia que acabava de ter lugar, se não apoderassem do estudante, o qual foi indispensavel amarrar com toda a cautela para evitar nova desgraça. Foi levado para o hospital dos doudos, e o seu amigo Sigismundo o acompanhou a chorar.

O celebre professor não tardou em restabelecer-se; porque nenhum dos seus ferimentos offerecia a menor gravidade. Mas immediatamente que pôde supportar uma viagem, foi-lhe preciso deixar a cidade, porque todos os estudantes da universidade, que tinhão sido testemunhas da mystificação feita a Nathaniel, havião jurado uma vingança terrivel contra o machinista italiano, que, por meio de um automato, conseguira zombar de pessoas naturaes tão recommendaveis como os habitantes e academicos da cidade de G...

Alguns tinhão mesmo insistido para que se formasse um processo a Spalanzani. Mas o professor tinha-se ainda a tempo conseguido pôr ao fresco, e ninguem igualmente tornou a encontrar o alfarrabista de barometros e de oculos, Giuseppe Coppola.

Quando, á força de cuidados, Nathaniel chegou a recobrar alguns vislumbres de razão, pareceu-lhe que sahia de um longo pesadelo; elle se achava no seu quarto da casa paterna: sua mãi, Clara e Lothario choravão ao pé do seu leito. Logo que abrio os olhos, Clara foi quem primeiro lhe fallou:

— Tu nos és restituido, lhe diz ella, eis-te emfim curado de uma cruel molestia.

— Clara! Clara! murmurou Nathaniel, divagando com a vista espantada por todos os objectos que o cercavão, e como se buscasse recordar-se de lembranças. Sigismundo, que não tinha querido abandonar o seu amigo enfermo, entrou no quarto e apertou-lhe a mão. Alguns dias de suave convalescença acabárão de restabelecer o estudante.

Quando se achou inteiramente bom, annunciárão-lhe que um velho tio, muito avaro, e que, durante a sua vida, tinha parecido sempre mui pobre, acabava de morrer, deixando a seus herdeiros uma pequena casa de campo na vizinhança da cidade, e um coffre bem recheiado. Foi ahi que toda a familia se resolveu a ir viver, no seio de um pacifico retiro. Determinou-se o dia da mudança, e antes da partida, forão percorrer a cidade para fazer algumas compras necessarias para não voltar a ella por muito tempo. Como passassem pela praça da igreja: — « Meu querido, » disse Clara, « não queres que subamos ao campanario, para contemplar por despedida as montanhas e os bosques afastados?.. » Nathaniel achou a idéa encantadora, e subirão elles sós; a mãi, já velha, voltou para casa, e Lothario, que não tinha grande empenho de subir duzentos ou trezentos degráos, achou que era mais commodo esperar ao pé da torre.

Os dous amantes, apoiando-se na balaustrada do campanario, embriagavão-se com o poetico espectaculo que a seus olhos se desenvolvia. Os cimos dos grandes bosques se agitavão como vagas de agua verde, e as montanhas se recortavão como perfis de phantasmas cinzentos sobre o azul ferrete do céo. — « Vês tu, exclamou a joven rapariga, vês tu aquella mouta cinzenta ali embaixo? — dir-se-hia que ella se agita, e que vem ter comnosco ! » Nathaniel, dotado de uma vista menos penetrante, procurou machinalmente na algibeira o oculo de Coppelio. Mas apenas o tinha elle dirigido para a planicie, que saltou como um tigre, dando um grito rouco e feroz. Olympia lhe appareceu diante do vidro do oculo fatal. Nathaniel soffreu um transporte no cerebro. Pôz-se a olhar fixamente para Clara, e depois os seus olhos rolárão sanguineos nas orbitas: — « Manequim! » manequim do inferno! » gritou elle, « volta para o diabo que te formou !... » e então abraçou Clara com uma força convulsiva e quiz atira-la da torre abaixo. A pobre menina, meia morta de medo, apegava-se á balaustrada com a energia do desespero. Felizmente ouvio Lothario os seus gritos de afflicção, e suspeitando alguma horrivel desgraça, enfiou pela escada da torre. Quando chegou á plataforma, Clara desmaiada estava suspensa sobre um abysmo espantoso. Lothario teve apenas o tempo de retirar para trás o corpo de sua irmãa, e para o fazer largar pelo infeliz Nathaniel, atirou-lhe uma bordoada furiosa á cabeça que o fez gyrar como um pião. Lothario desceu os degráos do campanario com o seu precioso encargo, a quem a vida parecia ter abandonado.

Quanto a Nathaniel, pôz-se a correr como um energumeno á roda da plataforma, fazendo saltos mortaes, e dando urros selvagens que atrahirão a multidão abalada por um estupido terror. Algumas pessoas do povo querião subir á torre para segurarem o doudo, cujo desespero fazia tremer. — Oh! oh! diz Coppelio, essa é boa! deixai-o, elle terá o cuidado de vir aqui ter, sem o acompanharem ! E como olhasse com a bocca aberta para as evoluções de Nathaniel, este que se tinha debruçado sobre a balaustrada. pôde vê-lo, reconheceu-o, e dando uma gargalhada diabolica, precipitou-se...

Apanhárão-o despedaçado. — Coppelio sumio-se por entre a multidão : alguns annos depois, Clara, que, depois de tão desgraçado acontecimento, havia deixado aquelle paiz, foi encontrada por Sigismundo em uma localidade afastada. Era uma bella mulher joven: estava sentada á porta de uma casa de campo, mui agradavel. Junto a ella um homem grave, de suave physionomia, a olhava com ternura. Dous bonitos meninos brincavão a seus pés entre urzes floridos.

(HOFFMANN, *Contos fantasticos.*)

Traduzido por Henrique Velloso de Oliveira.



POESIA.

AOS QUINZE ANNOS.

Naquelle engano d'alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito.
CAMÕES.

Sonha acordada a candida donzella
Em placido langor,
Quando em tres lustros lhe rebenta n'alma
Espontaneo calor.

Apraz-lhe a sós comsigo ás horas mortas
Brando, vago scismar
No remanso da noite, á luz fatidica
De um pallido luar.

Casa c'o as brisas fervidos suspiros
Em terno devaneio ;
E, sem saber porque, fervido pranto
Lhe inunda o casto seio.

Fita os olhos nas fulgidas estrellas
De lagrimas vellados,
Desmentindo um sorrir que adeja incerto
Nos labios descorados.

Vago sentir, indecifravel,
Lhe agita o coração ;
Mistura-se o prazer, a dôr, a esp'rança
Nessa estranha emoção.

Mas dentro em pouco, dos mysterios d'alma
O véo cahio desfeito !
Conhece emfim que a irresistivel chamma
D'amor lhe abrasa o peito.

E após os sonhos magicos d'outr'ora
Corre, mas corre em vão !
Que cada instante um ferreo desengano
Lhe ceifa uma illusão !

Risonho prisma da innocencia inculta
Ai ! quem te não perdêra !....
Da vida nos jardins, só vendo as rosas,
Espinhos não temêra !...

A. M. DO COUTO MONTEIRO.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

APEZAR de entrados na quadra dos bailes, a estação continúa convidando mais a passeios pela amenidade da tarde, do que a reuniões da noite, no recinto fechado dos salões. Comtudo, não tem sido adiados nenhum dos divertimentos dansantes ou cantantes, apezar dos rigores com que nos trata a despedida do verão. Já houve o baile da Floresta, já houve o do Cassino, e muitos outros se preparão com incrivel actividade. Se não fossem estes contrastes luminosos da vida, estou certo que pouca gente teria vontade de viajar pelo globo terraqueo, sem pedir os seus passaportes para um outro mundo ainda que fosse o da lua! Lá, ao menos talvez não hajão tantos contratempos com que lutar! Nem um homem está exposto a ser um dia subdelegado ou agente de policia, que é quasi tão feio como ser judeo, e eu conheço tantos!

Emquanto não vem por ahi algum encontrão d'outro planeta nosso camarada, o mais seguro é irmos nos divertindo por cá, não faltando nem aos bailes nem aos theatros, e sobretudo á loja do Pantaleão e Wallerstein para comprar fazendas de gosto, e apresentar-se sempre com todo o apuro e elegancia da moda!

A nossa gravura representa dous lindos modelos de passeio; dos quaes vamos fazer a descripção com toda a laconica simplicidade que nos caracterisa.

A passamanaria do genero phantastico tem feito tão grandes progressos de alguns annos para cá, que a arte da modista lançou mão della definitivamente nestes dous ultimos annos. Foi isto que deu lugar a uma immensidade de creações, tanto mais encantadoras, tanto mais coquettes, quanto são mais transparentes, e se harmonisão perfeitamente como os differentes crépes, a renda e a blonde, a quem a vóga se não cansa de constituir em moda. Quizemos pois offerecer um exemplo deste genero reproduzindo um chapéo, composto não sómente de uma teia passamentada, amarello d'ouro e violeta sobre crépe amarello, mas do qual resalta um ramalhete igualmente de phantasia, formado de amores-perfeitos sem folhagem: esta disposição diz bem, sobretudo ás pessoas de cabellos castanhos e côr morena; e finalmente áquelles que fazem lembrar as bellezas a quem a Grecia moderna e a Andaluzia dão a luz do dia.

A este lindo chapéo, áquelle colorido de expressão oriental, associa-se um redingote amazona de corpinho liso, espartilhado adiante e atrás, de córte albanez em tafetá esmaltado: as abas do corpinho abatem-se do lado, e fechão o contorno da saia. Deve notar-se o talhe das mangas, cuja abertura é ligada por tres presilhas graduaes; as manguinhas são de musselina com grandes festões bordados ao genero inglez; umbella de seda.

O segundo figurino usa um chapéo de crépe liso, com véo pregado; por todo o ornato um laço de gaze festonado em branco, imitação dos bordados inglezes. Vestido de tafetás Pompadour, aberto no peito em fórma de coração, e bordado tanto em torno do peitinho, como na parte anterior da saia. Mantelete de tafetás, ornado de larguissimas rendas pretas.

LOGOGRYPHO.

A primeira remará:
A segunda parará:
A terceira—r—a—ra:
A quarta já hi 'stá,
Ajunta duas primeiras
A criança a comerá:
Ajunta duas segundas
A fallar-lhe custará:
Ajunta duas terceiras
Cousa vulgar não será:
As quartas são as segundas
(Nem mais p'ra cá nem p'ra lá)
A primeira c'o a segunda
Ovos porá;
A terceira com a quarta
Parirá.
A segunda c'o a primeira
Offenderá;
A quarta com a terceira
Peso da capa será.

Que famoso
Mentiroso!

A significação da Charada do n.º 17 é: VIDENTE.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

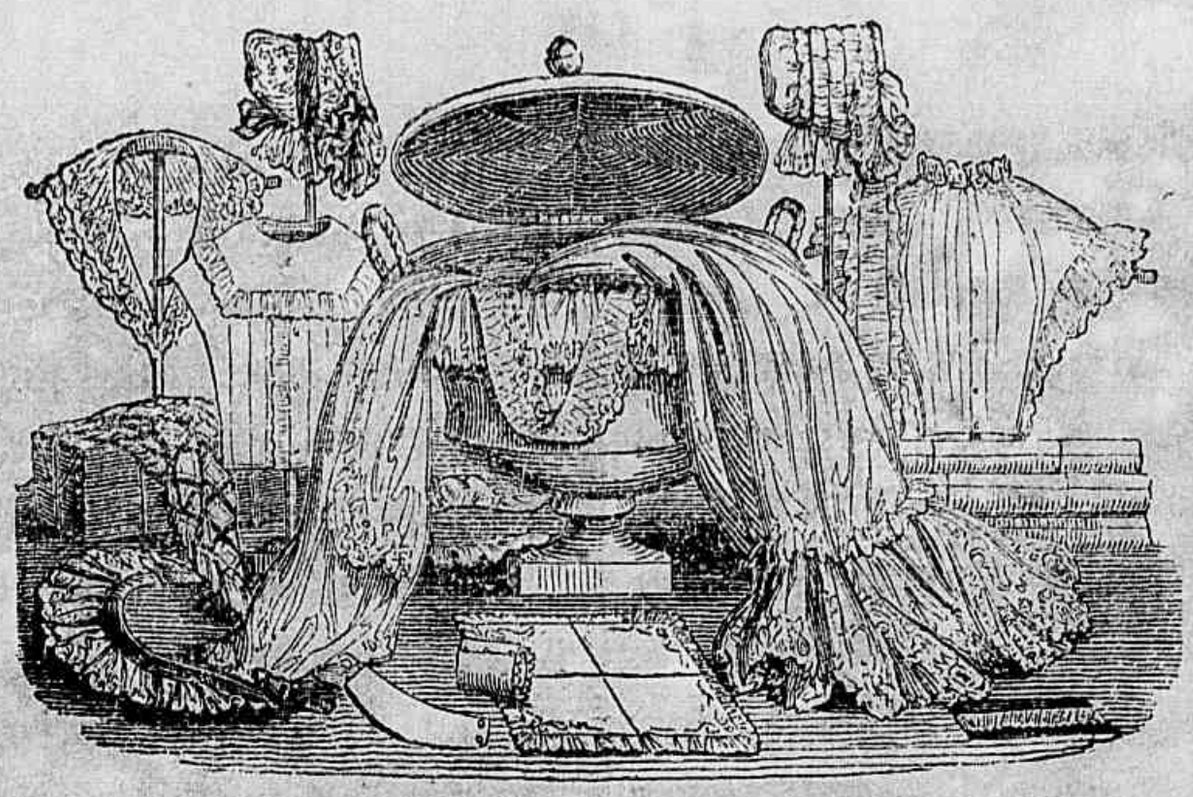
BIBL. NAC. PUBL. DA CORTE

1690.

Anaïs Toudouze.

52
18

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O CONCERTO NA CORTE.

I.

ESTAVA-SE nos primeiros dias de Maio de 1806, cinco mezes depois da batalha de Austerlitz. Napoleão estava em Paris. Desde o seu regresso tinhão-se succedido as festas. O complemento destes dias de regozijos fôra a entrada das tropas francezas em Napoles.

Uma ovação inesperada que a opera preparára ao Imperador o havia sensibilisado profundamente: assim que elle se mostrou no seu camarote, fôra saudado pelos gritos de enthusiasmo de todos os espectadores, agitando palmas que a administração distribuíra com profusão. A cantata de circumstante fôra abafada pelo tumulto da assembléa. Debalde a orchestra e coros enchião suas vozes; todos esses ruidos parecião reunir-se para fazerem sobresahir este grito unico: *Viva o Imperador!*

O scenario, o baile, não tinhão podido fazer diversão. Madame Branchu tinha em vão despregado todos os recursos de sua possante voz, Gardel esgotára todas as graças do seu dansar. Esta representação não fôra mais que um arrojo de admiração espontanea, sincera, universal. O enthusiasmo acabára por apoderar-se até dos actores, a despeito do seu papel, quando um delles, notavel por sua estatura elevada, achou meio, ao passar defronte do camarote de Napoleão, de pendurar nas franjas de ouro uma corôa dobrada que volvia as suas rosas para a Imperatriz, e os seus louros para o Imperador. Napoleão fallava ainda desta noite com complacencia na manhãa do dia que nos occupa. Elle tinha mandado chamar Crescentini para com elle praticar durante o seu almoço. Sabe-se que era esta a hora do dia que elle consagrava de ordinario aos doutos e aos artistas. Era então que elle se comprazia em ouvir contar as noticias da comedia franceza, que mandava chamar os autores, algumas vezes mesmo os actores, que lhes fazia observações e lhes dava presentes cujo preço era sempre duplicado pela maneira imperial por que erão offerecidos. Crescentini estava de pé, emquanto o Imperador lhe fazia algumas perguntas ácerca de suas primeiras estrêas e de suas relações com o cardeal Caprara, a cujos desvelos o *infeliz* tenor era devedor de sua voz tão expressiva.

— Senhor, disse o cantor, sollicito em se furtar a um interrogatorio embaraçoso, a perola das cantatrizes, uma mulher admiravel, a quem a natureza dotou da mais possante e da mais melodiosa

voz, a senhora Catalani emfim, está a caminho para Paris. Eu cantei com ella em Lisboa; e os Portuguezes se separárão della com lagrimas: a sua representação de despedida se terminou por um concerto de soluços. A senhora Catalani chega de Madrid: mui facil seria a Vossa Magestade fazer-lhe um agasalho que lhe será mais lisongeiro do que o que ella recebeu da rainha de Hespanha.

Napoleão só respondeu dando ordem de chamarem o secretario da sua musica particular.

Logo que entrou o Sr. G.....

— Em que dia deve aqui chegar a senhora Catalani? perguntou-lhe.

— Senhor, ha uma hora que ella chegou, conforme acabo de receber a noticia.

— Quanto tempo de demorar-se?

— Muito pouco, senhor; a senhora Catalani vai para Londres, onde está contractada para a bella estação.

— Bem. *Hei de ouvi-la esta noite.* E o Imperador sahio.

Crescentini e G.... ficárão sós, cara a cara e aterrados. O raio cahindo aos pés do secretario da musica não lhe teria causado igual aturdimento. Fazer cantar a senhora Catalani diante do Imperador no mesmo dia da sua chegada, depois das fadigas de uma longa viagem, sem preparação alguma!...

— É impossivel que ella cante, disse dolorosamente Crescentini.

— E' impossivel que ella não cante, respondeu G...., que tinha tornado a si do seu assombro; *o Imperador quer*.. Sómente o que não sei é o que ella fará.

Dizendo estas palavras, dirigio-se para a porta, levando comsigo o artista italiano. Meia hora depois, o cantor e o secretario subião juntos a escada que conduzia ao aposento da senhora Catalani. Grande fôra a discussão que se suscitára entre elles. G.... sustentava que o seu companheiro, na sua qualidade de artista, de compatriota e de camarada, era quem devia annunciar á cantatriz as vontades de Napoleão. Crescentini, que não tinha o menor empenho em incumbir-se de semelhante commissão, declarava que ao secretario da musica do Imperador é que convinha cumprir tal mensagem.

A missa era delicada com effeito. Apenas a senhora Catalani entrou no conhecimento do que della se esperava, soltou altas exclamações e fallou em adoecer subitamente; porém este expediente não podia ser uma desculpa junto do senhor. Fizerão-lhe comprehender que ella teria todo o vagar de cahir doente no dia seguinte. A senhora Catalani affirmou que não teria voz. Respondêrão-lhe que ella a acharia, que em todos os casos esta circumstancia era um fraco incidente, visto que o sobresalto da presença do Imperador tinha ordinariamente por effeito fazer perder a voz a todos aquelles a quem elle dirigia a palavra. Debalde objectou a senhora Catalani que o que era um *fraco* acontecimento para os homens de qualquer outra profissão se tornava uma desgraça *horrivel* para uma cantora. Respondêrão-lhe que o Imperador queria ouvi-la, e que, com ou sem voz, ella seria ouvida. Emfim, contente de ter achado um argumento que lhe parecia sem replica, exclamou a cantatriz que não tinha vestido decente para se apresentar nas Tulherias. Apenas tinha acabado estas palavras, e já o Sr. G.... se tinha mettido na sege, corria a todo galope á casa do modista Leroy e o trazia comsigo passados alguns minutos. Ainda a senhora Catalani dizia: « E' impossivel! » e já as costureiras da côrte lhe tinhão tomado medida de um *vestido de cauda, de estofo de Lyão*, que era então de etiqueta.

Era meia hora depois do meio dia; o vestido foi promettido para as oito horas da noite.

Assim é que se executavão as vontades do Imperador.

Não havia mais meio de recuar. A senhora Catalani despedio os seus visitadores para descansar e se preparar ao concerto. G.... sahio pois um pouco alliviado; mas a sua tarefa não estava ainda desempenhada: era mister, dentro de algumas horas, reunir os artistas e organisar o concerto.

Não se podia pensar em fazer cantar mulheres, que nenhuma podia entrar em concurrencia com a senhora Catalani. Determinou portanto G.... que Crescentini e Garat executarião a parte vocal com a senhora Catalani. Para a parte instrumental, decidio que se recorreria á rabecca de Kreutzer e á trompa de Frederico Duvernoy. Felizmente Kreutzer estava em Paris; mas foi preciso perderem-se varias horas em procura de Duvernoy. Erão cinco horas da tarde quando G.... se achou livre para ir á casa de Garat. Verdade é que elle tinha tido o cuidado de o mandar prevenir de antemão; não se

tratava pois (ao menos assim o julgava o secretario) senão de resolver com o celebre cantor as peças que elle queria executar, afim de serem inscriptas no programma. O secretario, ao redigir este programma, antes de ter visto Garat, tivera o cuidado de deixar em branco, diante do seu nome, o titulo da aria que lhe conviesse cantar.

Antes porém de introduzirmos G ... á presença de Garat, é necessario contar a scena que alguns momentos antes tivera lugar em casa deste artista.

Garat dava lições de cantoria, e nenhum professor era mais capaz do que elle de mostrar os preceitos da arte que elle praticava tão admiravelmente. Entre as suas discipulas assaz numerosas, contavão-se varias meninas cujos parentes occupavão gráo elevado na casa imperial.

A filha do general H***, retido na Allemanha por suas funcções, vinha regularmente tomar lição á casa de Garat, em companhia de sua tia. Na ausencia de seu pai, a joven H *** frequentava pouco as sociedades; sua timidez natural crescêra na solidão em que ella vivia, solidão que era embellecida pelo culto da musica. A joven H *** possuia uma voz bellissima, que comtudo tinha menos brilho que expressão. Seu canto, mavioso e melancolico, imprimia naquelles que o escutavão uma tristeza que tinha seu encanto. Garat a considerava como a melhor das suas educandas, e costumava dizer que a voz da joven H*** era digna de ser ouvida pelo proprio Imperador.

Acabava apenas de se fechar a porta atrás do mensageiro que annunciára a Garat o concerto dessa noite, quando tornou a abrir-se para introduzir a joven H *** e sua tia. A velha dama trazia no rosto os vestigios da mais profunda afflicção, e os olhos vermelhos da menina denunciavão as lagrimas que ella tinha vertido. Depois que se sentárão, a tia, tomando a mão não sem arrancar muitos suspiros, disse ao cantor sobresaltado e entristecido:

— Senhor, eu e minha sobrinha viemos para vos agradecermos todos os bons cuidados que lhe tendes prodigalisado; mas minha sobrinha é obrigada a interromper as lições de musica que ella era tão feliz em receber de vós.

Será possivel! exclamou Garat. Eu espero, senhora, que não seja um revez de fortuna.... Acreditai que....

O artista hesitou, não sabendo até que ponto tinha o direito de offerecer lições gratuitas.

— Ai! senhor, respondeu a tia, oxalá que a pobre menina tivesse soffrido um revez de fortuna antes do que a desgraça que acaba de ruir sobre a nossa familia.

— Que! exclamou Garat, tereis acaso perdido o general H *** ?

— Antes tivesse elle morrido! tornou a tia; ao menos estaria salva a honra.

Garat permaneceu mudo, emquanto as duas mulheres confundião seus soluços. A tia proseguio depois de um momento de silencio:

— Cumpre não dar um sentido demasiado grave aos queixumes que nos arranca a dôr. Meu irmão é accusado de um erro militar que lhe acarreta o desagrado do chefe do estado; mas elle não é culpado, Sr., não é culpado; e se nós tivessemos podido chegar até a Sua Magestade, se tivesse sómente esta menina podido derramar aos pés do Imperador as lagrimas que lhe intumescem o coração!... Mas, senhor, elle está persuadido de que o meu pobre irmão infringio a disciplina militar, e mostra-se inflexivel. O gran-marechal não pôde conseguir nada: o Imperador exigio que meu irmão enviasse a sua demissão. E' uma deshonra, senhor!

— Mas emfim que succedeu? perguntou Garat com o mais vivo interesse.

— Vós sabeis que o general H *** foi nomeado governador militar de uma das provincias allemãas recentemente conquistadas. E' accusado de não ter reforçado um corpo de exercito que se retirava diante dos Russos, superiores em força. Nessa occurrencia, meu pobre irmão estava doente e de cama: deu ordens que não forão executadas, e depois não foi informado de tudo. Emfim, ha uma multidão de circumstancias que levarião o Imperador á clemencia; mas não nos foi possivel chegar a elle. Meu irmão é um militar valente, senhor, todo o mundo o sabe: morrerá de dôr, se se vir eliminado do exercito.

— Assim pois, disse Garat, julgais que, se a menina pudesse fallar ao Imperador....

— Seriamos salvos, porque o Imperador é justo primeiro que tudo. Mas quem poderá alcançar esta mercê que tantos outros tem implorado de balde!

— Eu experimentarei, respondeu Garat. Neste

momento o criado annunciava o secretario da musica do Imperador.

— Tende a bondade de esperar aqui, disse o artista ás duas damas, introduzindo-as em um camarim, e confiai em mim.

Garat apressou-se a embuçar-se no seu chambre, enrolou dous lenços em torno do pescoço, estendeu-se sobre um canapé, e deu ordem que fizessem entrar o Sr. G...

Este empallideceu ao ver o vestuario do cantor.

— Ah! meu Deos! estarieis doente? exclamou.

— E' verdade, meu caro, é-me impossivel soltar uma nota.

— Misericordia! e o meu concerto?

— O vosso concerto, meu caro amigo, terá lugar sem mim.

— E que dirá o Imperador?

— O Imperador sabe que elle não tem subdito mais dedicado e mais grato do que eu; dirá que sente muito que eu esteja doente.

— E o meu concerto? torno a dizer.

— Escutai, meu caro: só conheço um unico dueto que me seja possivel cantar, e ainda assim não posso responder por isso.

— Ensaiai, pelo amor de Deos! Garat deu alguns trinados com voz que se esforçou por tornar enrouquecida.

— Estais vendo, é impossivel!

— E o dueto?

— O dueto! ensaiei-o com uma das minhas alumnas que tem uma das mais bellas vozes que conheço. Mas não é uma artista, é uma mulher de sociedade. Não sei se ella consentiria em canta-lo.... Talvez se decidisse se lhe rogassem....

— Fazei-o, meu caro, meu bom Garat, fazei-o por mim, rogo vo-lo por mercê!

— Vou escrever, disse Garat.... e então... parece-me que está tornando a voz.

Elle começava a gargantear; porém G.... apressou-se a interrompêl-o, supplicando-lhe que se poupasse para a noite, e declarou que elle mesmo se encarregaria da carta. Sahio emfim, depois de se ter certificado de que o artista estava abafado de modo que nada havia que temer do contacto do ar frio, e não sem lhe haver recommendado que se acautelasse para não augmentar sua indisposição pela menor imprudencia.

Garat tinha pregado ao pobre G.... a peça de o mandar procurar perto da barreira do Inferno um numero de casa impossivel de achar.

(Continúa.)

AS TRES DEOSAS.

CHARADA EM PROSA.

I.

Eu não sei, minhas senhoras, se lêrão as cartas de Demoustier, o diccionario da fabula, ou, pelo menos, se estudárão a mythologia pelos cartões de M. de Joui, membro da academia, e progenitor de espirituosas bagatellas...

A mythologia, sinceramente, é *fossil*, e vale hoje menos a pena sabê-la de cór do que possuir convicções firmes e immutaveis sobre a *coupe* de um collete, os folhos de um vestido, o ondeado de umas fitas azues ou côr de rosa, e as rendas mais ou menos chistosas que devem fazer realçar a alvura de uns bellos hombros, pudicamente decotados. Ora, se me permittem, e sem offensa, vou explicar um ponto fabuloso, e que, apezar disso, toca com as narrações da historia.

Venus, Pallas e Juno, deosas de primeira ordem, travárão-se de razões ácerca da sua belleza. Ellas, apezar de deosas, erão sempre mulheres, e sabião que a formosura é o mais omnipotente dos poderes humanos.

Escolhêrão a Pâris — um simples mortal! — para ser o arbitro deste grave pleito, capaz de pôr em combustão o céo e a terra.

Pâris entregou o pomo á voluvel e seductora Venus, talvez para a consolar de haver desposado um deos feio e grosseiro como Vulcano, que forjava raios com a mesma ancia febril com que os nossos *homens d'estado* fabricão deputados nos *burgos podres* da *ordem*.

Venus pulou de contentamento, Juno e Pallas mordêrão-se de raiva.

E tanto é que Troia deveu a este facto a sua destruição, e tambem a um certo rapto, que Pâris commetteu na pessoa de Helena, mulher de Meneláo, e que era linda como seis Georgianas, e uma duzia de Odaliscas, compradas na Circassia em primeira mão.

Entre parenthesis: Meneláo, o esposo offendido, chamou áquillo rapto, e eu creio que foi simplesmente uma perfeita *cordeal-entente*: regra geral, uma mulher não se furta como um lenço, ou uma caixa de rapé, nem se empalma como uns dados de banca franceza.

Os moralistas da antiguidade gritárão contra esta senhora, e tiverão tão pouca razão como os moralistas da nossa época.

O amor é o sentimento mais sublime que existe nesta esphera sublunar, mas é absurdo o querer torna-lo eterno. Quem sabe mesmo se ella teria feito um casamento de conveniencia? Afinal, o que é máo, não é uma mulher fugir lealmente a um homem: é entregar os labios humidos dos beijos do seu amante aos labios do marido ultrajado...

Santo Deos! Deixei escapar, sem querer, um dos aphorismos da minha philosophia... Perdão! Não se atterrem: torno ao assumpto.

II.

Pois ainda sinto calafrios lembrando-me deste caso tremendo, quizerão fazer de mim Pâris: de mim, que nunca roubei nenhuma Helena, que sou apontado como um coração insensivel, como uma alma unicamente devorada pelas paixões acerbas da politica.

O mundo é tão tolo!...

Era n'um baile.... Não se ponhão a querer adivinhar, que o baile pertence á historia antiga.

Por acaso estavão tres senhoras, quasi proximas, e todas tres erão sinceramente formosas.

Uma realisava talvez um destes typos que os poetas do norte sonhão quando divagão pelas melancolicas margens do Rheno.

Era uma physionomia de uma brancura deslumbrante, mas um pouco assombreada de traços pallidos: a fronte rasgada, e ao mesmo tempo suave, deixava a descoberto dous olhos azues, deliciosamente fendidos, e que desferião olhares longos, em que a ternura se combinava com a magestade...

Era Juno.

Depois, em posição languida, e affectadamente fatigada, surgia a outra, como o lirio que se curva sobre as bordas de um tanque de marmore.

Organisação mimosa, dotada dessa pallidez transparente que deixa ver as veias, de um azul desmaiado, como o alabastro os raios desvanecidos de uma luz: perfil encantado e raphaelesco, que poderia inspirar a imaginação de um artista.

Mas os olhos? Eu não leio nada naquelles olhos. Não exprimem nem paixão nem sentimento. A dormir, aquella mulher deve-se-nos representar um anjo: quando descerrar os olhos, é uma creatura mortal, que nos póde fazer delirar os sentidos, que nos não ordena de certo a adoração, o culto grandioso e austero que fez o nome de Petrarca immortal na historia...

Era a Venus.

A terceira estava um tanto voltada, reclinando-se sobre um sophá: nesta posição, podia-se-lhe observar a bella linha serpentina, que começa no pé, sóbe em deliciosos contornos até a cintura, e perde-se em curvas appeteciveis até aos hombros, apenas descobertos, e sahindo modestamente de um vestido branco, um pouco afogado.

A cabeça é original e sublime! A fronte é espaçosa e reflexiva: os olhos radiantes e meditativos. Os cabellos negros enquadrão-lhe um rosto animado do vivo colorido de Rubens e Vandyck. A bocca é breve e imperiosa: a linha frontal cesariana, se esta palavra se póde applicar a uma mulher.

Não é um anjo: é uma rainha. Aquelle olhar é dominador: aquelle sorriso aceita, mas não applaude vaidosamente as homenagens....

Era a Pallas.

III.

— Ali tem as tres formosuras do baile?... disse-me uma senhora com um tom de voz entre affirmativo e interrogador, dando um movimento indefinivel ao seu leque, que é o *bâton de maréchal de France*, que se atira como o de Condé por cima das muralhas inimigas.

— Acha? — Ora diga-me, qual dellas prefere? — É tão difficil a escolha?... — Pois ha de escolher: que lhe mando eu.

— Quem sabe, minha senhora, se já escolhi... — Deveras?... Diga, diga qual dellas é?... — E se ardesse Troia?... Confesso-lhe que nunca tive geito algum para fazer de Pâris, no seculo dezenove, entre uma polka, e uma valsa a dous

tempos... — Os homens de lettras são os Pâris do mundo elegante...

— Póde ser, mas ha sempre um Vulcano, que come o pomo... da discordia. — Em geral, isso pouco lhes importa, porque quem analysa não sente....

— V. Ex.ª, minha senhora, acaba de elevar os tolos á dictadura do sentimento.... — Não sei, mas é verdade o que affirmo... — Que os Vulcanos são felizes?... — Não! que os homens de lettras apaixonão-se pela arte, apenas amão na mulher as fantasias da sua imaginação.... — Se eu fosse mulher, quizera ser amada assim!

A senhora parou, para lançar timidamente um olhar a uma especie de boneco de Nuremberg, mais bem vestido e penteado do que um mannequim de cabelleireiro.

Eu fiz um movimento para retirar-me. Ella susteve-me com um gesto.... — A qual dellas entregava o pomo?... A Pallas, minha senhora; e adivinhe qual dellas é, disse eu retirando-me.

Creio que não adivinhou, porque o movimento das polkas e mazurkas barulhou-lhe as idéas na cabeça.

Sei, todavia, que continúa a gostar dos tolos. É prazer de seguir a opinião das maiorias, porque, segundo escreveu Boileau, ha dous seculos:

Les sots, depuis Adam, sont en majorité.

LOPES DE MENDONÇA.



POESIA.

O BERÇO.

Et sans peine consent à rendre
Tous les baisers qu'elle a reçus.

PARNY.

Vem d'aurora um meigo raio
A beijar mimosa flôr,
Que estava d'haste curvada
Toda abrasando d'amor;
Mas a flôrinha,
Corou de peijo
Sentindo o beijo.

Vem a brisa da manhãa
Cheia toda de carinhos,
A vôar de folha em folha
Soltando ternos beijinhos;
Mas a folhinha
Tremeu de peijo
Sentindo o beijo.

Vem manso e manso o arroio
O pé do arbusto beijar,
Que se debruça p'ra elle
Como para o abraçar;
Porém o arbusto
Vergou de peijo
Sentindo o beijo.

Tambem no teu rosto lindo
De fogo um beijo pousei,
E teus labios macerados
Com os meus labios corei;
E tua face
Corou de peijo
Sentindo o beijo.

E d'electrica torrente
Os teus olhos abrasei,
Quando em teu collo de cisne
Um outro beijo sellei;
E o casto seio
Tremeu de peijo
Sentindo o beijo.

Teus cabellos ondeantes
De teu rosto desviei,
Quando essa fronte mimosa
Com mil beijos eu c'rôei.
E a nivea fronte
Vergou de peijo
Sentindo um beijo!

Com um só teu me pagaste
Esses beijos que eu te dei;
Por esse só déra a vida...
Por outro... a alma darei!...

J. FERREIRA RANGEL.

CHRONICA DA QUINZENA.

HE chegado o dia da semana em que he preciso forçosamente escrever uma *chronica*, na conformidade do pacto estabelecido entre mim e os esclarecidos redactores desta folha. Reconheço que he improba a tarefa. O espirito mais ou menos impressionado pelas continuas vicissitudes da existencia nem sempre brota flôres quando se lhe pedem, e se as dá, são ás vezes murchas, pallidas, tristes, que, em vez de contentar a quem as vem para colher, lhe dão desgosto e fastio, e tedio talvez. Assim terá acontecido a grande numero

destes meus pobrissimos trabalhos. Outras vezes são mal avaliadas as intenções do escriptor, e o ridiculo as não poupa nem se compadece dellas, quando as não interpreta a perversidade ou as recrimina a calumnia. Mas a esses respondo eu como um celebre escriptor da antiguidade, que dizia: « O mundo zomba dos trabalhos a que me dedico (era elle um sabio naturalista) e converte em ridiculo os meus esforços; neste empenho, porém, apezar de tão vasto ser elle, é de grande consolação para mim partilhar essa affronta com a natureza. »

Daqui concluirão os meus esclarecidissimos leitores, que algum pezar occulto revelão estas minhas expressões; e não se enganão. Tenho que commemorar aqui dous acontecimentos funestos, que enchêrão de luto ha poucos dias esta capital. A morte de dois jovens que parecião reservados pela Providencia para representar dous grandes papeis na historia do Brasil. Um pela sua posição social; e o outro pelo seu talento. Era o primeiro o filho do Ex.mo Sr. Visconde d'Olinda, e o segundo o filho do Sr. Dr. Azevedo. Ambos cheios de vida, de esperança e de futuro, estão já nivelados pelo pó dos sepulchros.

O primeiro não o conhecíamos. As nossas palavras symbolisem para elle mais uma capella de flôres desfolhadas sobre a sua campa.

O outro sim, era nosso amigo, era nosso collega tambem. Prendia-nos a elle aquella sympathia que liga todo aquelle que preza o talento ao homem de intelligencia superior. Era a mesma affeição que Plinio consagrava a Tacito; com a differença porém de que nós nunca chegariamos a ser Plinio, e elle podia muito bem ser Tacito. A corôa do engenho que tornou immortal Virgilio, que cingio a fronte do Tasso, que divinisou Petrarca, concedêra-lh'a Deos tambem, e mais feliz, porque a levou immaculada para a sepultura, emquanto a do Tasso foi entremeada de espinhos, e crestada pelo sopro das paixões e do infortunio. Na primeira quadra da juventude o seu talento causava já a admiração de seus amigos e conhecidos, e a gloria de seus pais. Possuia como raras intelligencias o culto e o enthusiasmo da sciencia. Amava o estudo, e era em tudo digno das lagrimas que lhe votamos, e das saudades que nos deixou para tornar immorredoura a lembrança da sua memoria.

Esta impressão, como vos disse já, carissimos leitores, é profunda e dolorosa para nos deixar consagrar depois della a objectos de prazeres. Mas a curiosidade humana não recúa diante destes obstaculos, e um chronista tem obrigação de fallar de tudo. Saltar do pezar á alegria, do ridiculo á paixão, de tudo quanto ha de mais elevado ao que se conhece de mais trivial com a elasticidade d'uma consciencia de borracha. O publico assim o exige, e a sua opinião é de grande peso, sobretudo quando se entende com a redacção de um jornal, que depois de um theatro é onde costuma hoje em dia ter mais preponderancia, visto que em negocios politicos é de uso ficar sempre em minoria.

Façamos-lhe a vontade.

O baile do Cassino teve lugar na noite de 26 de Março. Foi o primeiro da presente quadra. Esteve pouco frequentado, mas soberanamente representado. Das primeiras notabilidades da nossa côrte faltárão poucas. Mas as que estavão, perdoem-me ás que faltárão, erão tão amaveis, tão espirituosas, que se não fosse o olho perspicaz da amizade, ou do amor (que nem sempre se deve pintar vendado, e muito menos neste caso, ao menos para salvar a redacção) de certo não teriamos dado pela falta. Tão divertidas, tão agradaveis forão as horas que se ali passárão. Emquanto a descripções de toilettes, enviamos o leitor para a ultima *Pacotilha do Correio Mercantil*, onde verá esse assumpto magistralmente tratado. Nós por hoje abstemo-nos disso.

N'uma das passadas noites houve tambem um grande jantar e baile nos salões do Paraiso, dado, julgamos nós, á prima dona Zechini. Alguem que lá esteve, nosso particular amigo, e pessoa de bom gosto, nos assegura que se passou agradavelmente. Pudéra, tanto mortal entre tanta divindade! Não sei por que idéa associada nos vem a este respeito á lembrança a Ilha de Calipso, de que trata o arcebispo de Cambrai no seu immortal poema. O nosso amigo faria nesta reunião o papel de Mentor ou de Telemaco? Elle lá o sabe. Mas parece que desempenhou a ambos.

Quanto a theatros, está isto meio estacionario. O Provisorio espera pela voz de M.me Stoltz. Mas ella demorou-se em Petropolis. E qual é o estrangeiro que póde arrancar-se de lá? Foi máo sitio para convalescer, porque faz vontade de ficar doente só para tornar a lá ir. Isto não é maldade, é persuasão.

Agora diremos duas palavras ácerca das noites de luar. São acontecimentos da quinzena, pertencem ao dominio do chronista. Ninguem nos póde contestar este direito, é nosso. Esplendidas tem ido estas noites magnificas! Que luar puris-tem ido estas noites magnificas! Que luar purissimo a reflectir-se, a pratear os Oceanos de verdura, que fluctuão no pendor das montanhas, e o azulado das aguas, que em lagos diamantinos gemem pela extensão das praias em melancolicos suspiros! Era assim, astro de Diana, que tu beijavas a face do Coliseo, e tingias as grimpas da cidade dos Cesares, quando te contemplava absorto o cantor de Harold! Era ao teu clarão suave e triste, que as lagrimas de René desfiavão ao longo de suas faces, dando conforto áquella alma, desalentada pela desgraça. — Na Europa, em que os lugares estão povoados de recordações historicas, em qualquer parte que se te goza, trazes á memoria um grande acontecimento, a lembrança de alguma personagem celebre, ou de um infortunio famoso; aqui porém o teu encanto é outro! Allumias ainda o gigante painel de uma natureza vir-

gem! Devia ser com esta pureza que inundavas os jardins do Eden! Era assim que te concebêra Milton.

Finalmente, em presença destas noites, e visto que vivemos em uma época de melhoramentos, lembrei-me de fazer tambem a minha proposta aos governos. Não seria melhor, em lugar de companhias promotoras das illuminações a gaz, havê-las de illuminação a luar? Qualquer camara municipal, entendendo-se directamente com a lua, parece que conseguiria este fim. Hoje nada é impossivel, sobre tudo attendendo a que vivemos n'uma quadra em que se nos póde applicar estes dous versos de Voltaire:

Toujours un pied dans le cercueil,
De l'autre faisant des gambades.

D. Sallustio.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

Num dos recentes numeros de um jornal francez de modas lêmos uma anecdota, que achamos espirituosa e caracteristica de um destes *leões*, que o não são senão no comprimento das *crinas*, ou das *melenas*. Era o caso que, tendo ido um dos sobreditos á casa do seu alfaiate, agradou-se de um lindo córte de calças que lá víra, e tratou immediatamente de o comprar a todo o preço, recommendando ao eximio *tailleur* que desejava lhe fizesse as calças de tal modo estreitas, que elle as não pudesse calçar; pois no caso contrario as não aceitaria! Por esta anecdota podem os nossos leitores conhecer até que ponto continuão a usar-se as calças estreitas. Emquanto as pernas se não convertão em canniços, os elegantes não tem direito a chamarem-se do tom. É preciso mais este sacrificio nas áras da implacavel deosa da *moda*. Ella bem os merece; paga-os bem generosamente. Quando não, veja-se Telemaco; em quanto não foi moço do tom, *petit-maitre*, ou casquilho, como se costuma dizer em boa phrase portugueza, nunca pôde encontrar seu pai Ulysses, nem enxugar as lagrimas de sua mãi Penelope, que era um modelo de castidade, segundo affirma a rapaziada do seu tempo, que forão aquelles patuscos que levárão dez annos a fazer o cerco de Troia. Se não tinhão em que empregar o tempo! Hoje o caso é differente. Não ha tantos ociosos; e creio firmemente cá de mim para mim que todos esses heróes da antiguidade não passavão de uma sucia de vadios. Que o digão os moços de hoje, que não sabem para onde virar-se com *affaires*, nem o meio de estacionar as pendulas....

E com estas reflexões iamos preterindo a descripção da nossa gravura, que é de uma necessidade e authenticidade espantosa para figurar um dia na historia dos annaes do seculo.

A primeira figura collocada á esquerda offerece um costume que os Francezes chamão *d'affaires*, agradavel e simples; é um paletot-sobrecasaca, sem costura na cinta, por consequencia de assentoar na frente, gola de velludo em fórma de V; debrum de galão largo em roda da sobrecasaca, excepto na algibeira do peito; mangas largas, redondas no canhão, e sem enfeites. Colete de cachemireta. Calças estreitas, alças presas por um só botão.

A segunda é destinada a representar um joven, vestido para soirée ou theatro, casaca preta, com abas curtas, mangas largas sem exageração; a gola que é quasi em fórma de V fechado, harmonisa-se perfeitamente com as bandas de diante, cuja flexibilidade extrema serve para serem abotoadas, tomando todas as sinuosidades do corpo. A disposição do colete, deixa o peito descoberto e permitte observar-se toda a finura e bordados da camisa. A calça é justa, segundo a moda, mas um pouco mais larga emcima, que as outras.

A terceira representa um homem de cincoenta annos pouco mais ou menos.

Este costume simples, estofado e composto de tecidos confortaveis e novos, combina-se com a idade, e as dimensões corporaes de um homem que, sem tornar-se notavel por uma coquetterie fóra da sua posição, procura vestir-se de um modo singelo, grave e apropriado.

CHARADA.

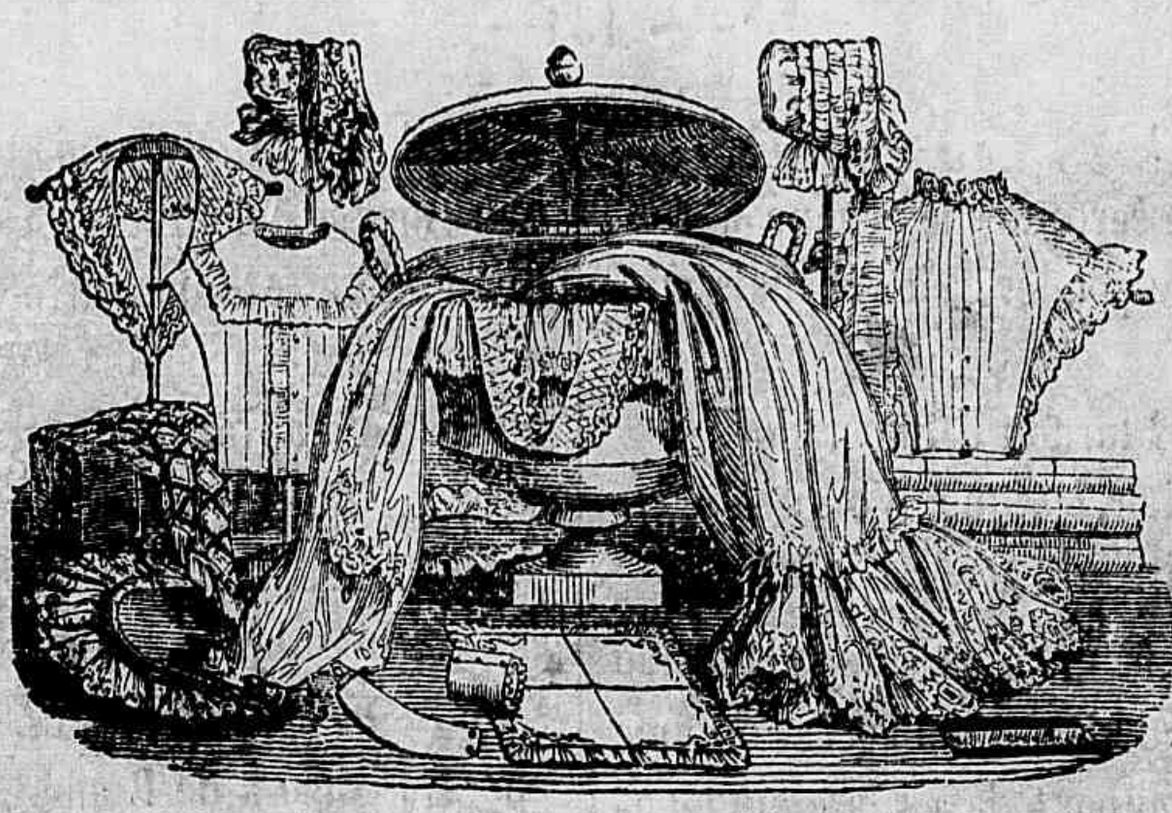
Em qualquer cadeira ou banca
Achar-me-has facilmente; 1
Symboliso amor e fé,
Mas fé, amor innocente. 2

Fui do mar habitante,
Hoje enfeito grão senhor:
As damas tambem me usão,
Dão-me todos grão valor.

A significação do Logogrypho do n.° 18 é: Patarata.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

O CONCERTO NA CORTE.

(Conclusão.)

II.

HAVIA um quarto de hora que se achava reunida a brilhante assembléa que devia assistir ao concerto das Tulherias. Ainda estava vasia a poltrona do Imperador; mas a Imperatriz já estava sentada á direita, rodeada da familia imperial. Ás nove horas precisas, annunciárão: « O Imperador! » E logo ouvirão-se passos rapidos na galeria. Napoleão entrou no salão, sentou-se sorrindo, e o concerto principiou.

Emquanto Kreutzer tocava um *concerto*, que devia ser seguido de variações para a trompa de Duvernoy sobre a aria: *Ou peut-on être mieux*, o Imperador parecia muito preoccupado; volvia a cabeça á direita e á esquerda, e trocava algumas palavras com o gran-marechal, que estava em pé atrás delle. Tinha recebido das mãos de um camarista o programma de G...., esse programma em que faltava o nome da aria que devia ser cantada por Garat. O Imperador estava impaciente do que elle podia considerar como uma negligencia. Fazia procurar o secretario; mas ninguem, senão Garat, sabia o que delle era feito.

Era entretanto chegada a vez de Garat. Foi geral a sorpresa quando o virão apparecer, depois de alguns minutos de intervallo, trazendo pela mão uma joven de belleza ingenua e timida, cujas feições encantadoras offerecião uma mescla de graça e de innocencia que prevenio todo o mundo em seu favor. Esta circumstancia fez crescer a curiosidade de saber-se o seu nome, e, á vista da lacuna que apresentava o programma, cada qual perguntava ao seu vizinho quem era aquella linda cantora. Não era uma artista, pois que ninguem a tinha visto em parte alguma. Quem a conhecia? donde vinha ella? era estrangeira?.... O mesmo Imperador estava bastante enredado. Por um momento julgou elle que tinha na sua presença a senhora Catalani; porém a joven era loura.

Todo o mundo se agitava. Só o gran-marechal, com semblante ao mesmo tempo inquieto e recolhido, parecia absorto na audição de uma aria do *Orfeo*, de Gluck, que Garat cantava nesse momento com uma voz que fazia honra ás recommendações e aos desvelos inquietos de G... Logo que elle terminou esta aria, Napoleão, sem dar grandes mostras de approvação, voltou-se rapidamente para o gran-marechal e lhe disse em tom breve:

— Conheceis aquella menina?

— Senhor.... disse Duroc com embaraço.

— Como se chama ?

— Senhor.... póde ser que me engane a memoria, tornou este a responder cada vez mais embaraçado.

— Como se chama ? tornou o Imperador.

— Pois bem, senhor, já que Vossa Magestade quer saber, é a filha do general H***.

Napoleão empallideceu, seus olhos lançárão relampagos. Passando de bocca em bocca, o nome de Eugenia H*** gyrou por toda a sala e augmentou o interesse que os ouvintes tinhão experimentado logo desde o principio. A menina adiantou-se para o piano, sustentando-se apenas. Todos os corações se apertárão, todo o mundo partilhava da sua emoção ; e quando ella principiou, levantou-se um susurro de approvação, apezar da etiqueta, tamanho era o mister que se sentia de animar a pobre menina. Quem sabe ! talvez o proprio Imperador ficou satisfeito, sem conceber porque, de a ver superar seu susto.

Ella tinha escolhido o romance de Garat : *Vous qui savez ce que j'endure !* Sua voz, tremula a principio, não tardou a tomar a expressão enternecedora de uma supplica ; a musica era maviosa, a cantora bella e afflicta : o temor e a compaixão fallavão em seu abano. Quando ella chegou á ultima copla, pôz involuntariamente as mãos, emquanto uma lagrima, verdadeira perola que veio reflectir os mil raios dos lustres, se lhe deslisou pelas pallidas faces. O seu enternecimento foi contagioso. Algumas damas disfarçárão sua emoção cobrindo a cara com seus leques ; o gran-marechal suffocava no seu lenço uma tosse obstinada ; o mesmo Imperador procurava debalde distrahir-se do seu enternecimento ; queria estar encolerisado, mas só encontrava misericordia na sua alma ; por isso deixou transluzir toda a impaciencia que resentia de uma sensibilidade de que se arguia interiormente.

Depois desta ultima copla, Napoleão chamou um camarista e lhe intimou a ordem de acompanhar M^lle. H*** á sua sege.

Neste momento adiantava-se Crescentini para cantar ; Napoleão, querendo atalhar toda supplica, tomou a attitude de attenção que elle prestava de boa mente ao seu cantor predilecto. Talvez contasse com elle para fazer diversão a este incidente ; ter-se-hia dito porém que tambem o Italiano se ligára para levar o Imperador á clemencia.

Nenhuma voz foi mais terna, mais expressiva e mais maviosa do que a de Crescentini. Desta vez tinha elle escolhido a invocação de Roméo, *Ombra adorada !* Os accentos desta voz tão apaixonada, que parecia animada do desejo de abrandar e persuadir, forão realmente vencedores. Ninguem procurou subtrahir-se ao poder irresistivel deste canto, que subjuga a alma apoderando-se de nossos sentidos os mais delicados. A voz de Crescentini chorava como a de Roméo, cuja alma lhe parecia suspensa aos labios.

Semelhante supplica devia fazer impressão em Napoleão.

Veio a senhora Catalani depois do seu compatriota. Ella, que devêra ter tido as honras do saráo, achou-se arremessada na sombra do quadro que fôra animado pelo episodio de M.^lle H***. Sua aria de bravura, a *Regina* de *Semiramis* dita pela cantatriz, não estavão em harmonia com a emoção que tinhão produzido os cantores precedentes. A senhora Catalani foi admirada, derão-se justos elogios á altivez do seu canto ; causou pasmo a prodigiosa flexibilidade deste orgão que desafiava os mais habeis instrumentistas e os deixava envergonhados de não a poderem igualar em precisão e rapidez. Entretanto ella foi ouvida sem outro interesse mais que o da curiosidade ; havia pressa de se conhecer o desfecho do pequeno drama que começára ao piano : procurava-se lêr no rosto do Imperador o resultado do que chamavão *a conspiração dos musicos !*

Logo depois do concerto, Napoleão adiantou-se para a cantatriz italiana e a congratulou por seu methodo e sua voz. O Imperador tinha de certo suas sympathias e suas antipathias em materia de arte ; porém era dotado de saber demasiado para deixar de conhecer mesmo o merecimento que não era do seu gosto, e nunca fez uma especulação politica dos estimulos que dava ás pessoas de talento. Depois de ter assim separado a causa da senhora Catalani da dos outros artistas, dirigindo-lhe suas felicitações particulares, Napoleão voltou-se para estes e lhes perguntou, com sua voz imperativa e breve, quem era que tinha trazido M.^lle H*** ás Tulherias?... Em todo o Imperio, quasi não havia senão os velhos soldados que tivessem a afouteza de lhe responder quando elle manifestava descontentamento. Garat, que aliás não tinha grande confiança em seu valimento na côrte, sentio des-

fallecer-lhe o animo e não teve força para se accusar. Crescentini, querendo valer ao seu collega, mostrou-se muito desazado; balbuciou algumas palavras inintelligiveis, córou, perdeu a transmontana e deixou todo o mundo persuadido de que era elle o culpado. O Imperador teve dó da sua perturbação.

Neste ensejo andava o gran-marechal rodando em torno do Imperador.

— Senhor.... aventurou-se a dizer.

Mas Napoleão atalhou-o logo.

— Nem uma palavra, Duroc! disse-lhe com tom breve; eu sei o que me quereis pedir, mas seria baldada toda e qualquer supplica.

E deu-lhe as costas, como querendo evitar a averiguação deste objecto e abster-se de uma clemencia que se lhe antolhava sem duvida como prejudicial; comtudo estava claro que elle fazia violencia á sua propria inclinação. Por isso ninguem ousou dizer uma palavra em beneficio da pobre Eugenia, cuja sorte parecia fixada.

Ao chegar á porta da galeria, o Imperador, que precedia a todo o mundo, deu um passo para trás, como ferido de um espectaculo a que não estava preparado. Aos pés da sentinella, um granadeiro condecorado a quem elle tinha feito um aceno de cabeça amigavel quando chegára, tinha uma joven mulher ajoelhada ante o Imperador, e o soldado, adiantando-lhe a arma quasi por cima da cabeça, parecia protegê-la. Logo ao primeiro aspecto, Napoleão reconheceu M.lle Eugenia H***.

— E elle tambem! disse olhando para o granadeiro.... Senhor, accrescentou dirigindo-se a um camarista, porque não foi esta menina levada á sua carruagem?

— Senhor, respondeu este, bastante inquieto das consequencias de sua compaixão, a menina insistia para ter a honra de ser apresentada a Vossa Magestade, e eu para executar as suas ordens, quando interveio este bravo soldado, pedindo-me que puzesse a menina junto delle; affirmando que o Imperador era bom de ver por todo o mundo, e que, se por acaso Vossa Magestade não ficasse contente da liberdade que elle tomava, havia de lhe perdoar, porque elle lhe *retribuiria isso* na primeira occasião. Durante este debate, senhor, appareceu Vossa Magestade.

— Como! velho bigode, diz o Imperador, tu te deixas enternecer pelas mulheres!....

Depois encaminhando-se para M.lle H***.

— Levantai-vos, menina, disse-lhe; fostes muito ousada, porém o fim desculpa o meio. Aprazo o vosso pai para o primeiro combate.

M.lle H *** beijou chorando a mão do Imperador, que a ajudou elle mesmo a levantar-se e a entregou cheia de felicidade nas mãos de um de seus ajudantes de ordens para que a acompanhasse á sua casa em uma carruagem da côrte.

Durante esta scena tinha o granadeiro permanecido immovel como uma estatua; ter-se-hia dito que elle não tomava o menor interesse no que se passava. Seus olhos estavão escondidos debaixo do pello da sua barretina, e o resto da sua cara debaixo de seus espessos bigodes. Napoleão voltou se de novo para elle e lhe disse com um sorriso de bom humor:

— Não quero tornar a ver-te mais aqui. Pedirás da minha parte as divisas de cabo de esquadra ao teu coronel.

G...., que não tinha ousado apparecer, julgou favoravel o momento para se apresentar; Napoleão não lhe deu o tempo de fallar.

— Ah! ah! sois vós, senhor! disse-lhe. O vosso concerto estava muito bom; mas para outra vez não procureis mostrar tanto engenho nos vossos programmas.

O secretario da musica ficou confundido: julgou-se decahido da graça e pensou que elle pagaria por todo o mundo: assim não foi, pois que Napoleão lhe conservou sempre a mesma benevolencia. Teria elle acaso querido fazer allusão á lacuna do programma ou a qualquer outra circumstancia? Foi o que G.... nunca pôde dilucidar.

Ao entrar nos seus aposentos, o Imperador disse áquelles que o rodeavão:

— Então! senhores, que vos parece a senhora Catalani?... Ella é bem *forte!* porém, crêde, Crescentini é sempre o musico do coração.

Quanto ao general H***, fez-se matar no campo de batalha.

AS PEROLAS E SUA PESCA.



S PEROLAS com que as mulheres se enfeitão, não sem muito prazer, tem uma origem singular: ellas provém de uma molestia muito grave, a que as ostras de certas partes do mundo estão sujeitas; molestia que causa a morte a estes mariscos, se não são pescados na época em que esta affecção, tendo soffrido todas as suas mudanças por espaço de sete annos, tem produzido o seu resultado, isto é, a perola.

Em muitos rios da Europa ha mariscos susceptiveis de produzir perolas; mas todas as que tomão o nome de perolas de Escossia, supposto que a maior parte sejão da França e da Russia, tem uma côr embaciada, que contrasta com o brilho das perolas extrahidas das ostras de Ceylão. É pois para esta ilha afortunada, que se dirigem os especuladores deste producto, e que ordinariamente são Francezes, Russos, Inglezes, Suecos e Norweguenses, e esta reunião de homens de tantas partes do mundo, que vem exercer a sua industria sobre uma costa arida é, sem duvida, um dos pontos mais curiosos da pesca das perolas.

O principal cuidado dos pescadores de perolas, cujo numero passa ás vezes de cento e cincoenta mil, é o de armar barracas neste territorio immenso, em que, antes da sua chegada, apenas se via uma pequena cabana pertencente ao proprietario da pesca, que, com mais acerto, deveria ser chamado juiz distribuidor, visto que por meio de uma adjudicação feita em proveito seu, pelo governo, é que elle dispõe da pesca, a seu arbitrio. Cede aos pescadores esta ou aquella parte do banco, que é marcada por boias; e quando a distribuição está concluida, começa então a pesca, que ordinariamente tem lugar no principio de Abril. A busca das ostras das perolas só póde effectuar-se quando o vento sopra de terra, e como os bancos, onde ellas se achão, distão quinze milhas da costa, é necessario que as lanchas sáião dali á meia noite, para chegarem ao romper o dia. Um tiro de peça dado de terra é o signal para começar a pesca, e então vê-se de todas as lanchas homens saltar ao mar (os mergulhadores), os quaes com uma pedra atada a um dos pés, formando uma especie de estribo para augmentar a rapidez da submersão, vão muitas vezes á profundidade de mais de sessenta pés, apanhar á pressa todas as ostras que podem encontrar; e quando já tem cheio dellas o sacco de rede, que levão atado na frente do corpo, largão a pedra ou estribo, e sobem á superficie do mar, para serem substituidos por outros mergulhadores, que não tardarão em render, alternando se successivamente; visto que a bordo de cada lancha não se deixa de trabalhar; se cada uma, supponhamos, tiver vinte homens, sómente seis estarão no fundo do mar; outros seis estão esperando para os substituir; quatro occupados a pôr em ordem as ostras pescadas, e os quatro ultimos encarregados da manobra. Perto das dez horas da manhãa, quando começa a soprar a viração (vento do mar), as lanchas dirigem-se para a praia, para se guardarem as ostras, que se depositão em viveiros a que chamão couttos, onde as ostras expostas ao sol se seccão, abrem e apodrecem, deixando ver no meio da sua substancia deteriorada esse pequeno corpo nacarado, luzente e polido que, dentro de poucos mezes, talvez se ache em cofre de alguma noiva.

Logo que as ostras chegão a este estado, deitão-se em gamellas de páo, e cobrem se de agua do mar, para se proceder á lavagem, cujo fim, como é facil de comprehender, é separar a perola das partes corruptas que a envolvem.

O trabalho da lavagem é feito de um só lado da gamella para que do outro se possa ver tudo o que aconteça. Esta vigia é posta em execução com a maior severidade que póde resultar do engodo do ganho. É sobretudo prohibido expressamente ás pessoas empregadas na lavagem, emquanto ella dura, levar as mãos á cara, afim de evitar que a pretexto de qualquer necessidade, se engula uma perola de grande valor.

É sem duvida, como eu ia dizendo, que as senhoras com excessivo prazer, e mesmo alguns homens, se enfeitão hoje com esses brilhantes pequenos productos, de que se tem tratado; mas é justo confessar que a paixão das perolas, assim como das pedras preciosas, está no nosso tempo muito longe de ser igual á dos tempos passados.

Eu vi, disse Plinio, não em uma ceremonia publica, em que de ordinario se ostenta todo o fausto da opulencia, mas em uma cêa de casamento muito ordinaria, Lollia Paulina (que de-

pois foi mulher de Caligula) toda coberta de esmeraldas e perolas. A testa, os cabellos, as orelhas, o pescoço, os braços e os dedos tinhão grande quantidade. Esta riqueza, que ella mostrava com vaidade, excedia o valor de quarenta milhões de sestercios, ou oito milhões de francos; porém não lhe tinha ella vindo da generosidade do Imperador, mas de seu avô Marco Lollio, que tinha saqueado as provincias.

Uma das perolas que tem sido admiradas no commercio e na historia é a que Cesar deu a Servilia, mãi de Junio Bruto, 59 annos antes da vinda de Jesus Christo; havia custado seis milhões de sestercios, ou um milhão e duzentos mil francos.

O desejo de possuir adereços por pouco dinheiro incitou algumas pessoas a imitar as perolas verdadeiras; e, a dizer a verdade, esta imitação tem tido muita sahida, e tanta, que só de Paris se exporta annualmente quasi meio milhão de francos deste genero; sendo de notar, e com admiração, que não poucas destas perolas falsas são importadas na ilha de Ceylão.

EDMOND AUDOUIT.



POESIA.

A NÁO CATHRINETA.

Lá vem a náo Cathrineta,
Que tem muito que contar!
Ouvide agóra, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia
Que ião na volta do mar,
Já não tinhão que comer,
Já não tinhão que manjar.

Deitárão sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não pudérão tragar.
Deitão sortes á ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.

— Sobe, sobe, marujinho,
Áquelle mastro real,
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.
— Não vejo terras d'Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.
— Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real!

Olha se enxergas Hespanha,
Areias de Portugal.
— Alviçaras, capitão,
Meu capital-general!
Já vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.
—Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as déra abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei de casar.
— A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.
— Dar-te-hei tanto dinheiro
Que o não possas contar.

— Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.
— Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro igual.

— Guardai o vosso cavallo,
Que vos custou a ensinar.
— Dar-te-hei a náo Cathrineta,
Para nella navegar,
— Não quero a náo Cathrineta,
Que a não sei governar.
— Que queres tu, meu gageiro,
Que alviçaras te hei de dar?
— Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar.
— Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deos;
O corpo dou eu ao mar.

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixou afogar.
Deu um estouro o demonio,
Acalmárão vento e mar;
E á noite a náo Cathrineta
Estava em terra a varar.

GARRETT, *Romanceiro.*

CAÇA DOS ELEPHANTES.

O ELEPHANTE, esse magnifico quadrupede, o maior e o mais forte de todos os animaes, tem na Asia o mesmo prestimo, que o camello tem na Africa, o cavallo na Europa meridional, e o Lhama no Perú. A força do elephante é extraordinaria; pode carregar o peso de oitenta arrobas e mais, e por este motivo é elle muito util na India, principalmente á nação ingleza, que o emprega no transporte da artilharia por caminhos, em que cinco parelhas de cavallos não farião mover uma peça.

Desde remotos tempos, são os elephantes na India empregados em serviço. Os antigos se utilisavão delles na guerra, fazendo-os levar sobre as costas pequenas torres de madeira, dentro das quaes muitos combatentes, arrostando sem risco as armas do inimigo, dali lhe atiravão um chuveiro de dardos. Em tempos mais modernos, os senhores da India e da Persia se servem delles como de carruagem, mandando-lhes pôr sobre as costas barracas largas do feitio de pavilhão, onde se acommodão muitas pessoas assentadas, ou em pé. Estes principes são sempre seguidos de grande numero de escravos transportados tambem por elephantes carregados de frutas, mantimentos e utensilios de cozinha, de que se servem no primeiro pouso.

Os reis e principes do Indostão fazião em outro tempo consistir o luxo da sua côrte no grande numero de elephantes, que possuião, fazendo com elles grandes despezas.

É sem duvida para admirar o atrevimento do homem quando se reflecte, que elle subjuga um animal tão forte e tão corpulento como o elephante, que poderia despedaça-lo em um momento. Verdade é, que se o homem não tem a força physica que constitue o poder do elephante, e de alguns animaes ferozes, tem a intelligencia, que Deos por sua bondade lhe deu, e que é sem contestação, uma arma mil vezes mais temivel que a força colossal desses crueis dominadores dos bosques: a intelligencia! Não ha cousa que possa resistir-lhe, com mão de ferro, por meio de suas leis, ella sugeita o mundo!

Os naturaes da ilha de Ceylão, para caçar os elephantes servem-se de meios muito differentes daquelles que empregão os habitantes da peninsula. Alguns mezes antes de começar a caça, fazem um cerco no meio de um vasto terreno, que escolhem no centro de um bosque de coqueiros junto a um pantano. Enterrão-se ali tres grossos mourões, que se ligão com cordas, nas quaes se entranção ramos das arvores visinhas, cobrindo-se tudo de novos ramos e folhas. Fazem-se veredas estreitas e sinuosas guarnecidas de palisadas, que vão dar ao cercado, para que os elephantes se dirijão por ellas ao cercado onde devem perder a sua liberdade. Além destas veredas, fazem-se outras mais estreitas para uso dos caçadores, afim de poderem approximar-se do animal, ou retirar-se sem perigo.

Não havendo regularidade na divisão desta especie de coutada, em qualquer ponto se abre um caminho largo para a sahida dos elephantes, á proporção que se vão caçando.

A construcção desta tapada, que deve ser extensa, leva muito tempo; porém quando está concluida, convida-se grande numero de homens, mulheres e rapazes; da-se-lhes instrumentos capazes de fazer grande estrepido, e se dividem em bandos para entrarem no bosque destinado á caça,

por differentes partes, e fazer fugir diante de si os elephantes espantados de tão grande motim.

É necessario advertir que dias antes de começar a caça, collocão-se homens como de sentinella, nas margens dos rios, lagos e pantanos afim de assustar os elephantes e impedir que elles matem a sêde; ao mesmo tempo os caçadores mettidos no bosque, não lhes deixão um momento de socego. Ao começar a caça, aturdidos pelo estrondo infernal de que se sentem rodeados, e da gritaria que ouvem, excepto pelo lado da tapada, que pelo seu socego parece offerecer-lhes asylo seguro, para ali se dirigem com a esperança de matar a sêde que os aperta; de cada vez mais acossados pela multidão. Quando chegão perto do cercado ficão surprendidos e assustados não podendo comprehender como tal mudança se effeituou naquella parte do bosque, começando a receiar a perda de sua liberdade á vista dessas palissadas e veredas estreitas em que apenas poderão mover-se. O terror e a consternação se apodérão então desses pobres animaes, que não podem retroceder nem parar; e perseguidos de perto, contra sua vontade, seguem pelas veredas até o centro do recinto da tapada em que hão de ser subjugados.

Logo que ali se achão, trata-se de obstruir todas as referidas veredas, á excepção daquellas pertencentes aos caçadores, tendo-se antes disso a precaução de fazer entrar na tapada alguns elephantes mansos que se tornão indispensaveis para sugeitar os outros.

Os caçadores empregão mil estragemas para separar os elephantes bravos, e conseguir que vão entrando um a um nas pequenas divisões a proposito formadas nas tapadas; conseguindo isto, lanção-lhes cordas ao pescoço, e ás pernas, sendo esta a occasião em que os mansos se tornão necessarios para os socegar.

Os caçadores logo que se apodérão de um elephante, o fazem sahir pelo caminho largo e o amarrão a uma grossa arvore, até ficarem todos seguros.

Muitos delles se enfurecem; porém os mansos tratão de os socegar castigando-os com a tromba, e não os largando emquanto não estão completamente resignados. Muitas vezes se oppoem a que elles offendão os guardas.

Tal é, amaveis leitoras, a maneira de subjugar esses poderosos habitantes dos bosques, que causão terror a grande numero de animaes.

COMPOSIÇÃO DE PERFUMES.

Ha perfumes cujo uso está muito introduzido, e que se podem preparar em casa sem o auxilio da arte, e com pequena despeza. Do numero destes são as pastilhas, os saquinhos aromaticos, e os perfumadores cujas receitas abaixo seguem.

I.

Pastilhas.

Beijoim em lagrimas. meia onça.
Estoraque calamite . uma oitava.
Balsamo do Perú . . oitava e meia, e 18 grãos.
Cascarrilha . . . . . uma oitava.
Cravo da India. . . meia oitava.
Carvão em pó. . . . uma onça e 2 oitavas.
Nitrato de potassa . . uma oitava.
Reduz se tudo a pó fino e ajunta-se-lhe
Tintura de ambar-gris . . . . . meia oitava.

Faz-se massa, e della se formão pastilhas pyramidaes de um tamanho regular. Deixão-se seccar, e depois se faz uso dellas chegando-as a uma luz, e collocando-as em qualquer parte sobre uma moeda para não queimar a madeira. Ardem com lentidão e produzem um aroma muito agradavel.

II.

Saquinhos aromaticos.

Estes pequenos saccos são feitos de papel, linho fino ou seda, e se enchem de diversas substancias aromaticas segundo o gosto das pessoas. Servem geralmente para dar cheiro á roupa, ou aos moveis em que se collocarem. Muitas senhoras os trazem na cintura ou na algibeira. A composição seguinte produz um cheiro delicioso.

Lirio de Florença. . . . . 4 onças.
Calamo aromatico . . . . . 2 onças.
Sandalo côr de limão. . . . 4 oitavas.
Cravo da India. . . . . 2 oitavas.
Beijoim . . . . . 4 oitavas.
Bergamotas verdes desecca-das . . . . . uma.

Reduz se tudo a pó grosso e depois enchem-se os saquinhos.

Outra mais simples.

Rosas seccas á sombra. . . . oito onças.
Cravo da India } machucados. . . . . 4 oitavas.
Noz noscada } machucados. . . . . 4 oitavas.

O incenso, a myrrha, o ambar-gris, o estoraque, o macis, o sandalo amarello podem servir sós ou combinados para preparar os saquinhos.

MAXIMAS E PENSAMENTOS.

As nações, que abração a liberdade, não estando para isso ainda preparadas, fazem o mesmo que os selvagens com a polvora, que afinal os abrasa.

V. de Falloux.

A satisfação que interiormente se experimenta depois de se haver cumprido um nobre dever, é para a alma a mais digna recompensa que o mundo não lhe póde dar nem tirar.

Walter Scott.

Convém viver com os seus amigos pelo mesmo modo que se elles houvessem, algum tempo, de ser inimigos.

Thales.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

As modas, se não estacionárão completamente, offerecem pelo menos pouca variedade. Attenda-se comtudo a que fallamos em modas de senhoras; porque as dos homens, não temos hoje nada que fazer com ellas. Verdade seja que os dias tem estado bonitos e convidão para os passeios mais ou menos distantes nos suburbios da cidade. Porque dentro della quem se animará a passear? Sim, é para o campo que nós continuamos a convidar as nossas amaveis leitoras, é para o campo, apezar dos bailes, das soirées, dos theatros, dos circos, e de todos os divertimentos da capital. Firmes neste proposito é que lhes offerecemos, na nossa presente gravura, dous figurinos, ou mises de passeio.

É um doce e alegre viver o viver dos campos! Quando os dias são limpidos, as madrugadas serenas e as noites deliciosas; quando as arvores, cobertas de verdejantes folhagens, vergão ao peso das fructas que todos os dias um raio de sol fecunda, como é delicioso vagar, perder-se, doudejar entre as flôres, como as borboletas, como os zephiros, como os espiritos aereos, que volteião no ambiente perfumado! Pois para gozar este espectaculo da natureza é tambem preciso seguir os preceitos da arte, *s'habiller comme il faut*. Por isso na seguinte descripção se verá quanto attendemos para apresentar ás nossas bellas os modelos de que podem carecer.

A primeira, ou, para melhor dizer, ambas as jovens que retrata a nossa gravura, achão-se vestidas para passeio de manhãa. A que se acha á esquerda do leitor usa um chapéo de tafetá branco, ornado de rosas d'estio, de flôres e branda folhagem, vestido afogado, corpo amazona á italiana, com abinhas, enfeitado de bordados á grega de velludo preto, mangas progressivas, com adornos em relevo, tres babados tambem progressivos, e manguinhas em fórma de balão.

A outra *mise* traz um vestido de seda escosseza, chapéo de crepe, véo de musselina clara bordado, á Raphael; mantelette de tafetás, ombella de musselina bordada sobre taffetás branco.

CHARADA.

Encontro franca entrada em terno peito
Que sente gemer afflicta a humanidade: 1
Aos filhos da natura, e da razão
Compete o nome meu de propriedade. 2

CONCEITO.

Oh! si podessem os filhos da natura
Nunca imitar-me no correr da vida!
Não fôra a morte ás vezes desejada
Fôra a existencia mais apetecida.

A significação da Charada do n.° 19 é: PEROLA.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

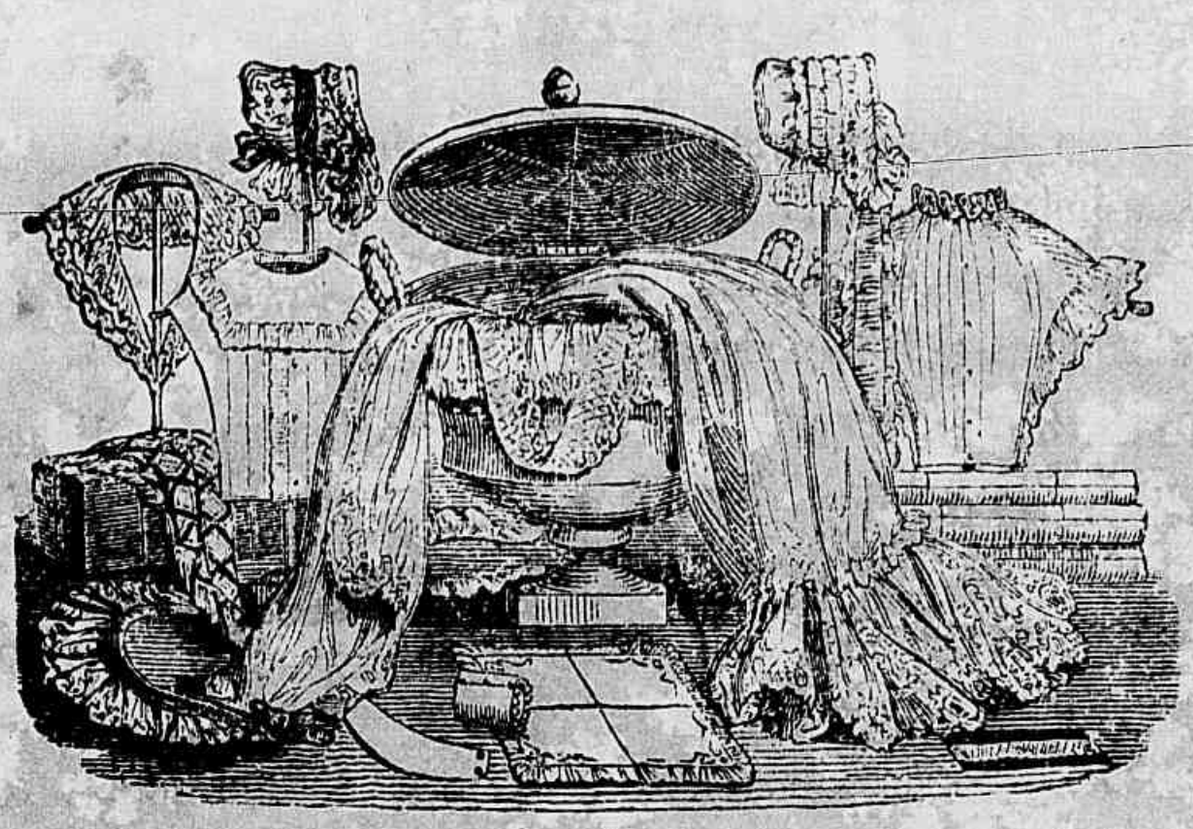


Louis Couloure

1686

59
70

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

A TABOLAGEM (*), OU O JOGO DA BANCA.

EPISODIO.

PYRMONT (**), durante o anno de 184.., era mais que nunca atulhada pela concurrencia dos visitadores estrangeiros que tem dinheiro e tempo a perder. Foi um anno de excellente safra para os especuladores de todo o genero que buscão a sua fortuna á custa das algibeiras alheias. Os banqueiros de jogos de azar, para melhor attrahir os novos passaros que contavão depennar, tinhão posto em descoberto as suas melhores baterias, e os pannos verdes se aturdião de todas as immensas rumas de ducados, que se acastellavão á claridade das vélas, para tentar a cubiça dos barões de todos os paizes.

A estação dos banhos dá todos os annos uma grande actividade ás casas de jogo, e um poder attractivo verdadeiramente irresistivel. Observão-se nellas pessoas que não tinhão em todo o anno tocado em uma carta, e que passão lá noites e dias á róda das mesas, como pontos jubilados. O bom tom exige, além disso, que as pessoas de cutiliquê saibão perder todas as noites, com franqueza, algumas moedas de ouro.

Comtudo, esse encanto irresistivel e essa moda não tinhão podido seduzir um joven fidalgo allemão, a quem daremos o nome de Siegfried. Em vez de seguir o exemplo geral, o nosso barão preferia os longos passeios da tarde pelos pittorescos sitios do paiz; mais frequentemente se conservava fechado no seu quarto, occupando a melancolia do seu ocio com leituras ou meditações de que seria bem difficil aos mais finos penetrar o segredo.

O nosso heróe era joven, elegante, bem feito, rico e de nobre origem, como geralmente o são quasi todos os heróes de romance. Contavão-se a seu respeito mil aventuras galantes de que elle tinha sahido com todas as honras da victoria; e as pessoas antigas que o tinhão visto nascer se não cansavão de repetir, entre outras, a historieta seguinte.

Siegfried, antes da idade em que a lei lhe concedia a livre administração de seus bens, se tinha visto n'outro tempo a viajar por montes e por valles, como um verdadeiro filho-familias, mas em tal penuria de fundos, que para pagar uma conta de estalagem, forçoso lhe foi fazer venda de um relogio de ouro, guarnecido de pedras de um

(*) Esta palavra não restringe a sua significação aos jogos de tabolas ou de taboleiro, como dizem os diccionarios, mas tem um sentido geral. Veja-se Ord. do L. 5.º, tit. 82, epigraphe e § 4.º

(**) Lugar celebre por suas caldas na Allemanha.

grande valor. Mas, em vez de ter que tratar por essa occasião com algum judeu avarento e ladrão, encontrou um fidalgo moço, que, desejando, havia muito, adquirir um relogio em tudo semelhante, lhe comprou o seu sem regatear. Um anno depois, Siegfried, lendo n'um jornal o annuncio da rifa de um relogio, tomou um bilhete e ganhou. Esse relogio era o delle, sem tirar nem pôr. Algum tempo mais tarde, trocou-o por um annel de preço, de que se tinha agradado. Passado ainda mais tempo, entrou como secretario intimo, ao serviço do principe de G..., e a primeira gratificação que S. A. lhe deu, foi de novo o seu mesmo relogio, ornado de pedras finas, e acompanhado, por esta vez, de uma corrente de ouro, que bem podia duplicar-lhe o valor.

Não sei como aconteceu que, ao contar esta anecdota, se viesse a fallar do pronunciado desgosto que tinha Siegfried por todos os jogos de azar; e os palradores concluião dahi que o elegante fidalgo era avarento no ultimo ponto.

Havia nessa calumnia motivo para picar ao vivo o seu amor proprio. Assim, para desmentir de um modo esplendido aos maldizentes, entrou um dia na casa de tabolagem do banqueiro, decidido a jogar e a perder todo o seu dinheiro. Mas a fortuna estava do seu lado, e com tal capricho o protegeu, que, apezar da imprudencia e nenhum calculo das paradas, todas as vezes ganhava quantias consideraveis, e, a cada ganho que fazia, grande era a sorpresa dos parceiros ao verem o despeito que parecia agita-lo de não poder achar falha na sua propria sorte. Resultou dahi que todos os que o tinhão proclamado avaro, concordárão em que era doudo varrido. A persistencia inexplicavel da sua fortuna ao jogo primeiro lhe insinuou o habito delle, e depois a paixão. Tornou-se, dentro em pouco, jogador desesperado.

Uma noite, quando o banqueiro acabava uma talha, Siegfried, levantando os olhos, vio defronte de si um homem de idade madura que fitava sobre elle um olhar frio e serio; a impressão desse olhar se tornava mais forte todas as vezes que o nosso heróe deixava de seguir o jogo; sempre os olhos do estranho tinhão a mesma direcção, fouveiros, penetrantes como um agudo estylete.

Esta notavel personagem não deixou o seu lugar para sahir da sala de jogo, senão depois que todo ouro empenhado tivesse desapparecido de sobre o panno verde da mesa.

No dia seguinte tornou a sentar-se no mesmo lugar, e fitou sobre Siegfried os mesmos olhares. Era uma fascinação diabolica, de que o joven fidalgo não podia mais livrar-se. Por fim, cansado dessa obsessão, elle se levantou e lhe disse: «Senhor, peço-lhe que escolha outro lugar, ou que não continue a olhar para mim, porque me perturba o meu jogo.» O desconhecido sorrio tristemente, fez uma cortezia a Siegfried, e sahio da sala, sem responder.

Mas na noite seguinte, Siegfried o vio defronte de si na mesma attitude que de ordinario tomava; desta vez os seus olhos tinhão ainda alguma coisa de mais incisivo.

Siegfried sentio subir-lhe a côr ao rosto. Essa persistencia de um homem que elle não conhecia, e com o qual nenhum desejo tinha de ligar relações, pareceu-lhe injuriosa. «Senhor,» lhe disse elle em um tom que podia ser ouvido por todos, « se lhe convém o olhar desse modo para mim, acontece-me o contrario, e não posso continua-lo a soffrer.... »

E dizendo isto, com um gesto imperativo, mostrou a porta da sala, como para intimar ao seu inimigo incognito a ordem de sahir.

O estranho sorrio-se, como da primeira vez, fez uma cortezia e retirou-se.

A excitação produzida pelo jogo e pelo ganho, junto com algumas libações estimulantes, causavão a Siegfried uma longa vigilia. Para o romper do dia, como elle se agitasse sobre o leito sem poder achar descanso, pareceu-lhe que via repentinamente apparecer diante delle o seu mysterioso desconhecido. Era o mesmo rosto cavado pelos desgostos; era o mesmo olhar profundo e devorador. O seu pobre traje dava comtudo a conhecer um homem de distincção, para quem tivessem luzido dias mais felizes; e Siegfried lembrava-se com sentimento de o haver tratado por maneira tão pouco cavalheiresca. Depois de reflectir, veio a persuadir-se que a expressão da physionomia daquelle estranho indicava as angustias de uma occulta miseria, ainda mais augmentada pelo aspecto de um homem já rico, e que a fortuna caprichava em sobrecarregar de ouro á roda de um panno verde. Resolveu portanto ir ter com elle, desculpar-se cordialmente do seu arrebatamento, e offerecer-lhe os seus serviços com toda a delicadeza possivel.

O acaso determinou que a primeira pessoa encontrada por Siegfried, ao dia seguinte, no passeio dos banhistas, fosse exactamente o estrangeiro.

— «Senhor,» lhe disse elle, «eu fui estes dias precipitado e falto de polidez para comvosco. Eu vos peço que aceiteis as minhas escusas.» O estranho respondeu que Siegfried lhe não devia reparação alguma, e que os aggravos, se os tinhão havido, erão da sua parte.

O barão Siegfried, picado ao jogo pela fria reserva do seu interlocutor, quiz sondar-lhe o animo, e pôz-se a discorrer sobre certos embaraços da vida que tornão o caracter difficil, e fazem com que muitas vezes involuntariamente se esqueção certas etiquetas da boa sociedade. Elle tratou de fazer comprehender ao estrangeiro, com todo o geito necessario em taes occasiões, que se daria por feliz de offerecer ao seu serviço a somma que tinha ganho, se a sua fortuna ao jogo pudesse transmittir-se.

— «Senhor,» respondeu o estranho, «vós me tomais por um pobre diabo, e vos mostrais generoso; mas eu me não acho ainda destituido inteiramente de recursos, e tenho tão poucas exigencias, que me é facil o satisfazê-las com pequena despeza. Assim, se julgais haver-me offendido, não é com dinheiro que poderieis reparar o enfado que me tivesseis causado.»

«Parece-me entender-vos,» replicou o barão sem se perturbar, «e estou ás vossas ordens para toda e qualquer satisfação que vos agrade exigir.»

— «Meu Deos! meu caro senhor,» as consequencias de um duello não serião as mesmas entre nós. O duello, além disso, não me parece em geral mais que um jogo bem corriqueiro, em que as crianças se ferem. Mas ha circumstancias na vida em que a terra se torna acanhada em demasia para dous homens, e em que um desses homens, ainda que vivesse sobre o Caucaso, e o outro a bordo do Tibre, um delles deveria riscar-se do numero dos vivos, para que o outro pudesse francamente respirar. Nesses casos, bem raros, o duello, mas um duello sem compaixão, póde tornar-se util, indispensavel. Quanto a nós, eu não julgo que estejamos reduzidos a esse extremo.

Um combate singular seria uma loucura. Se eu vos matasse, cortaria talvez dias ricos de esperança e de futuro; se eu succumbisse, vós terieis atalhado uma existencia das mais deploraveis. Vós vêdes bem que as vantagens não serião nunca identicas. Demais, para concluir, eu não me tenho por offendido. Vós pedistes-me que sahisse, e.... eu satisfiz a esse desejo.... eis o caso por extenso!!

O tom do estrangeiro, ao dizer estas palavras, delatava, apezar de todo o disfarce, um sentimento intimo, contra o qual elle se esforçava por lutar. Siegfried renovou com maior effusão os seus córdiaes protestos, desculpando toda a sua precipitação pelo effeito penivel com que o tinha impressionado o olhar tão melancolico do desconhecido.

— «Possa pois esse olhar, exclamou o velho, ficar para sempre gravado na vossa memoria, para vos preservar dos perigos que cavão um abysmo no vosso futuro. Desconfiai da fortuna do jogo, emquanto é tempo de escapar á fascinação que elle já exerce sobre vós, porque em menos espaço do que podeis acreditar, eu já antecipadamente vos estou vendo arruinado e com a honra perdida!...»

O barão não pôde abster-se de repellir bem para longe essa fatal ameaça; tudo quanto elle queria perder não excedia a duzentas moedas de ouro, e a sua insistencia em jogar só provinha do capricho formal que tinha feito de triumphar da sua propria felicidade ao jogo, de que se enfadava muito além de toda a expressão.

— «Ah!» exclamou o estranho, «é absolutamente essa maldita felicidade quem vos conduz á vossa perda. O interesse de curiosidade que vós nella tomais se mudará em delirio de cubiça, em furia de apostar, logo que pela primeira vez vos succeder que o rádo do banqueiro faça desapparecer a vossa parada, ou que esta entre na algibeira dos vossos vizinhos. A vossa maneira de estar e de proceder na sala de jogo me fez lembrar, estes dias passados, a desastrada sorte de um outro joven que deu nessa funesta carreira, debaixo dos mesmos auspicios que vós. Eis porque, meu caro senhor, eu vos contemplava outro dia com uns olhos fixos e incisivos: eu me recordava, com profunda mágoa, de uma vida acabrunhada na sua flôr pela mais atroz paixão que jámais assolou o coração de um homem. Attendei, pois que temos adquirido relações, e permitti-me que vos conte essa historia, não para vos dar uma lição, mas um conselho de amigo, corroborado com um exemplo.»

Assentou-se então sobre um banco de pedra, á sombra dos olmeiros que bordavão a estrada, o

barão Siegfried tomou lugar a seu lado, e eis o que lhe foi contado:

— « O cavalheiro Ménars possuía, como vós, barão, as qualidades mais nobres do coração e do espirito. A natureza, tendo-o disposto para acertar, o havia só tratado menos liberalmente pelo lado da fortuna. O seu estar se avizinhava ao aperto, e só á força de rigorosa economia chegava a preencher as exigencias da sua posição. Mas se lhe erão vedadas as distracções do jogo, ao menos achava-se abrigado das intemperies dessa perigosa paixão. Vivendo assim, sem sacrificios e sem ostentação, elle poderia passar por um homem quasi feliz.

«Certa noite, alguns amigos conseguirão arrasta-lo a uma casa de jogo. Travou-se a partida debaixo dos seus olhos, mas elle lhe observou os vaivens com uma impassibilidade que teria feito honra ao deos Têrmo: olhava, sem pestanejar, para as pilhas de ducados que gyravão pela mesa e depois desapparecião, levadas pelo rádo implacavel do banqueiro.

— « Bofé, » exclamou de repente um velho coronel, « eis o cavalheiro de Ménars, homem feliz, se jámais o houve. Se elle quizesse fazer me o favor de jogar por mim, eu faria n'um instante saltar a banca.» « O cavalheiro fez o que pôde, mas em vão, para se escusar, e forçoso lhe foi ceder aos votos do coronel, e tomar lugar diante do panno verde. Uma sorte ineffavel lhe guiou o jogo, de maneira que em pouco tempo ganhou para o coronel uma somma importante. Mas, em lugar de tomar gosto para si mesmo, nas emoções do jogo, elle sentia todos os dias augmentar-se a sua antipathia por esse divertimento; e desde o seguinte dia tomou a firme resolução de nunca mais pôr o pé em nenhuma dessas cavernas. O coronel, que era sempre infeliz, empregou inuteis esforços para o empenhar a que voltasse e assistisse de novo: e foi preciso para terminar a porfia desse enraivado jogador, que o cavalheiro Ménars declarasse que antes queria ter mil duellos do que tornar a tocar em uma só carta em toda a sua vida.

(Continúa.)



POESIA.

ABD-EL-KADER, O ULTIMO CAVALLEIRO ARABE.

(FRAGMENTO D'UMA SCENA INEDITA.)

Abd-el-Kader.

. . . . . .

Do infiel os frouxos hymnos
Neste ouvido morrer vem,
Como os cantos femininos
Das molles noites do Harem:
Nem de glorias, nem de amores
Sonha sequer os ardores!
Não lhe accende o coração
Este sol; que, se elle inflamma,
Faz cada lingua uma chamma,
Faz cada peito um volcão!

De amor fallei!... Tal fraqueza
Vence o guerreiro de Islam!
Foge á perfida belleza:
Vê na mulher uma irmã.
Sente amor? No amor impera!
Almas, que o ferro tempera,
Podem quebrar, não ceder:
Não aceitão jugo ou laço,
Querem livres ter o braço,
E livres querem morrer.

Emquanto a lei odiada
Reger em terras de Agar,
Não tem o Arabe morada,
Nem chão, nem tribu, nem lar!
Traça a longa carabina;
E, largando na campina
O corcel, que ardendo está,
Tem sempre, erguido ou por terra,
Na mente um só voto: a guerra!
Na bocca um só nome: Allah!

Á guerra sancta, Kabilas!
Cavalleiros de El-Mondhir,
Apertai as vossas filas,
Que vos chama a voz do Emir!
Eia, á guerra, em campo aberto!
Surjão, do fundo deserto,
Esquadrões sobre esquadrões,
Qual, nas areias da plaga,
Sobre uma vaga outra vaga
Rompe em alvos turbilhões!

O rude facho que ondèas,
Azrael, vai-lhes lançar;
Cinge do Franko ás ameias
De flammas rubro cocar.
Cidade sobre cidade
Prostre o incendio sem piedade.
E este céo, em que vou ler
Meu fatal, sangrento rumo,
Tenha, por nuvens. o fumo
Dos seus castellos a arder!

Em terra olivêdo e palmas!
Minemos os seus covís!
Vão cahir as negras almas
Nas azas negras d'Eblís!
O solo os vomite aos ares!
Devolva-os o céo aos mares!
Por campa as vagas! Depois,
Só se apague, nestes lutos,
A chamma dos seus reductos
No sangue dos seus heróes.

. . . . . .

(Abraçado ao seu estandarte.)

Ei-lo ainda aos céos erguido
O signal da nossa fé,
Errante e sempre temido,
Proscripto e sempre de pé.
Nesta sagrada bandeira,
Nossa esp'rança derradeira,
Ninguem mais ouse pôr mão,
E, se eu cahir na batalha,
Sirvão-me inda de mortalha
As dobras do meu pendão!

Já dominaste potente,
Velho inimigo da Cruz,
Desde as orlas do Oriente
Até aos fins do Andaluz!
De mil raças triumphante
Á tua sombra gigante
Já dormirão cem nações.
Se a procella se agitava,
Metade da Europa escrava
Tremia nos seus grilhões.

. . . . . .

MENDES LEAL, JUNIOR.

O ANJO DA MORTE E O ANJO DO SOMNO.

PARABOLA.

Em uma occasião se encontrárão sobre a terra o anjo da morte e o anjo do somno, de noite, e em uma collina. Estava tudo em silencio, ouvindo-se apenas o susurro das folhas agitadas por brando vento. Assim que o anjo do somno espalhou as suas dormideiras, todas as creaturas, desde o menino até o velho, tiverão um benefico descanso: o doente esqueceu-se do seu soffrimento; o pobre das angustias da miseria; o rico das preoccupações e cuidados da avareza; o criminoso mesmo se esqueceu por um momento dos seus remorsos. O bom genio do descanso contemplou com satisfação a natureza, em que o mais profundo socego tinha succedido á actividade do trabalho, e disse ao seu companheiro: « Logo que rompa a aurora, os homens me abençoarão como seu amigo e seu bemfeitor. Que prazer se sente quando se faz bem, sem que se saiba de que mão elle vem! assim, muito felizes somos nós, invisiveis mensageiros de Deos, em dar cumprimento á nossa missão de paz. »

O anjo da morte olhou com melancolia para o seu ditoso companheiro, e uma lagrima deslisou de seus olhos encovados e tristes, dizendo: « Por que razão não poderei eu regozijar-me, como vós, do reconhecimento dos mortaes? Elles me amaldiçoão, fazendo-me entregar á desesperação e ás lagrimas! — Meu irmão, respondeu o anjo do somno; não vos afflijaes, nós pouco differimos; só os máos vos temem; pois o homem que na terra fôr benefico não vos renderá graças quando, ao despertar, se ache em um mundo melhor, devendo-vos a troca de uma vida cheia de incommodos, de molestias e de pezares, por outra eternamente ditosa, acompanhada de prazeres sem limite? Os homens me querem bem, porque lhes faço esquecer por algumas horas as suas penas; mas vós os livrais dellas por toda a eternidade. »

Um pastor, que tinha adormecido á sombra das arvores, só ouvio estas ultimas palavras; começava o dia a declinar, e o cão, guarda vigilante do rebanho, veio adverti-lo de que erão horas de recolher-se á povoação.

KRUMMACHER.

CHRONICA DA QUINZENA.

Que se ha de fazer n'uma destas interminaveis noites de inverno? Indo buscar distrahir-se de um desses insupportaveis dias de semsaboria, que nos minão a existencia, quando não buscámos no mundo, nem o alimento da vaidade, nem os incentivos da gloria? Que recurso resta ao homem, que despreza as fatalidades da vida, para entregar-se ao grave e profundo estudo dos problemas que se agitão na sociedade? Eu conheço so um; é o commercio dos livros. Mas, mal de peccados, este negocio não é hoje um commercio licito. E' um contrabando, que se as leis não punem, em toda a sua plenitude, a sociedade despresa, escarnece e avilta. O homem de letras, como disse um grande poeta brasileiro, é como o christão nos tempos de Roma, coberto de opprobrio, vencido, esmagado.

Todo o parvo tem direito de lhe jogar um sarcasmo; todo o ignorante uma censura. A multidão investe-se da soberania absoluta, e os tolos professão o apostolado, que deve encaminhar as turbas, e arrastar as victimas ensanguentadas até á arena do supplicio. Eis a historia de todo o homem de talento, que entra no mundo, sem o escudo de um nome protector, sem mendigar ao charlatanismo a balôfa popularidade de uma gloria momentanea. Será este o meio de alimentar a chamma sagrada do engenho, que Deos accendeo no seio das almas predestinadas? Não. A maldade conhece a tactica da vida.

O saber, a illustração, o talento desenthronisão a estolidez, a inopia e a sandice. E' preciso que predomine o elemento da materia. O reino dos nescios dilata-se, porque o dos pobres de espirito fica sendo sempre o reino do céo.

Estava reservado á geração presente elaborar mais uma lei repressiva contra um grande crime moral: o talento. Hoje o seu codigo penal deve estar completo. Ao homem superior resta apenas a misanthropia de Rousseau, ou o desespero de Manfredo. Se fosse preciso documentar com factos o que acabo de dizer, bastaria lançar os olhos para esse paiz, que se ufanava de ser o foyer da civilisação, o pharol das nações, para a França actual, e depois della para uma grande parte da imprensa européa, contaminada já da mesma lepra. Bastaria isso para se conhecer quanto fundadas são as minhas asserções.

Agora perguntará o leitor impaciente:—mas que tem a Chronica da Quinzena com este longo curso de moral? Para que nos vens tu quebrar a paciencia com essas utopias esquentadas, a nós, que te pedimos as noticias dos divertimentos, dos bailes, das soirées e dos theatros? Eu já vos acudo com uma réplica a tempo.

Voltaire dizia um dia ao Dr. Tronchin estas espirituosas palavras em casa da celebre M.lle d'Epinay, que elle fôra visitar durante uma enfermidade:

« Votre malade est vraiment philosophe..... je voudrais être son disciple; mais le pli est pris... Qu'y faire? Ah! ma philosophe! c'est un aigle dans une cage de gaze... Si je n'étais pas mourant, (*acrescentava elle olhando para ella*) je vous aurais dit tout cela en vers. »

Pois eu respondo agora como o velho Voltaire: « si je n'étais pas *mourant*, » havia de fallar-vos de todas essas cousas agradaveis. Mas dous grandes motivos se me oppoem hoje a essa resolução: a escassez completa de assumpto nesta magra quinzena, e o estado de excitação nervosa em que fico todas as vezes que leio nas paginas de uma nova publicação um nome desconhecido, em que se revela uma segura vocação para as letras.

Eu me explico.

Ha poucos dias recebi eu das mãos de uma estimavel senhora um livro impresso no Rio de Janeiro, que tem por titulo SEGREDOS DA MINHA ALMA, poesias por *Carlos Augusto de Sá*. Li e reconheci que o autor tinha nascido com o fatal condão de poeta. Apezar de seus vôos indecisos, de seu voltear perplexo, de seus cantos muitas vezes desiguaes e monotonos, conhece-se que esta ave solitaria nascêra com azas para voar ao céo, para devassar como a aguia os dominios do infinito. Cahio-me o livro das mãos, porque sei que ha de pascer desconhecido, indifferente, senão zombado e escarnecido, como succede a muitos, como é sorte de quasi todos. Cahio-me o livro das mãos, porque sei que em vez de o animarem para que trabalhe, estude, hão de dizer-lhe: « Abandona o sacerdocio das letras, poupa as vigilias ao pensamento, e faze-te agiota, carnesecca, ou procura na sociedade qualquer outro meio lucrativo, porque a verdadeira ambição é o interesse, a verdadeira gloria o dinheiro! »

Eis o motivo por que dous sentimentos oppostos experimento todas as vezes que leio um nome desconhecido na frente de um livro novo. Agora podeis comprehender, minhas senhoras, a causa da minha excitação nervosa.

O livro do Sr. Sá não fica, apezar do que levamos dito, isento das nossas censuras. Pelo contrario, parece-me uma publicação immatura. Aconselhavamos-lhe antes que devia ter seguido um pouco mais á risca os preceitos de Horacio. Os fructos da intelligencia nunca perdem por sazo-

nados, mas muitas vezes sim por não estarem verdadeiramente amadurecidos: por não esperarem por aquelle resto de sol que os doura, e que lhes dá o perfume....

Quiz fallar n'um livro, e não fazer uma critica, por isso suspenderei aqui o meu juizo.

Esta Chronica, contra vontade minha, sahio toda moralisadora e litteraria. Mas não hei de remata-la sem vos contar ao menos um boato que ia fazer trajar de luto esta capital e seus suburbios. Quando sahio o paquete inglez para a Europa, espalhou-se pela cidade que Mme. Stoltz tinha feito ablativo de viagem. Esta noticia ganhou a velocidade de uma torrente electrica, cruzou do oeste a leste, do sul ao septentrião com a rapidez do raio. Tudo era consternação, desgosto, e as imaginações tinhão-se tornado tão negras como o crepe que se procurava para talhar os vestidos. Mas felizmente podeis tranquillisar-vos, amaveis leitoras; a celebre cantora ainda está no Rio de Janeiro, e costuma passear na risonha praia de Botafogo, onde a tem encontrado mais de uma vez o vosso chronista

D. Sallustio.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

NAS proximidades de ouvir cantar a tão desejada e tão afamada M.me Stoltz, julgamos que não será desagradavel ás nossas amabilissimas leitoras apresentarmos-lhes alguns modelos de toilettes para soirées e theatro.

São todos elles de tão bom gosto, preside á symetria dos adornos um tacto tão fino e tão delicado, que será difficil a escolha. Pelo menos para nós. Limitar-nos-hemos pois a descrever o melhor que em nossas fracas forças couber, o complexo das suas vestimentas, enfeites e adereços, se para tal pudermos prestar.

O primeiro toilette compõe-se de um vestido de velludo, corpo muito aberto á *poláca*, mangas progressivas, e sobmangas á *Maintenon*; camisinha (*guimpe*) de bordados enviusados e de entremeios de applicação d'Inglaterra; pequeno cabeção voltado. Penteado á *Rosine*, terminando em bico sobre a fronte, e a parte posterior coberto de uma especie de rede de fitas. Capoteira, ou *pardessus*, á Carlos VII, forrada d'arminhos.

A segunda, penteado em cabello, e bandós um pouco ondeados; o adorno da cabeça é formado de uma corôa de fitas de laços de veludo ou setim. Vestido decotado de crépe. Berthe de duas ordens, de ponto d'Alençon, preso por um lindo ramo feito de fitas do mesmo genero que os adornos do penteado, deliciosa creação da casa de Henrique Schreiber.

A terceira, vestido de taffetás escossez esmaltado, peitilho em fórma de coração, mangas curtas, e todo elle coberto de um canezou completo, de mangas progressivas.

A quarta. penteado com enfeites de renda preta, aberto posteriormente, collocados em tres ordens, com laços de fitas sobrepostos; vestido de damasco esmaltado, corpo subido pela parte de tráz, e muito aberto adiante, com bandas que vão progressivamente alargando, guarnecidas de uma franja; camisinha ricamente bordada, e sobmangas em fórma de balão.

LOGOGRYPHO.

I.

Ora vejão, que prodigio!...
Sómente de uma palavra,
Fazer-se tantas *quadrinhas*....
Como a *rima* agora lavra!!...

II.

Chamo a isto — *Logogrypho*,
(E não sei se com razão:)
Cabe agora aos *jubilados*
Mostrar-lhe a decifração.

III.

Entro em materia: — A primeira
Não passa de um appellido;
Por isso, não deve ser
Entre nós desconhecido.

IV.

A primeira e a segunda,
Procura na Santa Historia:
É nomezinho bonito,
E bem digno de memoria.

V.

A primeira e a terceira,
Demonstrão, e com verdade,
O nome de uma Rainha,
Já de bem remota idade.

VI.

Se dobrares a segunda,
Não terás cousa vulgar:
— A este respeito, creio
Não dever mais explicar.

VII.

Se fazes o mesmo á terceira,
Busca no velho ou menino:
Não é cousa de agradar,
Nem do que tem muito tino.

VIII.

Dobra a quarta; é elemento,
Em indigena linguagem:
— Muitos povos lhe rendião
Honra, preito e vassallagem.

IX.

Se a um superior ouvires
A quarta pronunciar,
Será bom não proseguir,
Sem o caso examinar.

X.

Se ligas a quinta á quarta,
É de certo a melhor parte
D'um liquido, d'um terreno,
Se preparados com arte.

XI.

Quarta e terceira designão
A *Tamoya* habitação:
(Talvez lhe désse outro nome
Igual povo, seu irmão).

XII.

A quarta, unida á segunda,
Serve a quem quer tudo exacto:
É nome muito vulgar
No commerciante trato.

XIII.

Procura fóra da barra
A segunda e a primeira;
Nos cartorios não a lembres,
Porqu'então terás canseira.

XIV.

Terceira, segunda e quarta,
Formão muito feio insecto,
Que é sempre detestado
Por seu cheiro tão infecto.

XV.

Segunda e quarta sómente,
Formão um certo *bichinho*,
Que, além da reproducção,
Não deixa de ser damninho.

XVI.

Terceira e quarta (não garanto),
Dizem ser talar vestido,
Ou qualquer outro malfeito,
A que dão este appellido.

XVII.

A primeira, quarta e quinta,
Se um — Z — lhe accrescentares,
É um *Ser* a quem costumão
Attribuir só azares.

XVIII.

Tod'esta *moxinifada*,
(Se tal nome póde dar-se,)
É da voz um instrumento;
Eu o digo, sem disfarce.

XIX.

Não o encontrarás na *musica*,
Posso affirmar, com razão;
Se o duvidares, pergunta
A qualquer bom capitão.

XX.

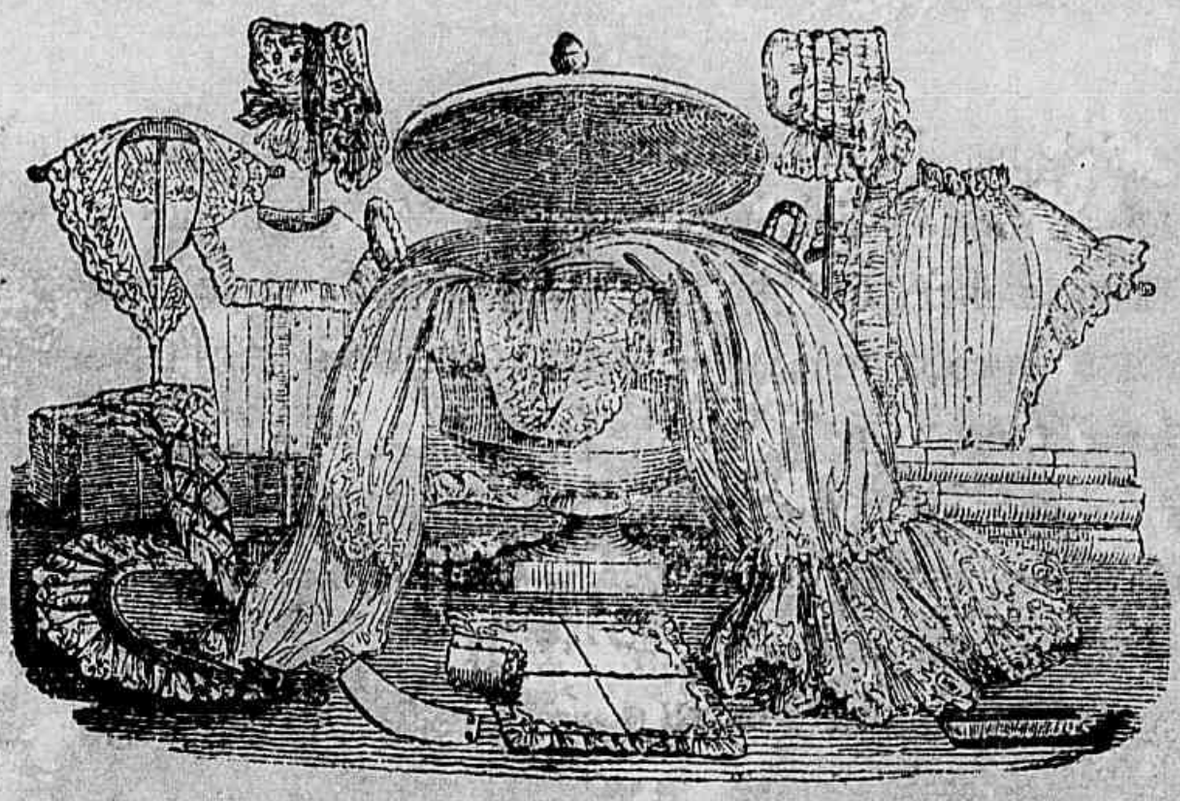
Mas, do que fôr atilado,
E a palavra decifrar,
O bom CORREIO DE MODAS
Ha de o nome publicar.

M. A. FERREIRA DA SILVA.

A significação da Charada do n.° 20 é:
DOENTE.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. PUBL. DA CORTE

A TABOLAGEM, OU O JOGO DA BANCA.

EPISODIO.

(Continuação.)

Á UM anno desse prazo, achando-se retardada a remessa da mesquinha somma que, bem ou mal, suppria as despezas do pobre Ménars, elle se vio reduzido a uma penuria das mais afflictivas, e, a despeito dos combates do seu amor proprio, foi compellido a ir tentear a bolsa de um amigo, que, ao menos nessa occasião, não hesitou em lhe prestar serviço, reprehendendo-o só, por não se approveitar dos recursos que a sua felicidade ao jogo lhe podia ministrar. Essa observação, feita de passagem, e n'um momento em que a pobreza o apertava tanto ácerca, fez scismar o cavalheiro Ménars, e todas as noites se lhe figurava ouvir, murmurando a seus ouvidos, as palavras sacramentaes, usadas nas casas de jogo, e especialmente no jogo da banca: era uma tentação diabolica. O bem procedido Ménars discorria comsigo mesmo: — « Uma só noite podia subtrahir-me,» dizia elle, « á miseria, e fazer a fortuna de toda a minha vida: em lugar de depender dos meus amigos, serei eu que algum dia possa prestar-lhes soccorro, e, além disso, tornar-me-hei considerado, respeitado, honrado!.... Para tudo isso, nada mais é preciso que abandonar-me ao destino, á sorte... »

O amigo de quem era devedor, e que o ouvia fallar dessa maneira, pegou-lhe pela palavra, e insinuou-lhe na algibeira vinte moedas de ouro para o levar á banca. Ménars jogou e ganhou mil moedas de ouro, sem estudo, sem combinação de cartas. Jogava a cabra céga com a fortuna, e ella mostrava a mais extrema complacencia em se deixar apanhar.

Quando o cavalheiro acordou em sua casa, depois dessa noite febril, a primeira cousa a que dirigio a vista, foi ás rumas de moedas dispostas em ordem sobre a donzella. Elle cuidou primeiro que sonhava, estendeu os braços para approximar mais a mesa; depois a sua mão affagou as encantadoras rumas, que brilhavão reluzentes aos primeiros raios do sol nascente. A impressão que nesse momento recebeu, decidio a sorte da sua vida. O veneno da cubiça lhe penetrou nas veias. Ménars para logo se tornou um jogador desenfreado, e esperava com mordicante impaciencia a hora que reabria todas as tardes os salões do jogo. A sorte lhe continuou fiel, e em poucas semanas adquirio sommas enormes. Desde então o cavalheiro não considerou mais pessoa

alguma digna de arriscar alguns ducados contra os seus montões de moedas de ouro. Foi-lhe preciso um theatro mais vasto, e abrio uma banca, que se tornou dentro em pouco a mais rica de París. Os jogadores lhe affluião, e a fortuna de Ménars ahi fundou domicilio. Mas a vida estragada do jogador arruinava de dia a dia a alma e o coração ao pobre homem. Nada mais do cavalheiro nelle se tinha conservado; era apenas o emparelhão de uma sordida avareza.

Uma noite succedeu que a fortuna lhe começasse a dar volta. Um pequeno velho descarnado, mal vestido, approximou-se da mesa, e lançou com timidez, sobre uma carta, uma velha moeda de ouro mui safada. Perdeu, renovou a parada e perdeu ainda: isto durou assim algum tempo, até que o velho, que, apezar das suas perdas, dobrava sempre as paradas, acabou por perder de uma só vez quinhentas moedas de ouro. — « Viva Deos! » exclamou um dos jogadores; « continue sempre assim, porque, a jogo tão bem feito, se lhe occorre a mais ligeira aragem, ha de infallivelmente levar a banca á gloria! »

O velho lançou um olhar fouveiro ao homem que lhe assim fallava; depois desappareceu por um pouco; mas foi visto pouco depois em pé, no seu lugar, e muito bem munido de moedas de ouro, que forão successivamente fazer companhia ás primeiras.

No fim da sessão, o cavalheiro Ménars reteve o jogador que tinha chasqueado ao velho, e queixou-se-lhe de que compromettia a dignidade e o socego que devião prevalecer na casa.

« Essa não está má, » respondeu o jogador, « é que vós não conheceis ainda o velho Francisco Vertua, porque de outra fórma verieis que as nossas graças assentavão bem. Sabei, meu caro, que este velho, nascido em Napoles, mas que, ha quinze annos, estraga as calçadas de Paris, é o mais damnado usurario de todo o mundo, e eu sei de mil individuos a quem elle tem devorado o ultimo vintem. É de toda a justiça que lhe chegue a sua vez de tambem conhecer por experiencia o a que sabe a miseria, a que elle tem reduzido tão consideravel numero de familias. É a primeira vez que esse guapo mette o seu nariz em uma casa de jogo, mas como aos agentes de Satanaz nada escapa, talvez lhe occorresse a idéa de vir depennar a vossa banca, e, sem lhe importar o alcance, obstinou-se em perder até o seu ultimo escudo. Esta vez ao menos eu espero que elle não será mais visto, e que terá de ir a mór distancia reformar o seu fornel. »

Comtudo, no dia seguinte, Vertua reappareceu, jogou e perdeu mais ainda que na vespera. Este novo revez nada lhe cerceou da sua impassibilidade; só um sorriso de ironia amarga lhe encrespou os cantos dos beiços. Cada uma das noites seguintes elle voltava sempre, e perdia de continuo; calculou-se que no fim de uma semana, tinha feito passar á caixa da banca mais de trinta mil moedas de ouro. Alguns dias decorrêrão então, em que elle não foi visto, mas uma tarde apresentou-se de novo pallido e todo perturbado; observou por algum tempo o jogo sem dizer palavra, mas com os olhos scintillantes. Depois, no momento em que o banqueiro Ménars ia fazer uma nova batalha, Vertua rompe até elle e lança-lhe estas palavras com uma voz cavernosa: « Senhor, eu tenho na rua de Santo Honorato uma casa ricamente adornada; tenho baixella de ouro e joias no valor de oitenta mil francos. Quer aceitar a parada? — « Valeu, » foi a resposta de Ménars, sem voltar a cara, e continuou a talhar — « A dama! » grita o usurario. A dama sahio á direita. Vertua cambaleou, como um homem bebado, e foi encostar-se á parede, immovel e gelado como uma estatua. Ninguem mais fez reparo nelle.

Quando chegou a hora de fechar a sala do jogo, Vertua se reanimou, e arrastando-se com um passo mal seguro até em face do banqueiro: — « Senhor Ménars, » lhe disse elle, eu tenho uma ultima palavra a dizer-vos » — « Pois então, sem mais demora, porque tenho pressa, » respondeu Ménars com um tom desdenhoso. — « Senhor, » replicou o velho, « toda a minha fortuna se acha abysmada nas vossas mãos, e nada mais tenho; nem mesmo sei onde amanhãa hei de repousar a minha cabeça, ou como procurar-me um pedaço de pão. Pois bem, é a vós que eu recorro, emprestai-me um decimo da somma que me tendes ganho, ha uma semana. « Essa é boa! interrompeu Ménars, » está V.mce doudo? Póde persuadir-se que um banqueiro cáia na incuria de emprestar dinheiro aos jogadores que elle pôz em secco? — » « Vós tendes razão, » replicou o velho, « mas o dinheiro que vos peço não é para jogar contra vós. » — « Que importa? » diz Ménars, « eu não

empresto. » — Pois bem, meu digno senhor, continuou o velho, cuja pallidez se tornou mais livida; pois bem, não me empresteis, dai-me uma esmola... » — « Uma esmola? mas ide pedi-la áquelles a quem a vossa infame usura reduzio ás palhas. »

A estas palavras, o velho Vertua cobrio a face com as mãos e cahio de joelhos, chorando amargamente. O cavalheiro Ménars mandou para a carruagem o cofre em que tinha amontoado o ouro dos seus ganhos, e depois disse friamente ao usurario: — « Quando contais vós, senhor Vertua, fazer-me entrega da vossa casa, da vossa baixella e das vossas joias? » — « Neste mesmo instante, » exclamou Vertua, reassumindo, como por um effeito electrico, a sua firmeza. » Vinde, senhor, e segui-me!... — « Nesse caso, » replicou Ménars, « a minha carruagem poderá conduzir-nos a ambos até lá e dou-vos até amanhãa para o ablativo. »

Durante o caminho guardárão ambos um melancolico silencio. Quando forão chegados, Vertua tocou brandamente a campainha: uma mulher velha abrio a porta. — « Bom Jesus! » exclamou ella, « sois vós emfim! A pobre joven Angela tem estado n'uma inquietação mortal. » — « Silencio! » disse a meia voz Vertua, « possa ella não ter ouvido a campainha: é preciso que Angela ignore a minha vinda! »

Quando elle se vio a sós com o cavalheiro em um quarto desviado: — « Tenho uma filha, » lhe disse elle; « é tudo quanto me resta de uma existencia que poderia ter sido feliz, se eu me não tivesse feito victima da paixão do jogo. Eu percorrí n'outro tempo metade da Europa, abrindo por toda a parte bancas, e ganhando, como vós, sommas enormes. O céo é justo, e elle me castiga bem. Não é por mim que eu lamento a desgraça, mas é por Angela, por minha filha, o ultimo objecto da minha affeição, que eu acabo de condemnar a uma horrivel indigencia, ella, innocente das minhas faltas, e que não devia soffrer o castigo dos meus vicios. Ai de mim! senhor, não permittireis vós que minha filha leve os seus vestidos, os seus enfeites? » — « Eu a isso me não opponho de maneira alguma, » respondeu o cavalheiro. « Vós podeis mesmo fazer levar daqui os utensis de casa que vos fôrem indispensaveis. Eu não pretendo exercer o meu direito senão sobre os valores reaes que me havieis declarado. »

O velho Vertua fitou por algum tempo o cavalheiro com os olhos humidos, e sem poder proferir uma só palavra. Depois, suffocado pela emoção, elle rompeu em soluços e em gemidos, e arrastando-se de joelhos diante do cavalheiro! « Senhor, » exclamou elle dolorosamente, « se vos resta ainda algum sentimento de humanidade, tende compaixão da minha pobre filha, emprestai-lhe, para que ella viva, a vintena da minha fortuna que a sorte arremessou em vossas mãos... » — « Ah! decididamente, » replicou o cavalheiro, « esta comedia me cansa e me impacienta.... acabemos!.... »

Neste momento a porta abrio-se; uma joven donzella, meio nua e lastimosa, se precipitou no quarto em que esta scena se passava — « Meu pai! meu pai! » exclamou ella, « eu tudo ouvi, vós então perdestes tudo? tudo? E a vossa Angela, vós a tinheis esquecido? E vós não tinheis pensado que no dia em que fosseis desgraçado, vos ficava uma filha, para vos amar e vos consolar na vossa velhice? Eu trabalharei para nós ambos; vinde, deixemos esta casa, fujamos ao aspecto desse homem desalmado, que se apraz com o vosso desespero; não nos ha de faltar algum asylo em que, com o meu trabalho, e com o auxilio de Deos, eu chegarei a obter-vos algum toleravel commodo. »

Em presença desse quadro de angelica piedade filial, o cavalheiro Ménars sentio o aguilhão do remorso penetrar-lhe n'alma. Figurou-se-lhe ver nessa bella joven o anjo das vinganças celestes, que o condemnava pela dureza do seu coração. Foi-lhe impossivel supportar o olhar energico de Angela que o cobria de desprezo. Ella era de tão extraordinaria belleza, que seria impossivel olha-la nesse transe, e conservar-se isento da paixão mais extremosa, do mais violento amor. O cavalheiro Ménars ficou attonito, confuso e como fascinado, pelo irresistivel magnetismo dessa apparição celeste: apontando com o dedo para o cofre, que um enviado acabava de trazer para o quarto, exclamou: — « Recebei, Vertua », « recebei esse maldito dinheiro; eu não o ganhei, eu não posso conserva-lo, e eu quero dar-vos mais ainda que o que de vós recebi... Tomai... tomai...! »

Mas Angela repellio altivamente essa concessão: — « Não é, » disse ella, « nem o ouro, nem a fortuna quem assegura a felicidade aos entes a quem Deos nobremente dotou; arrebatai essas vis

riquezas, a que sacrificais, sem vergonha, tudo o que ha de mais sagrado entre os homens. Ide, e que ellas sejão em torno a vós um circulo de maldição que nada possa desmanchar... — «Sim,» gritou o cavalheiro Ménars, espantado e fóra de si, «é verdade, eu estou amaldiçoado, bem o sei, mas era da vossa bocca que devia sahir essa palavra, sem compaixão? ! O' Angela! a vossa vista, só, produzio em mim uma mudança ineffavel; mas vós não podeis, nem quereis comprehender-me, e comtudo, ha para mim, no que aqui se passa, um jogo de vida e de morte; porque eu vos amo, Angela, eu o sinto e não posso resistir. Eu renunciarei por vossa causa á minha vida de jogador; eu posso, com o ouro que possuo, expiar o passado da minha vida, derramando beneficios á roda de mim. Mas se eu não consigo enternecer-vos, tereis de ver-me bem de pressa cahido a vossos pés com a cabeça espedaçada!...» E todo alienado por essa fogosa exaltação, o cavalheiro Ménars se atirou para fóra do quarto como um homem aturdido. O velho Vertua, que em nada pensava tanto como em restabelecer a sua fortuna, quiz tentar essa occasião e apertar com Angela para que se tornasse o anjo salvador do cavalheiro. Mas a nobre rapariga rejeitou essa proposta. Comtudo, ao mesmo tempo que o banqueiro Ménars lhe não parecia nunca digno senão de desprezo, a sorte que zomba com tal predominio dos nossos sentimentos e das nossas vontades, preparava pouco a pouco o complemento dessa união, a tal ponto rejeitada. O cavalheiro Ménars se tinha immediatamente decidido a mudar de vida. Havia fechado a sua sala de jogo, e não era encontrado mesmo em circulo algum. Corrião a seu respeito os mais estranhos boatos, e os mais contradictorios; mas em lugar de com isso se importar, antes pelo contrario cada vez se tornava mais inaccessivel e mais austero. A mudança que nelle se tinha operado não era por Angela desconhecida. O seu amor proprio de mulher, lisongeado por uma tão evidente prova de paixão, foi-se pouco a pouco transformando em um amor intimo e serio. Quando, muitos mezes depois da sua primeira entrevista, ella encontrou o cavalheiro em uma rua de arvores do jardim de Malmaison, ella não pôde livrar-se de um estremecimento. Elle estava tão pallido, tão abatido, parecia tão doente e consternado!... Vertua, que não perdia de vista o seu projecto de casamento, do qual esperava tirar uma excellente especulação, lhe fez um acolhimento muito amigavel, e o convidou para que fosse visita-lo na sua casa da rua de Santo Honorato.

O cavalheiro guardou-se bem de rejeitar uma offerta tão preciosa para o seu amor. As suas visitas cada vez se forão tornando mais frequentes. e o affecto da joven fazia todos os dias novos progressos; de maneira que, um dia persuadida que amava mui realmente o cavalheiro Ménars, consentio em lhe dar a mão.

Alguns dias depois dos esponsaes, Angela, encostada á grade da sua janella, via desfilar um bello regimento de cavallaria, que marchava para a Hespanha. Ao passar pela casa de Vertua, um dos cavalleiros encurtou a marcha ao seu cavallo, e sahindo das fileiras, dirigio á joven muitos signaes de adeos. Esse soldado era filho de um vizinho de Vertua, chamado Duvernet. Criado quasi desde a infancia, sempre junto della, esse moço se tinha habituado ao amor dessa menina que elle via quasi todos os dias; e não tinha deixado de apparecer em casa de Vertua senão ao saber o fim a que se encaminhavão as assiduidades do cavalheiro Ménars e o bom acolhimento com que era recebido. Foi por desespero de amor que se fizera soldado.

A filha de Vertua não pôde encubrir de tal modo a impressão que tinha sentido, que seu pai e o cavalheiro mesmo deixassem de adivinhar que alguma cousa extraordinaria se tinha passado no seu coração. Mas Angela não deixou penetrar o seu segredo. As sollicitas attenções do cavalheiro, além disso, apagárão em seu espirito a lembrança de Duvernet: e o casamento que veio logo depois encetar-lhe um novo modo de existencia, foi para ella a aurora de uma ventura, que nada perturbou, senão a morte proxima do velho Vertua. O antigo jogador morreu na impenitencia final do peccado de toda a sua vida. Nos seus ultimos instantes os dedos se lhe encurvavão, como para talhar, cortar e tirar cartas: e a ultima palavra que deixou sahir dos labios com o ultimo suspiro foi o grito de um emparelhão — «Perde, ganha.»

(Continúa.)



POESIA.

LENDA POPULAR.

— Sou um pobre sapateiro,
Sempre estou a dar, a dar:
Se eu nasci para ser pobre,
Que me serve trabalhar? —
Assim cantava o coitado,
Sempre, sempre, sem cessar:
Mal o dia apparecia,
Depois do dia acabar
Sentado em sua tripeça
C'o martello a martellar.
Passava-lhe o rei pela porta
Quando ia passear:
Passa um dia, e outro dia;
E o sapateiro a cantar,
A mesma cantiga sempre
Sem uma letra mudar.
Porque assim cantava o pobre
Facil é de adivinhar.
Decretos da Providencia
Resolve o rei emendar:
E logo de seu thesouro
Gran quantia mandou dar.
Vai contente o sapateiro
Mulher e filhos achar:
Conta e reconta o dinheiro
De novo torna a contar:
Rezando a Deos pelo rei
P'ra longa vida lhe dar.
Alta ia já a noite
Quando se póde deitar:
Bem cedinho ao outro dia
Foi o dinheiro contar;
Mas não achou o dinheiro,
Achou-lhe só o lugar,
Qu' a deshoras os ladrões
O tinhão vindo roubar.
Nem por isso ficou triste,
Como era de pensar;
Voltou á sua tripeça
Sua cantiga a cantar;
O rei qu' o caso soubera
De novo o manda chamar.
— Sapateiro, sapateiro,
Mais dinheiro te vou dar:
Mas toma sentido, guarda,
Que ninguem t'o vá furtar. —
Desta vez o sapateiro
Foi o dinheiro velar
Toda a noite de joelhos
Com devoção a rezar.
Quando a aurora começou
No Oriente a raiar,
Sua mulher e seus filhos
Morto o forão achar
Inda posto de joelhos
Como estivera a rezar:
E nas mãos tinha um papel,
Que não pudérão tirar.
O rei que soube do caso,
Caso tanto de espantar,
A seus criados mandou
Que o papel fossem buscar:
Mas os criados voltárão
Sem o papel lhe levar,
Porque por mais que puxassem
Não o pudérão tirar.
Foi o rei, e mal chegou
Vio-se o papel despegar,
Decretos da Providencia,
Quem é que os póde emendar?
O papel estava escripto,
Era a letra de admirar:
— Quizeste-o rico por força?
Hi o tens, manda-o enterrar.—

* * *

MODINHAS ROMANTICAS.

O ECHO.

Echo piedoso, não digas
A ninguem porque padeço;
Não publiques, eu te peço,
A causa de meu clamor.
Escutemos: — falla o echo;
O echo me diz: — amor!

Essa a quem eu tanto amo
Tornou-se ingrata, perjura,
E falta á sagrada jura
Para ser hoje infiel.
Escutemos: — falla o echo;
O echo me diz: — fiel!

Fiel? Ah! Ella me engana,
Me menospreza e maltrata;
É perjura, falsa, ingrata;
E hei de ama-la sendo assim?
Escutemos: — falla o echo
O echo me diz que: — sim!

J. NORBERTO DE S. S.

SAPHO.

Resumo burlesco da tragedia lyrica de Paccini.

Sapho, grande poetiza da antiguidade, e que era conhecida em — Lesbos — por uma namoradeira estacionaria de mais, foi repetir versos ao templo de Apollo, e com tregeitos, olhos em alvo, voz meiga etc., fez grande fanatismo, e pilhou a corôa olympica, depois de ter repetido uma inspirada elegia, em que pedio a abolição do rito dos saltos, contou o supplicio de — Antigone, — e prégou o socialismo.

Alcandro, que então era o sacerdote do templo, e um legitimista de mão cheia, á primeira palavra de socialismo sahio do templo a correr como um doudo, encontrou Hypia chefe dos aruspices deu-lhe um encontrão, e começou entre elles o seguinte dialogo:

Hypia — Que tens tu?

Alcandro — Estou damnado, e estamos todos perdidos, Sapho já deu em socialista!.....

Hypia — Ora esta... E tu o que queres?...

Alcandro — Vingar-me e já. Ahi vem Phaon, deixa-me com elle.

Hypia — Pois sim, mas sempre te digo que te não fies de um Grego, que traz o cabello apartado ao lado e a escorrer em banha de cheiro.

Alcandro — Vai-te, não sejas tolo.

(Hypia vai-se e chega Phaon.)

Alcandro — Então não t'o dizia eu?

Phaon — O que?

Alcandro — Sapho gosta de outro.

Phaon (com ironia) — Pois não gostaste!...

Alcandro — É verdade... Juro.

Phaon — Vê lá o que dizes.

Alcandro — Vingança.

Phaon — Vingança! e cantão em altos berros

« Eu não sei que gato preto
« Se metteu entre nós ambos,
« Eramos tão bem casados
« Agora não nos fallamos!....

Eis senão quando apparece Sapho.

Sapho — Que diabo tens tu, que fugiste do meu lado e deitaste a correr por ahi fóra como um tresloucado?

Phaon — Ainda vossê m'o pergunta, ora esta!... « vio-se lá cheia de gloria, não fez caso de mim, e queixa-se. »

Sapho — Olha que estás enganado.

« Dè miei pensieri
« Il primo onor tu fosti,

Phaon — É mentira.

Sapho — E verdade.

Phaon — Cala-te.

(Sapho ajoelha, Phaon dá-lhe um grande safanão, e a poetiza recolhe-se aos bastidores cantando a *Joven Lilia abandonada* no meio daquella multidão que n'uma inferneira diabolica lhe ia bradando: « deixe-se disso, menina, que ella não o merece. »)

ACTO SEGUNDO.

Nupcias de Phaon.

Climene muito encarniçada, rodeada de donzellas, madurissimas e alquebradas por muitos namoros, que a enfeitão com flôres desenvolvidas e desbotadas.

Alcandro e Circe — Não sabe Vossa Senhoria como está bonita.

Climene — Muito obrigada, isso é lisonja.

(Entra Sapho pensativa.)

Climene — Olha Sapho, estimo bem que viesses, porque has de me fazer um soneto para o meu casamento.

Sapho — Pois sim, mas estou com os vestidos enxovalhados da jornada, deu-me na mania de andar a correr atrás de um homem.

Climene — Forte tola, deixa-te estar, que elles cá virão ter comtigo. Quanto ao vestido, eu te empresto um muito bonito.

Sapho — Isso então é outro cantar, e cantão ambas:

« Com minhas lagrimas tristes
« Estes sitios vou regando,

(Emquanto Sapho vai vestir fato emprestado, Climene casa com Phaon, e depois chega a poetiza ricamente vestida.)

Climene — Aqui te apresento o meu esposo.

Sapho — Pois é este semsaborão?...

Climene — Tal e qual.

Sapho — Esse é meu.

(Cantão ambas)

« Eu e tu casta deidade,
« Padecemos igual dôr,
« Temos a mesma saudade
« Sentimos o mesmo amor.

Sapho — Dou-te uma bofetada.

O Sacerdote — Tirem daqui esta mulher que está douda.

Sapho — Não sáio daqui sem o levar comigo.

Climene — Mas se elle já casou.

Sapho a *Phaon* — Pois já te casaste?...

Phaon — Já, agora mesmo.

Sapho — Pois então espera, e brinca brincando sobe ao altar, dá um empurrão na pyra, desata a rir e a chorar, e deixa todos scismando!...

ACTO TERCEIRO.

Sapho chora muito, Alcandro sabe que ella é sua filha: e diz « Se eu soubesse... »

Phaon sabe que ella gostava delle, apezar de se achar intimamente convencido da sua insipidez e diz: « Se eu adivinhasse.... »

Climene tem ciumes, Sapho pega em ambos e diz-lhe:« Eu vou morrer, e como já não ha nenhum remedio....Gosta tanto della como eu gostei de ti.»

« — L'ama onor qual io te amai
« Piu volendo non potresti.

E depois, como não póde aturar a inferneira, algazarra, ingrezia com que todos lhe estão quebrando a cabeça, deita-se do penedo, ou manda deitar outra, e acaba-se tudo.

CAÇA DAS SERPENTES.

Os Indios assim que descobrem em alguma lagôa uma serpente grande, da especie a que elles dão o nome de camondi — tratão logo de a matar, usando porém de toda precaução para evitarem o perigo que lhes poderia resultar; visto que o monstro, levantando a cabeça acima da agua, manifesta de ordinario intenções hostis. Estas demonstrações servem de chamar a attenção dos caçadores para com todo o cuidado se approximarem do seu adversario. Quando chegão a boa distancia, atirão-lhe ao pescoço um laço cuja extremidade se acha atada á cauda de um cavallo, que parte logo a trote largo para tirar o monstro para fóra. Violentos são os esforços, que elle faz para se livrar, mas em vão, porque mais o laço se aperta, e mais visiveis se tornão os effeitos da estrangulação pelo enfraquecimento do reptil. Quando já tem sido arrastado por espaço de meia hora, fica incapaz de resistir, e então o cavalleiro põe pé em terra e lhe corta a cabeça, depois de lh'a ter machucado.

Estas serpentes tem de ordinario 25 a 30 pés de comprimento, e são grossas em proporção.

Em uma occasião, tendo-se caçado um destes reptís, e observando-se que tinha o ventre muito dilatado, abrio-se e achou-se dentro uma pequena vitela, que ainda havia pouco tinha engulido. É isto o que a maior parte das vezes occasiona a morte destes reptís; pois enchendo assim o estomago, ficão em completo entorpecimento, e por isso privados de força e da agilidade que lhes é natural.

Os Indios asseverão que nas margens pantanosas do Cunarichi apparecem camondis, do comprimento de 40 a 50 pés.

AGUA DE BOTOT PARA CONSERVAR OS DENTES. *

Quina	1 onça.
Guaiaco	meia onça.
Raiz de pyrethro	meia onça.
Cannella fina	1 oitava.
Cravo da India	1 oitava.
Cochonilha	1 oitava.

Machuca-se tudo, e põe-se de infusão por espaço de oito dias em uma cannada de espirito de vinho. Filtra-se depois, e ajunta-se-lhe uma onça de espirito de cochlearia, e uma oitava de oleo essencial de hortelãa. Mistura-se bem tudo, e deita-se em garrafas hermeticamente tapadas, isto é, muito bem tapadas.

Esta agua dentifricia teve tanta aceitação por parte do mundo elegante, que valeu ao seu inventor a acquisição de uma fortuna consideravel.

* Ás pessoas que quizerem utilisar-se desta preciosa receita, advertimos que já a mandámos preparar em casa do Sr. F. Düvel, habil pharmaceutico allemão, rua do Rosario n º 63, e que fomos perfeitamente bem succedidos.

VARIEDADE.

Morte de Mathilda, esposa de Guilherme o Conquistador.

Mathilda, filha de Balduino V, conde de Flandres foi pedida em casamento para o joven duque de Normandia. Ella rejeitou a proposta, e algumas cousas disse com jovialidade sobre a illegitimidade do seu nascimento. Guilherme, encolerisado por este motivo, montou a cavallo, chegou a Lille, e entrando na salla onde Mathilda trabalhava, lhe agarrou nas tranças do cabello, e a calcou aos pés com furor. Tornou a partir, e uma guerra de morte parecia inevitavel entre o conde de Flandres e o brutal Normando; porém Mathilda apaziguou seu pai, dando a mão ao feroz Guilherme, a cujo respeito dizia: « Deve sem duvida qualificar-se de atrevido o homem que entra na casa de um pai para castigar sua filha ! » Afinal o temerario barão collocou a corôa de Inglaterra sobre a cabeça de Mathilda, que sempre se mostrou compadecida e boa para com os vencidos; deu sete filhos a seu marido, e morreu em 1083. A tapeçaria de Bayens é uma prova da industria e intelligente actividade desta princeza.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

SÃO evidentes os embaraços em que me vejo todas as vezes que tenho de escrever uma descripção de gravura para o **NOVO CORREIO DE MODAS**. Julgo eu, e parece-me que tenho razão, que sómente as senhoras é que possuem em subido gráo aquelle tacto fino que forma por assim dizer o colorido do estylo nos artigos deste genero. Os homens são costumados a fallar em batalhas, em debates parlamentares, nos impostos do sal e nas verbas do orçamento, são inteiramente incapazes de tocar estes assumptos melindrosos com a prosa ruim e vilãa de sua lingoagem aspera e viril. Mas como ha de ser? Se não houver quem faça das fraquezas forças, o jornal sahirá sem descripção de gravura, o que seria uma verdadeira calamidade para as nossas amaveis leitoras, e até para a propria redacção.

Firme nisto, animo.

Ninguem duvidará que a nossa estampa que acompanha o presente numero representa duas lindas jovens, vestidas com todo o primor do bom gosto e da elegancia.

Vamos procurar pois descrevê-las ao menos de um modo intelligivel.

A primeira representa um toilette de baile. O penteado é feito com *bandós* em duas ordens, e enfeitado com uma deliciosa grinalda de flôres de Constantino (á falta delle de M.me Dubois, por exemplo), collocada pela parte anterior do peito, e terminando dos lados em lindos festões pendidos. Vestido de melania (estofo de seda), corpo liso e decotado, com uma especie de peitilho (plastron) de cambraia preta; mangas feitas da mesma, com laços de fita de pontas fluctuantes. O peitilho é disposto á grega, e forma por conseguinte pregas symetricas; saia adornada d'uma sobresaia da mesma cambraia preta, mais curta anterior do que posteriormente, e levantada de distancia a distancia por quatro laços de fita de pontas soltas, bracelete *sympathico* no braço direito, de ouro e perolas, destacando sobre fundo formado de cabellos, substituindo o esmalte.

A segunda figura representa uma senhora em *toilette* de passeio. Chapéo de setim branco, ornado de plumas ao lado. Vestido á Maria Theresa de setim e bandas de velludo; corpo casawek aberto, deixando ver um collete á mosqueteira de acolchoadinho inglez, com botões de perolas. Tres largos babados na saia, e manguinhas *nausouk*.

CHARADA.

Taes erão de Veneza esses juizes,
Qu'inflexiveis marcavão morte ou vida; 1
Tal era o instrumento qu'a infelizes,
E a *Charon* ajudava, em dura lida. 1
Tal é a interjeição, ou, como dizes,
Palavra que animar brutos convida: 1
Mas o todo, em contrario, é sorte dura;
Se é em pró, dá prazer, doce ventura!

M. A. FERREIRA DA SILVA.

A significação do Logogrypho do n.º 21 é: SARABATANA (buzina).

(Foi o Sr. J. de Mello quem mandou a primeira decifração)

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

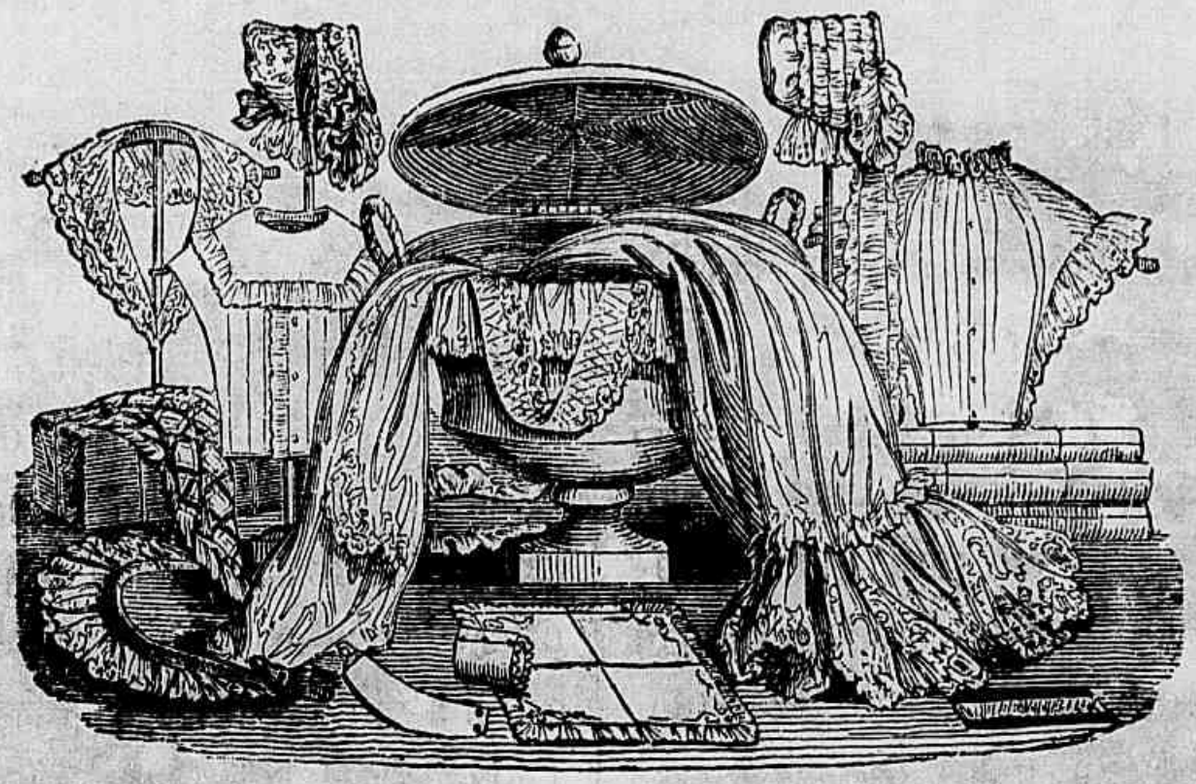
BIBL. NAC. E. PUBL. D.I CORTES

Anaïs Toudouze.

1720.

Gervais Imp. r. St Denis 380.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

A TABOLAGEM, OU O JOGO DA BANCA.

EPISODIO.

(Conclusão.)

QUANDO Angela se vio só sobre a terra com o cavalheiro, a lembrança das ultimas palavras de seu pai, e dessa crise de agonisante que lhe tinha restituido, antes de morrer, os seus funestos instinctos de jogador, veio incutir-lhe o receio de que essa terrivel paixão não fosse em seu marido mais que um fogo escondido sob a cinza, e de que a menor faisca pudesse renovar o incendio; as suas tristes previsões mudárão-se bem depressa em uma funesta certeza. Qualquer terror que tivesse produzido no espirito do cavalheiro o genero de morte do velho Francisco Vertua, o effeito desse espectaculo foi de lhe suscitar idéas de jogo demasiado vivas, e sem que elle mesmo pudesse saber a causa das suas sensações, todas as noites sonhava estar sentado á banca, e accumulando novos montes de ouro. A sua má estrella reassumio o ascendente. O encontro de um homem perverso, antigo emparelhão da banca do cavalheiro, acabou de o fazer considerar a sua abstenção como pueril e ridicula. Admirou-se de ter podido sacrificar ao amor de uma mulher os prazeres de uma existencia só digna de inveja.

Alguns mezes depois, a banca do cavalheiro Ménars se achava reinstallada. A sua fortuna não se havia desmentido; o ouro chovia na sua caixa; mas a ventura de Angela se tinha desvanecido como um bello sonho. O cavalheiro não a tratava mais senão com indifferença, e quasi com desprezo. Semanas, mezes inteiros se passavão, sem que ella o visse: um velho mordomo administrava os negocios da casa, e os criados crão continuamente substituidos segundo os caprichos do cavalheiro; de sorte que Angela, como se fosse estranha na sua propria casa, em parte alguma encontrava a menor consolação. Muitas vezes, quando ouvia nas suas noites de vigilia a carruagem do cavalheiro parar á porta de casa, o cavalheiro fazer depositar o pesado cofre, com palavras curtas e rudes, e depois a porta do seu quarto, apartada, tornar-se a fechar com ruido, uma torrente de lagrimas amargas se lhe debulhava dos olhos; cem vezes, nas angustias do seu desespero, o nome de Duvernet lhe escapava dos labios, e supplicava á Providencia que lhe puzesse fim a uma existencia que o desgosto envenenava.

Aconteceu que um joven de familia distincta,

depois de ter perdido toda a sua fortuna á banca do cavalheiro, se matasse com um tiro de pistola, na sala mesmo do jogo. O cavalheiro foi só quem conservou o seu sangue frio, e, vendo todos em termos de fugir, perguntou se era de costume deixar o jogo antes da hora prescripta, por causa de um doudo que não tinha sabido observar as leis da decencia. Este accidente causou estranho rebate. O procedimento, sem exemplo, do cavalheiro, indignou a todos os jogadores, ainda aos mais endurecidos; foi uma reprovação universal; e a policia supprimio a banca. Accusárão-o, além disso, de estratagemas fraudulentos; a sua singular fortuna deixava apenas lugar á defesa contra semelhante suspeita. Foi-lhe impossivel desculpar-se, e a multa enorme a que foi condemnado lhe tirou uma parte mui consideravel da sua riqueza. Elle se vio insultado, vilipendiado: — então voltou aos braços de sua mulher, que, apezar de seus máos tratamentos, o acolheu de boa vontade ao vê-lo arrependido; porque a lembrança de seu pai, que tambem tinha abjurado os desconcertos do jogo, lhe havia deixado entrever uma sombra d'esperança, e a idade madura do cavalheiro era mais um motivo que fazia acreditar na sua conversão real e duravel. Ambos deixárão Paris e se retirárão para Genova, lugar natalicio de Angela. O cavalheiro viveu ahi nos primeiros tempos assaz retirado, mas nunca mais pôde restabelecer essas doces relações domesticas que o seu máo demonio havia destruido. O socego foi de curta duração. Uma pessima nomeada o tinha seguido de Paris a Genova, e apezar da tentação irresistivel, que soffria, de abrir uma banca, essa esperança lhe era absolutamente interdicta. Por esses tempos a casa mais rica de jogo em Genova era administrada por um coronel francez, que feridas graves havião obrigado a deixar o serviço. O cavalheiro apresentou-se nessa casa, penetrado de um profundo sentimento de inveja e de rancor, mas no presupposto, de que a sua fortuna habitual dentro em pouco lhe permittiria arruinar o seu rival. Ao aspecto do cavalheiro, o coronel, com um accesso de hilaridade que contrastava com os seus costumes graves, declarou que só desde esse momento adquiria para elle o jogo um verdadeiro interesse, pois que se tratava de lutar contra a fortuna do cavalheiro Ménars. As cartas forão com effeito favoraveis ao cavalheiro durante as primeiras talhas. Mas obcecado pelo excesso da sua fortuna, e tendo exclamado: — «Vou levar a banca á gloria!» perdeu desde logo uma somma consideravel. O coronel, ordinariamente impassivel, tanto na bôa. como na má fortuna, ajuntou as moedas do cavalheiro com mostras evidentes de uma alegria excessiva. Desde esse momento, a estrella do cavalheiro apagou-se por uma vez. Todas as noites jogava, e todas perdia, até que só lhe ficárão dous mil ducados. Elle tinha gyrado o dia todo para realisar essa somma e não se recolheu senão mui tarde. Ao entrar da noite, dispunha-se já a partir, munido da sua ultima reserva, quando Angela, que suspeitava a verdade, se lhe apresentou na passagem, e se lhe lançou aos pés, e toda banhada em lagrimas, lhe supplicou que renunciasse á sua funesta resolução e não quizesse precipita-la nos horrores da miseria. O cavalheiro a levantou, apertou-a contra o seu peito com um enternecimento doloroso, e disse-lhe com uma voz abafada: — «Angela, minha querida Angela, é preciso que eu obedeça ao destino que me arrebata. Ámanhãa todos os teus tormentos estarão acabados, porque, eu o juro, jógo esta noite pela ultima vez! — Socega, minha doce amiga; dorme, sonha dias tranquillos, sonha uma feliz vida, de que em pouco has de gozar.... isso me dará fortuna!....» Ditas estas palavras, o cavalheiro abraçou sua mulher, e afastou-se com precipitação. Jogou e perdeu tudo. Conservava-se immovel ao pé do coronel, fitando sobre a mesa do jogo um olhar melancolico e estupido.

— «Vós não continuais a apontar, cavalheiro? — Eu não sou mais que um mendigo,» murmurou elle com uma voz tremula de furor e desespêro, e os olhos sempre cravados sobre a mesa; sem reparar que os pontos cada vez adquirião mais vantagens sobre o banqueiro. O coronel continuou a jogar tranquillamente.

— «Mas vós tendes uma linda mulher, «disse elle em voz baixa, sem olhar para o cavalheiro, e baralhando as cartas para uma nova talha. — Que é o que diz? perguntou o cavalheiro assomado — «Dez mil ducados, ou.... a vossa Angela,» disse o coronel, meio voltado, em quanto dava a cortar as cartas. — «Vós estais louco,» insistio o cavalheiro, que, comtudo, recobrado o seu

sangue frio, começava a notar que o coronel perdia continuamente.

— « Eu jógo vinte mil ducados contra Angela, » tornou a dizer o coronel, em voz muito baixa, ao cavalheiro, cessando por um instante de baralhar as cartas. O cavalheiro guardava silencio; o coronel recomeçou o jogo, e todas as cartas lhe forão contrarias. — « Valeu, » disse o cavalheiro ao ouvido do coronel, quando este começava a nova talha, e apresentou a dama sobre a mesa do jogo.

Logo de relance a dama tinha perdido. O cavalheiro retirou-se para trás, rangendo os dentes, e foi encostar-se a uma janella, com a desesperação e a morte desenhadas sobre o rosto.

O jogo tinha acabado. O coronel chegou-se ao cavalheiro, e lhe disse com tom de mófa: — « Então! que é isso? que sentis? » — « Ah! » exclamou o cavalheiro fóra de si, « vós me reduzistes á indigencia, mas seria preciso que estivesseis louco para suppôr que podieis ter-me ganho a minha mulher. Uma mulher é por ventura alguma escrava abandonada ao vão arbitrio de um senhor que, no momento de um infame tresvario, tenha o poder de a vender ou de a jogar? Mas, com effeito, vós deverieis ter pago vinte mil ducados, se a dama houvesse ganho. Vinde pois, e tende o desespero de vos ver repellido por ella com horror... »

— « O desespero é para vós mesmo, meu caro cavalheiro, » replicou o coronel em um tom sardonico, « sois vós quem se ha de desesperar, quando a virdes precipitar-se nos meus braços alegre e encantada; quando souberdes a consagração da nossa união e a dita que tem de corôar os nossos mais ardentes desejos! Vós me tratais de louco, cavalheiro, e eu não queria ganhar mais que o direito de vos subordinar ás minhas pretenções! O consentimento de vossa mulher me pertence, porque, sabei que vossa mulher me ama desde muito tempo. Sabei que eu sou Duvernet, o filho do vizinho de Vertua, criado com Angela, unido a ella por um violento amor, separado por vossas seducções satanicas. Por desgraça não foi senão á minha partida para o exercito que Angela reconheceu a sympathia que nos ligava; eu soube de tudo, mas era muito tarde!... Uma inspiração do inferno me disse que eu conseguiria arruinar-vos ao jogo, e eis o motivo por que a elle me dei. Segui-vos até Genova e venci.... ! Agora só falta irmos ter com vossa mulher! »

O cavalheiro estava anniquilado. Mil punhaes lhe rasgavão o coração. Esse fatal segredo lhe tinha sido emfim revelado; comprehendeu então que excesso de encoberto soffrimento devia ter affligido a pobre Angela. Elle acompanhou machinalmente o coronel, que precipitou os passos. Quando chegárão, e que o coronel já tinha posto a mão na porta do quarto de Angela, o cavalheiro, repellindo-o com vivacidade, disse-lhe: — « Minha mulher dorme, quereis vós perturbar o seu somno? — « Ora, » respondeu o coronel, « pensais vós que ella tenha jámais desfrutado um somno tranquillo, depois que vós a sujeitastes a tão miseraveis angustias? » E o coronel, desviando-o com mão firme, dispunha-se já a entrar, quando Ménars, prostrando-se a seus pés, exclamou n'um accesso inaudito de afflicção: « Por misericordia!.. por piedade!.... depois de me ter reduzido á mendicidade, deixai-me, deixai-me a minha mulher!... »

— « Foi assim que o velho Vertua se achou diante de vós, sem que pudesse enternecer o vosso coração empedernido. Soffrei portanto a vingança do céo!!! » Elle disse, e dirigio-se de novo para o quarto d'Angela. O cavalheiro arremessou-se de um pulo, impellio a porta com violencia, correu a abrir as cortinas do leito, e gritando: « Angela! Angela! inclinou-se sobre ella, e tomou-lhe a mão... Depois, parando repentinamente, atacado de um convulsivo tremor, levantou-se em toda a sua altura, e gritou com uma voz de trovão: — « Olhai! vós ganhastes o cadaver de minha mulher! » O coronel approximou-se do leito quasi assombrado. Angela jazia fria e pallida. Ella estava morta!... a dôr a tinha feito estalar....

A esse aspecto o coronel Duvernet deu um grito lamentavel, e precipitou-se como um desesperado para fóra dessa casa de luto. Ninguem mais o tornou a ver.

HOFFMANN, *contos fantasticos.*

(Trad. por Henrique Velloso de Oliveira.)

TELEGRAPHO ELECTRICO ENTRE A EUROPA E A AMERICA.

A communicação electrica, atravéz do Atlantico, está em projecto, e em poucos annos será uma realidade. A correspondencia por meio do telegrapho submarino entre a França e a Inglaterra é apenas um ensaio, que brevemente ha de ter resultados.

Quando se examina uma carta maritima do Atlantico, vê-se que a linha do telegrapho electrico póde seguir diversas direcções.

Uma vai da extremidade da ilha da Terra-Nova (cabo de S. João) á costa sudoeste da Irlanda (cabo Clear). Esta linha tem a extensão de 4840 kilometros.

A segunda direcção parte do cabo de S. Vicente em Portugal, e atravessa o grupo dos Açôres, para dali ganhar em linha recta, como a precedente, a extremidade da ilha da Terra-Nova. Passa pelas ilhas de S. Miguel, Pico e Flôres. Esta linha apresenta menos difficuldades que a precedente, mas tem contra si a circumstancia de começar em terras de Portugal. Na Europa, hoje, só a Inglaterra póde emprehender o gigantesco projecto de que fallamos.

Uma terceira direcção que se poderia igualmente propôr, iria tambem em linha recta da extremidade da ilha da Terra-Nova á ilha franceza de Ouessant. Esta linha teria a extensão de 5390 kilometros.

Póde dizer-se portanto que ha tres direcções principaes para communicar telegraphicamente com o novo mundo, passando sempre por um ponto dado:

Primeiramente a linha ingleza, pelo cabo de S. João e a extremidade sudoeste da Irlanda; comprimento 4840 kilometros:

Segundo, a linha franceza, pelo cabo de S. João e a linha de Ouessant; extensão de 5390 kilometros:

Terceiro, a linha portugueza pelo cabo de S. João, Açôres e cabo de S. Vicente; extensão 5110 kilometros.

Aristides Dumont, o autor do projecto, assegura que as tres linhas hão de existir um dia simultaneamente.

O systema de construcção que se propõe, apoia-se em um principio novo, que consiste em suster o fio da linha electrica por meio de boias, em vez de o deixar ir ao fundo do mar, como se tem proposto ou feito até hoje. O fio fica suspenso por estas boias em tal profundidade, que não obsta á circulação dos navios, nem póde ser destruido pelas oscillações da superficie.

As boias fixas, em fórma de espheras, ou em fórma de dous cones truncados e unidos, poderião ser feitos de folha de ferro galvanisado. Collocando-as na distancia de 4000 metros, umas das outras, seria sufficiente estabelecer 1300 na linha que vai do cabo de S. João á extremidade sudoeste da Irlanda.

Cada uma destas boias tem uma haste da extensão de 10 metros; no extremo inferior da haste ha um annel por onde passa o fio da linha telegraphica.

De distancia em distancia, para tornar o systema fixo, a extremidade das hastes liga-se com uma cadêa que desce ao fundo do mar e ahi se fixa por meio de uma ancora, ou por um peso no extremo, no caso em que o ferro não possa alcançar o fundo. O traçado da linha telegraphica poderá ser modificado de maneira que se encontrem frequentemente pontos, em que o fundo seja propicio para se lançar um ferro.

Os fios conductores podem ser de cobre envoltos em *gutta-percha* tudo fechado em um cabo metallico.

É facil determinar as condições do equilibrio das boias. É objecto de calculo simples, que o autor apresenta com sufficiente clareza no seu projecto. Calcula-se que a despeza necessaria para estabelecer a communicação electrica, atravéz do Atlantico, entre a Europa e o Novo-Mundo, não excederá provavelmente a 40 milhões de cruzados.

Effectuada a communicação, diz Dumont, o que são a polvora, a imprensa, a bussola, comparadas com este instrumento de civilisação que eleva ao maior gráo a centralisação humana, que de um canto do globo, de uma cidade, de uma sala com alguns metros quadrados de extensão, póde fazer o centro dos pensamentos de todos os povos da terra e o observatorio da humanidade? Estabelecida a communicação electro-telegraphica entre os diversos povos do mundo, a descoberta do vapor fica sendo uma descoberta secundaria e de menor importancia.



POESIA.

AMOR EXTINCTO.

VERTIDO DO ALLEMÃO DO BARÃO VON ZEDLITZ.

Consente, oh! deixa que te aperte a mão!
Não m'a retires, não; — já que roubaste
A ventura do amor que me inspiraste —
Consente ao menos que te aperte a mão!

Ainda que por mim já nada sintas,
O meu sonho sequer deixa que afague;
Deixa que a duvidar minh'alma vague,
Embora tu por mim já nada sintas.

Não me invejes este ultimo conforto!
Quando choro no tumulo que encerra
Quanto mais adorava sobre a terra,
Não me roubes este ultimo conforto!

Inda que em minha mão a tua estreite
Qual em ditosos tempos costumára,
Por um signal d'amor o não tomára
Inda que em minha mão a tua estreite!

Um aperto de mão é comprimento.
Em tal distancia amor não se alimenta,
Só c'os labios unidos se aviventa!
Um aperto de mão é comprimento.

Um aperto de mão não é protesto,
Não é d'eterno amor — eterna jura,
E a essas mesmas — bem sabes —se perjura.
Um aperto de mão não é protesto.

Por isso deixa que esta mão te aperte,
O que passou, passou — não, oh! não!
Já que a paz me roubaste ao coração
Consente ao menos que esta mão te aperte.

A. E. ZALUAR.

Maio de 1852.

HERR ALEXANDER

NO PALACIO IMPERIAL DE PETROPOLIS,

EM 20 DE MAIO 1852.

AINDA que appareça um pouco tarde a presente narração da representação do eximio artista Herr Alexander, dada na Augusta Presença de SS. MM. II. no Palacio Imperial de Petropolis, nem por isso julgamos que os nossos honrados leitores receberão sem interesse a descripção minuciosa de algumas curiosas experiencias do magico do XIX.° seculo, que mais captivárão a attenção e provocárão a admiração de SS. MM. II. e dos convidados, que orçavão por um cento.

Na falta de um local apropriado, forão, por ordem de S. M. I., no curto espaço de 24 horas, promptificadas da maneira mais satisfactoria as salas necessarias para a representação, além de salas para refrescos etc.; e todo o Palacio, ainda em construcção, tomou para essa noite um dos aspectos mais agradaveis.

Principiou a representação ás 8 horas da noite. Durante toda ella Dignárão-se SS. MM. II. de exprimir de uma maneira não equivoca sua particular satisfação e applauso. Na verdade, o artista parecia ter ajustado para essa representação uma entrevista extraordinaria com seus trasgos invisiveis, para tornar possivel o impossivel, para produzir maravilhas e habilidades, cuja possibilidade o espirito humano nem por sonhos podia permittir. O limitado espaço não nos permitte descrever por miudo toda esta interessante noite; não podemos porém furtar-nos ao desejo de contar com minuciosidade algumas das mais salientes habilidades do artista.

De um pequeno, insignificante botão de rosa prometteu Herr Alexander fazer desabrochar a mais bella rosa do Brasil. Depois dos necessarios preparatorios e manipulações, nasceu pouco a pouco do botão uma magnifica rosa Pedro II, que o artista com a sua conhecida delicadeza teve a honra de apresentar a Sua Magestade a Imperatriz, que se Dignou conserva-la nas suas augustas mãos durante toda a representação, e ainda

durante todo o baile que rematou tão divertidas horas. — Agua se transformou em delicioso vinho, prata em ouro, as sete côres do arco-iris partião de uma escura garrafa, chovião flôres como da cornucopia de Flora sobre todas as senhoras presentes, sem exceptuar nenhuma; escondião-se cartas, moedas e outros objectos, para extraordinario recreio, nas prégas e mangas dos preciosos vestidos de seda das senhoras presentes, de que nem Sua Magestade a Imperatriz foi isenta.

Nenhuma porém destas pasmosas e extraordinarias habilidades excitou tanto a admiração geral como as duas seguintes:

Herr Alexander pedio a Sua Magestade o Imperador e á Sua Magestade a Imperatriz se Dignassem de escrever o que Houvessem por bem em um pedacinho de papel. Tendo-se Dignado Suas Magestades Imperiaes com a maior bondade condescender com os desejos do artista, pedio elle ao Sr. Visconde de Barbacena de queimar o papelinho, que estava ainda emcima da mesa diante de S. M. o Imperador. Queimado o papelinho, dirigio-se Herr Alexander á Sua Magestade a Imperatriz, com a humilde supplica de determinar Sua Magestade em qual das duas velas de espermacete que se achavão sobre a mesa, queria que se achasse o escripto ha pouco reduzido a cinzas. Pedio depois Herr Alexander, a Sua Magestade o Imperador, afim de dar maior realce á experiencia, houvesse de cortar com suas augustas mãos a vela que Sua Magestade a Imperatriz escolhesse. Satisfeito este pedido, com a maior sorpresa encontrou Sua Magestade Imperial o escripto de sua propria letra, que apresentou á sua Augusta Esposa. O papelinho achava-se dentro da vela, enrolado no pavio!

Porém o nec plus ultra desta representação estava reservado para o fim. O magico pôz sobre uma pequena mesa uma pistola, polvora, espoleta, papel e vareta, pedindo em seguida ao Ex.mo Sr. General Cabral de a carregar, advertindo porém expressamente que elle, Herr Alexander, não poria mais sua mão na mesma pistola até a experiencia terminada. Carregada a arma, o artista dirigio-se a S. M. a Imperatriz pedindo-lhe algum seu annel para S. M. fazer a graça de o deitar com suas proprias augustas mãos no cano da pistola que estava na mão do Ex.mo Sr. General Cabral. Com a maior affabilidade S. M. se Dignou de annuir ao pedido do artista, deixando rolar o annel pelo cano maravilhoso abaixo; feito o que, Herr Alexander pedio ao benevolo atirador de descarregar a pistola pela janella. Não obstante a quasi-certeza em que estava o mesmo Ex.mo Sr. General, de o artista estar bem senhor do que fazia, comtudo como que hesitou um instante, até que, reiterando elle o seu pedido, fez desfechar um estrondoso tiro para os silenciosos valles de Petropolis, donde repercutio um echo centuplicado, que parecião outras tantas vozes dos duendes invisiveis que respondião á chamada do seu mestre. Todos os olhos se fitárão então com impaciencia no semblante do magico, como para ver se nas suas feições anticiparião o desfecho da peça; eis que de repente vôa pela janella dentro um pombo branco como a neve, trazendo atada ao pescoço com fios de prata uma carta nitidamente dobrada e lacrada com sobrescripto — A Sua Magestade a Imperatriz do Brasil. Dignando-se a mesma Augusta Senhora de tirar e abrir a carta, confessamos que faltão-nos expressões com que descrever a justa sorpresa de todos os assistentes, ao verem incluso na carta o annel que poucos momentos antes tinha sido arrojado pela janella fóra!

Com esta maravilhosa peça concluio o insigne artista essa tão interessante representação, que, a ser possivel, ainda augmentou a sua bem merecida fama; e quando para o recommendar não houvessem tantas qualidades e sentimentos nobres e piedosos de que é dotado em gráo eminente, e pelos quaes já é bem conhecido, bastarião as suas maneiras delicadas, a firmeza de seu trato que a cada passo revelão o homem de educação e da fina sociedade, para lhe grangearem a estima e consideração de todos os assistentes.

A representação foi seguida de um esplendido chá na sala vizinha, servindo-se com profusão os mais exquisitos doces e refrescos, e concluida finalmente por um baile que durou até ás duas horas da madrugada.

Certos do subido apreço em que teve o habil artista a honra de ser tão benevolamente acolhido por Suas Magestades Imperiaes, estamos convencidos que Herr Alexander, voltando á Europa, levará comsigo, entre as suas recordações mais agradaveis, a da sua estada em Petropolis, e que

aos seus compatriotas na Allemanha não serão occultas não só as raras virtudes dos Augustos Consortes Imperiaes, como a affabilidade com que se Dignão de sempre tratar ao estrangeiro que tem a fortuna de Lhes ser apresentado.

25 DE AGOSTO DE 1804—MORTE DE M. COTTIN.

Sophia Ristand nasceu em Tonneins, perto de Bordeos, em 1773, e foi educada com esmêro por sua mãi, senhora distincta e muito espirituosa. Na idade de 17 annos casou com o banqueiro Cottin, e foi morar em Paris; porém enviuvando passados tres annos, retirou-se para uma quinta, onde se entregou occultamente aos estudos litterarios. Escreveu muito; mas sem pensar como poderia publicar as idéas que até ali só lhe tinhão servido para entreter algumas pessoas da sua amizade, quando um infeliz proscripto por motivos politicos teve precisão de 50 luizes e lh'os pedio. Não os tendo ella nessa occasião, e não podendo resistir ao desejo de livrar do cadafalso uma victima, foi procurar um mercador de livros, e por essa quantia lhe vendeu o manuscripto de Clara de Alba. — Desta maneira a sua primeira obra litteraria servio para uma boa acção.

Animada pela estimação que esta obra mereceu, publicou successivamente—Malvina — Amelia de Mansfield, Mathilde e Isabel, ou os desterrados na Siberia. Esta ultima é sem dúvida a de maior apreço. Os seus outros escriptos, cheios de fogo e de movimentos de paixão, não convirião á juventude; porém serião lidos com satisfação por pessoas de mais idade, em razão da elegancia e melodiosa facilidade do seu estylo. Interessante pelo seu talento, modestia e bondade a toda a prova, Madama Cottin morreu ainda joven, chorada por grande numero de pessoas da sua amizade

CHRONICA DA QUINZENA.

SINCERAMENTE confesso que nem o proprio Julio Janin era capaz de encontrar nesta escansalada quinzena assumpto para escrever um dos seus espirituosos folhetins. Erão-lhe bem applicados aquelles versos de Garrett, quando diz, fallando do anno velho:

Vai-te, anno velho, vai-te, e nunca volvas
Dos seculos no gyro;
Sumido sejas tu nas profundezas
Da immensidade do nada,
Anno parvo e poltrão, chocho e sem prestimo,
Inutil como um conego.

Tirando, ou pondo de parte, que é o mesmo, o baile do Cassino, que no fim de contas, digão o que quizerem, ainda não foi este anno o que tem sido nos outros. isto é. uma reunião numerosa, esplendida e jovial, nada mais encontramos no decurso destes quinze dias que mereça as honras de figurar nas columnas de uma chronica, escripta com toda a consciencia de um moderno historiador. As corridas de cavallos e de carros á romana, projectadas para o dia ultimo do mez passado, dérão á costa, por causa da chuva, e quem mais ganhou com isso, estamos certos que forão os cavallos. Os Pegasos adormecêrão pelas encostas do Olympo, e a carroça de Phaetonte encalhou as rodas n'algum pantano alagadiço. Forão adiadas pois para o proximo domingo. — Queira Deos que se não desatem de novo as cataratas do céo. Se no sabbado estiver bonito dia, julgo melhor convidar Josué para fazer parar o sol, pois assim uão haverá o perigo de, no gyro da noite, se desorganisar o estado pathologico das estrellas e da atmosphera. Fallei como um Hippocrates. Estamos na maré delles! não admira.

Mas a grande questão é que eu tenho que escrever uma Chronica da Quinzena, e nunca me vi mais destituido de veia, de inspiração, do que hoje, para semelhante fim. Se eu conhecesse nos meus leitores aquellas bóssas, que na phrenologia de Gall e Lavater indicão a propensão para as investigações históricas, talvez abrisse agora um alfarrabio que ali tenho, e lhes contasse cousas do arco da velha. Mas como não sei se me enganarei em meus calculos, não quero insistir muito neste ponto. Lembrar-lhes-hei comtudo que hoje é o anniversario daquella celebre revolta dos *Communeros* na Hespanha, á frente dos quaes se achava Padilla. Será proveitoso dizer duas palavras a este respeito. Padilla foi o descendente de uma illustre familia castelhana, de quem havia herdado todo o orgulho da sua raça. Em 1520 organisou essa grande liga na Assembléa d'Avila. fazendo-se o chefe do partido nacional contra o poder de Carlos V, e assenhoreando-se em seguida de Tordesillos e Villadollid. Estando ja debaixo de seu poder Joanna a Louca, promulgou em seu nome os decretos dos *Communeros*, e forçou deste modo Carlos V a fazer-lhe diversas concessões; bem depressa porém vio, em virtude dessas mesmas concessões o clero abandonar a liga, e com elle os soldados tambem; chamado para o commando geral em substituição de Don Giron, não se rehabilitou da extrema penuria de suas finanças senão despojando a cathedral de Toledo de uma grande parte de seus thesouros. Vencêrão-o, e foi preso em Villalar. No dia seguinte morreu ás mãos do algoz. Data desta época o absolutismo de Carlos V, e depois delle o de todos os reis d'Hespanha. Esta pagina é de um grande alcance, e o historiador philosopho não poderá deixar de encontrar nella thema para graves reflexões.

Emquanto a theatros, a mesma monotona esterilidade que em todos os outros divertimentos da capital. M.me Stoltz continúa a fazer o papel

de *divina*. Mas agora não é a illustre cantora a causa da expectação em que por emquanto nos conservamos a respeito da sua voz, que os entendedores proclamão inimitavel.

Fallámos em Theatros, e não podemos deixar de lhe associar uma recordação infausta: a morte de Bassadona e a de Bianchi. O nosso Theatro Lyrico parece condemnado a uma fatalidade implacavel. Todos os seus mais brilhantes ornamentos tem sido victimas da morte, e da morte no meio de um paiz estrangeiro, longe de todos os seus, que lhe redobra, por assim dizer, o horror. Corramos um véo sobre esta pagina, accrescendo só que á proporção que o nosso Rio de Janeiro vai perdendo a sua antiga reputação de uma das cidades mais saudaveis da America, a amena Petropolis a vai ganhando e confirmando cada vez mais; do que dá uma nova prova Herr Alexander que de lá voltou a semana passada inteiramente restabelecido dos seus incommodos e encantado desta nova Cintra brasileira. Muito sentimos não poder annunciar alguma representação nova do celebre magico, visto elle estar em vesperas de partida.

E com a pagina fechemos tambem esta Chronica, que não irá sem mais quatro versos do *anno velho*, já citado, que tem uma directa applicação a esta magra quinzena:

Trague-te o olvido inteiro; mais memoria
De ti não fica á terra
Do que deixa um abbade de Bernardo,
Da academia um socio.

D. Sallustio.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

QUANDO tenho que escrever uma descripção de gravura á cerca de modas de homem, o meu maior desejo é passar pelo assumpto como o *gato por brazas*.

Se os homens são tão semsaborões! E é tão difficultoso dizer-lhes uma palavra com graça, e que a entendão!

Mas, emfim, é preciso dedicar-lhes duas linhas a *queima roupa* relativamente ás suas modas.

Assim como se redige um bolletim official, e se escreve uma ordem do dia, eu vou traçar este artigo; isto é, secco, prosaico e soporifero.

Lá vai:

Continuão-se a usar *toilettes* de transição para homens: quer dizer, nem muito ao mar, nem muito á terra.

A primeira figura collocada á esquerda da nossa estampa representa uma vestimenta de passeio, tão simples quanto elegante, tal, n'uma palavra, como os alfaiates do tom as devem produzir (para este assumpto veja-se Blachon, Ludmann): compõe-se d'uma casaca justa, córte à franceza, golla em V aberto, ornadas as bandas de cinco botões, dos quaes apenas quatro servem para abotoar; ábas fazendo a continuação da banda, e arredondando-se perfeitamente, mangas largas e sem adornos; camisa de Bretanha. Collete de riscas ao comprido. Calças semilargas e sem lista nas costuras.

A segunda vestimenta, destinada a uma idade mais avançada, é tambem mais seria. Compõe-se d'uma sobrecasaca curta, e trespassada, de talhe um pouco justo, mangas folgadas desde o hombro, um pouco mais justas no antebraço e sem canhão, calças de cachemira d'inverno.

As duas *mises* de criança são do melhor gosto possivel. O menino mais novo usa de uma *blouse* bretanheza, com um sobretudo á moda de Nantes; este ultimo vestido ajusta-se perfeitamente ao outro; calça de casimira muito larga, moda de Luiz XIII; chapéo à mosqueteira da guarda escosseza. O menino mais crescido traz bonet á prussiana, jaqueta comprida. com uma só ordem de botões, e collete direito de Valencia.

CHARADA.

Pequenos ou grandes
Mas bem vigorosos!
Senão do que servem
Caminhos famosos? 1

D'escura caverna,
Bem logo á entrada,
Comigo daráõ
Se fôr procurada. 1

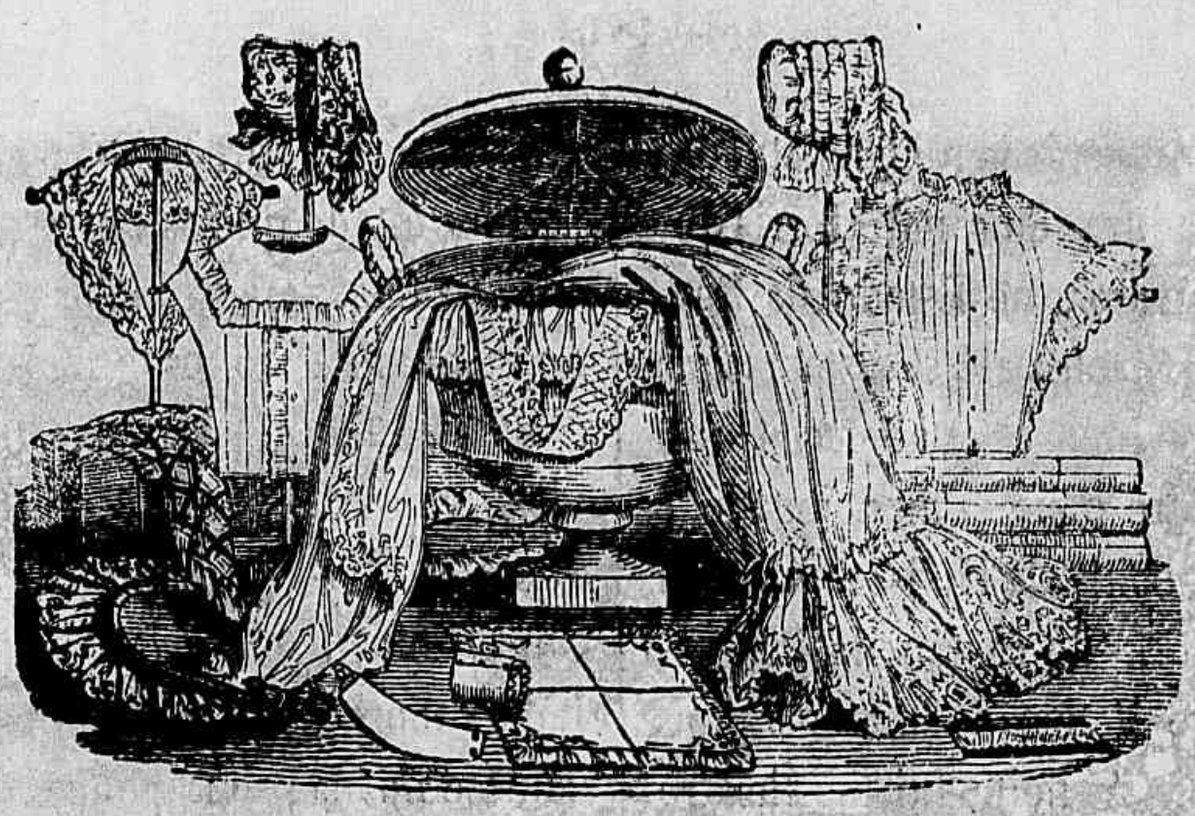
Ainda que occulta,
E bulha não faça,
Sou logo sentida
Bem como a desgraça. 1

Que triste viver o meu!...
Noite e dia a trabalhar,
Exposto a perigos medonhos,
Sem da miseria passar!

A significação da Charada do n.º 22 é: Despacho.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. PUBL. DA CORTE

VIAGEM A NOVA-YORK.

(ESTADOS-UNIDOS).

FRAGMENTO.

QUANDO cheguei a Nova-York fazia máo tempo; porém assim mesmo estava o cáes cheio de gente: carruagens publicas, elegantes e commodas estavão collocadas á entrada das ruas, que são largas, guarnecidas de passeios, e perfeitamente asseiadas, sendo magnifica a que tem o nome de Broadway, principalmente de noite, quando as luzes de gaz illuminão as ricas lojas. Na primavera ainda ficará mais interessante, em razão de se cobrirem de folhas nesse tempo as arvores plantadas na frente dos passeios. A bateria, o arvoredo que a precede em uma das extremidades, e o passeio publico situado em um dos lugares mais frequentados, me parecêrão muito agradaveis, e mais o serião no tempo de verão; porém nem o aspecto da cidade, largura das ruas, asseio das casas, e mais objectos que a embelezão, me admirárão tanto como a grande actividade commercial, a acção continua da industria, o progresso da população, a commodidade geral, e finalmente um ar de prosperidade que se divisa em todas as classes.

Desde que cheguei, empreguei o tempo em correr a cidade, e fiquei admirado do extraordinario augmento que ella tem em todos os pontos ao mesmo tempo; edificão-se casas, completão-se quarteirões, abrem-se ruas, formão-se grandes praças etc. Se, deixando de prestar attenção ao que se passa na cidade, se observa o que vai pelo mar e rios que a circumdão, mais animado e mais interessante se torna ainda o quadro. Em todo o comprimento do cáes se levanta um bosque de mastros pertencentes a navios de todas as nações, e aos vapores destinados a manter a communicação entre os differentes Estados da União. No rio, da parte do norte, na bahia e braço oriental continuamente se vêm cruzar pequenos vapores, que chegão e partem a todas as horas do dia, e da noite, carregados de passageiros e mercadorias, assim como outras embarcações carregadas de madeira, pedras, e outros materiaes, que vem de pontos longinquos. Fui a ver o caminho de ferro que se fez desta cidade a Newarck, e na verdade admirei o trabalho que se teve, fazendo-se aterros em alguns pontos, de altura de 15 a 20 pés. A grossura dos pilares é de cinco pollegadas e meia, e a sua espessura de meia pollegada. Esta construcção foi ainda simplificada nas ramificações provisorias, que partem do caminho principal.

Newarck é uma bonita cidade, bem situada, fundada junto á embocadura do canal Morris que se estende desde o Delaware, no Estado da Pensylvania, em frente de Easton, até á distancia de noventa milhas. Por este meio se estabeleceu uma communicação facil entre o rio já mencionado e a Passaic, que entra na bahia de Hudson. O canal Morris abastece Nova-York de carvão da Pensylvania, e as fabricas de Paterson, das materias primas que consomem. Á noite fui ao theatro italiano; é pequeno, porém ricamente decorado. Os camarotes são alcatifados, e tem sofás e espelhos. Não havia muita concurrencia, mesmo porque á excepção da primeira dama Fanti, tudo o mais era inferior, e mesmo porque, segundo me asseverárão, os Americanos não gostão da opera.

Dirigi-me ao cáes Fulton, e embarquei em um vapor para a cidade de Brooklyn, situada na outra margem do braço oriental da bahia.

É Brooklyn uma cidade magnifica, fundada como por encanto; tem ricas lojas e soberbos edificios; porém, como o meu objecto era ir ver umas carreiras a pé e a cavallo, a distancia de dez milhas no caminho de Jamaica, não tive tempo para correr as ruas, e segui logo para o meu destino.

As carreiras pouco me divertirão, em razão do vento frio que soprava, e por isso me retirei antes de se concluirem.

Travei amizade com o barão Lederer, consul geral da Austria, homem estimavel pelas suas boas qualidades e pelos seus talentos. Elle possue um rico gabineto de mineralogia geral, e de uma collecção mineralogica dos Estados Unidos, com declaração dos lugares a que pertencem taes objectos. Depois de haver lançado uma rapida vista d'olhos sobre todas estas riquezas, fructo de 18 annos de trabalho, fomos visitar o lyceo de historia natural, estabelecimento consideravel, fundado e mantido por alguns habitantes de Nova-York, que se dedicão ao estudo desta sciencia. Existe ali bibliotheca, uma collecção de conchas perfeitamente classificadas; passaros, alguns peixes, alguns reptis, e uma serie regular de mineraes e de ossos fósseis achados nos Estados-Unidos. Corri as lojas para conhecer o estado das manufacturas, e depois fui ao musêo Americano, que forma esquina na rua Broadway, em frente da igreja da Trindade. Este existe em melhor estado que os outros. Os passaros occupão o salão do primeiro andar, e estão classificados; no segundo estão os grandes quadrupedes, o elephante, leões, tigres, pantheras, o Cervus virginianus, e outros muitos de tamanho mediano e mais pequenos. Entre as especies bem conservadas, citarei o vespertilio vampirus de Jada—morcego grande.—A secção dos peixes está bem cuidada; vi poucos insectos, e poucas conchas. O preço da entrada de todos os museos é de 200 réis em prata. Disserão-me que de noite é grande a affluencia dos visitantes, não só porque as diversas collecções illuminadas pelo gaz parecem mais brilhantes, mas tambem por se tocarem ali algumas peças de musica, e mostrarem-se as principaes cidades do mundo, e outras peças, em optica.

Já tomei nota dos estabelecimentos de beneficencia de Nova-York, devidos á philanthropia dos habitantes, sendo de admirar que só á força de investigações, eu pudesse saber que existião na cidade instituições apreciaveis. É verdade que a massa activa da população só cuida do commercio, e a outra, que se compõe de estrangeiros, tambem se emprega em especulações, e por isso é necessario sahir deste tumulto para saber alguma cousa a respeito da caridade publica, e sobre os meios que se empregão para melhorar a condição dos desgraçados.

Pela segunda vez fui com um dos meus amigos visitar Paterson, onde existem varias fabricas de algodão. Em Newark alugámos um carrinho; mas começando a chover, fomos obrigados a ficar no caminho, e por esta circumstancia tive eu occasião de saber o preço dos comestiveis, que, sem duvida, são muito mais baratos que em Nova-York, posto que só diste dez milhas. Apezar da continuação da chuva, fomos ver a cataracta do rio, a uma milha de Passaic. Na verdade é admiravel a cascata pittoresca que offerece á vista, precipitando-se a agua da altura de 72 pés de elevação perpendicular; e os vapores, que, semelhantes a poeira fina, se elevão do fundo do precipicio, dão a esta paizagem uma apparencia selvagem digna de habil pincel.

A maior parte das fabricas são de algodão, e tambem ha fundições, onde se fazem todas as peças necessarias para o mecanismo da fiação e

para os carros de viagem etc. Os artifices que trabalhão nas fabricas, em geral, ou são Irlandezes ou Allemães, e só ganhão 10 shillings por semana, porém dá-se-lhes comida, que é barata; pois na hospedaria, por chá, quarto e cama, e almoço para duas pessoas, nos pedirão 1$700 réis.

(Continúa.)

O CHALE.

Ao partir para o Egypto, lançou Bonaparte os olhos na direcção de Londres, pensando em nada menos do que na conquista da India; ou, para melhor dizer, no anniquilamento da Inglaterra por meio da ruina do seu commercio.

Capacidade, valor, audacia, tudo correspondia á grandeza do objecto a que Bonaparte se propunha: se o resultado falhou, attribua-se isso, não a elle, mas ás circumstancias que se derão. Tanto á vista de S. João d'Acre, como de Moscou — tanto no começo como no fim da sua carreira, foi Bonaparte contrariado nos seus vastos projectos pelo clima — aqui por frio intenso, ali por insupportavel calor.

Não pretendemos, comtudo, fazer uma narração circumstanciada da grande empreza a que alludimos; o que sim desejamos é mostrar, em poucas palavras, uma verdade que até hoje tem corrido inapercebida, a saber: que a conquista do Egypto, pelo exercito francez, em 1798, não foi, em conclusão, senão a conquista do *chale de cachemira* e a batalha das Pyramides, sómente alcançada para maior gloria e brilho dos *toilettes* das senhoras.

Com effeito, antes desta época, o *chale* era quasi absolutamente desconhecido em França, e por conseguinte em todos os paizes que seguem as modas daquella nação. É verdade que os embaixadores do famoso Tipo-Saib tinhão trazido outr'ora, entre seus presentes magnificos, famosissimos chales: a moda porém olhou para estes com indifferença. Foi, portanto, necessario que um exercito expedicionario atravessasse os mares, e, sob o commando de Bonaparte, batesse os Mamelucos, e os despojasse de seus uniformes, para que a moda, movida talvez por espirito de conquista, buscasse apropriar-se do chale.

Na sua entrada no Egypto, generaes, officiaes e soldados ignoravão o valor dos ricos tecidos, que enrolados formavão os turbantes dos Mamelucos. Por isso, depois da batalha das Pyramides, cada um dos vencedores se deu pressa em desenrolar os turbantes, deixados sobre o campo, e em corta-los para gravatas. Dentro de poucas horas todas as praças do exercito victorioso tinhão adornado o pescoço com seu pedaço de cachemira. Comtudo, era tal o numero de mortos, e por conseguinte tão grande o numero de turbantes sem dono, que, não obstante o destroço que já tinhão soffrido na feitura de gravatas, ainda restavão montões delles, os quaes, enfardados, forão remettidos para França.

Em França tiverão aquelles tecidos a mesma sorte desgraçada que no Egypto, a de serem feitos retalhos para mantinhas e gravatas: a moda não julgou opportuno applica-los a outra cousa.

Neste meio tempo regressou á França o exercito expedicionario. Um de seus jovens capitães, do appellido do qual apenas escreveremos a letra inicial, visto que ainda ao presente vive, Jorge T..., nutria desde muito tempo a mais viva paixão por madama Tallião. Apenas chegou a Paris, soube o capitão que o seu antigo idolo tinha enviuvado. O primeiro cuidado do capitão foi o de ir immediatamente procurar esse idolo adorado.

Madama Tallião, tão espirituosa como galante, recebeu o recem-chegado como conhecido antigo, não se esquecendo todavia de lhe fazer esta maliciosa pergunta:

— Então, meu cavalheiro, que me trazeis de vossas viagens e de vossas conquistas?...

— Oh! tendes milhares de razão, lhe respondeu T... mordendo os beiços e balbuciando. Desculpai, senhora, o meu esquecimento. Foi tal a pressa...

— Que! esquecestes-me?... Isso esperava eu...

— Esquecer-vos!... eu, esquecer-vos! Só quando a terra devorar este meu corpo! Nem pensar nisso! exclamou T... vendo que os olhos de madama Tallião havião tomado certa expressão desdenhosa. Emquanto andei ausente, proseguio o capitão, nunca deixastes de occupar o lugar que ha muito vos pertence neste meu peito; mas com a pressa de vos ver, esqueceu-me de trazer comigo um objecto que desde o Egypto me acompanha para vos offerecer.

— E que objecto é o que me destinais?

— Nem eu sei o seu verdadeiro nome; mas afianço vos que é obra prima, e sobremodo delicada. Estou intimamente convencido de que merecerá a vossa approvação.

Logo que o capitão se despedio, a imaginação de madama Tallião, viva como toda a imaginação meridional — madama Tallião era hespanhola, — começou a scismar qual seria o objecto que o capitão lhe destinava, como recordação das suas viagens, e que na opinião delle muito apreciado seria por madama Tallião. Ora, o Egypto era para a formosa dama a India, e a India o paiz dos Chins: perolas de extraordinario tamanho, diamantes fabulosos, cousas emfim impossiveis — tudo imaginava que o capitão lhe trazia dos remotos paizes que tinha percorrido.

Este, assim como todos os sonhos agradaveis, tomava de momento a momento as mais vastas proporções. Tocava a extravagancia, quando Magdalena, criada de madama Tallião, entrou na sala conduzindo um embrulho, que um homem trouxera da parte do capitão Jorge.

Pegar no embrulho, desatar-lhe as fitas com que vinha atado, foi obra de um instante. Papeis, papeis, mais papeis, sobre papeis, era o que ia successivamente apparecendo. Será tudo papel!? perguntou, zangada de tanta papelada, madama Tallião, impaciente de ver o que elles cobrião. Por fim, apparece... o que? um chale de cachemira, perfeitamente conservado e completo: um cachemira dos melhores que a India tinha fabricado.

Passado o primeiro momento de sorpresa, madama Tallião desdobrou o chale, e examinou o com toda a attenção. Depois, cheia de colera, machucou-o todo, soltando ao mesmo tempo estas phrases:

Que! tomar-me-hia por uma infiel? Um presente de tal casta não póde significar outra cousa. Mandar-me um turbante! um turbante! Ahi tens, Magdalena, faze desse trapo lencinhos para o pescoço.

Quando madama Tallião dizia isto, andava Magdalena arrumando o quarto, e achava-se em posição tal, que quando a ama lhe atirou com o chale, este se desdobrou, ficando estendido completamente sobre os hombros da criada, e do mesmo modo que hoje se usa.

— Está quieta, Magdalena! exclamou de repente madama Tallião, admirada da riqueza das côres, da elasticidade do tecido e do ar elegante que o chale prestava a Magdalena. Conserva-te firme!

A criada, sem saber o que tudo isto queria dizer, ficou firme como um sargento.

Depois de alguns minutos de silencio, proseguio madama Tallião:

— Volta-te!... Bem!... Marcha!... Alto!... Frente!... Perfeitamente. É a melhor cousa que tens feito desde que estás em minha casa: um soldado prussiano não manobraria com mais precisão.

O exercicio durou talvez meia hora.

—Estou muito satisfeita comtigo, oque raras, mui raras vezes, succede. Podes retirar-te, Magdalena. Talvez que o trapo — esse presente *magnifico*, que Jorge me trouxe (disse madama Tallião com certo ar ironico e despeitoso) te dê para tres lencinhos.

Á noite, Jorge, duvidoso da maneira como a Tallião teria recebido o presente, a que elle proprio dava pouco apreço, apresentou-se em casa da sua amada, á qual, feitos os comprimentos em uso naquelle tempo, dirigio esta pergunta:

— Que tal vos pareceu o chale? Estou bem certo de que a sua apparição não ha de causar pouca inveja a certas damas da côrte... Em verdade, é até onde póde chegar a industria humana! Que linda combinação de côres! que tecido delicado! que maravilha!... Persuado-me que estareis satisfeita...

— Muito! respondeu madama Tallião: já recommendei á minha criada Magdalena que vos agradecesse a lembrança. Se me não engano, o chale sempre lhe dará á farta alguns lencinhos...

O capitão tornou-se pallido ao ouvir proferir tão duras palavras — o caso era assaz delicado.

— Sempre sou muito cruel! exclamou madama Tallião, observando o terrivel effeito que as suas palavras tinhão produzido... Perdoai-me, Jorge, de vos fazer soffrer tão duramente. Foi da minha parte uma indiscrição — uma graça bem pouco graciosa... Mas que quereis? sempre tive este genio folgazão. Estimo tanto a vossa lembrança — o rico chale que me mandastes, que apenas o recebi e vi, desde logo formei tenção de vos pedir outro... e será possivel alcança-lo?

A uma tal pergunta não havia meio de responder senão pela affirmativa. Foi justamente o que

fez o capitão Jorge, apezar de conhecer quanto lhe seria custoso encontra-lo.

Era grande a quantidade de gravatas e mantinhas de cachemira que se achava á venda nas lojas de modas, mas nem um unico chale apparecia igual, ou semelhante, ao que Jorge tinha dado a madama Tallião. Emfim, depois de gasto um dia inteiro em baldadas indagações, lembrou-se Jorge que um camarada seu e amigo tambem tinha trazido do Egypto um turbante completo. Corre á casa delle, e chega justamente no momento em que a mulher desse seu amigo ia cortar o turbante, para delle fazer mantinhas e gravatas.

— Suspendei, senhora! exclamou Jorge. Tenho absoluta necessidade desse turbante — delle depende a minha futura sorte! Dar-vos-hei por elle quanto quizerdes — não olho a preço.

E nisto, sem mais explicações, lança mão do turbante, e corre apressado á casa de madama Tallião.

Tres horas depois, esta dama, acompanhada do capitão Jorge, entrava no theatro italiano vestida com a maior elegancia, e n'um gosto inteiramente novo; sobresahindo a todos os ricos objectos de que se compunha o seu toilette o magnifico chale.

A apparição deste novo objecto causou, como madama Tallião esperava, a maior novidade e sorpresa aos espectadores; e desde então o chale ficou sendo um dos accessorios indispensaveis da moda

Decorrido algum tempo, todas as damas francezas usavão de chale *á Tallião*. Eis em summa a origem do chale, do rival dos capotes, capas e mantéos; e o fim principal da conquista do Egypto.

* * *

CURIOSIDADES HISTORICAS E RELIGIOSAS.

RELIQUIAS.

O culto das reliquias existe em todas as religiões. Entre os christãos tomou uma grande extensão, principalmente no Oriente, nos lugares que forão o berço do christianismo; e a narração dos viajantes, que forão visitar esses lugares em que Jesus Christo viveu, e depois morreu, nos transmittio cousas muito interessantes.

A cada passo os peregrinos achavão o que os livros santos referião. Em um ponto via-se a arvore a que Zacheo tinha subido para ver a Jesus; em outro, a figueira em que Judas se enforcou; mais longe, o altar em que Abrahão ia sacrificar Isaac; em outra parte, as pedras com que Santo Estevão foi maltratado; e afinal, cousa mais admiravel, na igreja de Sião, a pedra allegorica, a celebre pedra angular de que tantas vezes se trata na Biblia.

Quando, em 1187, Saladino se apossou de Jerusalem, os habitantes reunirão em quatro grandes coffres de marfim todas as reliquias que se achavão na cidade; mas o vencedor não consentio que elles as levassem sem licença do principe da Antiochia, debaixo do juramento de pagar por ellas a quantia de 52$ besantes, o que se effectuou com o auxilio de Ricardo Coração de Leão, que nesse tempo se achava na Syria.

Quando Constantinopla cahio em poder dos Turcos, Mahomet II fez ajuntar todas as reliquias que existião na cidade, e mandou-as pôr junto ao seu thesouro. Muitos principes latinos lhe offerecêrão grandes sommas para obterem algumas, e este novo genero de commercio, creado pelo sultão, produzio grandes interesses.

Mahomet II não vendeu todas as reliquias que a victoria tinha posto á sua disposição, e tanto assim, que, quando o irmão proscripto de Bajazet II se refugiou em França, este ultimo mandou fazer grandes offerecimentos a Carlos VIII, afim de que mandasse pôr o fugitivo em segurança. O offerecimento consistia na remessa de todas as reliquias de Deos nosso Creador, dos apostolos, e dos santos e santas que seu defunto pai Mahomet tinha achado em Constantinopla, quando a tomou aos christãos; e bem assim as que se achárão em varias cidades. Em 1488, cahindo o infeliz principe em poder do Papa Innocencio VIII, cuidou o sultão de o persuadir por meio de presentes, offerecendo-lhe, entre outros objectos, o ferro da lança que tinha penetrado no peito de Nosso Senhor; mas tendo elle guardado a tunica sem costura, foi causa de grande questão em toda a Italia, para se decidir qual era de mais valor, se o presente feito ao Papa, ou o que o grão-senhor tinha reservado para si. Afinal decidio-se que o ferro da lança tinha o primeiro lugar, visto ter tocado no coração de Nosso Senhor, e ter sido tincto com o seu precioso sangue.



POESIA.

A UMA SENHORA.

O mundo não tem prazeres
que sejão dignos de substituir-se áquelles que nos rouba, quando os pensamentos de fogo da juventude se apagão no coração, morto antes de findar a vida.

BYRON.

Quando a quadra feliz da juventude
Meus dias enflorava de boninas,
Eu sabia cantar — e minha lyra
Tinha nas cordas vozes peregrinas.

A cada affecto nobre um puro canto
Exhalava minh'alma, e repetia
Ao mar, aos astros, ao silencio, á noite
Carmes de mágoa ou hymnos d'alegria.

Ainda o vulto negro do futuro
Não empanava o brilho ao sol da vida:
Era luz a montanha, o campo esmalte,
E a tormenta nos céos adormecida.

Mas agora, onde irei, oh doce amiga,
Colher aquella flôr que o genio afaga,
Se já não tenho sol, nem luz, nem vida,
E o éstro sinto que a tremer se apaga?

Espinhos forão só que me ficárão
Das minhas illusões — dos meus enganos —
Epitaphio de dôr na sepultura
Que a morte abrio-me na flôr dos annos.

A. E. ZALUAR.

A SENSIBILIDADE DO LEÃO.

O mais sociavel dos animaes selvagens é, sem duvida, o leão. É muito raro habitar elle só na sua cova; quasi sempre tem junto de si um outro animal que lhe serve de companheiro e amigo. Muitos exemplos poderião trazer-se em apoio desta asserção. Na Barbaria, Nubia e Arabia o companheiro inseparavel do nobre rei dos quadrupedes é o caracol. Linneo e Buffon derão o nome de caracol a uma especie de gato montez, conhecido tambem pelo nome de lynce da Barbaria ou do Levante.

Thevenot, seguindo o dito dos Arabes, que chamão este animal o guia e dispenseiro do leão, assevera que elle vai alguns passos adiante do leão, que o guia para os sitios mais abundantes de caça, e que se elle se afasta por meio de um uivo particular, o avisa de que, ao seu alcance, vai passar uma peça de caça. O leão, em paga destes serviços, divide irmãamente com elle a presa que lhe cahe nas garras. O caracol é considerado o lynce dos antigos, e delle ha varias qualidades na Barbaria, Nubia, Persia e Bengala. Conta-se que no Senegal o leão escolhe outro companheiro, e dizem ser o lobo, que, segundo a sua indole, muito longe está de ser serviçal; porém Adanson assevera que o lobo se liga intimamente com o leão; que muitas vezes andão juntos pelas margens do Niger em procura de caça, e que isto é tão verdadeiro, que, pernoitando elle, certa occasião, na cabana de um preto que sobre ella tinha porção de peixe a seccar, víra um leão e um lobo saltar onde estava o peixe, e carregar o que pudérão. Adanson muito bem os distinguio, e soube que andavão a par um do outro, porque na manhãa seguinte achou na praia as pegadas nessa disposição.

Na casa dos bichos do Jardim das Plantas de Paris vêem-se cães encerrados com leões ou leôas, e tem-se observado que, bem longe de serem maltratados por estes terriveis animaes, pelo contrario estes lhes tomão amizade. Uma monstruosa leôa do Senegal se deixava de tal maneira dominar por um cãozinho que vivia com ella, que não tocava na comida, sem que o pequeno animal comesse primeiro e se satisfizesse; quando elle queria dormir, a leôa se deitava com muito geito, para que elle se collocasse entre as suas pernas; e

finalmente, morrendo o cãosinho, a leôa tambem morreu de pena; e supposto lhe levassem muitos outros que se parecião com aquelle, sem lhes fazer mal os desprezava, afastando-se.

Quantos amigos haverá comparaveis a esta leôa!..

BREVIARIO DAS SENHORAS.

A amizade que falla, quando deve obrar, é o verdadeiro egoismo.

A sciencia só ennobrece, quando ella é verdadeira.

A economia do tempo é o principio de todas as riquezas.

O emprego do tempo nada vale, se delle não resulta utilidade.

O inimigo mortal da mocidade é a presumpção.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.



AINDA não tinhamos apresentado ás nossas amaveis leitoras figurinos de montar a cavallo; vamos hoje remediar esta imperdoavel lacuna.

É tão bonito ver uma senhora a cavallo! Dou a minha palavra, que sempre me estasio quando vejo um garboso corsel, ufano da carga que supporta, obedecer submisso ás delicadas mãos que o governão! Como elle alteia o collo e reconhece a soberania de que vai revestido! Não só nos bailes e nos salões as mulheres são bellas, tambem nos exercicios varonis sabem patentear uma graça que os homens não tem! Este novo traje que hoje apresentamos é uma prova de que são justas as nossas asserções.

A nossa gravura representa tres jovens, das quaes só duas podemos reconhecer, que são lindas, que conversão ou escutão a opinião de uma dellas, que está sentada, provavelmente ácerca do destino que deve levar o seu novo passeio. O que decidirão, não sei: mas a maneira por que estão vestidas eu vo-lo digo, como melhor me favorecer a musa.

A da esquerda, que está com as costas viradas para o espectador (linguagem de drama) usa uma linda vestimenta de panno azul, cujo modelo mais facilmente se póde estudar na gravura do que em uma circumstanciada descripção minha. Traz um chapéo alto de pello de seda preto, véo verde preso em redor das abas, luva de pellica côr de canna, e um delicado chicote com cabo de madreperola.

A segunda, do meio, traz chapéo de copa baixa, adornado de uma pluma verde ao lado direito, lencinho de setim côr de rosa ao pescoço com os colarinhos voltados; camisa de pregas, jaleco com alvinhas e golla de rebuço, abotoado por uma só ordem de botões; mangas justas, com o punho da camisa voltado para cima. A sua vestimenta é côr de café.

A terceira, é a que nos apresenta mais novidade. O seu penteado é de um lindissimo gosto. Lenço azul ao pescoço; fina camisa de preguinhas. Collete branco de acolchoadinho inglez, jaleco de côr differente da saia, aberto adiante, para deixar descobrir o collete, mangas largas, e sob-mangas em fórma de balão. Chapéo *rapé*, côr de café com leite, adornado de uma pluma analoga. Eis-aqui tres lindos modelos!

LOGOGRYPHO.

I.

Cada vez mais me convenço
Do meu escasso saber;
Porém não posso deixar
A mania de escrever!

II.

Escrever!... essa é bem boa!!..
Pois póde um pobre *patáu*
Dizer que escreve, almejando
Nas *Lettras* dar seu quináu?!....

III.

Conheço que sou mui pobre.....
Mas sómente por fazer
Um mesquinho *Logogrypho*,
Não devo castigo ter.

IV.

Assim pensando, começo
Pela primeira e a quinta:
Podem ser aba, appellido,
Sem haver quem as desminta.

V.

Porém, se acaso as invertes,
Estaráõ n'alguns lugares,
Dando a uns, honras, prazeres,
A outros morte ou pezares!

VI.

Quarta e segunda, não devem
Conter nome de espantar;
Mas, sem um certo elemento
Não o pódes encontrar.

VII.

Terceira e segunda, outr'ora
Causou fortes dissenções:
— Agradavel póde ser
N'algumas occasiões.

VIII.

Segunda e quinta, has de ver
No *Brasil*, em *Portugal*;
E, conforme, o sujeitinho,
Póde trazer bem ou mal.

IX.

Quinta e terceira, de um verbo
É a primeira pessoa:
Boa acção é nos navios,
Não é na estrada mui boa.

X.

Terceira, quarta e terceira,
Affirmão que vida tem:
— Atacando, plantas, homens,
Nunca póde causar bem!

XI.

Quarta e quinta, se fizeres
De um — *a* — um pequeno — *e*, —
Se a tens, ah! meu amiguinho!
Move bem ligeiro o pé.

XII.

Transpõe as taes duaszinhas,
E muda-lhe o — *a* — em — *o* —:
É do reino vegetal,
E quasi nunca está só.

XIII.

Segunda e quarta, se mudas
Apenas um — *i* — n'um — *e* —,
Acharás grande volume,
Quer tu tenhas ou não fé.

XIV.

A quinta, é interjeição....
(Não quero mais explicar)...
Posto que bem pouco usada,
Vai-se tornando vulgar.

XV.

A segunda.... não é graça!.....
È de muitos conhecida.....
E só ella, ás vezes, forma
Um meio certo de vida.

XVI.

A quarta, quem assim falla,
De *Minerva* entrou no Templo,
Se da palavra que der,
Nos apresenta um exemplo.

XVII.

É incommoda a terceira;
Della gosta muita gente:
Tem muito varias especies.....
É lethal; cura o doente.

Uns gostão da zona ardente,
Outros dos gelos do Norte:
— Em toda a parte, contente,
Eu vivo c'o a minha sorte.

M. A. Ferreira da Silva.

Publicaremos o nome da pessoa que primeiro apresentar a decifração.

A significação da Charada do n.° 23 é: Pescador.

ERRATA IMPORTANTE.

Na bella poesia do nosso passado numero, que tem por titulo — *Amor Extincto* — na ultima quadra, segundo verso, onde se lê:

O que passou, passou — não, oh! não!

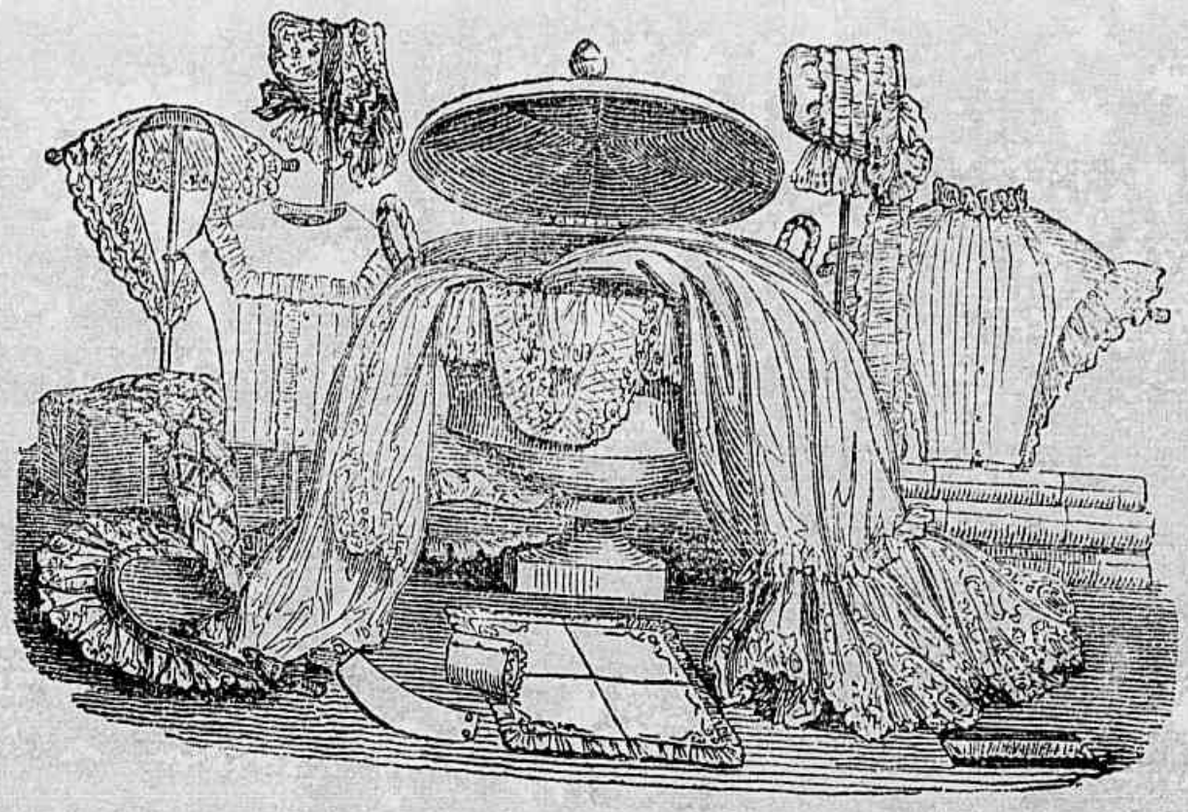
deve ler-se:

O que passou, passou — não volve, oh! não!

O erro é de tal natureza, que não precisa justificação.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,
VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,
ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

VIAGEM A NOVA-YORK.

(ESTADOS-UNIDOS).

FRAGMENTO.

(Conclusão.)

A nossa volta para Jersey entrámos em um dos carros do caminho de ferro, dando 400 réis por pessoa para andar 16 milhas. A ponte do rio de Hackensack é de madeira, e tem 1,700 pés de comprimento; foi construida segundo o systema do coronel Long, systema pelo qual as embarcações podem passar com a sua mastreação. Este caminho foi começado em 1831, e em 1832 já a primeira parte estava concluida. Regressando a Nova-York já tarde, entrámos na hospedaria Delmonico, a unica em que se póde almoçar e jantar a qualquer hora, e em que se acha uma relação dos pratos e seus preços, como nas cidades da Europa. Em todas estas casas não ha variedade de pratos, e é tal a sua uniformidade que desagrada aos estrangeiros; porém o serviço é feito com muito asseio. A ordem que nellas se encontra está em relação com o que se observa em todas as classes da sociedade dos Estados-Unidos. Entre os homens dignos de estimação, com que travei amizade, foi o consul hespanhol Staughton, e conversando algumas vezes com elle sobre a extraordinaria liberdade das donzellas, sem que a moral publica ou particular seja offendida: « A sua educação, me disse, é geralmente mais solida e mais interessante nos Estados Unidos do que se julga na Europa. Ha aqui principios ligados, por assim dizer, á opinião publica, que repelle sem excepção, e da maneira mais severa, as faltas commettidas contra a moral ou costumes domesticos; e esta é a razão porque raras vezes succedem casos reprehensiveis, e porque uma moça na força da idade e muito formosa tem sempre a certeza de ser respeitada, quer vá só de passagem em vapores, danse ou passeie; quando porém algum joven se atreva a dar um passo contra estes principios, perderia a sua reputação para toda a gente, que desculpa e perdoa a dissipação propria da idade, mas não se esquece em tempo algum do mais pequeno attentado contra a honestidade das familias. Isto é geral em todos os Estados da União. »

O domingo é aqui rigorosamente respeitado, o que não agrada muito aos estrangeiros; porém em Philadelphia, Boston e outras cidades é ainda muito mais. Neste dia as ruas estão desertas, não ha loja aberta, e apenas se vêm algumas pessoas que aqui se dirigem para os templos a que as

familias vão de manhãa e de tarde, e os criados só á noite; e como estes andão tão bem vestidos como seus amos, é necessario pratica para os differençar. Emfim, permittindo-o o tempo, as horas que não são destinadas á oração são aproveitadas pelas familias para passeio. A affluencia é geral, e então se póde ver a decencia do vestuario, a formosura das mulheres, a physionomia angelica das crianças, e esse todo de magnifico aspecto. As senhoras vestem-se com extremo asseio, sendo de notar que raras vezes se encontra na rua uma senhora velha. As crianças são para mim as que offerecem o quadro mais interessante. Nos domingos vão aos templos em extensa columna a dous de fundo. Havendo observado esta especie de procissões, precisamente ás horas em que não ha oração nos templos, resolvi-me a segui-las, e insensivelmente fui conduzido até ás escolas do domingo, a cujo respeito eu tinha já algumas notas, sem me ter lembrado disso.

Causa impressão ver esta multidão de crianças ir aos templos receber instrucção moral e religiosa, e aprender os elementos da leitura sob a direcção de preceptores jovens, pertencendo todas ás primeiras familias da cidade. Consagra-se a este exercicio o espaço de duas horas de manhãa, e uma de tarde, antes da oração, imprimindo-se assim no espirito destes alumnos pequenos as suaves maximas do christianismo, e os principios do ensino primario. A maior parte dos mestres compunha-se de senhoritas de uma affabilidade de caracter admiravel, que davão lições aos meninos dos dous sexos com um amor verdadeiramente fraternal. O que me admirou sobremaneira foi ver alguns destes travessos, que não terião ainda seis annos, ir sós para a escola sem serem a isso obrigados, parecendo julgar-se felizes por estarem debaixo da direcção de suas lindas mestras. Eu sahi destes asylos sagrados de innocencia e de virtude, cheio do enthusiasmo que póde inspirar uma instituição tão util, tencionando informar-me detalhadamente sobre este objecto. Este systema começou em 1816, sendo o numero actual das escolas nos templos ou em salas 67, dirigidas por 965 mestres filhos de familia ou clerigos, e 1,030 moças. O numero dos alumnos é de 13,303, dos quaes 8,000 do sexo feminino; mas não tendo eu comprehendido as escolas do domingo pertencentes ás igrejas methodistas, episcopaes e hollandezas reformadas, que, segundo toda a probabilidade, conteráõ tantos como os da União, resultará ser o total 26,000 nas escolas da cidade.

O espirito democratico da classe proletaria deu estes ultimos dias uma prova da sua preponderancia, e obteve a victoria, fazendo passar uma lei que prohibe que nas prisões haja officinas que possão entrar em concurrencia com as do paiz. Havia tempo que os differentes artifices se tinhão queixado do systema adoptado nas penitenciarias, 1.º porque, a seu ver, os malfeitores aviltavão as profissões que exercião; 2.º porque em sahindo da prisão, onde tinhão aprendido um officio, iáo entrar em contacto com os cidadãos honrados; 3.º e ultimo, porque o baixo preço a que as administrações podião vender as obras, ia prejudicar os artifices da cidade. Em attenção a estas razões, resolveu a assembléa que, terminadas que fossem as obras começadas nas prisões suspender-se-hião os trabalhos, occupando-se dali em diante em manufacturas de exportação, e com preferencia em obras de seda.

Os pedreiros e carpinteiros, animados por este successo, tratão de elevar o seu jornal até dous pesos por dia e por isso de repente parárão muitas obras, visto que os proprietarios recusárão estar pelo que elles querião; porém havendo no paiz numero de braços menor do que o necessario, é natural que elles obtenhão o que desejão, e ganhando 1,200 réis em prata por dia, pouparáõ 800, com o que melhoraráõ as suas circumstancias.

A ILHA DESERTA.

Apologo.

UM HOMEM muito rico, e ao mesmo tempo muito benefico, quiz um dia fazer a felicidade de um dos seus escravos, deu-lhe a liberdade, e lhe disse: « Vês aquella barca, que ali está carregada de generos? eu te faço presente della, ficando certo de que se fôres intelligente e activo, sem duvida serás feliz. » O escravo, convidando tres pessoas para o acompanharem, embarcou, e fez-se ao largo; porém a poucas leguas da costa, começando as nuvens a amontoar-se, sobreveio uma tempestade tão furiosa, que, impellida a barca pelas vagas, foi naufragar nos rochedos que cir-

cumdavão uma ilha. O infeliz escravo conheceu a imminencia do perigo; porém sendo-lhe impossivel evita-lo, lançou mão de uma taboa, e nella se salvou, perdendo-se tudo o mais, sem excepção dos tres companheiros. Vendo-se só, reduzido a alimentar-se de raizes, com ancia esperava que passasse alguma embarcação, visto que, tendo por algumas horas vagado na ilha, não pôde descobrir rasto humano. Quando porém, cheio de pezares, só pensava na adversidade de sua sorte, avista de repente uma procissão composta de homens estranhos, que para elle se dirigia gritando — vamos soccorrer o nosso rei —. Julgou que serião doudos; mas brevemente se vio cercado por todos elles, comprimentado, e obrigado a metter-se em um palanquim. Foi conduzido, como em triumpho, para um sumptuoso palacio, onde o vestirão de purpura e o corôárão.

Aquelle dos habitantes da ilha que parecia ser o superior dos outros, convidou o rei improvisado a assentar-se em um throno, e lhe disse : — Vós sois o rei, que o Senhor nos envia. Este velho, designando um homem veneravel, é o vosso intimo conselheiro, na certeza de que jámais vos trahirá. Depois, seguido pelos outros habitantes, se retirou havendo-o comprimentado com todo o respeito. O pobre naufrago julgou estar sonhando, e nisso pensava, quando o velho conselheiro lhe disse que não se admirasse, pois que elle lhe ia explicar o que lhe parecia um mysterio. — Esta ilha é habitada por espiritos, que conseguirão de Deos ser governados por um filho de Adão. Cada anno um naufrago vem tomar o lugar que tu occupas ; pois o teu reinado não durará senão um anno; no fim delle serás despojado detodasas insigniasreaes, tão pobre como chegaste serás mettido em uma barca exposta á mercê dos ventos, que te levará a uma ilha vizinha, a mais arida de todas as que existem nesta zona. É pois necessario empregar sabiamente este periodo de gloria, se quizeres reservar para a tua quéda um abrigo contra a miseria e a desesperação. Tu o poderás conseguir, preparando de antemão um refugio, na certeza de que serás despedido sem piedade.—Qual foi po's a sorte dos meus predecessores? perguntou o novo rei; tiverão elles conhecimento da sorte que os esperava depois do seu reinado de tão curta duração? — Todos forão informados, tornou o velho, mas pela maior parte, deslumbrados pelo esplendor passageiro que os cercava, entregavão-se ao esquecimento, deixando correr o tempo, temendo perturbar com a lembrança do futuro a felicidade de que gozavão; quasi todos, incommodados com os meus conselhos, me desterrárão; mas afinal forão sem recurso dar á costa na ilha deserta de que te acabo de fallar, e ali passárão uma vida miseravel, acompanhada de remorsos e desesperação. — De que meios deverei eu então servir-me para poder escapar a tão cruel destino? lhe perguntou o escravo.—Facilmente o conseguirás, não perdendo um momento. A ilha em que tens de dar á costa é arida e inculta, convém por tanto remover estes obstaculos, e torna-la habitavel. O povo sobre que reinas tem obrigação de obedecer-te, e podendo por consequencia dispôr de muitos trabalhadores, deverás, emquanto é tempo, mandar arrotear aquella terra inculta; conseguido isto, não te faltarão companheiros que venhão participar da alegria e abundancia da tua nova patria.

Estas palavras do sabio conselheiro ficárão profundamente gravadas no espirito do escravo rei, que começou logo a considerar ao mesmo tempo no presente e no futuro. Ordenou que parte de seus subditos passasse á ilha e se empregasse em arrotear e semear as terras, de sorte que no fim do anno, tudo estava prompto; e então se lhe apresentou o conselheiro, e lhe disse sorrindo-se: —Vejo com satisfação que não te descuidaste na curta duração do teu reinado. Amanhãa será o dia de nos separarmos. Pobre, e quasi nu, serás embarcado em uma canôa, que te ha de levar á ilha, que, sendo ha um anno esteril, hoje se acha florescente; porém nada tens a temer, porque uma felicidade duravel será a tua recompensa. Foste superior ás paixões, desprezando a ambição; e cuidando do teu bemestar; portanto está concluida a minha commissão, regozijando-me da ventura que te está reservada.

No outro dia de madrugada vierão os habitantes busca-lo ao palacio, e o conduzirão á fragil embarcação que lhe estava destinada, e em que se dirigio á ilha, onde foi recebido com alegria pelos habitantes, que já ali se havião estabelecido.

Torna-se agora indispensavel explicar o sentido deste apologo. — O escravo que chegou sem recursos á ilha dos espiritos, não é outra cousa senão o homem, lançado por um instante sobre a terra ; o seu conselheiro intimo é a sabedoria que lhe

indica o fim para que se vive; o reino de um anno representa a vida do homem tão curta, e tão incerta na duração. A ilha fertilizada em que elle foi recebido para viver feliz, estava povoada pelas suas boas acções, que o havião precedido para o receber. Esta ilha é a vida que nos espera, e que será boa ou má, segundo as nossas obras.



POESIA.

A DUODECIMA HORA DA NOITE DE S. JOÃO.

Meia noite; hora d'horror,
De crimes e de traições;
Porém hoje hora d'amor,
D'alegres inspirações!!...
Hoje linda, e jubilosa,
Tu és dadiva preciosa
Do alegre São João;
Que o sacramento ministrou
A Jesus que baptisou
Sobre as margens do Jordão.

Meia noite; hora d'amor,
Tu és hoje bem formosa;
Teu luar inspirador,
Tua brisa deliciosa!!...
Hoje o crime é deslembrado,
Té mesmo pelo malvado,
Que só s'entrega ao folgar:
Os crimes não perpetrando,
Teus mysterios respeitando,
Póde os crimes olvidar!!...

Meia noite; hora d'amor,
Quanto és hoje celebrada;
Té do pobre trovador
Tu has de ser decantada!!...
Eu jámais te hei de esquecer;
E apezar do meu soffrer,
Na lyra te vou cantar:
E se me deres 'sperança,
Tendo maga confiança,
Muito, muito te hei de amar.

Meia noite; hora d'amor,
Tu és hoje venturosa;
Pois de Christo ao precursor
Nascer viste bem ditosa!!...
O natal de São João,
Objecto de devoção,
Feliz, tu, vês festejar!!...
Vês, entre luzes brilhando,
Sua imagem, que adorando
'Stão ainda sem cessar....

Meia noite; hora d'amor,
Nesta noite de prazer,
Quem poderá em teu louvor
Teus arcanos descrever!!...
Ai que dansas e folias,
Ai que festas e alegrias,
Tão gratas ao coração!!...
Alguns lhe querem chamar,
Mas soubesse-as eu pintar,
Plebea superstição!

Meia noite; hora d'amor,
Mui cara neste momento,
Agora, que o tangedor
Canta ao som do instrumento!
Os sons tira melodiosos,
Os cantos faz harmoniosos,
Que lá se perdem no ar!!...
Ás donzellas 'stá rogando,
Queirão com elle bailando,
Gostosas o ajudar....

Meia noite; hora d'amor,
És agora mui brilhante!
Tens o aroma e odor
Do rosmaninho fragrante!!...
Eis d'alecrim odorifero
Se ergue o cheiro vaporifero
Ao Céo, que mais luminoso
Se descobre com a luz
Do foguete que produz
Flamma e ruido estrondoso.

Meia noite; hora d'amor,
De muita festividade;
É assaz teu esplendor,
E bastante a claridade! !...
Por toda a parte a saltar
Se vê a bomba a 'stourar,
O buscapés rastejando,
Sempre veloz a seguir
Os que lhe querem fugir,
E de continuo gyrando.

Meia noite; hora d'amor:
Agora quanta donzella
Recebe do amador
Formosa, linda capella! !...
Tecido de bellas flôres,
Emblemas dos seus amores:
Que palmito tão mimoso,
Vai ella agora aceitar
De quem lh'o vai offertar,
Tão terno, tão amoroso! !...

Meia noite; hora d'amor,
Que gentís virgens, tão bellas,
Com esperança e ardor,
Correm agora ás janellas! !...
D'agua o bochecho a soltar
Lá vão, e tambem 'scutar,
Vendo se podem ouvir
Esse nome desejado,
Do futuro desposado,
Que appetecem já fruir.

Meia noite; hora d'amor:
Quantos mancebos agora,
De sua idade na flôr,
Te appellidão — feliz hora! —
Quantas sortes vão fazer,
Para a sina conhecer;
E que occultas tentações
Lhe vão a mente occupar,
Que 'sp'ranças vão habitar
Em seus firmes corações! !...

Meia noite; hora d'amor,
Bem cara tu has de ser,
Bem qu'rida para o trovador,
Que jámais te ha de 'squecer! !
Teus mysterios eu respeito,
Tendo 'sperança em meu peito
De conhecer o porvir:
A alcaxofra vou queimar,
E p'ra sempre t'hei de amar
Se acaso ella florir! !...

A. J. Pereira da Silva.

LAVAGEM DA ROUPA BRANCA.

Entre todos os objectos que pertencem á economia domestica, nenhum ha mais importante que a lavagem da roupa. Fundados neste principio, tratamos de examinar os differentes methodos usados em varios paizes, e de todos elles achamos que o melhor, para que a roupa não se estrague e seja restituida á alvura primitiva, é o seguinte que offerecemos á consideração das benevolas leitoras.

Primeiramente molha-se a roupa em agua limpa, em que se haja dissolvido algum sabão, e ali se conserva até que o mesmo sabão fique bem embebido na roupa. Depois arruma-se em uma tina ou gamella, collocando as peças abertas umas emcima das outras, não excedendo a altura de 2 1/2 palmos, para que não haja demasiada demora na communicação da lixivia de umas para outras peças. Arrumada assim a roupa, estende-se-lhe emcima um panno, v. g. uma toalha de mesa, um lençol etc. para se depositar nelle a lixivia até a altura de duas pollegadas.

A lixivia ou barrela faz-se de cinza de madeira, que não seja de embarcações velhas, sendo preferivel a de arvores fructiferas.

Esta cinza peneira-se por crivo ou por peneira de cabello, para separar os carvões, pedaços de páo ou cascas que ponhão nodoa na roupa, e depois deita-se em um caldeirão, de maneira que corresponda á quarta parte da agua, que se julgar necessaria, segundo a porção da roupa. Ferve-se por espaço de quatro horas; tira-se o caldeirão do fogo, e deixa-se assentar-se a cinza; em estando assente, pega-se em uma vasilha limpa, e nella se deita a lixivia, inclinando o caldeirão com cuidado de que ella não fique turva. Deita-se depois a lixivia sobre a roupa, como acima fica dito, e deixa-se filtrar.

Seria conveniente que a vasilha em que se colloca a roupa tivesse junto ao fundo uma torneira para sahir a lixivia para outra vasilha, e voltar ao fogo para se deitar outra vez na roupa; advertindo que deve ser quente, sem que ferva. Este trabalho de deitar a lixivia na roupa deve durar por espaço de oito horas, e então se tapa a vasilha, ficando assim por outro igual espaço de tempo. Depois vai-se tirando peça por peça que se lava em agua limpa, sendo preferivel a de rio.

E' necessario não bater a roupa, e contentar-se em esfrega-la levemente com as mãos, ou sobre uma taboa lisa, que as lavadeiras costumão ter diante de si; torce-se levemente algumas vezes, até que a agua sáia limpa, e então se estende cada peça sobre relva, salpicando-a de quando em quando com agua limpa ou molhando-a com regador, e voltando-a debaixo para cima tres ou quatro vezes por dia.

Para a roupa ficar bem branca, deverá andar ao sol dous até tres dias, e depois se dobrará meia secca, e se engommará.

Não se deverá misturar a roupa grossa com a fina, devendo fazer-se barrela a cada uma em separado.

Havendo pessoas, que costumão deitar a cinza emcima da roupa, e depois agua fervendo, é necessario advertir que tal methodo não preenche o fim que se deseja, porque assim não se desenvolvem os saes que a cinza contém.

Feita a barrela como acima se explicou, não é necessario nem conveniente fazer uso de sabão.

CURIOSIDADE HISTORICA.

No principio da quaresma do anno de 1245 (diz Matheos Paris) mandou o Papa Innocencio IV excommungar em toda a França o Imperador Frederico III, da Allemanha, por haver atacado as censuras do mesmo Papa e de todos os ecclesiasticos. Esta ordem, tendo sido transmittida por empregados do Papa a um padre residente em Paris, causou-lhe grande pezar, por ver-se obrigado a executa-la, visto ter affeição ao Imperador e aborrecer a côrte de Roma, cuja cubiça tinha muitas vezes experimentado. Nestas circumstancias, em um dia de festa, subio ao pulpito e disse aos seus parochianos. — Todos quantos estais presentes escutai. — « Eu recebi ordem do Papa para pronunciar contra o Imperador Frederico sentença solemne de excommunhão á luz de tochas e toque de sinos. Não ignoro que entre elle e o Papa existe grande dissensão e odio implacavel; porém não estou ao facto dos motivos: o que sei com toda a certeza é que ha injustiça de um ou de outro; mas ignoro qual o culpado; portanto até onde chegar a minha autoridade, excommungo, e declaro excommungado aquelle que foi injusto, e absolvo o outro. » Posto que estas palavras fossem proferidas com a jovialidade propria dos Francezes, não obstante, forão-se divulgando até que, afinal, chegárão aos ouvidos do Imperador; este, dando o devido valor a taes palavras, enviou magnificos presentes ao padre, o qual, ao mesmo tempo, foi reprehendido e severamente castigado pelo Papa.

Um embaixador de França junto do governo de Veneza, queixando-se ao doge por haver em nome da Republica mandado comprimentar o Rei seu amo, pela victoria que tinha alcançado em batalha com os Hespanhóes, tendo ao mesmo tempo mandado dar os sentimentos ao Rei da Hespanha, o doge lhe respondeu que não devia admirar-se disso, porque a serenissima Republica abraçava a lição do Apostolo — de se alegrar com os que estavão contentes, e de se affligir com os que estavão afflictos.

O MOTÊJO.

O motêjo é o filho mais velho da sociedade; mas bastantes vezes causa desgostos a quem costuma usar delle.

Luiz XIV, rei de França, dava grande apreço ás pessoas, que tinhão disposição para o motêjo, e como o conde de Grammont fosse desse numero, chamou-o um dia em que a côrte estava reunida, para que fosse confundir com alguma boa pergunta um fidalgo bretão, que acabava de entrar.

O conde approximou-se ao fidalgo, e lhe perguntou se sabia o que significavão as palavras — parabola — faribola e óbulo; julgando que com isto o confundia: o fidalgo porém lhe respondeu de repente — parabola é o que vós não entendeis — faribula — o que fallais, e óbulo — o que valeis.

Com esta resposta, que causou grandes risadas aos cortezãos, ficou corrido o conde, supposto tivesse pouco juizo e ainda menos vergonha.

CHRONICA DA QUINZENA.

POR entre os acontecimentos desta quinzena, que tem sido variados e curiosos, um avulta que tem absorvido todas as considerações, e posto em combustão as almas pacificas dos mais pacificos habitantes desta capital. É a estrêa de M.me Stoltz. Ninguem póde descrever o enthusiasmo, digamos até o fanatismo, que se tem apoderado desta população, desde que no Theatro Lyrico se fez escutar pela primeira vez a voz da cantora rival de Jenny Lind! É um delirio, uma anciedade, uma vertigem! A noite em que Rosina Stoltz estreou no solo Americano deve ser para ella um dos seus mais completos triumphos, e foi!! A multidão seguia embriagada e louca cada um de seus movimentos; arrebatava-se a cada uma das notas de seu divino canto, como sentindo elevar-se ás regiões ideaes das melodias celestes! Quando no 4.º acto a artista se revelou em quasi toda a magestosa altura do seu talento, a explosão rebentou, e dos camarotes e da platéa, as palmas e as acclamações proclamárão a victoria do genio, a gloria da arte! Não queremos nem podemos deter-nos aqui em minuciosas particularidades; seria prolixo nesta occasião; mas diremos afoutamente que M.me Stoltz é a primeira artista que mereça ser sagrada com este nome, que tenha pisado o Palco Brasileiro. Não é só a cantora de primeira plana, não é só o écho melodioso das harmonias ineffaveis; é uma grande tragica, é a personificação de todos os grandes dotes que devem completar o heroismo da arte! Quando a observamos e a ouvimos a admiração rebenta espontanea da alma, irresistivel, ardente, como se nos sentissemos dominar por um espirito sobrenatural. Que estatuarias posições, que mobilidade de physionomia, que enlevo de canto! Como o riso treme nas estudadas contracções daquelles labios, como a paixão se pinta no fogo scintillante daquelles olhos, como a ternura, o amor se revelão naquelle palpitar anciado, naquellas intimas agonias, que um gesto só, um debil suspiro deixa adivinhar a todos que tem alma, que podem sentir, e arrebatar-se!

As almas mais frias electrisárão-se; e podemos afiançar á celebre cantora, que muitos corações enregelados pela idade e pela approximação do tumulo, palpitárão desordenados, como se escutassem o canto do Cysne, que lhes abria as portas do Elysco!

Teremos occasião, esperamos em Deos, de fallar mais vezes em M.me Stoltz; mas o publico fica sabendo que era soberanamente justificada a reputação européa que acompanhava a discipula de Ramier atravéz das aguas do Oceano, até as plagas da America!

Agora diremos duas palavras ácerca do bem-aventurado e milagroso Santo Antonio. As moças e os rapazes não lhe arrefecêrão no culto. As fogueiras, as rodinhas, as pistolas, os foguetes de bomba, andou tudo n'uma poeira naquella noite benta! Todos e todas porfiavão em quem havia de fazer mais agrados ao Santo. Ouve-os, meu bemdito Santo Antonio! Deixa a S. Gonçalo de Amarante a protecção das velhas; mas as moças, as moças casa-as bem de pressa!

Este anno foi na verdade bem festejado o Santo casamenteiro de moças. Não só fogos e sortes houverão por toda a parte, tambem bailes e festas não faltárão para commemorar a festa do beato Santo Antonio; até um poeta nacional de bastante nomeada contribuio com o seu contingente para celebrar o anniversario do Santo, publicando um novo livro de sortes intitulado *A Pacotilha Poetica* (*), com versos engraçadissimos, que será um bom achado para todos aquelles que gostão passar alegremente as noites de S. Antonio e de S. João.

Foi-se finalmente o celebre magico Herr Alexander, que sem duvida a muitos dos nossos benevolos leitores deixou maravilhados pelas estupendas experiencias e sorpresas que praticava nas suas representações, assim como deixa as mais sinceras saudades a todos os que o conhecêrão de perto. Por outro lado, sabemos que Herr Alexander leva comsigo as recordações mais gratas do Rio de Janeiro e do seu illustrado Publico, apreciador do merito. Que S. M. o Imperador se dignou mimosear o artista com um magnifico alfinete de peito de subido valor, já os jornaes desta côrte communicárão; porém nós estamos autorisados a referir ainda uma outra graça Imperial que por sua delicadeza não menos encantou o artista do que aquelle valioso presente; e vem a ser: um precioso autographo de S. M. o Imperador, constando de um verso de um autor classico allemão, e outro de S. M. a Imperatriz com uma poesia em italiano. — Fazemos votos para que Herr Alexander realise a sua intenção de um dia voltar ao Rio de Janeiro, onde sem duvida será recebido com os braços abertos.

(*) A *Pacotilha Poetica* ou a mais completa collecção de sortes para as noites de fogueiras, contendo sessenta e quatro interessantissimas perguntas e mil oitocentas e oito engraçadas, facetas e bonitas respostas, em perto de nove mil versos, seguida de um artigo sobre a sociedade em geral do Rio de Janeiro e seus melhoramentos materiaes, segundo a ordem do dia, e contos sobre as festas e fogueiras; tudo em versos para maior entretenimento dos que não desejão estar tristes no mez das galhofas.

A' venda por mil réis em casa de E. & H. Laemmert, Rua da Quitanda N.º 77.

Não terminarei esta *Chronica* sem despertar uma lembrança triste. É fado meu. Como porém de envolta com essa recordação tenho de lembrar o nome de um dos melhores poetas modernos portuguezes, não hesito. Offereço pois ás minhas prezadas leitoras o seguinte bello soneto feito pelo Sr. Mendes Leal ao receber a noticia do medonho e terrivel naufragio que teve lugar na barra do Porto, e que todos os jornaes desta capital noticiárão ao Publico Achamo-lo tão digno do assumpto, tão sublime e tão religioso, que não podemos deixar de o admirar como uma das mais bellas flôres da corôa de gloria do seu autor.

AO NAUFRAGIO DO VAPOR PORTO.

SONETO.

Ferve o pego em cachões! O fraco e o forte
Ante o golpe supremo igual descora:
Com medonho stridor ruge traidora
A onda nos parceis — na onda a morte.

Fatigado o baixel, perdido o norte,
Sente a vida a fugir-lhe d'hora em hora:
Debalde o mar e o céo e a praia implora,
Debalde a terra lhe lamenta a sorte!

Da vista e da memoria não se apaga
Esta luta, horrorosa na anciedade,
Do homem fragil contra o mar que o traga.

Recebei-os, Senhor! — Senhor, piedade!...
Cede o lenho afinal, rebenta a vaga.....
Abrio-se a um tempo o abysmo e a eternidade!

D. Sallustio.

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.

Depois das corridas do Prado Fluminense, do debute de M.me Stoltz, e de uns dias tão deliciosos como os que tem feito ultimamente, é conveniente, é mesmo indispensavel fallar em modas, descrever toilettes, e profundar todos os segredos da sciencia do toucador.

No seu eterno gyro, a deosa da inconstancia nos apparece cada vez com mais seductoras fórmas! Como seria curioso segui-la em todas as suas transformações, e compôr com estes elementos uma obra immortal a que se puzesse por titulo um rotolo pomposo; como por exemplo: Mysterios das modas atravéz dos Seculos.

Desde o tempo de Adão e Eva, que largo caminho não havia a percorrer! Veriamos successivamente passar as diversas épocas, que se marcão nos annaes da historia palpitantes de interesse e de vida. Observariamos as leves roupas das Sabinas, os sapatinhos de salto das pastoras de Florian, as [illegible]cas exageraçõnes das *Incriveis* do tempo do Directorio até desabar nas modas de hoje, que no fim de contas não são tambem das mais engraçadas, nem das peiores. E para prova da segunda asserção, vamos descrever os dous toilettes que representa a nossa gravura, onde facilmente se reconhecerá que temos razão.

O primeiro é vestido para passeio. Chapéo de crepe, com fôfos de gaze, e véo irmão; vestido de tafetá de Italia escossez, corpinho aberto em fórma de coração para deixar ver uma camisinha *modestia*. O vestido é adornado de dous grandes babados, e completa este modelo um lindo *colete mantelete*, creação originalissima, muito em moda actualmente em Paris. Adverte-se que o colete mantelete são cosidos juntamente.

A segunda usa de chapéo de palha arrendado, adornado de flôres de primavera; fitas compridas, largas, e cortadas na ponta. Mantilha *Seiglière*, de seda, fechada no pescoço, e adornada de magnificas rendas.

CHARADA.

É boa em todos os tempos:
Não é bom quem a não tem. 1
Deste modo conheci
O que ha por hi além. 1

Faço parte d'harmonia;
Sem mim ella se não faz: 1
Um após outro se volve;
Bens e males sempre traz. 2

Sirvo igual ao bom e máo,
(Este é o meu condão);
Mas, quando pertenço ao justo,
Devo ter disso brazão.

Ferreira da Silva.

A significação do Logogrypho do n.º 24 é: Cosmopolita.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B.

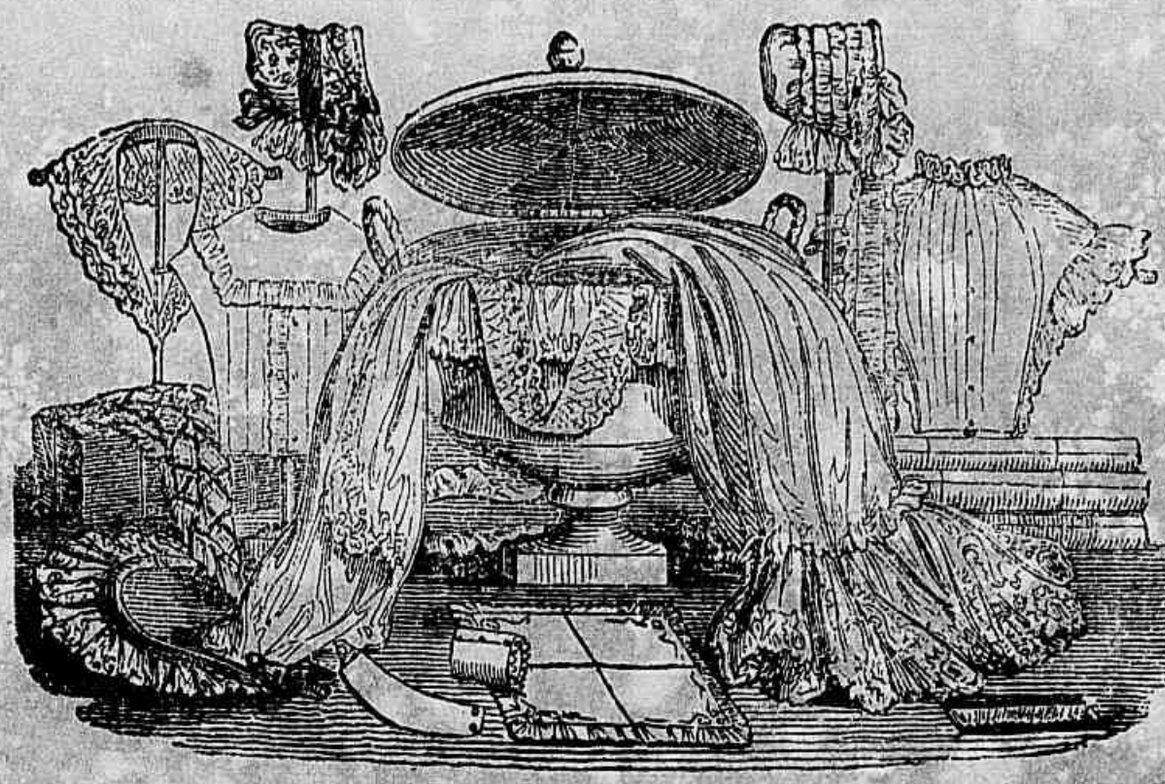
BIBL. NAC.E PUBL. DA CORTE

Amies Confidentes.

1733.

Gerval. *Imp. r. St.e Denis, 380.*

PUBLICADO EM CASA
DE E. & H. LAEMMERT
77 RUA DA QUITANDA



PREÇO DA ASSIGNATURA
POR ANNO Rs. 12$000
POR SEMESTRE 7$000

NOVO CORREIO DE MODAS

NOVELLAS, POESIAS,

VIAGENS, RECORDAÇÕES HISTORICAS,

ANECDOTAS E CHARADAS.

BIBL. NAC.E PUBL. DA CORTE

O COLLAR DA RAINHA HORTENSIA.

NUMA manhãa do mez de Junho de 1806, era o joalheiro de Josephina introduzido no pequeno salão que servia de sala de jantar ao Imperador quando elle comia em particular.

— Quero o que houver de mais primoroso, disse-lhe Napoleão; não olharei ao preço desse collar; comtudo previno-vos de que o mandarei avaliar, não por duvidar de que sejais um perfeito homem de bem, mas.... porque.... emfim, eu não sou lapidario. Logo que o houverdes engastado, trazei-m'o sem o mostrardes a ninguem antes disso, ouvis?

— Sim, senhor. Todavia, supplico a Vossa Magestade que me dê mais um pouco de tempo, afim de poder irmanar perfeitamente as pedras. O diamante de escolha é rarissimo neste momento.... subio muito de preço....

A estas palavras, o Imperador fez um movimento arrebatado sobre a cadeira em que estava sentado, e, levantando-se com vivacidade, exclamou:

— Que me estais ahi dizendo! Depois da minha campanha da Allemanha, todos os vossos collegas tem-os com superabundancia! E como assim não ha de ser!... Elles comprárão todas as joias dos pequenos principes da Confederação que o Rei da Prussia e o Imperador da Russia reduzirão á pobreza amotinando-os contra mim. Ide ver Pabst, dirigi-vos a Mellerio, que ambos tem a encher carros.

— Em um caso destes, senhor, nunca eu recorro aos meus collegas desde que tenho a insigne honra de trabalhar para a augusta familia de Vossa Magestade. Eu tenho presentemente em minha casa uma bellissima porção de diamantes comprada por ordem de Sua Magestade o Rei da Prussia, que me encommendou....

— Isso é negocio vosso e não meu, interrompeu o Imperador; o que porém vos posso asseverar, accrescentou, lançando ao joalheiro um olhar sardonico, é que, quando vos occupardes de mim, não trabalhareis para Sua Magestade o Rei da Prussia. Eia, está dito! conto comvosco, Sr. Foncier; esmerai-vos quanto puderdes, afim de provardes aos vossos collegas de além-Rheno que, quando nós queremos, nós os excedemos em tudo e por tudo.

E a um aceno de Napoleão, o joalheiro se inclinou e sahio. Dahi a oito dias entregava este ao Imperador o mais magnifico collar de brilhantes que se pudesse ver: o engaste, o lavor, o cadeado, erão primores de obra neste genero; nem a mesma Josephina tinha joia igual no seu incom-

paravel cofre. Napoleão mandou avaliar o collar, que foi estimado em duzentos mil francos: era com effeito o preço que lhe pedíra Foncier; ficou satisfeitissimo.

Nessa mesma época (Junho de 1806), acabava o povo batavo de chamar a governa-lo um dos irmãos de Napoleão, o principe Luiz Bonaparte: então a Hollanda se mostrava orgulhosa da sua alliança com a *grande nação*.

No dia em que os embaixadores hollandezes vierão depôr aos pés do Imperador a corôa da Hollanda, para que elle a cingisse na fronte de seu irmão, toda a côrte se achava em Saint-Cloud. Luiz e Hortensia chegárão de manhãa de Saint-Leu. Napoleão tinha ordenado que o ceremonial tivesse lugar na sala do throno, e elle se fez com uma pompa de que não tinha havido exemplo até então. Os enviados da finada republica batava forão tratados com toda a magnificencia, e o almirante Verhuel, que vinha á sua frente, fez brindes á memoria dos Tromps e dos Ruyters, esses flagellos dos Inglezes. O Imperador tinha patenteado todo o dia um contentamento perfeito; porém, tendo por costume fazer viajar os soberanos que elle improvisava sem mais ceremonia do que simples commissarios das guerras, prevenio os deputados que logo no dia seguinte seu Rei e sua Rainha partirião com elles para seus Estados. Durante o saráo mandou pois chamar a rainha Hortensia ao seu gabinete, e o porteiro, abrindo a porta de par em par, annunciou em voz alta, pela primeira vez diante della: « Sua Magestade a Rainha da Hollanda! »

— Hortensia! disse-lhe o Imperador, eis-vos Rainha de um povo honrado e bom. Se vós e o vosso marido o souberem levar bem, nunca mais a casa de Orange reapparecerá na Hollanda com as suas velhas pretenções. Esse povo só tem um defeito, é o de encobrir debaixo de uma apparente simplicidade o amor do luxo e do dinheiro; para elle a vaidade é tudo depois do interesse. Eu não quero que aos olhos da vossa nova côrte possais ser eclipsada pela mulher de um burgomestre, orgulhosa dos toneis de ouro que seu marido soube accumular: tomai, aqui tendes um soffrivel collar que vos peço aceiteis. Trazei-o algumas vezes em lembrança minha; elle não é adquirido á custa de ninguem: foi o dinheiro das minhas economias que o pagou.

Ao dizer estas palavras, Napoleão tinha com um gesto cheio de graça passado em volta do pescoço da Rainha o collar de brilhantes que Foncier improvisára de algum modo. Depois, tendo-a beijado na testa de uma maneira toda paterna, deixou-a dizendo-lhe com um aceno cheio de benevolencia e de dignidade ao mesmo tempo:

— Adeos, senhora; eu desejo uma feliz viagem a Vossa Magestade.

Uma vez installada sobre o throno da Hollanda, Hortensia se honrou do mimo de seu padrasto. Era bello ver esta nobre e meiga figura debaixo do diadema regio!... Uma corôa assentava com tanta graça nesta bella cabeça! E nos dias de gala na *Casa do Bosque*, como esse collar fulgurava bem no seu collo de cysne!...

Chegárão porém em breve os dias da adversidade. A estrella de Napoleão veio a empallidecer; os planetas de Hespanha, de Westphalia, de Napoles e da Hollanda se extinguirão: Hortensia desceu os degráos do throno como os havia subido, por obediencia e sorrindo. Os Hollandezes tinhão exclamado quando a virão a primeira vez: « Salve a nossa *encantadora* Rainha! » e exclamárão quando a deixárão: « Adeos, nossa *boa* Rainha! » Esta variante era bem propria para compensar, n'um coração como o de Hortensia, a perda de um diadema. Desde este momento ella se votou toda á educação de seus filhos e ás consolações que devia á sua mãi, como ella, viuva de um throno; sempre fiel á França, a Napoleão, aguardou em silencio a occasião favoravel de riscar do espirito do Imperador as injustas prevenções que lhe tinhão feito conceber contra ella, durante o seu desterro na ilha d'Elba: não tardou a apresentar-se esta occasião.

Tinha cessado de troar o canhão de Waterloo. O Imperador, arrancado a seu pezar ao commando do seu exercito vencido, fôra forçado a deixar o Elyseu e a se refugiar em Malmaison, esta derradeira morada de Josephina. Ahi se achava, não como Carlos XII em Bender, rodeado de alguns officiaes e de um pequeno numero de servidores permanecidos fieis, mas como Belisario, abandonado e não tendo por unico companheiro, sobre o banco do hippodromo senão a sua espada embotada pelo ferro dos Vandalos. Neste momento solemne entrou uma mulher no salão onde só elle estava sentado diante de uma mesa, sobre a qual se

desenrolava a minuta da segunda abdicação que ingratos lhe acabavão de arrancar. Essa mulher era Hortensia :

— Senhor, disse ella com voz commovida, lembra-se Vossa Magestade do mimo que me fez em Saint-Cloud, ha hoje nove annos ?

A estas palavras, Napoleão estremeceu, levantou a cabeça e fitou os olhos na filha de Josephina ; depois, pegando-lhe na mão que apertou com ternura, disse-lhe com um accento indefinivel de desalento e de bondade :

— Então, Hortensia, que me quereis?

— Senhor, quando me fizestes Rainha, destes-me este collar, que, segundo dizem, é de um preço subido. Agora eu não sou mais Rainha, Senhor, e vós sois desgraçado.... ficai-vos com esta joia.

— Para que privardes-vos deste collar Hortensia ? replicou friamente Napoleão ; é talvez a metade da vossa fortuna. E os vossos filhos ?

— Senhor, é tudo o que possuo neste momento. Quanto aos meus filhos, elles não hão de exprobrar nunca á sua mãi o ter repartido com o seu bemfeitor as riquezas de que elle se comprazeu em enchê-la.

E assim fallando, a Rainha se desfez em lagrimas. Nunca Napoleão se tinha sentido tão commovido.

— Não! disse com esforço voltando a cara e empurrando de manso a mão que lhe estendia Hortensia, não, não posso !...

— Tomai, senhor, eu vo-lo supplico ! não ha tempo que perder, os momentos são preciosos !... Ahi vem gente, senhor, tomai !...

O Imperador consentio em aceitar o collar, e dahi a algumas horas estava este cosido em uma fita de tafetá que elle metteu por baixo das suas vestes.

Passadas seis semanas, no momento de deixar a *Bellerophonte* para embarcar na *Northumberland*, forão tomadas as armas das pessoas que se tinhão ligado á sorte de Napoleão e suas bagagens forão visitadas. Apoderárão-se do que lhes pertencia, quer em dinheiro, quer em joias, e quando chegárão a remexer os cofres do illustre prisioneiro, foi-lhe tirada, por ordem do ministerio inglez, uma caixinha contendo 4,000 napoleões em ouro. Esta somma, com o deposito que elle tinha confiado ao Sr. Laffitte antes da sua partida de Paris, constituia toda a fortuna do Imperador.

Emquanto se procedia a esta visita, andava Napoleão passeando tranquillamente, com o Sr. de Las-Casas, pela varanda da náo. Depois de ter lançado em derredor de si um olhar furtivo, ao passo que conversava de objectos alheios ao que fazia, tirou de debaixo da sua vestia uma especie de cinta que metteu nas mãos do seu interlocutor, dizendo-lhe com um sorriso cheio de amargura :

— Meu caro Las-Casas, um certo philosopho grego, chamado creio que Bias, dizia trazer comsigo toda a sua fortuna, comquanto nem camisa tivesse : não sei como elle se avinha ; eu, depois da nossa partida de Paris, trago toda a minha debaixo da minha vestia. Ella me cansa ; pegai, guardai-m'a.

Sem responder ao Imperador, o Sr. de Las-Casas pegou nessa cinta, que se foi enrolar debaixo das suas roupas.

Foi sómente em Santa Helena que Napoleão communicou ao Sr. de Las-Casas que o deposito que seis mezes antes elle lhe confiára, a bordo da *Bellerophonte*, era um collar do valor de 200,000 francos. Pelo tempo adiante, o Sr. de Las-Casas fallou varias vezes a Napoleão em lh'o restituir.

— Incommoda-vos? perguntava-lhe o Imperador com bastante sequidão.

— Não, senhor, respondia o Sr. de Las-Casas; porém....

— Pois então, guardai-o, tornava o Imperador. Imaginai, meu caro, que tendes comvosco um amuleto ou um feitiço, e não pensareis mais nisso....

Quinze mezes depois, foi o Sr. de Las-Casas separado brutalmente do Imperador. Era pelo fim de Novembro de 1816. Estava elle junto de Napoleão, quando veio o porteiro Saintini dizer-lhe que o coronel inglez o estava esperando no seu quarto para lhe communicar alguma cousa da parte de sir Hudson Lowe. O conde respondeu, por um aceno, que, estando com Sua Magestade, não lhe era possivel sahir.

— Não vos constranjais, meu caro, disse-lhe obsequiosamente Napoleão ; ide ver o que vos quer esse homem; mas sobretudo voltai de prompto para jantarmos.

Este fiel companheiro não devia mais tornar a ver o Imperador. Já dragões cercavão a habitação : o Sr. de Las-Casas e seu filho, que estava muito doente, forão arrebatados de Longwood e condu-

zidos a Plantation-House, onde os guardárão á vista até ao dia do seu embarque para o Cabo da Boa Esperança.

No entretanto tinha o conde de Las-Casas ficado possuidor do famoso collar. Esta idéa o atormentava cruelmente. Ia-se escoando o tempo; apenas lhe restavão já alguns dias antes de deixar Santa Helena, e nada teria igualado sua desesperação se elle tivesse partido sem ter restituido este thesouro ao illustre captivo. Mas como fazer? estava-lhe vedada toda communicação com Longwood. Vem-lhe emfim uma idéa, e elle se decide a aventurar tudo.

Tinha chegado recentemente a Santa Helena um official inglez a quem o conde fallára algumas vezes, animado por sua physionomia franca e sincera; neste entrementes veio este official a Plantation-House, acompanhando o governador, a quem seguião seus mais intimos agentes. Foi este o momento que escolheu o Sr. de Las-Casas para executar o seu projecto.

—Senhor, disse ás furtadellas a esse official que fallava soffrivelmente o francez, eu vos creio dotado de uma alma bella, vou prova-la: no serviço eminente que me podeis prestar, nada ha que possa ser prejudicial aos vossos deveres, nem á vossa tranquillidade, emquanto que, para mim, periga a minha honra e a de minha familia. Trata-se de um rico deposito que tenho de restituir ao Imperador.... Se vos quereis encarregar delle, meu filho vai vo-lo introduzir na algibeira.

Por unica resposta, o Inglez lançou ao conde um olhar significativo e affrouxou o passo. O joven Las-Casas estava com seu pai, e já tinha recebido suas instrucções: o collar da Rainha Hortensia passou immediatamente para a algibeira do official, quasi á vista de todo o estado maior do governador, que se ia afastando.

Não era porém tudo; cumpria que a joia chegasse ao seu destino.... Escoárão-se dous annos sem que se pudesse effectuar a entrega.

Entretanto, havia já algum tempo que o Imperador tinha julgado notar que elle era o objecto de uma vigilancia particularissima da parte do seu carcereiro. Não podia dar um passo fóra de Longwood sem divisar, em distancia, um official inglez que lhe era desconhecido, comquanto fosse sempre o mesmo: de manhãa, de tarde, a toda a hora, esse individuo parecia unir-se a elle como a sua sombra. Era-lhe tanto mais insupportavel esta especie de inquisição, por isso que o Inglez tinha varias vezes manifestado a intenção de lhe dirigir a palavra. Por isso, assim que Napoleão o via approximar-se, apressava a terminar o seu passeio e a se recolher sem até se dignar de lhe dar attenção.

Um dia julgou observar que o indiscreto espia o seguia de mais perto que de costume. Impacientado, exclamou com tom de enfado:

—Que! sempre este homem!... Incessantemente um espião aferrado aos meu passos!...

Não poderei por ventura respirar em liberdade um pouco de ar?!... Que supplicio!

E voltando com arrebatamento, precipita a sua marcha, quando o Inglez, que o ouvira e apertára o passo, achando-se emparelhado com elle, pára-lhe subito adiante.

—Senhor...., disse com tom cheio de respeito.

—Alto lá, senhor, alto lá vos digo! interrompeu Napoleão fazendo um gesto de desprezo; nunca mais haverá nada de commum entre mim e os vossos! Afastai-vos, eu vo-lo ordeno!

—Senhor, tornou outra vez o official sem se mexer do lugar e com ar impassivel, Vossa Magestade se engana.

Depois lançou como ao acaso estas palavras:

—*O Conde de Las-Casas.... O collar da Rainha Hortensia....*

—Ah! ah! disse Napoleão parando por seu turno, sem todavia erguer os olhos para o Inglez.... Então! senhor....

—Senhor, replicou o official, queira Vossa Magestade continuar o seu caminho sem me prestar attenção: eu tenho aqui esse collar, que desde tres annos me não tem deixado, e desde tres annos eu busco uma occasião de vo-lo restituir.... Senhor, fazei com que eu o possa lançar na copa do vosso chapéo.

O Imperador tirou então o chapéo e passou a mão pela testa como para renovar uma memoria passada. No mesmo instante, com um movimento tão rapido como o pensamento, o official deixou cahir o collar no chapéo de Napoleão, dizendo-lhe em voz baixa:

—Dignar-se-ha agora Vossa Magestade de me perdoar a minha importunidade?... Tenho cumprido a minha missão, não me tornareis mais a

ver. Senhor, Deos conserve os dias de Vossa Magestade!

E tomando outra direcção, o official inglez se afastou do Imperador com a mesma pachorra que empregára para se avizinhar a elle. Napoleão o saudou com dignidade.

De que doce sensação não deveu ser commovido o coração do Sr. de Las-Casas quando, muito tempo depois, teve conhecimento deste rasgo tão admiravel de probidade, da parte de um inimigo e em taes circumstancias!

Era a 27 de Abril de 1821, oito dias antes da sua morte. O Imperador tinha passado varias horas da manhãa em inventariar e lacrar alguns objectos preciosos que destinava a seu filho.

—Estou muito cansado, disse ao Sr. Marchand, seu primeiro criado grave; sinto que pouco tempo me resta ainda a viver, e é por isso que quero acabar com estas cousas. Dá-me desse vinho de Constança que Las-Casas me enviou; não póde fazer-me mal uma lagrima desse licôr.

—Senhor, fez-lhe observar o fiel servidor, esse licôr é muito contrario ao que a Vossa Magestade receitou o Dr. Antomarchi.

—Qual! tornou Napoleão abanando a cabeça, tudo falta neste paiz maldito!... Que queres que eu espere?... Dá-me um pouco desse vinho, te digo, elle me reanimará. Nada quero fazer para abreviar meus dias, mas tambem não quero fazer nada para os prolongar. Não tenho acaso vivido bastante?... É aqui, accrescentou com um suspiro abafado e pondo a mão sobre o lado direito, é aqui que está o mal... Sinto como uma lamina de punhal que resvala e me dilacera.

Dizendo estas palavras, Napoleão se agitava na cama onde estava sentado. Diante delle estavão differentes joias que elle destinava, como testemunho de estima e de lembrança, áquelles que lhe tinhão prodigalisado seus desvelos durante a sua enfermidade; entre outros objectos, uma tabaqueira de ouro, sem ornato algum, que elle legára ao Dr. Arnolt, e sobre a qual gravára penosamente um *N* com a ponta de um canivete. Um simples quadradinho de papelão que elle segurava na mão esquerda lhe servia de estante para escrever, e com a outra mão molhava a penna n'um tinteiro que lhe apresentava o conde de Montholon, que se conservava em pé junto do seu leito. O Imperador tinha igualmente diante de si o collar da Rainha Hortensia. Pegou nelle, e, dando-o ao Sr. Marchand:

—Toma, disse-lhe sorrindo-se com uma expressão indefinivel de tristeza; eu ignoro em que estado estão os meus negocios na Europa. Essa boa Hortensia me deu este collar quando deixou Malmaison, pensando que eu poderia necessitar delle; creio que seu importe é de 200,000 francos. Pobre collar!... tem passado por muitas mãos!... Esconde-o em volta do teu corpo, porque até hoje tem o seu destino sido andar sempre escondido. Quando te acharem em França, disporás delle como entenderes; elle te porá em estado de aguardares a sorte que te dou no meu testamento e nos meus codicillos. Casa-te decentemente, escolhe entre as familias dos officiaes ou dos soldados da minha velha guarda. Ha muitos desses bravos que não são felizes, eu o sei; melhor sorte lhes estava reservada se não fossem os revezes de fortuna sobrevindos á França. A posteridade me levará em conta o que eu teria feito por elles.

O Imperador, debilitado por estas poucas palavras, calou-se; porém nunca ellas se riscárão da memoria de Marchand, que se desfazia em lagrimas, e que, apenas regressou á França, se apressou a obedecer ás ultimas vontades de Napoleão: casou com a filha do honrado tenente-general Brayer, que commandou muito tempo em Strasburgo, e foi assim que o amigo quanto servidor fiel do grande homem executou a sua derradeira prescripção: *Casarás com a filha de um dos meus bravos.*

Eis porque esse maravilhoso collar não figurou no testamento da Rainha Hortensia, este ultimo monumento da sua ternura materna, da sua bondade e da sua inalteravel amizade.

O PEREGRINO.

Um pobre peregrino, bom e piedoso com um bastão na mão, vestido de burel, andou por paizes longinquos. Muitas vezes vio estimado o vicio, e a innocencia aviltada. Preoccupado com esta idéa, atravessava um bosque sombrio, a tempo que começava a ouvir trovões. Vendo uma capella, cujas paredes estavão cobertas de musgo, dirigio-se a ella; mas entrando achou-se em profunda escuridão; pois que as paredes nada

continhão, e as janellas estavão pintadas de preto e encarnado. « Que triste aspecto! disse comsigo o peregrino, procurando em vão descobrir qual seria o objecto que inspirára uma tal pintura. Foi certamente algum louco, que misturou sangue com fuligem para pintar estas vidraças, que apresentão o emblema do mundo em que vivemos. »

Acabava o peregrino de dizer estas palavras, quando o sol, descobrindo-se, deu em cheio nas vidraças; então uma pintura de composição exquisita appareceu á luz, que era demasiado viva em proporção do tamanho da capella. O espirito do peregrino foi esclarecido ao mesmo tempo; pois uma voz lhe disse do fundo do coração: — Este quadro representa as cousas da vida. Quando a luz da verdade brilhar, então o que te parecer sem applicação e sem harmonia apparecerá perfeito como este quadro.

Crê na Providencia; pois Deos faz tudo por melhor.



POESIA.

A MINHA VIDA.

Queres saber, donzella,
Os segredos do coração;
Queres saber o que revela,
Do trovador a canção;
Queres saber porque os prantos,
Misturão na lyra os cantos,
Deixando só triste trovar;
Queres saber? não adivinhas?
Mas essas dôres são só minhas,
A ninguem devem lembrar.

Não! que da lyra os cantos,
Traduzem sentidos d'alma;
Traduzem d'alma os prantos,
Traduzem da dôr a palma;
Pediste-me sinceras fallas,
Que tivessem d'amor as galas,
Que tivessem meigo trovar,
Não tem, não! que a vida
Na aurora jaz descrida,
Jaz em fundo desesperar.

Solitario e vagabundo,
Sem tino já eu andei:
Como no mar iracundo,
Fraco baixel sem lei;
Descrente, que já descri
No porvir sómente li,
Uma vida de amargura;
Já esperanças não sorrião,
Pois na vida fenecião,
Porque as seccava a tristura.

Minha alma que contente
Mil alegrias sonhou,
Agora perdida, só sente
Saudades do que passou;
É uma estrella brilhante,
De fulgor vivaz radiante,
Perdida na immensidade;
São as dôres, que, passando,
Vão na vida occultando
Esperanças da mocidade.

Querias versos, não é assim?
Querias todo o meu sentir;
Expôr-te aqui eu vim,
Minhas vistas no porvir;
Que apezar de murchadas,
Inda restão esperançadas,
Esperançadas no viver;
Porque no peito já morto,
De pezar tão absorto,
Ha uma voz que diz « morrer. »

G. J. Ramires.

CATARATA DO NIAGARA.

(FRAGMENTO DE VIAGEM.)

FINAL cheguei ao meio desta scena magnifica que me fez esquecer tudo quanto tinha visto na viagem, tão forte foi a impressão que ella me causou. Pareceu-me ter sido transportado de Nova-York a este ponto

de um jacto, e se não tivesse escripto algumas notas na minha carteira, teria sem duvida perdido a lembrança de tudo quanto me tinha acontecido até a minha chegada a Lewiston. Nesta villa alugámos uma carruagem, e a cada ponto do caminho parava o boleeiro para de longe nos mostrar a catarata immensa. Quando chegámos, nos apeamos em uma hospedaria, e pouco depois, segui para a catarata; passei a comprida ponte de ferro lançada sobre o rio, que debaixo della offerece á vista uma especie de mar agitado como por tempestade. Guiado pelas inscripções gravadas nas cascas das arvores, metti-me pelos sombrios atalhos do bosque que existe no meio da ilha. Havendo andado quasi meia milha, achei-me de repente em frente da catarata; e posto que bem informado da magnificencia da scena que eu ia presenciar, não obstante senti involuntariamente um abalo inexplicavel. Encostado ao tronco de uma arvore que estava mais perto do abysmo, fiquei como anniquilado, subindo-me o sangue á cabeça, e passando repentinamente a arrepiar-se-me o corpo. Fiquei em estado tal, e tão esquentada tinha a imaginação, que nella se me apresentárão idéas vagas, informes, porém sublimes como o quadro que tinha á vista. Depois desta primeira impressão, com mais socego estive contemplando a magestosa quéda de tão grande massa de agua, que se precipita, dividindo-se em differentes pontos, até cahir no abysmo. Os redemoinhos bramindo sem interrupção se transformão em montanhas de espuma, e os vapores, apresentando as brilhantes côres do arco-iris, se elevavão primeiro densos e confusos, depois claros e diaphanos como uma ligeira nuvem, e desapparecião afinal. Só depois que voltei á hospedaria, é que conheci quanto tempo tinha durado a minha illusão. A catarata tem 174 pés de altura, e a mesma tem a margem do rio, pela qual se desce para embarcar, e passar a outra banda, que tambem offerece uma pessima subida, principalmente para carruagens. A penna póde descrever, assim como o pincel póde pintar com facilidade quadros pittorescos, animados por uma natureza risonha; mas estas scenas de sublime magestade, em que um todo immenso se apresenta á vista do observador admirado, em uma escala prodigiosa na sua extenção e movimento, quem poderá descrevê-las ou pinta-las como ellas são na realidade? Copias mesquinhas, e mesmo infieis de uma natureza grandiosa, sublime e digna de admiração nada valem nem para a vista nem para a imaginação, e é isso o que acontece a quem não viaja e não presenceia essas maravilhas da natureza.

O CORAL.

HA em varios mares, rios, ribeiras, e mesmo em lagos de todas as partes do mundo, pequenos animaes microscopicos, dos quaes alguns, depois da sua morte, deixão no lugar em que vivêrão certas porções do seu corpo, que, tornando-se solidas, formão debaixo da agua corpos de configuração de arvores, que, em outro tempo, se consideravão como plantas maritimas.

Os animaes que produzem estes corpos chamão-se polypos, e das suas producções a mais digna de attenção é o coral.

Quando digo ser a mais digna de attenção é relativamente á côr, visto que a sua arborisação é muito simples, e a sua altura, que raras vezes excede a dous palmos, nenhuma comparação tem com a dos outros polypos, que crescem muito, chegando até a formar recifes perigosissimos para os navegantes, e mesmo ilhas actualmente habitadas.

Quem vê um coral, julga ser um pequeno arbusto sem folhas. A sua base, que é muito dura, é composta de camadas concentricas, e coberta de uma especie de casca, dentro da qual o animal vivia, como o prova a serie de tubos terminados por uma abertura em fórma de estrella de oito raios.

Esta casca é sempre menos corada que a da base, que é ou de côr de rosa ou escarlate. Alguns autores tem dito haver coral branco; porém esta asserção não é exacta; este coral é outro genero de polypo, cuja dureza e configuração são muito differentes daquelle de que se trata.

A côr e o desenvolvimento do coral varião segundo a distancia em que o polypo se acha da superficie da terra. Quanto mais perto está, tanto mais viva é a sua côr; e relativo ao seu desenvolvimento, diz Lamouroux, que um pé desta substancia animal, para adquirir um tamanho determinado, necessita oito annos, na profundidade de

tres a dez braças; dez annos, de dez a quinze braças; vinte e cinco a trinta annos, de cem braças, e quarenta annos pelo menos, na profundidade de 150 braças. O coral não se encrusta sómente nos rochedos; encontra-se tambem sobre ossos, pedaços de páo, de ferro etc.

No Mar Vermelho é onde se acha maior quantidade de coraes; mas os mais bonitos são os que se colhem no Mediterraneo sobre a costa de França, ou da Italia, o que se pratica da maneira seguinte. Forma-se uma cruz de dous pedaços de madeira ou de ferro, em cujas extremidades se atão bolsas de rêde, que se cobrem de fios de canamo, devendo as pontas fluctuar sobre a agua. Prende-se esta machina ao navio por meio de dous cabos, na pôpa e prôa, e ali se deixa á discrição das ondas. Esta machina separa os pés dos coraes que se encontrão, de maneira que, ou vem cahir na rêde, ou pegar-se ás pontas do canamo, e então se puxa o todo para bordo.

O coral que não se colhe desta maneira é colhido por mergulhadores ou búzios.

O coral foi muito estimado pelos antigos, e tanto que os Gaulezes enfeitavão os capacetes e escudos com elle.

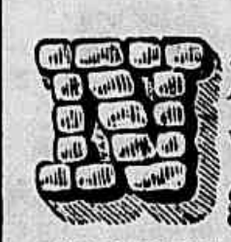
Os Africanos o preferião ás perolas; a medicina julgou haver achado um remedio contra as hemorrhagias, e outras muitas affecções internas e externas; porém hoje apenas se usa para limpar os dentes, a que não satisfaz por lhes tirar o esmalte. Como enfeite, quasi não se emprega, sem que por meio da esculptura ou do embutido se lhe dê o valor, de que são susceptiveis muitas outras substancias.

VARIEDADE.

O collegio dos Jesuitas em Roma foi edificado em uma pequena praça, onde o vento sopra sempre com muita violencia; e perguntando-se a uma pessoa, qual seria a razão disto, referio ella o seguinte: «O diabo, e o vento andavão passeando em Roma, e chegando á praça do collegio, disse o diabo ao vento — espera-me aqui; eu vou fallar com os reverendos, e já volto. — Entrou no collegio, e lá ficou; por isso o vento o está esperando até hoje.»

MODAS

DESCRIPÇÃO DA GRAVURA.



ÃO ha nada mais agradavel do que fazer visitas, quando não temos outro meio de gastar o tempo. As visitas dão origem ás conversas, que, por menos espirituosas que sejão, distrahem sempre alguns momentos do prosaismo insulso deste mundo. Ás senhoras, sobretudo, compete este modo de distracção. E como ellas a sabem aproveitar! O' paredes dos *boudoirs!* ó recantos das janellas! O' sombras amenas das arvores deliciosas, quantos segredos, quantos mysterios, quantas confissões, quantas queixas, quantos deliciosos colloquios vós tereis escutado! E calados, mudos, sem nos revelardes ao menos uma pagina só dessas maravilhosas epopéas! É tempo perdido fallar aos surdos; por esse motivo vou-me dirigir a quem me entenda, e não seja indifferente ás minhas palavras.

A gravura do nosso presente numero representa tres toilettes de passeio; dous de senhoras, e um de menino. Vamos tentar descreve-los.

A primeira figura á direita usa um lindo chapéo de côr, forrado de branco, com largas fitas fluctuantes; mantelete de velludo côr de café, debroado de setim da mesma côr; vestido de seda de xadrez; mangas em fórma de balão; luva de pellica côr de canna, e na mão um precioso lenço de *baptiste*.

A segunda, chapéo de setim branco, adornado de uma pluma ao lado direito; mantelete de velludo verde adornado de franjas, e debroado do mesmo modo que o antecedente; vestido de setim adamascado; as mangas e luvas são iguaes ás já descriptas.

O menino, jaleco de casimira preta, fechado na parte superior do peito com singelos alamares; lenço do pescoço de seda carmesim; calça de côr, com risca ao lado. Adverte-se que as mangas do jaleco são curtas e largas, não devendo passar do cotovello, para deixar ver as sob-mangas, que devem ser brancas, e como as das senhoras em fórma de balão.

A significação da Charada do n.° 25 é: FELICIANNO.

FIM
DO PRIMEIRO SEMESTRE.

Rio de Janeiro. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NESTE VOLUME.

BIBL. NAC. E PUBL. DA CORTE

Affeição da gallinha. . . . . Pag. 6
Agua de Botot para conservar os dentes. 175
Alexander (Herr) no palacio imperial de Petropolis 181
Amantes (tres) em raros apuros, ou historia da bella Arouya 65, 73, 81
Amor (um) contrariado, ou Joanna 137
Anecdotas.—Casa incendiada (uma) para acender um charuto. 54
Estratagema para conhecer os verdadeiros amigos 95
Juiz (o) imparcial 95
Morro queimado de Nova Friburgo 23
Pintura (a) e a medicina 54
Quando se deve casar 54
Resposta galante 95
Anjo (o) da morte e o anjo do somno. 165
Assembléa revolucionaria americana feminil. 13
Aventuras de um artista na California 49, 59
Belisario em um Castello da Thracia. 76
Breviario das Senhoras. 191
Caça dos elephantes. 158
Caça das serpentes 175
Caminhos de ferro 47
Cão (o) 7
Casinha (a) da rua da Victoria. 25
Castello (o) de Faria, por A. Herculano. 33
Catarata do Niagara. 206
Chale (o) 187
Chronica da quinzena 2, 23, 38, 54, 70, 87, 103, 119, 135, 150, 166, 183, 199
Collar (o) da Rainha Hortensia 201
Combate de touros 84
Composição de perfumes 159
Concerto (o) na Côrte 145, 153
Conselhos para a conservação da belleza 117

Conspiração de Pinto, em 1640 62
Coppelio, ou uma moça sem coração 121, 129, 140
Coral (o). 207
Coroação do Imperador do Haity 14
Curiosidades historicas e religiosas 189, 198
Deosas (as tres) 148
Dom Sebastião de Portugal. 17
Emancipação feminil (negocios de) 38
Elephante branco (o) 37
Episodio da insurreição de 1848, ou a torre de polvora de San Spirito em Veneza 89, 97, 105
Etiqueta ingleza no theatro 46
Extravagancias, habitos e gostos singulares de algumas personagens celebres 8, 46, 63
Ghiraldina, novelleta 57
Graça (a) por Voltaire 68
Herr Alexander no palacio imperial de Petropolis 181
Historia da bella Arouya, ou tres amantes em raros apuros 65, 73, 81
Homem (o primeiro) conta as suas primeiras sensações 51
Ilha deserta (a) apologo. 194
Joanna, ou um amor contrariado 137
Jogo (o) da banca, ou a tabolagem 161, 169, 177
Lablache e Tom Pouce. 70
Lavagem da roupa branca. 197
Leque (o) e a ventarola 43
Lição reciproca, ou os papeis trocados 86
Maneira de lavar rendas novas. 127
Maximas e pensamentos. 70, 87, 127, 135, 160
Moça (uma) sem coração, ou Coppelio 121, 129, 140
Modas (artigos de) 1, 16, 24, 32, 40, 48, 56. 64, 71, 80, 88, 95, 104, 112, 120, 128, 136, 144, 152, 160, 167, 176, 184, 191, 200, 208
Morte causada pelo chloroformio 94
Morte de Madama Cottin 183
Morte de Mathilde, esposa de Guilherme o Conquistador, variedade. 176
Morte (a) do pai de familia 9
Mortes singulares de algumas personagens celebres. 79
Motêjo (o) 198
Mytho dos negros 119
Negocios de emancipação feminil 37
Niagara (catarata do) 206
Ogro (um) nos mares da India 41
Pastilhas aromaticas 159
Patrimonio de nova especie 85
Pavilhão de crystal 79
Peregrino (o) 205
Perola (a) do regimento, ou a virtude em acção. 125
Perolas (as) e sua pesca. 156
Personagens celebres encerradas em gaiolas de ferro. 31

Personagens que mandárão fazer de antemão seus ataúdes. 37, 63
Personagens que se fizerão passar por mortas. 37. 63
Pinto (conspiração de) em 1640 62
Ponte (a) de Arcola. 113
Sapho, resumo burlesco da tragedia lyrica 174
Saquinhos aromaticos 159
Schottisch (a) 31
Sebastião (Dom) de Portugal 17
Sensibilidade (a) do leão 190
Serralheiro (o) de Philadelphia 3, 11, 18
Tabolagem (a) ou o jogo da banca 161, 169, 177
Telegrapho electrico entre a Europa e a America 180
Theoria do charlatanismo 86
Tomada de Jerusalem pelos cruzados. 127
Torre (a) de polvora de San Spirito em Veneza. 89, 97, 105
Touros (combate de) 84
Variedade.—O diabo e o vento 208
Viagem a Nova-York. 185, 193
Virtude (a) em acção, ou a perola do regimento 125
Virtudes das mulheres. 5

POESIAS.

Abd-el-Kader, o ultimo cavalleiro arabe por Mendes Leal, junior 164
Adivinhação 88
Ao Album da Ex.ma Sra. D. C. M. por A. E. Zaluar 36
Amor extincto, vertido do Allemão do Barão von Zedlitz por A. E. Zaluar . . . 181
Annos (aos quinze) por A. M. do Couto Monteiro. 143
Arabe (o) por L. A. Palmeirim 14
Ave Maria, por A. de Serpa. 78
Beijo (o) por J. Ferreira Rangel. 150
Cego (o), por J. B. de Almeida Garrett. 69
Charadas, 8, 16, 24, 32, 40, 48, 56, 64, 72, 80, 88, 104, 112, 120, 136
152, 160, 176, 184, 200
Cordão o (de) ouro, pelo Visconde de Almeida Garrett. 55
Cruz (a uma), por D. Antonio de Mello. 111
Echo (o), por J. Norberto de S. S. 173
Esquecer-te! por A. Lima. 30
Eu a vi! por A. E. Zaluar 4
Fim (o) do anno, por A. Lima 22
Hora (a duodecima) da noite de S. João, por A. J. Pereira da Silva. 196
Improviso, por A. E. Zaluar. 63
Junto de um cadaver, por J. M. Braz Martins 94

Lenda popular 173
Logogryphos 96, 128, 144, 167, 191
Marinheiro (o), por M. A. Ferreira da Silva 36
Melancolia, por J. Norberto de S. S. 54
Modinhas romanticas, por J. Norberto de S. S. 102, 135, 173
Náo Cathrineta (a), por Garrett 157
Naufragio (ao) do Vapor Porto, por Mendes Leal, junior. 200
N'um livro, por A. E. Zaluar 85
Passado (o) por G. J. Ramires. 126
Pescador (o), por J. Norberto de S. S. 102
Proscripto (o), por J. Norberto de S. S. 135
Saudosa (a), por J. Norberto de S. S. 135
Senhora (a uma), por A. E. Zaluar. 190
Serrana (a), por E. A. Colaço Mimoso. 53
Vida (a minha), por G. J. Ramires. 206
Violeta (a) da serra, por A. Braga. 45
Virgem (a), por Evaristo W. G. de Souza Reis 116
Virginia á sua mãi, por J. Norberto de S. S. 29

FIM.